

IRVING WALLACE

Autor de O HOMEM e O SÉTIMO SEGREDO



A CAMA CELESTIAL

IRVING WALLACE

(1916-1990)

A CAMA CELESTIAL

Título original americano

THE CELESTIAL BED

1987

CAPÍTULO 1

Enquanto seguia para casa em seu carro, depois de se despedir do último visitante e trancar a clínica, o doutor Arnold Freeberg concluiu que aquele fora um dos melhores dias — talvez mesmo o melhor dia — que desfrutara desde que se estabelecera em Tucson, Arizona, depois de deixar Nova York, havia seis anos.

Tudo por causa daquele último visitante, Ben Hebble, o mais bem-sucedido banqueiro de Tucson, e seu anúncio de um presente extraordinário para ele. Freeberg recordou a essência da visita do corpulento banqueiro.

— Meu filho ficou curado graças à sua terapia sexual. Timothy era muito infeliz e ambos sabíamos disso. Tinha medo da companhia de garotas porque não conseguia ter uma ereção, até que seu psiquiatra encaminhou-o para o senhor. Fez um bom trabalho. Em apenas dois meses, consegui transformá-lo. Depois disso, Timothy andou se divertindo por aí durante algum tempo, até que se apaixonou por uma garota do Texas. Resolveram viver juntos e foi um sucesso tão grande que agora vão casar. Por sua causa, eu ainda espero ser avô!

— Meus parabéns! — exclamara Freeberg, recordando como ele e sua suplente sexual, Gayle Miller, haviam trabalhado com paciência para conduzir o filho do banqueiro, que sofria de disfunção sexual, à cura.

— Não, doutor Freeberg, o senhor é que merece os parabéns! — protestara Hebble. — E estou aqui para lhe agradecer de uma maneira prática. Vim lhe comunicar que estou criando uma fundação para complementar sua clínica, e que permitirá ao senhor e à sua equipe ajudar a curar pacientes com disfunção sexual que não tiverem condições de contratar seus serviços.

Quero lhe garantir cem mil dólares por ano com essa finalidade, durante dez anos, perfazendo um milhão de dólares que lhe proporcionarão a oportunidade de ampliar seu trabalho e ajudar a outras infelizes vítimas da impotência. Freeberg recordou que se sentira atordoado.

— Eu... não sei o que dizer. Estou muito confuso.

— Só há uma condição — acrescentara Hebble, em tom incisivo. — Quero que a fundação seja em Tucson, com todo o seu trabalho realizado aqui. Esta cidade tem sido boa para mim, e lhe devo alguma coisa. O que me responde?

— Não há problema. Absolutamente nenhum. Está sendo muito generoso, senhor Hebble. Freeberg despedira-se do seu benfeitor, ainda atordoado.

Ao chegar em casa, assim que abriu a porta cantarolando para si mesmo, deparou com a esposa rechonchuda, Miriam, que estava à sua espera no vestibulo.

Ele beijou-a, alegre. Antes que pudesse falar qualquer coisa, no entanto, ela sussurrou-lhe:

— Arnie, há alguém à sua espera na sala de estar. É o promotor municipal, Thomas O'Neil.

— Ele pode esperar um minuto — disse Freeberg, enlaçando a esposa.

Freeberg e O'Neil eram amigos casuais; participavam juntos de diversos comitês a fim de levantar recursos para obras de caridade locais.

— Provavelmente veio conversar sobre algum trabalho comunitário. Agora ouça o que acaba de acontecer na clínica.

Rapidamente, ele relatou a oferta de Hebble. Miriam ficou excitada; abraçou o marido e

beijou-o várias vezes.

— Isso é maravilhoso, Arnie! Agora você pode realizar seus sonhos!

— E mais alguma coisa!

Pegando o marido pelo braço, ela levou-o para a sala de estar.

— É melhor você descobrir logo o que o senhor O'Neil está querendo. Ele chegou há dez minutos. Não deve deixá-lo esperar por muito tempo.

Freeberg entrou na sala, cumprimentou o promotor e sentou-se à sua frente. Ficou surpreso ao perceber que O'Neil parecia constrangido.

— Detesto incomodá-lo na hora do jantar, Arnold, mas tenho vários compromissos esta noite e achei que deveria lhe falar o mais depressa possível a respeito de... a respeito de um problema urgente.

Freeberg ficou ainda mais desconcertado. Não parecia a conversa habitual sobre levantamento de recursos para obras de caridade.

— O que aconteceu, Tom?

— Refere-se ao seu trabalho, Arnold.

— O que há com meu trabalho?

— Bem... fui oficialmente informado por... por diversos terapeutas que você usa uma suplente sexual para curar seus pacientes. Isso é verdade?

Freeberg contorceu-se na cadeira, apreensivo.

— Hã... é, sim, é verdade. Descobri que é a única coisa que funciona com muitos pacientes que sofrem de disfunção sexual.

O'Neil meneou a cabeça.

— É ilegal no Arizona, Arnold.

— Sei disso, mas pensei que poderia fazer tudo com discrição, conseguindo curar os pacientes em estado mais drástico.

O'Neil permaneceu intransigente.

— É ilegal, Tom. Significa que você está agindo como proxeneta e a mulher que usa é uma prostituta. Eu bem que gostaria de fechar os olhos ao que está fazendo, pois somos amigos. Mas não posso. A pressão é cada vez maior. Não posso continuar a ignorar. — Ele empertigou-se e, ao tornar a falar, deu a impressão de pronunciar as palavras com o maior esforço. — O resultado final é que você perde o seu emprego ou eu perco o meu. O problema tem de ser resolvido o mais rápido possível e rigorosamente nos termos da lei. Quero lhe dizer o que deve fazer.

É a melhor proposta que posso apresentar, Arnold. Está disposto a ouvir?

Muito pálido, o doutor Arnold Freeberg assentiu com a cabeça e ouviu...

Mais tarde, depois que O'Neil se foi, Freeberg manteve-se em silêncio durante o jantar, comendo devagar, sem ter a menor idéia do que punha na boca, absorto em seus pensamentos. Estava consciente e grato porque Miriam distraía o filho de quatro anos, Jonny, enquanto ele procurava se recuperar do golpe e avaliar as conseqüências.

Freeberg trabalhara bastante e por um longo tempo, enfrentando uma oposição constante, até alcançar o sucesso em Tucson e receber a magnífica oferta de Hebble. E então, abruptamente, o edifício do sucesso desmoronava e se transformava em pó.

Ele recordou o início. Acontecera logo depois que se formara na Universidade de Columbia, em Nova York, como psicólogo.

Abrirei um consultório e os resultados não haviam sido satisfatórios. A maioria dos casos envolvia relacionamentos humanos íntimos, quase sempre com problemas sexuais; por muitos motivos, o tratamento psicológico não funcionara de maneira eficaz, pelo menos não para ele. Os pacientes chegavam e partiam, talvez com uma compreensão maior dos próprios problemas, mas com pouco aproveitamento em termos de soluções práticas.

Mais e mais, Freeberg começara a investigar outras formas de terapia sexual, passando da hipnose ao condicionamento positivo e terapia de grupo. Nada o impressionara bastante, até que assistira a uma série de conferências em que um certo doutor Lauterbach demonstrara o uso das suplentes sexuais na terapia. O método e os resultados favoráveis atraíram Freeberg de imediato.

Depois de um estudo profundo, Freeberg passara a endossar incondicionalmente a idéia de usar suplentes sexuais. Numa das conferências conhecera uma jovem exuberante e encantadora chamada Miriam Cohen, uma bem-sucedida gerente de compras de uma loja de departamentos, que estava à procura de respostas para seus próprios problemas e fora uma das poucas mulheres que havia na sala a concordar com ele a respeito do valor da suplente sexual na terapia. Não demorara muito para que Freeberg descobrisse que tinha várias coisas em comum com ela.

Começaram a sair juntos e acabaram casando.

Ele continuara a trabalhar como psicólogo, planejando então utilizar suplentes sexuais sempre que necessário, ansioso para aplicar esse novo e promissor tratamento.

Miriam adoecera; tivera insuficiência respiratória; o diagnóstico fora bronquite aguda. O médico de Miriam, apoiado por um especialista, aconselhara uma mudança imediata para o Arizona. Freeberg não hesitara em encerrar suas atividades em Nova Yorke e se instalar em Tucson. Miriam ficara muito bem com a mudança. O que já não acontecera com Freeberg. O uso de suplentes sexuais era rigorosamente proibido no Arizona.

Freeberg abrirei seu consultório. Mas o tratamento convencional como psicólogo demonstrara mais uma vez não ser eficaz na cura de pacientes que sofriam de graves disfunções sexuais. Desesperado, Freeberg resolvera se arriscar. Sem divulgar, treinara e contratara uma suplente sexual, passando a usá-la com toda a discrição. Quando cinco em cinco pacientes com disfunções sexuais ficaram plenamente curados, ele experimentara uma autêntica satisfação profissional.

E então, abruptamente, naquela noite, os meios de que dispunha para ajudar tais pacientes lhe foram tirados. A lei o deixava algemado, impotente.

Parecia não haver alternativa a não ser voltar à terapia da palavra, limitada e muitas vezes ineficaz. Podia continuar a ganhar a vida em Tucson. Mas não podia mais curar.

Era um absurdo, mas não havia opção.

De repente, ocorreu-lhe que estava enganado, talvez houvesse uma saída, no final das contas.

Antes de mais nada, precisaria dar dois telefonemas. E torcer para que a sorte estivesse do seu lado.

Freeberg ergueu os olhos do prato que mal tocara e empurrou a cadeira para trás.

— Miriam... Jonny... vocês podem se distrair um pouco vendo televisão... acho que haverá um programa especial de circo...

enquanto vou à biblioteca para dar dois telefonemas muito importantes. Virei me encontrar com vocês daqui a pouco.

Fechando a porta da biblioteca, ele sentou-se e pegou o telefone. Ligou primeiro para o

médico de sua esposa que vivia em Tucson. Tinha uma pergunta a fazer-lhe. Ficou esperando pela resposta.

Depois, ligou para seu velho amigo e antigo colega de quarto na Universidade de Columbia, Roger Kile, que era advogado em Los Angeles, Califórnia.

Freeberg esperava que Kile estivesse em casa. Estava. Depois de uma rápida troca de cortêsias, ele foi direto ao assunto, dizendo, sem conseguir disfarçar o tom de urgência em sua voz: — Estou numa encrenca, Roger. Uma situação realmente crítica.

Eles querem me expulsar da cidade.

— Mas que história é essa? — murmurou Kile, confuso. — Eles... quem são eles? A polícia?

— Sim e não. Para ser mais exato, não. É o promotor municipal e sua equipe. Estão querendo me impedir de exercer minhas atividades profissionais.

— Mas que loucura! Por quê? Você fez alguma coisa errada?

Está envolvido em algum crime?

— Bem... — Freeberg hesitou. — Na opinião deles, é bem possível.

— Ele tornou a hesitar e depois acrescentou, de súbito: — Roger, estou usando uma suplente sexual.

— Uma suplente sexual?

— Não se lembra? Eu lhe expliquei em certa ocasião.

Obviamente Kile estava aturdido.

— Não estou lembrando...

Freeberg fez um esforço para conter sua impaciência.

— Você sabe o que é uma suplente. Uma pessoa designada ou contratada para agir no lugar de outra. Uma substituta. Uma suplente é uma substituta. — Uma pausa e ele acrescentou, mais enfático: — Uma suplente sexual é uma parceira sexual substituta geralmente indicada para um homem sozinho — que não tem uma esposa ou uma namorada que se proponha a cooperar — um homem que está sofrendo de uma disfunção, que tem um problema sexual... e por isso ele usa uma parceira para ajudá-lo, uma mulher supervisionada por um terapeuta sexual. A equipe de Masters e Johnson iniciou esse tipo de tratamento, em Saint Louis, em 1958...

— Estou lembrando agora — interrompeu-o Kile. — Já li algo a respeito. Recordo também que você estava cogitando em usar suplentes sexuais em Tucson. O que há de errado nisso?

— Para começar, Roger, é contra a lei. O uso de suplentes é admitido em Nova York, Illinois, Califórnia e em outros poucos estados, mas é ilegal no resto do país. Inclusive no Arizona. As suplentes sexuais são consideradas prostitutas.

— Estou entendendo — murmurou Kile. — E você as usou?

— Apenas uma, Roger... usei apenas uma. Mas, ao que parece, uma já é demais. Deixe-me explicar. — Freeberg parecia ter recuperado algum controle sobre a voz — Já disse que é ilegal aqui. Por isso, comecei a operar em segredo, com toda a discrição.

Não havia outro jeito, Roger. A terapia verbal não funciona em determinados casos, os piores, como impotência e às vezes até na ejaculação precoce. É essencial usar uma parceira bem treinada para ensinar, demonstrar, orientar. Encontrei uma pessoa assim, uma jovem extraordinária. Usei-a em cinco casos muito difíceis.

Todos os cinco pacientes ficaram curados. Cem por cento de cura.

Mas, não sei como, a notícia espalhou-se... os terapeutas locais são muito conservadores ou

mesmo invejosos... talvez tenham ficado ressentidos com o meu sucesso. Seja como for, a história chegou ao conhecimento do promotor municipal, e ele veio à minha casa; deve ter saído daqui há cerca de uma hora. Ele disse que eu estava agindo como proxeneta e usando uma prostituta, o que era contra a lei. Em vez de me prender e me levar a julgamento, ele ofereceu uma alternativa. Para não perder tempo e dinheiro com um processo, aconselhou-me a suspender a operação com a suplente sexual. E me deixaria continuar a clinicar como um terapeuta comum.

— E você vai aceitar?

— Não posso, Roger. Não poderia ajudar certos pacientes sem o auxílio de uma suplente. Pense no que aconteceu com Masters e Johnson quando foram obrigados a desistir do uso de suplentes sexuais em 1970. Até então, usando suplentes, eles tinham um índice de sucesso de setenta e cinco por cento. Depois que renunciaram ao uso das suplentes, o índice de cura caiu para vinte e cinco por cento. Não posso permitir que isso aconteça. Se o fizesse, não deveria estar nesta profissão. E quero permanecer nela. Não é uma simples questão de ganhar a vida. É muito mais.

E ajudar pessoas deficientes sexuais a se tornarem saudáveis e viris. Não estou querendo parecer o bom samaritano, mas é justamente isso. E é esse o motivo pelo qual, por mais que deteste incomodá-lo, resolvi telefonar para você esta noite.

— Estou contente por ter me procurado, Arnie. Mas o que eu poderia fazer por você aí em Tucson?

— Pode me tirar daqui. Lembrei de uma coisa que você me informou, quando eu estava de partida para o Arizona. Perguntou por que eu não ia para o sul da Califórnia. Disse que era uma terra em que havia mais liberdade individual do que em qualquer outra.

E acrescentou que ouvira comentários sobre vários terapeutas de Los Angeles e San Francisco que usavam suplentes sexuais.

— Eu disse tudo isso? É bem possível. Seja como for, é tudo verdade.

— Só resisti porque o médico de Miriam em Nova York foi intransigente ao proclamar que o Arizona era o melhor lugar para seu problema de bronquite. Isso aconteceu há cinco anos. Agora, o atual médico de minha esposa, aqui em Tucson... acabei de telefonar para ele... acha que ela está muito melhor e não teria problemas se vivesse no sul da Califórnia.

— Está querendo dizer que pretende se mudar para cá?

— Isso mesmo, Roger. Não há outro jeito. — Freeberg engoliu em seco. — Roger, a Califórnia é um território desconhecido para mim.

Preciso de sua ajuda. Você é agora um californiano. Conhece tudo por aí. Poderia me prestar um enorme favor, se não for pedir demais.

— É pedir muito pouco. Sabe muito bem que farei qualquer coisa que puder por você, Arnie.

— Não sou rico. Investi tudo o que tinha na clínica de Tucson.

Não haverá grande problema, basta contratar um corretor para oferecê-la no mercado. É uma propriedade valiosa. Tenho certeza de que poderia vendê-la rápido e conseguir dinheiro suficiente para instalar outra clínica no sul da Califórnia. — Freeberg tornou a engolir em seco, nervosamente. — Mas preciso de sua ajuda. E pagarei por seu tempo, é claro.

— Pare com isso, Arnie — protestou Kile, simulando contrariedade. — É uma questão de amizade. Afinal, para que servem os amigos? Vamos fazer uma coisa. Se algum dia eu me

descobrir numa situação crítica... se não conseguir levantar, por exemplo... você pode retribuir com seus serviços, emprestando-me uma de suas suplentes sexuais. Negócio fechado. O que você quer que eu faça?

— Preciso que me arrume um bom lugar em Los Angeles ou arredores. Um prédio que eu tenha condições de comprar e possa reformar para servir como uma clínica. Eu lhe mandarei todos os detalhes amanhã, junto com fotografias do prédio de dois andares que estou ocupando agora. E também informarei, em números exatos, quanto posso pagar.

— Não precisa se preocupar mais. Começarei a fazer algumas indagações imediatamente. E assim que tiver suas especificações e limitações... terá de me dar duas semanas depois disso, Arnie.

Telefonarei logo que descobrir alguma coisa para você ver. Até lá, dê minhas lembranças a Miriam e diga a Jonny que estou ansioso para conhecê-lo. Será um prazer revê-lo, Arnie.

Freeberg hesitava em desligar.

— Tem certeza de que serei bem recebido aí, Roger? Com as suplentes sexuais e tudo mais?

— Não se preocupe com isso. Posso verificar no código penal, mas tenho certeza absoluta de que não é contra a lei. Esta é a terra da liberdade, Arnie. Isso posso garantir. E agora vamos começar a providenciar tudo.

Tudo deu certo, sem contratempos. Não houve nenhuma dificuldade.

Quatro meses depois, o doutor Arnold Freeberg podia sentar-se confortavelmente em sua cadeira giratória de couro, de espaldar alto, por trás da escrivaninha de carvalho, coberta com um feltro preto, ouvindo os sons abafados das marteladas que vinham lá de baixo. Os operários estavam pondo no lugar a placa azul e branca que anunciava, em letras de fôrma: CLÍNICA FREEBERG. A placa ficaria acima de duas portas de vidro que davam para a recepção.

Também naquele dia, no início da tarde, Freeberg estaria dando instruções a cinco novos suplentes sexuais que selecionara para os seis que iria usar. Gostaria que a sexta pessoa, a mais experiente, a que empregara em Tucson, pudesse estar presente.

Gayle Miller concordara em acompanhá-lo na mudança para a Califórnia, mas só poderia vir dentro de algumas semanas, assim que se formasse na Universidade do Arizona. Ela pretendia fazer pós-graduação na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, concluindo o mestrado e o doutorado em psicologia. A vinda iminente de Gayle Miller proporcionava maior confiança em Freeberg. Tinha certeza de que os novos suplentes sexuais seriam competentes, mas Gayle era muito valiosa, jovem, bonita, atraente, séria e experiente. Atuara como suplente sexual em todos os cinco casos bem-sucedidos que ele tratara em Tucson e fora irrepreensível. Todos os homens problemáticos haviam recebido alta para terem vidas sexuais normais.

Reunindo distraidamente suas anotações, que escrevera nos últimos dias para não esquecer os pontos que queria destacar nas primeiras instruções para os novos suplentes sexuais, Freeberg correu os olhos pelas paredes de sua sala espaçosa. Ainda se podia sentir o cheiro forte da tinta fresca das paredes. Os lambris de carvalho eram envernizados. Nas paredes, em molduras de esteira creme, estava pendurada a impressiva panóplia de ídolos de Freeberg: Sigmund Freud, R. V. Krafft-Ebing, Havelock Ellis, Theodor H. van de Velde, Marie Stopes, Alfred Kinsey, William Masters e Virginia Johnson.

Na parede mais próxima havia um espelho ornamentado e o doutor Arnold Freeberg contemplou seu reflexo. Timidamente, ele se examinou — cabelos pretos abundantes, um tanto

desgrenhados, óculos de aros grossos emoldurando olhos pequenos e míopes, nariz adunco, bigode escuro e cheio, barba aparada emoldurando os lábios carnudos. Por um instante, sentiu-se embaraçado na presença de seus antecessores. Não estava à altura deles. Ainda não, ainda não. Mas um dia, muito em breve, talvez... Ele acreditava e tentaria.

Seus olhos se deslocaram para uma fotografia recente, em moldura de prata, que se encontrava num canto da mesa. A esposa, Miriam, atraente em seus trinta e poucos anos, o filho risonho, Jonny, uma fonte de alegria. Freeberg pensou em sua idade; já se aproximava dos cinquenta anos, um pouco tarde para o primeiro filho... mas nem tanto assim.

Meneando a cabeça, ele pegou as anotações e tentou se concentrar no que escrevera. Reviu tudo depressa, depois largou os papéis. Já sabia tudo de cor e não precisaria consultar as anotações quando se dirigisse aos novos suplentes sexuais.

Tinha ainda quinze minutos de espera antes que os cinco aparecessem. Quase como um relaxamento, pôs-se a reconstituir os acontecimentos dos últimos quatro meses, que o haviam levado àqueles momentos. Reviveu-os no presente.

Duas semanas após o telefonema inicial de Freeberg, Roger Kile concluíra suas investigações em Los Angeles, encontrando o local ideal. Só que não exatamente em Los Angeles. Kile fora informado de que nessa cidade já havia muitos terapeutas sexuais, e os lugares mais apropriados estavam sendo vendidos a preços exorbitantes. Mas seguindo os conselhos de especialistas — Kile sempre fora um investigador sagaz, mesmo na faculdade de direito, em Columbia, com um conhecimento e interesses amplos, embora fosse um advogado fiscal — encontrara a comunidade em que o amigo poderia prosperar, a uma hora de carro de Los Angeles, ao norte.

O lugar chamava-se Hillsdale, uma cidade em expansão, junto à estrada litorânea, perto do oceano Pacífico, com 360 mil habitantes. Havia muitos psiquiatras e psicólogos, mas nenhum terapeuta sexual. Contatos bem informados garantiram a Roger Kile que uma clínica instalada por um terapeuta sexual respeitável em Hillsdale, com uma equipe de suplentes sexuais bem treinados e profissionais, haveria de prosperar. Kile fora informado por diversos médicos que em Hillsdale havia muitas pessoas perturbadas, com disfunções sexuais.

Kile procurara dois corretores bem recomendados, que logo o levaram a quatro prédios de escritórios pequenos, que pareciam ser boas possibilidades. Freeberg reconhecera o prédio perfeito de imediato, com dois andares, vazio, desocupado pouco antes por uma cadeia de lojas de roupas, no meio da Market Avenue, perto da Main Street. Tudo fora se ajustando rapidamente. Freeberg contratara um jovem e excelente arquiteto para reformar o prédio nas linhas de sua clínica de Tucson. Depois, Freeberg voltara de avião a Tucson para liquidar a antiga clínica. Miriam cuidara da venda da casa de adobe, em estilo de rancho, conseguindo um preço igual ao que haviam pago.

Foram a Hillsdale quatro vezes no período subsequente.

Enquanto Freeberg supervisionava a reforma do prédio da clínica, Miriam procurava uma nova casa. Encontrara uma residência maravilhosa, de um só andar, a aproximadamente cinco quilômetros da nova clínica do marido.

Freeberg começara a recrutar o pessoal necessário para a clínica. Por intermédio de um médico que tinha um consultório próximo, doutor Stan Lopez, um clínico que lhe inspirara o maior respeito, Freeberg contratara Suzy Edwards para sua secretária pessoal. Lopez vinha usando Suzy como segunda secretária em meio expediente, e sabia que ela desejava um

emprego em horário integral. Freeberg entrevistara Suzy, uma ruiva séria e interessada, com cerca de trinta anos. Ela se mostrara ansiosa pelo emprego, e Freeberg já fora informado de que era uma pessoa de confiança.

Depois, ele contratara Norah Ames como enfermeira e Tess Wilbur como recepcionista.

Em seguida, Freeberg enviara cartas pessoais a todos os médicos e psicólogos da região que conhecera em convenções e seminários, comunicando a abertura da Clínica Freeberg, em Hillsdale, Califórnia, oferecendo tratamento intensivo e o uso de suplentes sexuais femininos e masculinos, quando houvesse necessidade. Enquanto aguardava respostas, Freeberg iniciara a busca de suplentes sexuais. A fim de encontrar candidatos, escrevera cartas pessoais para psicanalistas em Hillsdale e terapeutas sexuais em Los Angeles, Santa Barbara, San Francisco, Chicago e Nova York. Em poucas semanas recebera vinte e três solicitações de pessoas que desejavam ser suplentes sexuais.

Enquanto isso, recolhera informações a respeito de pacientes que precisavam desesperadamente daquele tipo de terapia. Com base nessas informações, concluíra que precisaria de cinco suplentes sexuais, quatro mulheres e um homem, além dos serviços de Gayle Miller, que em breve deixaria Tucson e viria para Hillsdale.

À medida que as candidatas a suplente se apresentavam, Freeberg examinava-as, entrevistando cada uma pessoalmente.

Muitas entrevistas foram bem curtas, porque as candidatas não apresentavam as condições exigidas. Se alguma alegava, como sua motivação, a idéia de que o trabalho seria interessante, era no mesmo instante eliminada. A perspectiva de um trabalho interessante não bastava, não era motivação suficiente. Se alguma demonstrava a menor preocupação por ser uma candidata ou qualquer hesitação, também era eliminada.

As entrevistas mais longas se deram com as candidatas que estavam bem motivadas. Umas eram divorciadas, sem filhos em casa, e que tiveram maridos sexualmente inadequados. Outras haviam tido problemas com amantes que sofriam de disfunções sexuais. E também havia mulheres que tinham testemunhado problemas sexuais em relação aos pais, irmãos ou outros parentes.

Todas elas, independentemente de suas vocações anteriores, estavam unidas pelo desejo comum de ajudar homens deficientes sexuais a se tornarem normais.

Em suas entrevistas, Freeberg sempre se lembrava de um comentário de um colega:

— Uma boa suplente é sensível, compassiva e emocionalmente madura.

Uma suplente qualificada devia se sentir à vontade com o próprio corpo e com sua sexualidade. Cada candidata que Freeberg considerara como uma possibilidade devia ter tido, caso estivesse sozinha no momento, um relacionamento sexual normal, tinha de saber que era sexualmente sensível e precisava confiar na própria feminilidade. Acima de tudo, devia sentir um desejo intenso de ajudar os homens sexualmente incapacitados.

Ao final, Freeberg selecionara quatro candidatas a suplentes sexuais femininas altamente promissoras: — Lila Van Patten, Elaine Oakes, Beth Brant e Janet Schneider. Depois de treinadas, formariam uma equipe perfeita para trabalhar com Gayle Miller, que chegaria em breve.

Freeberg só precisara de um suplente sexual masculino. Não havia demanda de suplentes masculinos para trabalhar com mulheres que tinham disfunção sexual. Freeberg descobrira que um suplente masculino não se ajustava ao sistema de valores da maioria das mulheres. Era o

absurdo antigo que ainda perdurava em plena década de 80: se um homem tinha várias mulheres, não havia nenhum problema, ele era considerado um ganhão. Se uma mulher tinha sexo fortuito com vários homens, era tola e volúvel. De um modo geral, o sexo com um estranho, nesse caso um suplente masculino, era inadmissível pelos padrões sociais americanos. As mulheres — muito mais do que os homens —

precisavam de tempo para desenvolver um relacionamento satisfatório. Mas ali era a Califórnia; os tempos estavam mudando, embora apenas um pouco. Freeberg podia prever que de vez em quando teria uma mulher como paciente e precisaria pelo menos de um suplente sexual masculino. Em suas entrevistas, apenas um candidato sobressaía. Era um jovem do Oregon, experiente, interessado em seu crescimento pessoal, ponderado, afetuoso, com o desejo sincero de ajudar mulheres perturbadas e sofredoras a se tornarem normais e se ajustarem à vida. Seu nome era Paul Brandon. Entre os vários candidatos masculinos, Brandon fora o único que Freeberg selecionara para treinamento. A porta de sua sala foi aberta, e Freeberg despertou de seu devaneio.

— Todos estão aqui, doutor Freeberg — comunicou sua secretária pessoal, a ruiva Suzy Edwards. — Foram para a sala de assuntos gerais e aguardam sua presença.

Freeberg sorriu e levantou toda a sua corpulência.

— Obrigado, Suzy. Está na hora de a cortina levantar.

O doutor Arnold Freeberg interrompeu a música, deixou sua sala e encaminhou-se apressado para a sala de assuntos gerais, que era espaçosa e parecia uma sala de estar pouco mobiliada. Havia colchões espalhados pelo chão, e, encostado a uma parede, havia um sofá, de frente para os suplentes, cujas idades variavam de vinte e oito a quarenta e dois anos. Estavam sentados num semicírculo, em cadeiras dobráveis.

Freeberg acenou-lhes com a cabeça, sorrindo, satisfeito em constatar que todos estavam vestidos de maneira impecável e alertas. Sabia que se sentiam à vontade — sua enfermeira, Norah, já os apresentara — mas havia expressão de expectativa em cada rosto.

Freeberg sentou-se no sofá, recostou-se, cruzou as pernas, e disse, como se lesse uma lista de chamada: — Janet Schneider, Paul Brandon, Lila Van Patten, Beth Brant, Elaine Oakes... estou muito satisfeito em tê-los aqui. Sejam bem-vindos à Clínica Freeberg. E com prazer que lhes comunico que estão todos, sem exceção, altamente qualificados para se tornarem valiosos e úteis suplentes sexuais.

Ele registrou a satisfação imediata e unânime pelo comentário, enquanto continuava a falar:

— Vou expor hoje como será o programa de treinamento, que começará nesta sala amanhã de manhã, às nove horas. Será realizado inteiramente sob a minha supervisão, cinco dias por semana, durante seis semanas. Só nos estágios finais é que trarei pessoas de fora. Quando chegarmos ao contato pênis-vagina, precisarei da assistência de quatro homens e uma mulher, recomendados pela Associação Internacional de Suplentes Sexuais Profissionais, com sede em Los Angeles. Serão antigos pacientes... ou clientes, como alguns dizem hoje em dia... que já tiveram problemas sexuais, passaram por cursos completos com terapeutas respeitáveis e suplentes experientes, e foram declarados curados e aptos a cuidar de sua própria vida íntima.

"Agora, farei um relato sobre o período de treinamento que terão pela frente, a fim de que saibam o que os espera. Será um monólogo. Falarei sem nenhuma pausa. Se tiverem perguntas, prefiro que guardem para o final, depois que eu terminar. Claro que vou resumir todo o processo,

referindo-me apenas aos pontos principais, já que tomarão conhecimento de tudo durante o período de treinamento. Não precisam se preocupar com as perguntas que por acaso não puderem me fazer hoje. Poderão fazê-las enquanto trabalhamos, a partir de amanhã. Mais uma coisa.

Ele fez uma pausa, olhando para Paul Brandon.

—... senhor Brandon, como teremos uma maioria de homens entre os pacientes sob terapia, falarei sobre as atividades das suplentes femininas que trabalharão com eles. Mas quase todos os procedimentos que vou descrever também se aplicarão a você, como suplente masculino que vai trabalhar com mulheres. Mais tarde, poderemos conversar em particular, sobre as exceções que vai aplicar em seu tratamento com as pacientes que precisam de ajuda.

Enfiando a mão no bolso e tirando a caixa de cigarrilhas, Freeberg acrescentou:

— Não faço objeções se alguém quiser mascar chicletes, chupar uma bala ou fumar, desde que os outros não se importem.

Acendendo uma cigarrilha, ele observou Brandon tirar do bolso do paletó um velho cachimbo de urze e uma bolsa de fumo, enquanto Lila Van Patten abria a bolsa e apanhava um maço de cigarros.

— Vamos começar com as noções básicas — continuou Freeberg.

— Por que vocês foram selecionados para parceiros ou suplentes sexuais? Não foram selecionados em razão da boa aparência, atributos físicos ou atração sexual. Escolhi-os por qualidades globais muito mais importantes... porque vi em cada um de vocês as qualidades de conhecimento, compaixão, afeto e preocupação sincera por outras pessoas que não são tão saudáveis. Todos têm em comum a compreensão da importância de dar, receber, acariciar e se preocupar com o próximo, bem como o desejo de partilhar o que possuem.

"Iniciaremos por Masters e Johnson, os verdadeiros pioneiros no uso de suplentes sexuais. William Masters era de Ohio, estudou medicina na Universidade de Rochester e mais tarde iniciou um programa de pesquisa do funcionamento sexual na Faculdade de Medicina da Universidade de Washington. Dois anos depois, compreendendo que precisava de uma mulher como associada, Masters contratou Virginia Johnson. Ela vinha da área rural do Missouri, divorciada e mãe. Fizera alguns cursos de psicologia, mas não tinha diploma universitário. Os dois formam uma equipe de pesquisa perfeita e, como certamente já sabem, acabaram casando.

"Como Masters e Johnson não demoraram a constatar, a introversão ou terapia verbal... livre associação, perguntas e respostas... não proporcionava ajuda suficiente para os pacientes mais desesperados. O que seus pacientes masculinos precisavam — como Masters e Johnson logo compreenderam — era de 'alguém em quem se segurar, com quem pudessem conversar, trabalhar, participar e, acima de tudo, dar e receber, durante a fase aguda da terapia da disfunção sexual'. Creio que foi assim que nasceu a idéia de suplente sexual, em 1957. Havia homens com graves problemas sexuais que não contavam com parceiras femininas que quisessem cooperar — esposas ou não — ou acompanhá-los na terapia, enquanto outros não tinham nenhuma mulher fixa. Esses homens deveriam ser penalizados por não terem parceiras sexuais dispostas a ajudá-los na terapia? 'Esses homens são incapacitados sociais', Masters costumava dizer. 'Se não forem tratados, é discriminação de um segmento da sociedade contra outro.' Para tratá-los, Masters e Johnson começaram a treinar parceiras, suplentes sexuais, que trabalhariam com eles, sob sua orientação.

"E o novo tratamento apresentou excelentes resultados. Em onze anos, Masters e Johnson usaram suplentes sexuais para trabalhar com quarenta e um homens. Desses, trinta e dois resolveram seus problemas sexuais, superaram-nos por completo, mediante o uso de suplentes sexuais. É um registro impressionante e posso afirmar os meios usados, porque em minhas atividades anteriores, em outra cidade, tive uma excelente suplente sexual que trabalhou com cinco pacientes seriamente incapacitados e sexualmente problemáticos... e em todos os casos os sintomas e deficiências foram invertidos e curados.

"Em 1970, como vocês talvez tenham lido, Masters e Johnson renunciaram inteiramente ao uso de suplentes sexuais. Comentou-se que uma das suplentes era casada, um fato que eles ignoravam, e o marido processou Masters e Johnson por alienação de afeição.

Em vez de se submeterem a julgamento e proporcionarem material de escândalo para os meios de comunicação, Masters e Johnson fizeram um acordo legal fora do tribunal. Depois disso, simplesmente renunciaram ao uso de suplentes. Espero que isso não aconteça comigo. Pelo que pude descobrir a respeito de vocês, três são divorciadas, mas não há nenhuma casada no momento. O outro fato que desencantou Masters e Johnson foi a descoberta de que muitas suplentes não se limitavam a trabalhar em suas funções, mas também tentavam ser terapeutas. É evidente que isso é uma coisa que nunca permitirei.

"Seja como for, creio que vocês já sabem que a inadequação sexual é a maior causa de divórcios nos Estados Unidos. William Masters descobriu há alguns anos que dos quarenta e cinco milhões de casais norte-americanos legalmente casados, a metade tinha incompatibilidade sexual. Atualmente, os dados podem variar um pouco, mas sabemos que alguma coisa pode e deve ser feita para tornar as pessoas perturbadas saudáveis e mais felizes."

Freeberg inclinou-se para pegar um cinzeiro que estava no chão, apagou a cigarrilha e largou-o. Era como uma pontuação.

Chegara o momento de entrar numa descrição mais específica do treinamento.

— Agora, vou falar sobre o treinamento propriamente dito. Vai se prolongar por seis semanas, sob a minha supervisão. Receberão uma lista de literatura específica para estudar. Haverá sessões adicionais em que interrogarei cada um a respeito de experiências sexuais anteriores e as reações a diversos parceiros adequados com que estiveram envolvidos. Tentarei ensinar-lhes as diversas qualidades de aconselhamento que podem precisar com os pacientes. Receberão descrições meticulosas e demonstrações práticas do funcionamento sexual masculino e feminino, para que tenham conhecimento fisiológico e percepções psicológicas.

Discutiremos de maneira ampla, especialmente na medida em que se aplicam aos homens de desempenho deficiente, os problemas de assumir o papel de espectador do próprio desempenho.

"O mais importante é que cada um terá um curso completo de terapia de suplente sexual, aprendendo e experimentando pessoalmente o que seus pacientes receberão. Agora, sem entrar em detalhes, quero descrever as diversas etapas, os exercícios que vão partilhar com os pacientes.

"Vão se reunir com eles três a quatro vezes por semana, e cada sessão se prolongará por duas horas, sem muito rigor. Que tipos de disfunção sexual poderão encontrar? Às vezes os problemas serão simples... um paciente com reduzido desejo sexual, uma pessoa ingênua, socialmente assustada e isolada, talvez ainda virgem. O mais comum, no entanto, entre os pacientes

masculinos, é um homem com dificuldades de ereção, primariamente impotente. Não lidar com um homem que sofre de ejaculação precoce. Ou com um homem que é incapaz de experimentar o prazer sexual. No caso de paciente feminina, o problema pode ser uma mulher que não atinge o orgasmo, que não consegue alcançar o clímax, nem mesmo pela masturbação. Um problema mais difícil será uma mulher que sofre de vaginismo, um espasmo muscular vaginal que torna o intercuro sexual difícil ou muito doloroso.

"Como deverão proceder para curar todas essas disfunções humanas? Tudo se resume em ensinar o paciente a fazer contato com os próprios sentimentos e sentir-se à vontade com a intimidade. O cliente vem aqui para ser ajudado. O objetivo do trabalho de vocês é o de desenvolver, acalantar e garantir um relacionamento íntimo. O que implica partilhar sentimentos e comportamentos. Só se pode conseguir isso em termos gradativos, a fim de remover as inibições do paciente e torná-lo mais consciente de sua própria sexualidade e da sexualidade da parceira. Muitos pacientes demonstram pressa em acabar logo com o processo, em obter resultados imediatos. Não são poucos os que dizem secretamente a si mesmos: 'Por que tenho de passar por todas essas bobagens preliminares? Quando vamos chegar ao que importa?' No entanto, por maior que seja a pressa do paciente, vocês, suplentes, deverão lembrar que vai levar tempo. É indispensável que cada paciente tenha consciência disso.

"Todo o processo começa e continua assim. Qualquer paciente me é inicialmente encaminhado, para que eu determine o tratamento adequado. Primeiro, providencio para que ele seja examinado por um médico, a fim de me certificar de que não tem distúrbios físicos, nenhuma doença, que não há deficiências hormonais, por exemplo. Se o problema não é físico, tenho um encontro com o paciente e ouço toda a sua história sexual. De um modo geral, consigo determinar nessa sessão os problemas que ele teve. Farei a ele diversas perguntas... por exemplo, quando você era pequeno a nudez era permitida em sua casa? Havia muitos abraços, beijos, carícias, contato físico, em sua família? A resposta a essas perguntas geralmente é não. Mais tarde, ao amadurecer, o paciente tem sua primeira experiência sexual.

Quase sempre ela é negativa. Ele se descobre então numa situação difícil. Nessa conversa, tento acalmá-lo, explicando que o medo e a ignorância o estão sufocando, que pode se libertar se receber ajuda, e o sexo pode se tornar tão natural quanto respirar.

"Quando chegar o momento de vocês assumirem, como suplentes sexuais, ajudando-me no tratamento do paciente, devem compreender que há dois motivos para o problema: primeiro, o paciente tem dificuldade para se comunicar com outros seres humanos; segundo, ele tem um mínimo de amor-próprio sexual.

Para resolver esses problemas, vocês devem fazê-lo compreender que o estão acariciando não para excitá-lo e levá-lo ao orgasmo, mas porque isso lhes dá prazer. Como não vivemos numa sociedade orientada para o prazer, muitas vezes não nos permitimos desfrutar algo agradável, a menos que tenhamos nos esforçado para isso. A maioria das pessoas não experimenta o prazer pelo prazer; sempre acha que deve conquistá-lo ou dar alguma coisa em troca. O objetivo básico de vocês é desfrutar o contato e, ao agirem assim, transmitir o mesmo prazer ao paciente.

"Depois de ouvir a história sexual do paciente e conversar com ele a respeito de seus problemas, procuro selecionar a suplente que pode ser mais compatível com ele. Conhecendo a idade dele, educação, nível social, interesses, tento reuni-lo com a suplente que tem mais

condições de atender a suas necessidades.

Pessoalmente, transmito todas as informações do paciente.

Depois, marco um encontro particular com ele e a suplente, na minha presença.

"Entrego então o paciente a vocês. Espero que a suplente designada me apresente um relatório completo, geralmente gravado, às vezes pessoalmente, sobre cada sessão, depois de encerrada. Haverá ocasiões em que chamarei uma suplente para discutir o caso, talvez promovendo reajustes no tratamento. É óbvio que me reunirei regularmente com o paciente, a fim de descobrir como ele se sente em relação ao que está acontecendo."

Freeberg fez uma pausa e contemplou as suplentes que se achavam sentadas à sua frente, muito compenetradas.

— Muito bem, o que estará acontecendo? Vocês estarão ministrando ao paciente tudo aquilo que aprenderão nas próximas seis semanas. Farão com ele uma série de exercícios sensuais. Chamamos cada exercício de foco de sensação.

"O primeiro encontro e todos os subseqüentes serão na intimidade da casa de cada suplente. O primeiro será meio social, meio trabalho. A parte social consiste em deixar à vontade um convidado assustado. Podem oferecer ao paciente algo para beber.

De preferência chá ou um refrigerante. Nada de álcool. Nada de estimulantes. Lembrem-se de que estão tentando desenvolver o potencial do paciente para satisfação sem ajuda externa. Os dois tomarão os refrigerantes e, completamente vestidos, conversarão sobre... ora, sobre o que quiserem: comida, esportes, eventos atuais. Falarão alguma coisa a respeito de vocês mesmos e levarão o paciente a falar a seu respeito. Procurem atenuar sua ansiedade.

"Finalmente, nessa primeira sessão, devem fazer a carícia nas mãos: é a coisa menos enervante que podem fazer. Na verdade, estarão se concentrando no senso do toque. Começa-se pela demonstração de carícia nas mãos. Vocês pedem ao paciente para fechar os olhos e também fecham os seus. Não dizem nada. Não querem os qualquer contato visual ou verbal para confundir a confortadora carícia nas mãos.

"Na sessão seguinte vocês passam para a carícia no rosto.

Toquem nas várias partes do rosto do paciente, bem devagar, passando a ponta dos dedos de leve sobre cada protuberância e depressão, deslizando pela estrutura óssea, pela pele, pela penugem. Fazem isso com o paciente e depois ele faz com vocês.

É surpreendentemente relaxante e sensual.

"Na terceira sessão há um banho de pés. É literalmente isso, um banho de pés. Ficam vestidos, mas com os pés descalços, mergulhados em água morna e massageados.

"Somente na quarta sessão é que se chega à nudez inicial. Cada um se despe ou, se ambos assim desejarem, despem um ao outro.

Geralmente não há problema nisso, mas às vezes não é muito simples. Muitas pessoas estão acostumadas a se despirmo no escuro.

Quando adolescentes, os homens não se importavam de ficar nus num vestiário, embora pudessem se preocupar com o fato de que outros rapazes tivessem pênis maior, e fossem mais cabeludos ou mais musculosos. E também não se incomodam de ficar nus na presença de um médico ou enfermeira. Mas pode haver algum problema para eles se despirem na frente de outras pessoas. De um modo geral, porém, isso não acontece, já que quase todos os homens estão acostumados a se despirmo para o sexo. Não importa se é um sexo bom ou ruim, eles costumam

ficar nus nessas ocasiões.

"Após tirarem a roupa, começa o exercício que se chama projeção do corpo. A suplente sexual coloca-se diante de um espelho grande, e deixa que o paciente a contemple sentado.

Mostra as diversas partes de seu corpo, da cabeça aos pés, confessa sinceramente do que gosta e do que não gosta em sua anatomia. Depois, o paciente a imita. Aprende-se muita coisa sobre si mesmo e um sobre o outro durante esse exercício."

Freeberg fez uma nova pausa, pegou outra cigarrilha e acendeu-a. Consultou seu relógio digital.

— Não quero cansar vocês desnecessariamente e por isso serei mais rápido daqui por diante. Afinal, tudo o que estou dizendo agora será demonstrado durante o treinamento. Depois da projeção do corpo, vem o chuveiro sensual... também pode ser um banho de banheira... juntos na água morna, um ensaboa o outro, usando o sabonete como lubrificante. Na sessão seguinte há a carícia nas costas nuas. É exatamente isso. Em seguida, o exercício da carícia frontal, sem tocar nos seios ou órgãos genitais. Depois vem a carícia frontal com contato nos seios e órgãos genitais. Mas sem nenhum exagero. Os seios e órgãos genitais não devem receber mais atenção do que o contato no nariz ou pescoço.

"Na sessão subsequente ocorre o prazer genital sem retribuição. E justamente o que eu disse. O paciente deita de costas e vocês acariciam seus órgãos genitais. O objetivo não é estimular ou excitar, mas sim concentrar-se em proporcionar prazer a alguém, que não precisa retribuir em absoluto.

"Durante a sessão seguinte vocês devem experimentar duas coisas. Uma é a excursão pela anatomia, e a outra é o que chamamos de 'o relógio'. A excursão pela anatomia é realizada porque a maioria dos homens, embora familiarizados com seu pênis, não tem a menor idéia de como parecem os órgãos genitais femininos. De um modo geral, eles sobem na cama, tateiam no escuro, torcem para ter encontrado o lugar certo e penetram nele.

Na excursão pela anatomia, usa-se uma lanterna e um espelho para mostrar e explicar ao paciente como a mulher é por dentro. E

depois se faz 'o relógio'. Considerem que sua vagina tem um relógio interno, com números de 1 a 12 ao redor. O paciente enfia um dedo e pressiona em uma hora, seis ou onze, para poder sentir como é a abertura vaginal de uma mulher, e como ela reage de maneiras diferentes às pressões em vários lugares. Às vezes vocês podem deixar que o paciente continue a movimentar o dedo na vagina, até alcançarem o orgasmo, um orgasmo genuíno, para que ele possa compreender o que acontece dentro de vocês.

"A essa altura da terapia, vocês poderão perceber claramente que o paciente está tendo ereções, parciais ou totais. Mesmo quando o pênis está flácido, posso garantir que ele está tendo alguma espécie de ereção. Quando o paciente chega a esse ponto, já está pronto para os exercícios finais, talvez os últimos dois ou três. Se ele sofre de ejaculação precoce, é fácil mantê-lo sob controle pelo famoso método do aperto. Vamos praticá-lo durante o treinamento.

"Seja como for, chegamos agora ao ato final. Esse ato, obviamente, é a penetração, o intercursos sexual bem-sucedido.

Muito bem, é assim que vocês devem fazer... "

Freeberg discorreu sobre o assunto por mais dez minutos, consciente de que tinha a atenção total de todos. A cigarrilha se apagou e ele jogou-a no cinzeiro; pegou outra e levantou-se para

espreguiçar-se. Acendendo a cigarrilha, ele sorriu e acrescentou: — Podem agora fazer as perguntas que desejarem.

Ele tornou a sentar no sofá e levantou as mãos, arrematando: — O plenário é de vocês.

Lila Van Patten pediu a palavra.

— Doutor Freeberg, podemos revelar a nossos amigos e conhecidos o que estamos fazendo?

— Por que não? — perguntou Freeberg. — Nunca vão revelar a quem quer que seja a identidade dos pacientes. Isso é absolutamente confidencial. Mas se desejarem falar a respeito de sua carreira, o que fazem profissionalmente, claro que podem conversar com qualquer pessoa.

Mas devo chamar a atenção de vocês para um problema: a aceitação pública. Há algumas pessoas que podem considerá-las como prostitutas... certas mulheres podem ficar horrorizadas ao saber que vocês fazem amor com um estranho mediante pagamento, e muitos homens podem pensar que são uma conquista fácil. Vocês terão de usar seu julgamento pessoal de acordo com as circunstâncias.

Beth Brant ergueu a mão.

— E o que devemos fazer se o paciente ficar tão excitado que queira ir do estágio 4 ao 14 de imediato? E se ele quiser chegar ao coito o mais depressa possível?

Freeberg meneou a cabeça.

— Isso acontece com freqüência. No instante em que tocar nos órgãos genitais do paciente, ele vai achar que isso é um convite para penetrá-la o mais depressa possível. Mas não concorda que esse é justamente o problema dele? Se quer passar logo do estágio 4 para o 14 é porque está muito ansioso para consumir o ato e vai perder toda a riqueza e o aprendizado das etapas intermediárias.

Qualquer tentativa desse tipo deve ser abortada de imediato.

Janet Schneider acenou com um bloco.

— Tomei algumas anotações enquanto você falava da carícia no rosto. É apenas carícia? E se o paciente quiser nos beijar?

— Não há nada de errado nisso. Deixe que ele a beije e procure orientá-lo. Muitos homens não sabem direito como beijar.

Consultando outra vez suas anotações, Janet perguntou: — Quando ele tocar meus órgãos genitais, posso me aproximar de um orgasmo. O que deveria fazer nesse caso?

Freeberg balançou a cabeça afirmativamente com uma expressão solene.

— Tenha o orgasmo. Deixe que aconteça naturalmente. Procure apenas controlar a reação exterior, se possível, porque isso pode assustar o paciente e fazê-lo sentir-se ainda mais incapaz. Por outro lado, pode excitá-lo e fazê-lo sentir-se viril. Terá de julgar a situação por si mesma.

O único suplente masculino, Paul Brandon, interveio na conversa:

— Desejo saber a respeito da nudez. Trabalhamos nus da etapa de projeção do corpo em diante?

— Exatamente. Vão acabar tão acostumados com a nudez que ela não significará nada.

— Não estou preocupado com isso — apressou-se Brandon em dizer. — Queria apenas a informação.

— É minha vez — disse Elaine Oakes. — O intercurso sexual... é seguro?

— Posso lhe garantir que será feito um exame meticuloso em cada paciente. Ele não terá doenças.

— Eu estava pensando na possibilidade de uma gravidez.

— Ah, sim. Provavelmente está tomando a pílula. Se não estiver, uma alternativa é usar o diafragma quando chegar o momento da relação sexual.

Freeberg esperou. Não houve mais perguntas. Mas a palavra relação sexual acarretava uma pergunta sua. Ele avaliou por um momento o grupo ali reunido.

— Tenho uma pergunta a fazer — disse ele. — Agora que já ouviram tudo, que têm uma visão global do programa, algum de vocês deseja se retirar?

As cinco pessoas à sua frente permaneceram imóveis.

Ninguém se mexeu nem falou. Freeberg sorriu.

— Muito bem — murmurou ele, levantando-se. — Amanhã de manhã, às nove horas, aqui mesmo. Começarão então a se tornar suplentes sexuais profissionais. Que Deus nos abençoe.

CAPÍTULO 2

Seis semanas e um dia se passaram. O doutor Arnold Freeberg encontrava-se sentado atrás de sua mesa; faltavam dez minutos para as duas horas da tarde e ele aguardava o início iminente da última reunião do grupo. Olhando pela janela, um tanto desolado ele podia constatar que o dia estava nublado. Gostaria que o sol estivesse brilhando, porque se sentia ensolarado por dentro. O extenuante período de treinamento fora um sucesso total. Tinha uma equipe inteligente e competente de seis suplentes sexuais; estava ansioso para começar a trabalhar.

Esperando na sala pela chegada de seus suplentes, às duas horas, ele pensou no que fizera naquela manhã. Revisara as gravações dos primeiros quatro pacientes que lhe haviam sido encaminhados por colegas. Eram todos homens com disfunções sexuais. Ainda não havia nenhuma mulher para Paul Brandon, mas ele sabia que várias estavam sendo consideradas por psiquiatras para lhe serem encaminhadas. Assim, Brandon também estaria ocupado muito em breve. Freeberg entregara as gravações a sua secretária, Suzy Edwards, para que as transcrevesse no processador de palavras.

Depois disso, Freeberg reunira-se com Gayle Miller, sua primeira suplente sexual, que finalmente viera de Tucson, na semana anterior, após a formatura na Universidade do Arizona.

Quase não a vira durante aquela semana — exceto por uma visita que ela fizera à clínica, quando a apresentara ao resto do grupo —, pois Gayle estivera ocupada a encontrar um bangalô em Hillsdale para nele se instalar. Também se concentrara em preparar o pedido de matrícula no curso de pós-graduação na Universidade da Califórnia, em Los Angeles — queria fazer o doutorado em psicologia —, e na solicitação de uma bolsa de estudos ou ajuda financeira. Ela já entregara todos esses documentos, assim como uma cópia de seu registro escolar na Universidade do Arizona e três cartas de recomendação.

Quando ela aparecera naquela manhã, para ajudá-lo na cerimônia de conclusão do período de treinamento, Freeberg ficara tão satisfeito e tranqüilizado por sua presença profissional, confiante, que a convidara para almoçar na lanchonete que ficava ao lado, chamada Market Grill. Andando atrás de Gayle ao saírem da clínica e depois pela rua até a lanchonete, Freeberg concluía que ela era indubitavelmente a mais atraente de suas suplentes sexuais.

Ao sentarem num reservado, Freeberg observara mais uma vez como Gayle era graciosa e

bonita; ela usava uma blusa de seda rosa, apertada na cintura por um cinto amarelo de couro, com uma saia de seda pregueada que aderira às coxas quando ela andava.

Contemplando-a, enquanto ela estudava o cardápio, Freeberg apreciara intensamente o lindo rosto da moça. Ela tinha cabelos escuros lustrosos, cortados bem curto, emoldurando um rosto de feições de boneca de porcelana oriental; por trás dos óculos escuros havia sedutores olhos verdes e sob eles um nariz arrebitado e uma boca generosa, com um polpudo lábio inferior.

Ele se recordara de que o resto de Gayle era igualmente fascinante. Vira-a nua várias vezes, há cinco anos, em Tucson, quando ela fazia o treinamento para suplente sexual. Estavam gravados para sempre em sua memória os ombros suaves e ligeiramente curvos, os seios cheios e firmes, com mamilos grandes e escuros, a cintura fina, quadris estreitos, coxas amplas e pernas bem torneadas. Freeberg tentara se lembrar: ela devia ter em torno de um metro e sessenta e cinco centímetros de altura. E, um tanto obscura em sua memória, havia também uma tragédia, algo que a motivara a aceitar o trabalho de suplente sexual.

O mais importante em Gayle Miller, ele dissera a si mesmo, não era a aparência física. Ela demonstrara ser inteligente, flexível, franca, comunicativa, dotada de uma personalidade meiga e generosa. Fora ela quem lhe permitira alcançar um sucesso total com seus pacientes mais perturbados e aparentemente irremediáveis.

No almoço, ele a acompanhara no pedido de uma salada e um hambúrguer, exultante ao pensar que aquela experiente jovem de vinte e sete anos seria a líder de sua equipe.

Mas isso acontecera no almoço. Naquele momento, à sua mesa, Freeberg viu que já eram duas horas, e as novas suplentes sexuais começavam a chegar. Ele cumprimentou cada uma à medida que chegavam e se instalavam sem formalidades no sofá e nas cadeiras dobráveis que estavam à sua frente. Folheou suas anotações, decidindo que nãoalaria muito; depois chamaria Gayle Miller da sala de Suzy e a apresentaria, deixando-a dizer as últimas palavras de garantia.

Freeberg não se levantou. Recostou-se na cadeira giratória e contemplou o grupo.

— Quero lhes dar as boas-vindas. Tiveram folga ontem e espero que tenham se recuperado do período de treinamento. Devo dizer que senti falta de vocês. Estivemos tão íntimos durante as últimas seis semanas que sinto que nos tornamos uma família. Não estou aqui para fazer outro discurso. Já ouviram o suficiente antes de o treinamento começar e durante cada dia das seis semanas de exercícios. Tenho certeza de que já conhecem seu trabalho, vão se dedicar com afinco e farão tudo muito bem. Tentei construir uma ponte em cada uma de vocês... uma ponte humana para ajudar pessoas perturbadas a fazerem a travessia do lugar em que se encontram agora... um lugar terrível... para um lugar melhor, em que desejam estar, um lugar que as fará se sentirem vivas outra vez, não apenas sexualmente, mas também em sua carreira e vida pessoal.

"Lembrem-se de que os homens que virão procurá-las querem aprender alguma coisa. Querem aprender a ser seres humanos amorosos. Chegarão aqui com seus distúrbios e desespero discreto. Estão na verdade suplicando, tentando dizer a vocês: 'Aqui estou e não sei o que fazer com o problema que me deixa incapacitado. Por favor, ajudem-me'. Para eles, vocês são o último recurso.

"Vamos começar amanhã. Elaborei um programa para reuniões com vocês e seus pacientes amanhã de manhã e à tarde. Após isso, estarão em grande parte sozinhas no trabalho, exceto pelos relatórios sistemáticos que me apresentarão. Antes de irem embora, vou me reunir em

particular com cada uma para discutir os primeiros casos.

"Mas já chega de me ouvirem. Agora vou chamar Gayle Miller, a suplente sexual que usei em Tucson, antes de treinar vocês. Já a conheceram na última semana de treinamento, quando ela passou por aqui para cumprimentá-los. Mas não tiveram a oportunidade de conversar com ela. Achei que seria útil se Gayle lhes falasse um pouco de suas experiências e desse a chance de perguntarem o que quiserem. Depois disso, o expediente estará encerrado. Ouviremos agora Gayle Miller."

Antes de deixar a sala de Suzy para se dirigir ao gabinete mais imponente de Freeberg, Gayle hesitou, querendo conversar mais um pouco com o terapeuta.

— O que devo dizer? Freeberg sorriu.

— Está com medo do palco? Basta entrar lá e dizer com toda a naturalidade o que surgir em sua mente. Sente-se atrás da minha mesa ou fique de pé ao lado, como achar melhor. Converse informalmente sobre seu trabalho. Eles estão esperando lá dentro, cordiais, mas apreensivos. O que eu lhes disse é importante, mas estou um tanto distante da ação principal. Porém você fez pessoalmente o trabalho. Suas palavras farão com que eles se sintam mais à vontade. Fale alguns minutos a respeito de sua experiência, e se tiverem perguntas, responda com toda a franqueza. Pode fazê-lo, Gayle. Boa sorte.

Entrando na sala de Freeberg, Gayle decidiu postar-se de pé atrás da mesa, enquanto falava. Os cinco novos suplentes sexuais pareciam alertas, inteligentes, receptivos e também um pouco curiosos.

— Já conhecem todo o procedimento — disse Gayle. — Só posso lhes falar sobre minha experiência pessoal com o doutor Freeberg, em cinco casos em Tucson. Dois eram casos de homens que não conseguiam ter uma ereção ou mantê-la. Dois outros sofriam de ejaculação precoce. O quinto era um caso de extrema inibição e falta de conhecimento... o problema dele não estava na incapacidade de levar uma mulher para sua casa, mas sim em como dar o passo seguinte depois que estavam lá, como levá-la da sala ou cozinha para o quarto, depois o que dizer, o que fazer. E tenho a maior satisfação em lhes informar que todos esses casos foram resolvidos a contento.

Janet Schneider interrompeu-a.

— Fez amor com todos eles, Gayle?

— Claro que sim. Está se referindo ao intercuro sexual, não é mesmo? Acabei fazendo-o com cada um. Os terapeutas gostam de dizer que o intercuro não é o objetivo do tratamento. Preferem dizer que é ensinar alguém a entrar em contato com seus sentimentos, aprender a ser íntimo, aprender a encarar o sexo com naturalidade. Tudo isso é verdade. Mas o objetivo final é o intercuro bem-sucedido. Se um homem que era incapaz de concluir o ato sexual chega ao ponto em que pode fazê-lo, assim como quase todos os outros homens, então acredito que o objetivo final foi alcançado.

Janet Schneider ergueu a mão outra vez.

— Só mais uma coisa — disse ela. — O que pode nos falar sobre a transmissão do vírus da AIDS em nosso trabalho? Até que ponto corremos perigo?

— Serei franca: é uma atividade de alto risco — respondeu Gayle.

— O vírus da AIDS, pelo que sabemos, é transmitido pelo esperma ou sangue de uma pessoa contaminada. Pode-se ficar infectado pelo vírus por meio do intercuro sexual ou de uma injeção

intravenosa. Não se contrai a AIDS pelo simples ato de tocar outra pessoa. O vírus não sobrevive por muito tempo no ar ou depois da esterilização. Mas pode sobreviver nos fluidos do corpo e na corrente sanguínea. Por mais arriscado que o trabalho seja, há coisas que vocês podem fazer para se protegerem. Numa reunião de suplentes sexuais em Nova York, sobre o problema da AIDS, participei de um grupo de trabalho que estudou um meio de praticar o ato sexual com mais segurança. Primeiro, não se deve beijar muito profundamente os pacientes, para não haver intercâmbio de fluidos em nenhum momento. Segundo, não permitir a penetração sem que o paciente use preservativo. A suplente deve se precaver duplamente com o uso de um espermicida.

Gayle fez uma pausa e depois continuou, baixando a voz: — Aqui entre nós, não exijo que meus pacientes usem um preservativo, a partir do momento em que sei que fizeram um exame de sangue para pesquisa da AIDS e que o resultado foi negativo. Para mim, o preservativo é inibidor demais, para pessoas que já são inibidas. Muitos terapeutas exigem que a suplente faça um exame depois de cada intercurso sexual. Acho que isso é um pouco exagerado, e o doutor Freeberg concorda comigo. Ele quer que as suplentes sejam examinadas apenas de três em três meses. Seja como for, adotem as sugestões de sexo seguro que apresentei e não terão nada para temer.

Antes que Gayle pudesse continuar, houve outra pergunta, desta vez de Lila Van Patten:

— Eu gostaria de saber uma coisa. Como você, uma suplente sexual, define uma ereção bem-sucedida?

Gayle meneou a cabeça.

— A melhor definição foi formulada por Masters e Johnson, e o doutor Freeberg concorda com eles. Se depois do tratamento um homem que era impotente consegue ter uma ereção e mantê-la, em três de cada quatro encontros, então ele está bem, alcançou a cura. — Ela olhou para o único homem do grupo, Paul Brandon, antes de acrescentar: — Quanto às mulheres que não atingem o orgasmo, concordamos com Masters e Johnson, que consideravam dois orgasmos em cada quatro encontros um sinal de sucesso.

Gayle olhou para as mulheres, esperando por mais perguntas.

Como não houvesse nenhuma, ela disse: — Eu sempre disse a meus pacientes que não sou uma professora. Sou apenas uma parceira, mas uma parceira que sabe um pouco mais do que eles e quer ajudá-los. Alguns pacientes eram advogados e especialistas em computadores. Eu lhes disse que se estivesse com um problema legal ou precisasse falar com alguém sobre computadores, procuraria um especialista para descobrir o que precisava saber. Mas minha especialidade era o sexo. Assim, se eles tinham um problema nessa área, nada mais natural que me contratassem para descobrir mais a respeito.

— Eles sempre confiaram em você?

— Não, nem sempre. Às vezes ficavam ressentidos, porque precisavam de ajuda e sentiam-se dependentes de mim. E também se ressentiam com frequência por contratarem uma parceira temporária, a quem tinham de pagar. Eles sabem que estão pagando ao doutor Freeberg cinco mil dólares pelo tratamento completo. E sabem que ele nos paga setenta e cinco dólares por hora ou cento e cinquenta dólares uma sessão de duas horas. Há ocasiões em que os pacientes não gostam desse aspecto do tratamento. Um deles chegou a me dizer: "Você está na folha de pagamento, Gayle. Não dá para me relacionar com você como sendo uma pessoa que gosta de

mim". Mas isso acabou acontecendo e o mesmo se deu com os outros. Descobri que se eles confiavam no doutor Freeberg, também estavam confiando em mim. Não chega a ser um grande problema.

Ela fez uma pausa.

— O maior problema é a atitude do homem incapacitado sexualmente. A partir do momento em que tem o problema, a cada novo encontro assume o papel de espectador durante o ato sexual, sem qualquer espontaneidade, apenas esperando para observar se alguma coisa vai acontecer, se pode fazer tudo dar certo. Esse é o verdadeiro problema. Como o doutor Masters disse: "Um homem impotente está infinitamente mais traumatizado acima do pescoço do que abaixo do cinto".

"Descobri que a maioria dos distúrbios começou quando o paciente era jovem, provavelmente na adolescência. Nessa ocasião, o jovem compreendeu que não precisava dar ou receber qualquer carícia antes, ou ter qualquer contato, porque podia ficar logo excitado e efetuar a penetração de imediato. Geralmente podia encontrar uma parceira disposta, que achava que o sexo era apenas isso e estava pronta para reforçar seus hábitos perniciosos.

Mas quando o nosso jovem se tornou mais velho, deixou de ter dezenove e chegou aos quarenta anos, descobriu que o treinamento deficiente nas preliminares o estava prejudicando. Os seios de uma mulher não mais o excitavam como antes. Era mais difícil alcançar o excitamento e a ereção. Porque nunca dependia das carícias, apenas do que via e queria, ele deixou de ficar excitado tão depressa. E começou a entrar em pânico. Passou a procurar mulheres mais jovens e sensuais. Quando esse estímulo também deixou de funcionar, todo o sistema sexual do homem desmoronou. Ele se tornou um caso de disfunção sexual.

"Tudo isso pode ser mudado, por meio dos exercícios, levando-se o paciente ao contato com seus sentimentos, para que ele desfrute os prazeres da intimidade. Em nenhum momento os exercícios serão suficientes. Vocês vão aprender, como aconteceu comigo, que devem se comunicar com o paciente durante todo o tempo... não como profissional, mas como ser humano, por meio de constantes carícias, aconchego e sensualidade."

Gayle fez uma pausa, rebuscando a mente para descobrir se havia algo mais a acrescentar. Parecia não haver. Dali por diante, para os suplentes sexuais, só haveria os relacionamentos e suas ações.

— Esta noite começarei a trabalhar em meu primeiro caso em Hillsdale — acrescentou Gayle. — Não será fácil. Envolve um adulto ainda jovem com um problema de impotência que está afetando seu trabalho. Fui informada de que sua impotência deriva de uma preocupação obsessiva de que seu pênis seja muito pequeno.

— E é mesmo? — perguntou Paul Brandon.

Por um instante, Gayle ficou sem saber o que responder, surpresa. Olhou para Brandon, o único homem do grupo. E falou-lhe diretamente, tentando manter a voz sob controle: — Senhor Brandon, não existe o que se poderia chamar de pênis muito pequeno. Tenho certeza de que já sabe disso. Assim, acredito que meu paciente acabará tendo um desempenho tão bom quanto o de qualquer outro homem... inclusive como o seu.

Ainda irritada, Gayle virou-se para as outras mulheres, concluindo:

— Começarão a trabalhar amanhã. Espero que encontrem tanta felicidade em seu trabalho quanto a que tenho experimentado até agora. O doutor Freeberg já lhes desejou boa sorte. Só

posso acrescentar que lhes desejo absoluto sucesso.

Às três e meia em ponto, Suzy encaminhou Adam Demski à sala do doutor Freeberg.

O doutor apertou a mão do primeiro paciente que se apresentara em sua clínica em Hillsdale, havia alguns dias.

Cumprimentou-o cordialmente e apontou-lhe uma cadeira confortável, no outro lado da mesa.

Voltando à sua cadeira giratória, Freeberg sentia-se satisfeito por Demski ter aparecido justamente naquele dia e ainda mais sem atraso. Depois do primeiro encontro, Freeberg tivera dúvidas de que o paciente, que fora encaminhado por um psicanalista de Chicago, aceitasse o tratamento ou mesmo voltasse. Na reunião confidencial, Demski se mostrara constrangido, nervoso, a ponto de ser quase incoerente. Só após um hábil interrogatório é que Freeberg conseguira saber os detalhes da impotência do paciente.

Ao final da primeira sessão, Freeberg encaminhara Demski para os exames médicos completos com o doutor Stan Lopez, o clínico em quem confiava e que pretendia usar em todos os seus casos. O objetivo era descobrir se a condição de Demski era orgânica ou resultante de fatores psicológicos. O médico pessoal de Demski em Chicago informara que não encontrara problemas orgânicos durante os exames preliminares. Mesmo assim, Freeberg precisava ter certeza absoluta e pedir ao doutor Lopez que reexaminasse o paciente. Se o problema tivesse alguma causa orgânica, o doutor Freeberg encaminharia Demski a especialistas que tratariam de sua disfunção sexual do ponto de vista clínico.

Mas, por outro lado, se o problema fosse psicológico, Freeberg planejava aplicar a terapia sexual, utilizando a sua suplente mais experiente.

O objetivo do segundo encontro, naquela tarde, era revisar o relatório do doutor Lopez a respeito do estado físico de Demski e apresentá-lo a Gayle Miller, discutindo com ele o procedimento que seria adotado no tratamento.

Através das lentes grossas dos óculos, Freeberg podia perceber que Demski estava extremamente apreensivo. Demski, um homem um tanto anêmico na aparência, sentou-se irrequieto; seu corpo magro não ficou imóvel por um instante sequer, os olhos fixos no tapete.

O doutor Freeberg passou os dedos por seus cabelos escuros e rebeldes, depois alisou a curta barba grisalha, enquanto verificava mais uma vez o relatório do doutor Lopez. Com seu sorriso mais cativante, ele disse:

— Creio que posso tranquilizá-lo, senhor Demski. Seu distúrbio não é orgânico. O que já é algo por que se deve agradecer. — Ele bateu com os dedos no relatório que se achava sobre a mesa. —

Parece que o doutor Lopez fez um trabalho meticuloso. Pediu inclusive a um excelente urologista, o doutor Gerald Clark, para examiná-lo.

Demski balançou a cabeça e murmurou: — É verdade.

— Vamos analisar juntos as conclusões do doutor Lopez, só para eu ter certeza de que não esqueci nada.

Demski acenou com a cabeça, desconsolado. Freeberg compreendeu que o paciente não se sentia tranquilizado. Ele puxou o relatório do clínico para mais perto de seus olhos míopes.

— Vejo que fizeram testes para conferir a possibilidade de diabetes não diagnosticado. Tal estado poderia prejudicar os vasos sanguíneos e talvez tornar difícil a reação física normal. Mas o

doutor Lopez garante que você não é diabético. Assim, podemos excluir essa possibilidade. Em seguida...

Freeberg fez uma pausa, correndo os olhos pelo relatório.

— ... ele verificou sua condição vascular.

— Vascular? — repetiu Demski, aturdido.

— Como o endurecimento das artérias... as artérias do pênis... que reduziria o fluxo de sangue para a área genital e poderia impedir uma ereção. — Freeberg meneou a cabeça. — Não há nada de errado por esse lado. O urologista, doutor Clark, confirmou isso, ao verificar a pressão sanguínea em suas pernas e pênis.

Demski tornou a balançar a cabeça, cada vez mais infeliz, aparentemente lembrando, constringido, o teste genital. Freeberg sacudiu as duas folhas do relatório.

— Tudo mais parece normal. Você não toma estimulantes nem tranqüilizantes. Não bebe em excesso. Não consome drogas que alteram o ânimo, como cocaína. Nem anfetaminas ou barbitúricos.

E não sofreu cirurgia de próstata ou bexiga. Em nenhuma ocasião houve lesões na área pélvica, nos órgãos genitais ou na medula espinhal. — Freeberg fez uma pausa. — O nível de testosterona está ótimo. Está na casa dos quarenta anos, não é mesmo?

— Tenho quarenta e dois.

— Então sua libido não foi absolutamente afetada. Estou vendo que o urologista achou que não havia necessidade de implantar uma prótese.

— Isso mesmo.

Freeberg largou o relatório em cima da mesa e fitou atentamente o paciente.

— Em suma, senhor Demski, seu problema não deriva de uma deterioração orgânica.

— Mas... mas deriva de alguma coisa.

— Claro que sim. Só que não advém de nenhuma causa física, como acaba de ser confirmado. Ao que tudo indica, seu problema é psicológico e persiste apesar da psicoterapia. É provável que, depois do seu primeiro fracasso, houve mais fracassos e uma incapacidade de se concentrar nas sensações. E algo que acredito poder reverter e normalizar, pela redução de sua ansiedade. Exige apenas a sua cooperação total em cada etapa do tratamento.

— Estou aqui — murmurou Demski.

— O que significa que pode ser ajudado. Como já sabe, a terapia verbal pode ser útil, mas muitas vezes não é suficiente. Submeteu-se a essa terapia em Chicago e está comprovado que não foi o bastante. Por isso é que seu analista recomendou que viesse me procurar, aqui na Califórnia. Trabalharei com você quase diariamente, é claro, mas não estarei sozinho. Serei ajudado por uma suplente sexual, uma mulher especialmente treinada, que o orientará e ensinará, sob a minha supervisão. Já tem conhecimento dessas parceiras substitutas, pelo que ouviu em Chicago e aqui.

Conhece as funções de uma suplente sexual, não é mesmo?

— Eu... eu acho que sim — balbuciou Demski.

— Ótimo. Designei para o seu tratamento a minha melhor e mais experiente suplente sexual. Seu nome é Gayle Miller, uma jovem que deve ajudá-lo, muito simpática e útil. Ela já está pronta para iniciar os exercícios com você.

— Quan... quando?

— Esta noite, às sete horas, na residência dela. Demski estava pálido e assustado.

— Esta noite?

— Isso mesmo. Você está pronto para começar. E agora quero apresentá-lo a Gayle Miller. Ela já conhece seu caso, é claro. Leu a transcrição de nossa primeira reunião e conversamos a respeito.

Ela vai se juntar a nós e participará do resto desta reunião, enquanto lhe explico exatamente o programa que elaboramos e os exercícios que fará com a senhorita Miller.

Freeberg levantou o fone, apertou o botão e chamou: — Suzy, por favor, peça a Gayle Miller para vir à minha sala.

Estamos prontos para conversar com ela.

A tarde chegava ao fim, e as suplentes, inclusive Gayle Miller, já haviam ido para casa. A Clínica Freeberg estava praticamente vazia, à exceção do próprio Freeberg, que guardava seus papéis, e Suzy Edwards, que se encontrava na sala ao lado, tirando cópias dos casos que transcrevera das gravações.

Depois de arrumar tudo, o doutor Freeberg, com sua pasta na mão, esticou a cabeça pela porta da sala da secretária.

— Como estão as coisas, Suzy?

Ela ergueu os olhos das páginas que verificava empurrando para trás as mechas de cabelos ruivos que lhe caíam pela testa.

— Estou quase acabando, doutor. Só falta conferir algumas provas. Já soube que correu tudo bem com as suplentes.

— Eu diria que muito bem.

Suzy pôs a mão nos papéis que estavam em cima da mesa.

— Embora eu já soubesse qual era o seu trabalho, doutor, devo dizer que não podia imaginar como os casos seriam difíceis e fascinantes.

— Concorde com você. São mesmo fascinantes. Jamais me cansei do labirinto humano, da confusão, do conflito, até mesmo do suspense. Tem razão, são casos difíceis, todos eles, mas estou confiante; creio que encontraremos as soluções.

— Tenho certeza disso, doutor.

— Vou sair para jantar. Quando você acabar, deixe as transcrições em minha mesa. E antes de sair verifique se o alarme está ligado e se tudo está trancado. Até amanhã, Suzy.

— Até amanhã.

Depois que ele saiu, Suzy ficou olhando por algum tempo para a porta fechada.

Amanhã, pensou ela. Por que esperar? Ainda havia aquela noite, uma longa noite pela frente.

Rapidamente, concentrando-se, ela acabou de tirar as cópias e conferiu para verificar se tudo estava em ordem.

Depois, sem nenhuma hesitação, estendeu a mão para o telefone. A decisão de falar com Chet ocorrera-lhe enquanto tirava as provas. Só quando a mão estava no fone é que ela hesitou.

Refletiu a respeito do telefonema que estava prestes a dar e tentou imaginar como ele poderia reagir, não apenas à ligação, mas ao que poderia se seguir.

Pensou um pouco sobre Chet Hunter, seu novo namorado, o melhor que já tivera. Lembrou como ele estava ao conhecê-lo.

Fora há um mês, na biblioteca pública de Hillsdale. Ela estava sentada a uma mesa de leitura,

folheando algumas revistas médicas, tentando descobrir mais alguma coisa a respeito do doutor Arnold Freeberg, seu novo patrão. O homem que provavelmente se encontrava na casa dos trinta anos, e certamente não podia ser mais do que cinco anos mais velho do que ela, estava carregando alguns livros que tirara das prateleiras. O único lugar vago era a cadeira a seu lado. Ele sentara, com uma expressão de quem pedia desculpa pelo incômodo. Suzy sentira-se atraída no mesmo instante. Ele era de compleição mediana, cabelos castanhos bem penteados já apresentando entradas, testa larga, meigos olhos castanhos emoldurados por óculos de aros de metal, nariz arrebicado, atitude reservada, mas obviamente um tipo intelectual.

Trocaram algumas frases sussurradas, principalmente sobre livros. Na hora de fechar a biblioteca, ele saíra com Suzy, observando-a de soslaio de vez em quando. No momento de se despedirem, perguntara abruptamente se ela não gostaria de tomar um café. Suzy aceitara, foram tomar o café e iniciaram uma amizade.

O trabalho de Chet não ficara muito bem esclarecido. Dois anos antes ele fundara e ainda dirigia alguma coisa chamada Serviço de Pesquisas Acme. Explicara que era um pesquisador por profissão, descobrindo fatos de incontáveis fontes para escritores, estudantes de pós-graduação, revistas e jornais. Trabalhava na base de remuneração por hora, ganhava muito mal, em nível de subsistência; dava apenas para comer, vestir-se e pagar um apartamento de três cômodos. Suzy perguntara o que ele pesquisava e para quem. Tudo o que era possível e imaginável — quem fora o único presidente dos Estados Unidos solteiro, para um candidato político; qual era a segunda montanha mais alta do mundo, para um autor de livros de viagens; o progresso do processo de clones, para uma revista médica; quantos casos de estupro registrados haviam ocorrido em Hillsdale e Los Angeles durante o ano passado, para um advogado. Ela indagara como ele descobria as respostas e Chet explicara que consultava os livros na biblioteca, correspondia-se com estudiosos de diversos assuntos, entrevistava especialistas — chegara mesmo a estudar e fazer um curso para reservista da polícia de Hillsdale, para ter um maior acesso a material legal para muitos dos seus clientes.

— Um reservista da polícia? — repetira Suzy. — Mas o que isso representa?

— Um policial auxiliar eventual, um agente da reserva da polícia, da mesma forma que um integrante da guarda nacional é reserva das forças armadas — explicara Chet. — A polícia precisa de mais homens. Aceita voluntários. Mas não é fácil se tornar um reservista. O candidato tem de fazer diversos exames médicos, é entrevistado por um psiquiatra; se aprovado, passa a freqüentar a Academia de Polícia de Hillsdale três noites por semana, durante quase cinco meses. Apenas dois em cinquenta concluíram o curso que fiz. A princípio, fui reservista técnico, fazendo trabalho interno, como receber os relatórios na delegacia. Depois, fiz outro curso para a reserva da ativa, sendo treinado em tudo, até no manejo de armas de fogo e nas complexidades do código penal.

Acabei com um uniforme azul e um emblema, uma pistola Smith & Wesson 38, algemas e todo o resto. Trabalho dois turnos de oito horas por mês e recebo quinze dólares mensais. Mas não estou muito preocupado com o pagamento. E a pesquisa direta que me interessa.

— Fez tudo isso para ajudar em suas pesquisas?

Chet refletira por um momento a respeito da pergunta de Suzy.

— Para ser franco, tive outro motivo. O trabalho de pesquisa é apenas temporário, algo para me sustentar até que eu possa conseguir o que realmente quero.

— E o que você quer, Chet?

— Nasci para ser jornalista, e é essa a profissão que desejo seguir. Minha ambição neste momento é me tornar repórter do Daily Chronicle de Hillsdale. É o que mais desejo, a coisa com que estou sempre sonhando. Foi por isso que me submeti a todo esse trabalho para ser reservista da polícia, a fim de poder estar próximo de uma grande história e saber reconhecê-la no instante em que ocorrer. Otto Ferguson, o editor chefe do Chronicle, não tem certeza se já estou preparado para ser repórter. Ele acha que devo primeiro provar do que sou capaz. Continuo tentando, na expectativa de deparar algum dia com a grande história. E se algum dia encontrá-la, tenho certeza de que Ferguson vai me contratar.

A essa altura, ele hesitara, embaraçado, depois acrescentara: — Perdoe-me, Suzy, por falar tanto. Ainda nem perguntei o que você faz. E atriz ou qualquer coisa parecida?

Ela corara.

— Claro que não. Acabei de aceitar um emprego como secretária de um médico.

— Mas bem que podia ser atriz.

Duas noites depois eles haviam se encontrado mais formalmente. Suzy gostava dele. Era o homem mais interessante e atencioso que já conhecera. E presumia que Chet também gostava dela. Na noite seguinte, depois do jantar, ela pedira para ver alguns exemplos do trabalho de Chet. Fora para o seu apartamento de três cômodos, onde tomaram duas vodcas com gelo e acabaram na cama.

Desde então, ela já fora para a cama com Chet mais duas vezes, a última na noite anterior.

Não restava dúvida de que estava apaixonada por ele, porém havia um problema.

Mas Suzy sabia que podia ser superado. Tirou o fone do gancho e discou para Chet, torcendo para encontrá-lo. Ele atendeu de imediato.

— Alô?

— Olá, Chet. Sou eu, Suzy.

— Suzy, eu...

— Se está livre esta noite, Chet, eu gostaria de ir até seu apartamento.

— Fala sério? Mas claro que estou livre! Puxa, Suzy, acho que eu não esperava que me procurasse depois da noite passada. Sabe muito bem quanto quero vê-la.

— E eu também quero vê-lo. Posso ir ao seu apartamento depois do jantar? Entre nove e nove e meia está bom?

— Ficarei esperando, ansioso, Suzy.

Depois de desligar, ela continuou sentada, olhando para o telefone. E pensou: "Eu também estou ansiosa". Aquela noite era muito importante. Todo o seu futuro estava em jogo.

Gayle Miller estava sentada sobre as pernas, no sofá que trouxera de Tucson, pregando um botão no suéter azul de casimira.

O relógio elétrico sobre o consolo da lareira, no lado oposto da pequena mas aconchegante sala de estar do chalé que acabara de alugar em Hillsdale, informava que passavam alguns minutos das sete horas da noite.

Se não estivesse muito assustado, Adam Demski, seu primeiro paciente em Hillsdale, chegaria dentro de poucos minutos.

A imagem de Demski era muito vaga em sua mente, embora tivesse se reunido com ele e o doutor Freeberg por quase uma hora, depois do encontro das suplentes sexuais, naquela tarde.

Conservava a impressão de um homem magro, alto, um pouco encurvado, talvez com quarenta anos, uma expressão submissa.

Uma pessoa hesitante, em todos os aspectos. Com uma preocupação pelo pênis pequeno. Duas mulheres, uma namorada recente e uma prostituta, haviam escarnecido dele. E depois disso fora incapaz de obter uma ereção. Concentrara-se em seu trabalho de contador, em Chicago, e evitara um relacionamento maior com as mulheres. Tentara sair com umas poucas que haviam se mostrado mais gentis, mas isso não ajudara. O pênis permanecera flácido. Ultimamente, perdera também o entusiasmo pelo trabalho. Fora então que consultara um psicanalista; mas a verbalização não resolvera o problema de ereção. Determinado a ajudá-lo, o psicanalista encaminhará-o ao doutor Freeberg. Agora, Adam Demski estava em Hillsdale para voltar ao mundo dos vivos.

A campainha da porta soou.

Apressadamente, Gay le pegou o suéter e a caixa de costura e guardou-os na gaveta da mesinha que se achava ao lado do sofá; depois levantou-se e avaliou-se no espelho da parede. Afofou um pouco os cabelos. Agora sim, tudo estava no lugar.

Ela foi até a porta da frente e abriu-a.

Um homem ainda com aparência jovem, bastante pálido, talvez mais do alto que ela lembrava, mais magro também, estava parado sob a luz amarelada da varanda.

— Eu... sou Adam Demski — murmurou ele, com evidente dificuldade. — Não sei se você se lembra de mim.

— Claro que lembro. — Gay le estendeu a mão, jovialmente. — E caso você tenha esquecido, sou Gay le Miller. Temos um encontro marcado. Pensei que não tivesse simpatizado comigo.

— Eu não...

Demski não continuou, fitando-a firme, mas sem apertar a mão estendida.

Gay le estava acostumada a isso, à imobilidade e ao olhar fixo de espanto, já que já lhe acontecera antes. Imaginava que isso ocorria porque os pacientes criavam uma imagem mental de como devia ser uma suplente sexual. Demski mal olhara para ela no gabinete do doutor Freeberg. Provavelmente esperava uma mulher mais experiente e profissional, jamais uma típica moça americana, atraente e viçosa, que podia ser a namorada de qualquer um.

Ela tornou a estender a mão, e dessa vez Demski apertou-a, muito rápido. Gay le ergueu a mão, pousando-a em seu antebraço.

— Vamos entrar — disse ela, quase que o arrastando para a sala de estar. — É um prazer tornar a vê-lo.

Demski parou no meio da sala, desconcertado. O que ele esperava?, especulou Gay le. Uma decoração de bordel, à base de cetim vermelho?

— É... é muito simpático — balbuciou ele. — Aconchegante.

— Ainda não está decorado direito. Acabei de alugar o chalé e não tive tempo. Trouxe alguns dos meus móveis do Arizona... o sofá, as cadeiras e a cama são peças antigas. Mas já estou comprando o necessário. Haverá mais coisas na próxima semana.

Fique à vontade. Pode tirar o paletó e afrouxar a gravata, se quiser. — Ela apontou para o sofá. — Eu estava esquentando água para fazer um chá. Aceita uma xícara... ou prefere um café ou um refrigerante?

— A mesma coisa que for tomar, senhorita... senhorita Miller.

— Gayle. Vamos ser amigos, Adam. Daqui em diante me chame de Gayle.

Constrangido, ele sentou-se, lembrando depois de afrouxar a gravata, enquanto Gayle ia à cozinha.

Ela voltou pouco depois com uma bandeja em que havia duas xícaras de chá e um prato com biscoitos de chocolate. Adam tirara o paletó e o ajeitara com todo o cuidado no espaldar do sofá.

Estava folheando as páginas do último número da Vogue, sem o menor interesse.

Gayle também sentou-se no sofá, não muito perto dele, e estendeu-lhe uma xícara de chá.

Notou que a mão de Adam tremia ao pegá-la.

— Pelo que me lembro, você é de Chicago — disse ela.

— Nasci lá.

— Em que lugar? Já estive algumas vezes em Chicago.

— Ao norte.

— Mora sozinho?

— Moro. Tenho um apartamento.

— Tem muitas amigas? Ele meneou a cabeça.

— Não... não agora. Ando muito ocupado.

Gayle tomou um gole de chá.

— O que faz quando não está ocupado, Adam?

— Uma porção de coisas. Ponho em dia a leitura. Vejo filmes.

Sou sócio de um clube de videocassete. Aos domingos, durante a temporada, vou às vezes ao futebol americano com alguns colegas do escritório.

Gayle refletiu por um instante para sentir até que ponto podia pressioná-lo.

— Tem algum tempo para uma vida social, Adam? Ele piscou, aturdido.

— Eu... não sei se estou entendendo. Está falando de garotas?

— Você vai a festas? Sai com mulheres para jantar fora?

Ele tomou todo o chá e largou a xícara vazia.

— Eu costumava sair. Não muito. Mas, agora, quase não saio mais. — Adam lançou um olhar de soslaio para Gayle, tentando avaliá-la. — Acho... acho que sabe que tenho um problema. Estava presente quando o doutor Freeberg discutiu o assunto. Conhece o meu problema.

Gayle assentiu com a cabeça.

— E verdade. Talvez a metade dos homens deste país tenha problemas nessa área. A maioria deles trata de reprimi-los, em vez de enfrentá-los.

Ela não tinha certeza da estatística, mas parecia viável.

— É mesmo? — murmurou Adam. — Acho que também preferi não discutir o assunto, por um longo tempo. Mas quando percebi que estava afetando meu trabalho... não conseguia mais me concentrar nas contas antigas... e não procurava novas... pensei que devia haver uma relação.

— E estava certo, Adam. Há uma relação. Se você está com dificuldades sexuais, isso afeta não apenas a vida amorosa, mas todos os setores da vida, a maneira como se relaciona com as outras pessoas e com sua carreira.

— Eu estava tendo também... outros problemas. Tinha dificuldade para dormir. Mas sentia muita vergonha de procurar ajuda, até que um colega do escritório mencionou um grande

analista para o qual mandara o filho. Fui procurar esse analista e ele me ajudou a desabafar, a falar sobre o problema, e finalmente recomendou que eu viesse para a Califórnia por um mês, a fim de fazer um tratamento com o doutor Freeberg. — Adam deu de ombros. — E aqui estou. Mas... não tenho certeza se é possível fazer alguma coisa.

— Pelo menos você foi bastante inteligente e corajoso para tentar. E posso lhe garantir, Adam, que sempre é possível fazer algo. Se trabalhar com o doutor Freeberg e comigo, se aceitar nossas sugestões e não desanimar, tenho certeza de que não vai reconhecer seu antigo eu daqui a um mês... menos de um mês.

Será um homem novo em folha. Estará querendo todas as mulheres durante todo o tempo, e elas também vão querer você.

— É difícil acreditar. Já fez isso para outros homens?

— Diversas vezes. Com pacientes em condições muito piores que as suas. O doutor Freeberg e eu nunca fracassamos.

— Quando começamos? — indagou Demski bruscamente, a palidez ainda mais acentuada.

— Agora. Neste momento, se você estiver se sentindo relaxado.

— Acho que estou tão relaxado quanto jamais conseguirei ficar.

— Havia um ligeiro tique nervoso ao lado de seu olho direito. Ele engoliu em seco. — Eu... eu devo me despir agora?

— Não, Adam — respondeu Gayle, muito séria. — Isso seria precipitação. No momento oportuno, quando estivermos preparados, vamos nos despir. Por enquanto, faremos apenas alguns exercícios simples, totalmente vestidos... e são exercícios muito importantes. Um deles se chama carícia na mão. O outro, carícia no rosto. Podemos começar com a carícia na mão.

— Carícia na mão... O que é isso?

— Exatamente o que diz o nome. Vou me concentrar em suas mãos, me concentrar em tocá-las, massageá-las, senti-las, para deixá-lo relaxado, com uma sensação de prazer, uma noção mínima de intimidade. Eu gostaria de sentar um pouco mais perto para começar, Adam. Você se importa?

— Claro que não. O que quer que tenha de fazer, pode fazer.

Gayle levantou-se, ajeitou a almofada ao lado dele e tornou a sentar; sua coxa mal roçava na de Demski.

— O exercício funciona nos dois sentidos, Adam. Pegarei suas mãos primeiro para mostrar como se faz o exercício. Peça a você para não falar e eu também não falarei. E fique de olhos fechados.

É melhor que não se deixe confundir por qualquer informação visual.

Ele estava visivelmente perplexo.

— Uma informação visual me confundir? Como isso poderia acontecer?

Gayle não sabia direito como explicar a necessidade de ele ficar de olhos fechados. Mas de repente se lembrou de algo.

— Creio que posso lhe dar um exemplo, Adam. Quando eu estava sendo treinada em Tucson, aprendendo a ser suplente sexual, o doutor Freeberg arrumou um parceiro para trabalhar comigo, sob sua orientação. Na primeira vez em que esse parceiro e eu ficamos nus, deixei-me impressionar por sua beleza, pelo seu corpo bem-feito. Embora o doutor Freeberg tentasse me mostrar a importância do foco de sensação... a concentração numa carícia nas costas... eu não

prestava muita atenção, porque não fechava os olhos e admirava a beleza do parceiro ou o que podia ver dele. O doutor Freeberg percebeu o que eu estava fazendo. No mesmo instante tirou um lenço do bolso, dobrou-o e vendou-me, para que eu parasse de me concentrar na coisa errada, passando a focalizar apenas as sensações despertadas pela carícia. O doutor Freeberg conseguiu fazer isso acontecer ao me vendar os olhos. Pode compreender agora a importância de manter os olhos fechados, Adam?

— Eu... eu acho que posso.

— Há outra coisa que você precisa saber. Quando eu começar a tocar em você, será para o meu próprio prazer. Farei isso por mim mesma e por isso não estarei exercendo pressão sobre você ou sobre mim para ter um bom desempenho. Faça por prazer, não pelo desempenho. O efeito da carícia na mão é a satisfação, primeiro para mim e depois para você. O bom ato de amor consiste em primeiro amar a si mesmo e depois aprender a partilhar esse amor com outra pessoa. A partir do momento em que aprender a partilhar seu amor por você mesmo, estará no caminho certo. Isso tem algum sentido?

— Não tenho muita certeza.

Gayle concluiu que falar mais alguma coisa, àquela altura, não adiantaria. Ela só poderia definir melhor o que estava tentando explicar mediante a demonstração.

— Creio que ficará mais claro e terá sentido à medida que continuarmos. Começamos pela carícia na mão. Agora, quero que você se recoste e se sinta confortável; deixe-me pegar suas mãos.

Eu lhe direi quando acabar e depois quero que faça exatamente o mesmo comigo. Entendeu?

— Sim.

— E agora recoste-se, relaxe, feche os olhos, e dê-me suas mãos.

Demski obedeceu, virando-se um pouco para ela, estendendo as mãos, que estavam tremendo outra vez. Gayle pegou-as e colocou-as em seu colo. Os dedos de Demski eram compridos, as articulações grossas, as unhas bem cuidadas. Ela soltou a mão esquerda e envolveu toda a mão direita.

— Procure se concentrar na temperatura das minhas mãos nas suas, e na sensação que você tem quando o acaricio. Agora ficaremos em silêncio.

Os dedos quentes de Gayle subiram suaves pelos dedos de Demski, pelo dorso da mão, até os pêlos do pulso. Lentamente, ela acariciou para baixo, entre o polegar e o indicador, entre todos os dedos ossudos, e contornou a mão inteira. Virou a palma da mão de Demski para cima e recomeçou com as carícias.

Só depois de a mão direita estar inerte e quente é que ela pegou a esquerda, passando a massageá-la, nos dois lados.

Então Gayle pegou ambas as mãos dentro das suas, foi deslocando os dedos, massageando, acariciando, comprimindo.

Após uns vinte minutos baixou as mãos de Demski para seu colo e soltou-as.

— Muito bem, Adam, pode abrir os olhos agora. Conversaremos um pouco. — Ela fitou-o nos olhos. — Como foi? O que sentiu?

— Não sei dizer com certeza. Como posso descrever? Mas me senti muito bem.

Os dedos de Gayle deslizaram por sua mão esquerda.

— Estava consciente de sensações diferentes quando toquei sua mão em vários pontos? Sentiu

pressões aqui... e aqui?

— Claro. Foi muito agradável.

Gayle pôs uma de suas mãos sob a dele.

— Muito bem, agora é a sua vez de fazer a carícia em mim.

Feche os olhos e eu também fecharei os meus. Faça comigo o que fiz com você. Por tanto tempo quanto desejar.

Depois de uma breve hesitação, Demski começou a massagear e apertar as mãos de Gayle. Continuou a fazê-lo com uma intensidade cada vez maior. Quase dez minutos haviam se passado quando Gayle entrelaçou seus dedos nos dele e deteve-o.

— Muito bem, Adam, está ótimo. Pode olhar para mim. Como foi? Experimentou alguma sensação especial?

— Hã... acho que sim. Foi como... como...

Ele não conseguia encontrar a palavra certa. Gayle tentou ajudá-lo.

— Talvez sensual?

— É isso!

— Houve mais — disse Gayle, em tom profissional. — Sentiu minhas mãos macias, fracas ou firmes? Notou que eu tinha um pequeno calo? Notou como são minhas unhas, não muito compridas, mas esmaltadas? E o dorso de minha mão, é liso ou áspero? Para a maioria das pessoas as mãos nada representam, são apenas algo que se usa para se poder comer, escrever, apertar.

Mas há muito mais. O objetivo desse exercício, Adam, é desenvolver e aguçar seu senso de percepção e foco. Quero que saiba mais a respeito de seu corpo e do meu. Quero que conheça o formato e a textura das mãos. Se fizer isso, começará a criar imagens em sua cabeça... e quanto mais sensuais forem as imagens que criar, mais vivo você vai se sentir.

— Tive imagens sensuais ao fazer isso.

— Excelente, Adam. Os contornos de nossas mãos, a suavidade, a textura, todas essas coisas podem torná-lo consciente de si mesmo e de mim, como seres humanos. Ficamos acostumados demais a nós mesmos e aos outros. Mas à medida que tivermos mais contatos, você vai perceber a riqueza e variedades que existem no seu corpo e no meu. Saberá como é diferente tocar os cabelos de minha nuca e tocar os pêlos da virilha. Deixará de se sentir repellido por seu corpo, vai se tornar mais alerta e desperto para cada experiência sensual. Como a carícia no rosto. É o que deveremos fazer em seguida, mas há tempo.

— O que é isso? — indagou Demski, preocupado.

— Apenas tocar o rosto um do outro; tocamos as diversas partes do rosto, de maneiras diferentes, sentindo a estrutura óssea, a pele, a penugem. Sempre achei que a carícia no rosto é uma experiência extraordinária. Alguns pacientes me disseram que isso os fez se lembrarem do tempo em que eram crianças, a ternura com que eram acariciados nessa ocasião. Mas desde então ninguém os acariciava assim. Vamos experimentar, Adam. Primeiro eu o acaricio, e depois você faz o mesmo comigo. Agora feche os olhos.

Ele obedeceu, e Gayle chegou mais perto, levantou as mãos e começou a massagear-lhe a testa, com suavidade, depois fez a ponta dos dedos deslizar pelo nariz e faces, pelos lábios trêmulos, desceu pelo queixo.

Ela repetiu o procedimento várias vezes e encerrou com as duas mãos envolvendo-lhe o

rosto.

— Muito bem, Adam. — Quando ele abriu os olhos, Gayle pôde sentir a respiração quente em seu rosto. — O que você sentiu?

A princípio, ele foi incapaz de falar. Mas acabou sussurrando: — Eu... queria beijá-la. Gayle fitou-o nos olhos.

— E por que não? Pode me beijar.

Demski inclinou o rosto e roçou os lábios contra os dela.

— Era isso o que você queria fazer, Adam?

— Era.

— Ou queria me beijar de maneiras diferentes?

— Hã... não entendo o que está querendo dizer.

— Uma mulher também gosta de ser beijada de outras formas.

Nas pálpebras, na ponta do nariz, no pescoço, no lóbulo das orelhas, nos ouvidos, por trás das orelhas. Alguma vez já fez isso?

— Não.

— Pois faça agora comigo. Beijar pode ser quase tão íntimo quanto o intercuro sexual.

Comece pelas pálpebras.

Ela fechou os olhos e sentiu os lábios nervosos de Demski adejarem em suas pálpebras; depois esperou, enquanto ele dava pequenos beijos em suas orelhas, faces, nariz e queixo. Sentiu-se tentada a agarrá-lo, comprimir sua boca contra a dele, abrir as duas, dar-lhe um beijo de língua. Apenas para relaxá-lo. Mas não sucumbiu à tentação. Seria ir depressa demais, pressionar muito.

Depois que ele acabou, Gayle disse: — Agora é sua vez de me fazer uma carícia no rosto. Os dedos de Demski percorreram seu rosto, hesitantes, explorando, esfregando cada ponto, por alguns minutos. Finalmente ela abriu os olhos.

— Como foi, Adam? Ele sorriu mais relaxado.

— Eu gostei.

— E eu também.

— Foi... hã... sensual.

— Também achei que foi. — Gayle recostou-se. — Muito bem, aí está você. Já concluiu os dois primeiros exercícios. E descobriu que não havia nada de assustador. Talvez tenha até se divertido.

— Reconheço que gostei muito. — Demski inclinou-se para a frente, estendendo a mão para o paletó que estava na encosta do sofá. — Acho que está na hora de eu ir embora. — Ele hesitou por um instante. — O que... o que vamos fazer na próxima sessão?

— Banho nos pés. E depois... — Gayle estava pensando rápido. —

Talvez possamos passar direto para a projeção de corpo.

— Projeção de corpo?

— Nós ficaremos na frente de um espelho de corpo inteiro e diremos o que gostamos e o que não gostamos em nosso corpo.

Ambos estaremos nus.

A expressão de Demski não disfarçou sua preocupação.

— Vamos nos despir? Pensei que tivesse dito que isso só aconteceria mais tarde.

— Na maioria das vezes é assim mesmo. Um pouco mais tarde.

Mas eu estava pensando que seria muito mais fácil para nós dois, o progresso seria mais rápido, se pudéssemos trabalhar juntos sem nada. — Ela examinou seu rosto atentamente. — Como se sente em relação a isso, Adam?

— Eu... não sei...

— Vamos discutir o assunto com o doutor Freeberg primeiro.

— Se fizermos isso... como poderá me ajudar? Gayle exibiu um sorriso enigmático.

— Você verá.

No silêncio do moderno vicariato computadorizado, nos fundos da Igreja da Ressurreição — uma suíte onde o reverendo Josh Scrafield residia e trabalhava —, Darlene Young efetuava de modo eficiente a rotina de preparar o reverendo para o programa de televisão semanal.

Enquanto prendia o colarinho clerical na camisa branca engomada de Scrafield e o ajudava a pôr o paletó do austero terno escuro, Darlene sentiu outra vez o tamanho e a força dele, que a essa altura já conhecia muito bem. Scrafield era um homem fisicamente forte, com mais de um metro e oitenta de altura e musculoso, que considerava seu corpo um templo e fazia exercícios com halteres quatro vezes por semana, sob a orientação de um professor local. Ela sabia, pois Scrafield lhe dissera muitas vezes que seu templo devia ser purificado e fortalecido regularmente, a fim de que pudesse ser uma inspiração para os fracos e frágeis de seu rebanho de adeptos cada vez maior. Ele gostava de dizer que compreendia os medos e desejos de seus seguidores. Era apenas para entender plenamente suas tentações que ele se forçava, como explicava, a submeter-se pelo menos uma vez por semana aos ternos cuidados de Darlene.

Quando se candidatara ao emprego de secretária de Scrafield e fora contratada, Darlene soubera desde o início que teria funções duplas. Não que ela se importasse. Scrafield era solteiro e Darlene há muito que estava divorciada. Quase ao final da casa dos trinta anos, Darlene queria um homem. Scrafield não era desprovido de atrativos. Ao contrário, as sobrancelhas espessas por cima de olhos estranhamente mongóis, olhos pretos ardentes, o nariz arrebitado, o queixo saliente e a voz hipnotizante (uma grandiloquência na fala) provaram ser extremamente sedutores.

Ela se mostrara devotada a ele e a sua generosidade, exibira uma astúcia que se comparava à de Scrafield, o que lhe valera uma promoção a divulgadora e produtora de televisão, permitindo-lhe contratar uma secretária para si mesma. A esta altura, Darlene já não estava tão encantada com o reverendo, mas tentava ignorar sua vaidade, dissimulação e o que julgava ser uma certa falsidade em sua suposta vocação. Ela tinha a impressão de que a verdadeira religião de Scrafield era a ambição de ser alguém.

Ele estava impecavelmente vestido; faltavam apenas as calças, e Darlene foi pegá-las no cabide.

— Ainda não — disse Scrafield. — Sabe que gosto de deixar as calças passadas para vestir no último minuto.

Ela se certificou então do que já sabia há vários meses. Teve certeza do que lhe estava reservado.

Vestido, mas sem as calças, Scrafield encaminhou-se para a imensa escrivaninha, bastante grande para satisfazer qualquer Mussolini.

— Quero repassar o roteiro para esta noite mais uma vez —

acrescentou ele, enquanto sentava atrás da mesa, pegava o roteiro e virava a cadeira em sua

direção. — Você se importa?

— Estou ansiosa para ouvir.

— Se algo soar errado, quero que me diga.

— Claro.

— Muito bem. — Scrafield limpou a garganta. — Vamos começar.

Ela sentou num divã ao lado da mesa, enquanto ele começava a ler, com uma voz mais profunda e teatral do que o normal.

— Irmãos e irmãs — disse o reverendo Scrafield —, mais uma vez recebi informações sobre a última ameaça que de maneira insidiosa e inexorável se empenha em destruir nossas famílias e as próprias fundações do sistema de vida americano.

"Esse tumor canceroso que invadiu as escolas de nossas crianças... as escolas primárias e secundárias... é conhecido como educação sexual. Tais ensinamentos, clamorosos e provocadores, estão sendo impingidos aos nossos jovens sucessores, que ainda não se acham formados.

"Falem com alguém que defende a educação sexual em nossas salas de aula e não em nossos lares e quase sempre se descobrirão falando com alguém que também defende o aborto irrestrito, os perigosos direitos dos gays, o ateísmo e o comunismo.

"Esta noite, meus irmãos e irmãs, quero que ouçam alguns fatos... fatos verdadeiros... que lançam alguma luz sobre a questão da educação sexual.

"Segundo as últimas estatísticas disponíveis, para os jovens entre treze e dezenove anos de idade houve um milhão e cento e oitenta e um mil casos de gravidez em apenas um ano... mais ou menos a metade terminando em aborto e a outra metade levando a nascimentos.

"É evidente que todos esses casos de gravidez indesejada foram provocados pelo tipo de educação sexual que está ocorrendo em todos os estados da América... os ensinamentos, ministrados por instrutores despreparados ou mal preparados, a respeito de todas as questões sexuais, do uso de anticoncepcionais às técnicas sexuais para se alcançar o orgasmo. Isso acontece apesar do que ficou constatado numa recente pesquisa de Yankelovich, Skelly e White, revelando que oitenta e quatro por cento dos pais de adolescentes consultados acham que lhes compete informar os filhos sobre os problemas sexuais, uma responsabilidade que só deve ser assumida por pais zelosos e não por escolas politizadas.

"Quero lhes contar uma história terrível que ocorreu há pouco tempo. Na Escola Secundária de San Marcos, Califórnia, descobriu-se que mais de vinte por cento das alunas estavam grávidas, em 1984. Quando tomou conhecimento do fato, o conselho da escola apressou-se em reavaliar o programa de educação sexual, modificando-o de maneira considerável.

"Quando se sabe da estatística chocante de que quarenta e oito por cento dos estados não têm uma política orientadora para a educação sexual, deixando tudo aos cuidados dos conselhos educacionais locais, então vocês devem compreender que precisam ter uma voz na tomada de decisões a respeito, avisando aos conselhos que estão vigilantes e que responsabilizarão seus membros pelo comportamento pecaminoso que promovem, sob o disfarce de educação sexual.

"Devemos todos agir de comum acordo com o Comitê Feminino por um Governo Responsável, que já processou o estado da Califórnia por gastar dinheiro público em educação sexual subversiva em nossas escolas. Devemos dar as mãos para conter essa corrupção sistemática dos inocentes. Devemos nos tornar também a maioria moral, desta nação

maravilhosa, que teme e ama a Deus."

Scrafield continuou a falar, sem interrupção, e Darlene Young o ouvia, atenta e submissa. Quando acabou, ele largou as folhas e ergueu os olhos.

— O que acha, Darlene?

— Muito bom, muito assustador. As estatísticas são mesmo verdadeiras?

— Pode apostar que sim. E já devia saber disso. Afinal, foi você quem contratou aquele pesquisador, Chet Hunter, para trabalhar para mim. Ele tem fama de exercer sua atividade com perfeição.

— Tem razão. Ele é mesmo bom. Scrafield olhou para seu relógio de pulso.

— Ainda temos quinze minutos ou mais até a limusine chegar para nos levar ao estúdio de televisão. Acho que estou precisando relaxar um pouco antes de entrar no ar. Está com vontade, meu bem?

Ela assentiu com um falso entusiasmo.

— Sabe muito bem que sempre estou.

Enquanto Scrafield abria a cueca, ela se perguntou por que aquela mudança ocorreria, há poucos meses. Ele sempre tivera o hábito, antes de se apresentar na televisão, de levá-la para a cama.

Alegava que precisava relaxar e dava uma trepada rápida.

Mas ultimamente não havia mais cama. Havia apenas aquilo.

Darlene se perguntou se, por ter chegado aos quarenta anos, não seria mais tão atraente para ele. Seus cabelos louros estavam mais descolorados; o rosto, mais flácido; os seios grandes, mais caídos; estava um pouco gorda na cintura e nos quadris. Também era possível que ele estivesse se cansando dela; tornara-se mais impaciente, envelhecera e queria descarregar mais facilmente, sem precisar fazer qualquer esforço.

Ela viu que Scrafield já abria a cueca e se mostrava para o seu prazer.

Sem hesitação alguma e com um sorriso artificial, ela foi se postar de joelhos diante dele.

Pegou o órgão flácido com uma das mãos. Ao fazê-lo, ele murmurou seu comentário predileto, que Darlene já ouvira muitas vezes antes: — Como W.C. Fields costumava dizer: "Nunca bebo água porque os peixes fodem nela".

Depois Scrafield soltou uma risadinha. Habilmente, só com uma das mãos, Darlene começou a excitá-lo. Percebeu que ele fechara os olhos e se recostara na cadeira, enquanto ela baixava a cabeça entre suas pernas.

Após cinco minutos, Scrafield soltou um gemido gutural e em seguida deixou escapar um longo suspiro.

Depois, sentada outra vez em frente a ele, Darlene esperou-o recuperar-se plenamente. Ele inclinou-se para a frente e afagou sua cabeça.

— Bom, meu bem, muito bom. Que achou de mim?

— Maravilhoso. Adoro cair de boca em você.

Scrafield franziu o cenho.

— Sabe que não gosto dessa expressão. Sou contra esse modo de se expressar.

Darlene sentia-se desafiadora.

— É alguma coisa. Como se pode chamar então?

— Apenas um relaxamento antes do grande espetáculo, só isso.

Apenas uma brincadeira.

— Para mim é ótimo, qualquer que seja o nome. Os dois se levantaram.

— E agora me ajude a pôr as calças. O carro deve chegar dentro de cinco minutos. — O reverendo pegou o texto. — Não acha que dei a impressão de ser contra o sexo, não é mesmo?

— Claro que não, Josh. Seu discurso foi saudável. Era obviamente contra o sexo imoral. E agora vista suas calças.

Quando Suzy Edwards chegou à porta do apartamento de Chet Hunter, ele abriu-a no mesmo instante e recebeu-a com um beijo entusiasmado. A televisão estava ligada, e Suzy percebeu que ele queria voltar logo a assistir ao programa.

— Fique à vontade, Suzy. — Ele apontou para o aparelho. —

Preciso assistir até o fim. Mas já está quase terminando.

Desabotoando o blusão de couro, Suzy se perguntou o que tanto atraía Chet na televisão. Ele estava postado à frente do aparelho, refestelado em sua velha poltrona. Largando o blusão, ela foi ver a que Chet assistia. Ele bateu com a mão no lugar a seu lado e Suzy sentou-se.

Um homem bonito, de cinquenta e poucos anos, com um rosto cheio de senador romano, ombros largos, braços musculosos, usando um colarinho clerical e um terno azul-escuro, ocupava toda a tela. Ele fez uma pausa e pegou um copo com água que se achava na mesa ao lado do púlpito.

Suzy reconheceu-o como o reverendo Josh Scrafield, o mais popular evangelista da costa oeste. Ficou carrancuda no mesmo instante.

— Como pode perder tempo ouvindo esse fanático, Chet? Ele é terrível. Um dia encontrei-o por acaso e tratei de me afastar. Ele estava fazendo uma lamentável pregação contra a educação sexual nas escolas.

— Essa é a rotina habitual dele — comentou Chet, sem desviar os olhos da televisão.

— Mas você não precisa perder seu tempo...

— É uma questão de negócios. Ele é um de meus clientes de pesquisas. Encarrega-me de fazer pesquisas ocasionais, quando está procurando material para o seu programa de televisão.

A voz trovejante de Scrafield tornou a se espalhar pela pequena sala. Suzy levantou-se de um pulo e foi desligar a televisão.

— Não posso suportar isso por mais tempo, Chet. Temos coisas mais importantes para fazer.

Chet começou a protestar, mas deu de ombros quando Suzy voltou e se sentou na poltrona grande, a seu lado; depois sorriu e abraçou-a.

— Isso é muito melhor, Suzy. Fico contente com a sua vinda.

A mão de Chet deslizou pela blusa de Suzy, contornando os seios cheios. Ele começou a desabotoar sua blusa. Ela tentou deter sua mão.

— Antes eu queria conversar com você a respeito de uma coisa, Chet.

Mas a mão dele já estava por baixo do sutiã, e seus dedos procuravam pelo mamilo.

— Deixe para depois. Tenho outra coisa que está em primeiro lugar.

— Estou falando sério, Chet... — A voz definiu, enquanto ela sentia os mamilos ficarem túrgidos e deixava que ele a puxasse para seu colo. — Chet...

Suzy sentiu então a ereção dele contra sua coxa e deixou escapar um pequeno gemido. Ele estava tirando sua blusa.

— Podemos conversar depois, meu bem. Quero ir para a cama.

Desta vez será sensacional. Vamos, querida.

A resistência de Suzy sumira, assim como sua blusa. O sutiã se soltou e ela se levantou, cambaleando, puxando o zíper da saia.

Enquanto a saia caía no chão, ela murmurou: — Está bem, querido. Vamos.

Ela baixou a meia-calça, enquanto Chet se despiu rapidamente.

Um minuto depois ela estava na cama, deitada de costas, com as pernas bem abertas.

Observou-o se ajoelhar na cama ao seu lado. Podia ver que ele estava pronto e sua excitação aumentou.

Estendeu-lhe os braços, e ele, num instante, se colocou entre suas coxas roliças.

— Meta logo, querido — balbuciou Suzy.

Ele estava se inclinando sobre ela, procurando a abertura, que não demorou a encontrar. Suzy soltou outro gemido.

Chet começou a penetrá-la, quando de repente engasgou, quase convulsivamente, e começou a ter um orgasmo.

— Oh, Deus! — exclamou ele.

Suzy ficou imóvel, impotente, os olhos fixos no rosto torturado de Chet.

Ejaculação precoce.

Outra vez.

Um minuto depois ele se inclinou para trás, acororado, pronto para chorar. Suzy levantou-se, afagou-lhe a cabeça e saiu do quarto. Ele ouviu o barulho do chuveiro. Ao voltar, ela postou-se a seu lado.

— Oh, Deus, sinto muito... — balbuciou ele. — Peço desculpas.

Estou tão irritado comigo quanto você deve estar.

Suzy passou o braço por seus ombros nus encurvados.

— Não estou zangada com você, querido. Continuo a amá-lo.

— Como pode? — Chet sacudiu a cabeça. — Não sei o que há de errado comigo.

— Talvez eu saiba — murmurou ela, tentando consolá-lo. —

Talvez eu saiba exatamente o que está errado. E conheço alguém que sabe o que pode ser feito, alguém que pode ajudar-nos. Foi por isso que vim aqui esta noite.

Ele fitou-a nos olhos, desolado.

— Como? Como alguém pode me ajudar?

— Por favor, Chet, preste atenção ao que vou dizer. Sabe que comecei num novo emprego como secretária há pouco tempo...

secretária de um médico...

— Você me contou.

— Talvez eu tenha dito também a você com quem estou trabalhando... ou talvez não, porque é um trabalho confidencial.

Seja como for, o homem para quem estou trabalhando é o doutor Arnold Freeberg. Isso faz você se lembrar de alguma coisa?

— Vagamente. Parece que li algo...

— Ele abriu há pouco tempo a Clínica Freeberg, no centro. E um respeitável terapeuta sexual. Treinou seis suplentes sexuais para trabalharem com ele.

Chet franziu a testa.

— Suplentes sexuais? Está falando de mulheres que ajudam os homens... os homens com dificuldades?

— Exatamente. O doutor Freeberg acaba de aceitar quatro ou cinco pacientes. Ele e as suplentes sexuais vão tentar curá-los. Sei de tudo a esse respeito. Passei o dia de hoje transcrevendo as histórias dos pacientes.

Ela começou a relatar os casos, um dos quais tinha um problema idêntico ao de Chet Hunter.

— Ejaculação precoce — disse Suzy. — O doutor Freeberg comentou com a suplente que vai trabalhar no caso: "Este não deve ser difícil. É um dos problemas que se resolvem com mais facilidade". A suplente vai fazer exercícios com o paciente, e eles devem curá-lo.

Pela primeira vez, Chet empertigou-se na cama.

— Suplentes sexuais — murmurou ele —, bem aqui em Hillsdale; suplentes sexuais na pequena e doce Hillsdale.

Suzy ficou desconcertada.

— O que há de tão excepcional nisso?

Chet reagiu com surpresa. Era evidente que sua mente estava em disparada.

— Será que não percebe, meu bem? Esta típica cidade de família americana conservadora não tem suplentes sexuais. Não pode ter.

É uma coisa sem precedentes.

— Ainda não entendi.

Chet levantou-se e começou a pôr a cueca.

— Suzy, essa é uma história e tanto, uma grande história. Se eu fornecer a Otto Ferguson, do Chronicle, uma informação desse tipo, ele pode me destacar para trabalhar na história. E isso pode me trazer a grande oportunidade, o emprego no jornal com que sempre sonhei.

Suzy também estava de pé.

— Esqueça esse aspecto, Chet. É tudo confidencial. Posso ter falado com você, mas ainda sou a secretária confidencial do doutor Freeberg.

— Sei disso. Não se preocupe.

Ela abraçou-o pela cintura.

— Só lhe contei porque acho que pode ajudar a nós dois. Quero que você fale com o doutor Freeberg. Ele o aceitaria como paciente. Vai conseguir curá-lo, e nunca mais teremos problemas.

Chet meneou a cabeça e beijou-a.

— Tem toda a razão, Suzy. Você é maravilhosa. E pode estar certa de que irei conversar com o seu Freeberg. Se ele me aceitar, tudo acabará bem. Mas não sei se tenho dinheiro suficiente para esse tipo de tratamento.

— Não se preocupe com isso, Chet. Posso-lhe emprestar o que precisar.

— Não, obrigado. Posso arrumar o dinheiro sozinho. Deixe tudo comigo.

Ela começou a se vestir.

— Mas vai falar com o doutor Freeberg? O mais cedo possível?

— Você sabe que sim. Não prometi? Pode contar comigo. E

agora vamos tomar um drinque para comemorar. Você e eu, juntos, estaremos nos entendendo perfeitamente muito em breve.

Após concluir a primeira sessão com seu primeiro paciente em Hillsdale, Gayle Miller foi à

Clínica Freeberg, trancou-se numa das três pequenas salas à prova de som que se localizava no porão, e que eram reservadas para a gravação dos relatórios, e descreveu no aparelho tudo o que acontecera em seu encontro com Adam Demski. Depois, deixou a gravação na mesa do doutor Freeberg, para que ele pudesse ouvi-la pela manhã. Saiu e foi ao Market Grill, que ficava ao lado da clínica, a fim de tomar um café e comer um pão de queijo.

Sentada à única mesa vaga junto da grande janela que dava para a rua, ela reconheceu um vulto familiar que entrara e estava procurando um lugar para sentar. Os cinco bancos que havia no balcão da lanchonete estavam ocupados, assim como o resto das mesas. Observando Paul Brandon procurar uma mesa, Gayle não estava certa de que gostaria que ele se sentasse a sua frente, ao recordar seu comentário irritante naquela manhã. Depois, percebendo que ele se resignara a esperar de pé, Gayle abrandou-se. Por um lado, ele era seu colega de profissão. Por outro, era muito atraente... tinha em torno de um metro e oitenta de altura, um corpo forte mas esguio, cabelos escuros desgrenhados que precisavam de um corte, e rosto anguloso. Usava um blazer cinza sobre uma camisa esporte axadrezada aberta no pescoço e uns jeans desbotados.

Ao vê-lo se aproximar, olhando ao redor para descobrir se alguma mesa estava prestes a vagar, Gayle levantou a mão e fez-lhe um sinal. Quando Brandon olhou em sua direção, ela apontou para a cadeira vazia que havia à sua frente.

Percebendo quem era, Brandon sorriu, acenou com a cabeça e fez seu pedido a uma garçonete que passava. Quando ele se aproximou, Gayle tornou a indicar a cadeira e disse: — Se você quiser...

— Claro que quero. Obrigado, Gayle. Eu não estava certo de que você apreciaria minha companhia, depois de nossa pequena discussão hoje.

— Ora, esqueça isso. — Brandon deu de ombros.

— Você me arrasou e eu bem que mereci. — Ele esperou que a garçonete servisse o café puro. — Seja como for, peço desculpas por ter tentado bancar o espertinho. Não é meu estilo. Acho que eu queria apenas chamar sua atenção.

Gayle tomou um gole de seu café.

— Por quê? Para ser franca, tive a impressão de que você me desaprovava por algum motivo.

Fitando-a nos olhos, ele balançou a cabeça com vigor.

— De jeito nenhum! Não foi essa a minha intenção. Eu a aprovo totalmente. Mas, por um lado, você se dirigia com mais freqüência às mulheres, e eu queria que tomasse conhecimento de minha presença. — Brandon hesitou por um instante. — Por outro, eu... hã... observando-a, não pude deixar de indagar como uma garota tão linda, tão desejável, podia... não sei...

— Ir para a cama com homens diferentes?

— Acho que é isso. Sei que é uma besteira, depois de todo o meu treinamento.

— E é mesmo. Afinal, você fez todo o trabalho junto com as nossas outras suplentes.

— Não é a mesma coisa. Elas formam um grupo ótimo, mas você é diferente; é mais jovem, mais viçosa, parece inconcebível que seja uma suplente sexual. Por isso, quando comentou que teria um paciente esta noite... sem pensar, eu quis chamar sua atenção...

talvez inconscientemente desejasse impedir que se envolvesse com outro homem.

— Quaisquer que sejam as suas boas intenções, Paul, quero que saiba que não tenho nenhum problema em me encontrar e trabalhar com homens. Faça isso porque acho que estou realizando

uma coisa boa, ajudando outro ser humano a se tornar saudável.

Ele tomou o café.

— Muito bem. Se queria que me sentisse envergonhado, consegui.

— Só quero que você compreenda minha motivação. Brandon balançou a cabeça.

— E compreendo... eu acho. Dou-me por vencido. E a propósito, como se saiu com seu paciente esta noite?

— Como de rotina, bem. Fizemos a carícia na mão e a carícia no rosto. Ele é muito tímido, por isso estou tentando conquistar sua confiança. E acabei de fazer meu primeiro relatório para o doutor Freeberg. — Ela deu uma mordida no pão de queijo e tomou mais um gole de café. — E por falar nisso, o que você está fazendo aqui a esta hora? Ainda não tem nenhuma paciente, não é mesmo?

— Não, não tenho. E também ainda não tenho um apartamento.

Continuo num hotel de segunda. Vim à clínica para buscar uma lista de possíveis apartamentos que Suzy deixou para mim e acabei me absorvendo na leitura de um livro de psicologia que peguei na biblioteca.

— Livro de psicologia? — repetiu Gayle, com o maior interesse. —

Psicologia é a minha matéria e objetivo. Também é o seu?

— Não sei ainda. Talvez psicologia. Talvez educação sexual.

Neste momento, estou indeciso. Está querendo dizer que o trabalho de suplente sexual não é o seu objetivo?

— Não, Paul, não é. Já estou nisso há algum tempo e não me importo de continuar. Mas há muita tensão no trabalho, como você vai descobrir. Acho que eu ficaria numa posição melhor depois de concluir os estudos. Psicologia sexual seria perfeito, se eu puder fazer a pós-graduação enquanto continuo como suplente sexual. Poderia então permanecer nesse trabalho por um longo tempo, sabendo que estou fazendo algo útil.

— Está me fazendo sentir mais desprezível do que nunca.

— Só estou dizendo como me sinto — respondeu Gayle, muito séria.

— E acredito em você. — Brandon pôs de lado a xícara de café, pegou o cachimbo e suspendeu-o. — Importa-se?

— De jeito nenhum. Há alguma coisa contemplativa e madura num cachimbo.

Brandon riu.

— É justamente esse o objetivo. — Ele encheu o cachimbo e encostou a chama do isqueiro no fumo, observando-a. — Estou curioso, Gayle. Como alguém tão animadora como você tornou-se suplente?

Ela sorriu.

— Acho que foi uma questão de sorte. Não me importo de contar a verdade. Você me parece muito aberto. Tive umas poucas ligações amorosas no colégio. E não pude continuar. Culpava a mim mesma e me angustiava porque não conseguia atingir o orgasmo. Ouvi falar do doutor Freeberg, que acabara de se mudar para Tucson. Fui procurá-lo e conversamos a respeito disso. Ele me sugeriu que experimentasse a automasturbação. Eu nunca tinha feito isso desde a infância. Talvez pensasse que era pecado.

Não era. E foi maravilhoso. Pareceu romper o gelo. Nos dois encontros sexuais seguintes tive vários orgasmos. Sem nenhum problema. Estou chateando você?

— Ao contrário. Estou fascinado.

— E depois me apaixonei por um colega, um jovem introvertido, estudante de história, chamado... oh, Deus, será que já esqueci seu nome?... Era Ted... Ted alguma coisa. Ele era muito inteligente, mas do tipo fechado. Um jovem muito perturbado, mas eu não sabia até que ponto, na ocasião. Ele também se apaixonou por mim. Fomos para a cama, mas isso foi tudo. Não aconteceu nada.

Ele era impotente. Outra vítima da mãe. Esforcei-me ao máximo.

Creio que fomos juntos para a cama seis, sete ou dez vezes. Ele não conseguiu ter uma ereção uma única vez. Seja como for... não quero entrar em detalhes... encontraram-no morto uma manhã.

Havia tomado uma overdose. Um suicídio aos vinte anos. Não dá para descrever como isso me abalou. Tornei a procurar o doutor Freeberg e despejei meus sentimentos. Acabei compreendendo que não fora culpa minha e me recuperei. Entre o episódio e minhas visitas ao doutor Freeberg, uma decisão começou a se formar em minha mente. Disse a mim mesma que a tragédia que ocorrera com Ted nunca mais deveria ocorrer com ninguém, se fosse possível evitar. Eu queria ser útil, ajudar na recuperação de outros homens sexualmente incapacitados. O doutor Freeberg me falara um dia em suplente sexual, e pedi que me explicasse o que isso significava. Ele o fez. E acrescentou que já pensara em me usar como suplente. Tinha alguns casos aparentemente irrecuperáveis e achava que o trabalho com uma suplente sexual poderia resolvê-los. Perguntou-me se eu não estaria interessada.

Claro que eu estava. Ele me treinou e comecei a trabalhar. Era estimulante, mas também ilegal. Quando descobriram, o doutor Freeberg foi obrigado a trocar o Arizona pela Califórnia. Eu estava ansiosa para segui-lo. Ele se sairá muito bem aqui. E eu também. E uma história muito longa?

— Não o suficiente. Uma noite dessas, quando tiver tempo, eu gostaria de ouvir mais. Você é uma mulher muito interessante.

Gayle ignorou a sugestão.

— E você, Paul? Por que está aqui?

— Quer mesmo saber?

— Conte tudo. O que você estava fazendo e onde se encontrava, por exemplo, quando resolveu vir para Hillsdale?

— Tentarei fazer com que seja uma história bem curta. Formei-me pela Universidade do Oregon, em Eugene. Fiz o curso de Biologia. Também tive algumas aulas de educação sexual.

Depois, em razão de um envolvimento com alguém, passei um breve interlúdio em Los Angeles. Voltei para o Oregon e me tornei professor substituto de ciência, ao nível de curso secundário, enquanto tentava decidir o que fazer com minha vida.

Soube que o doutor Freeberg estava precisando de um suplente sexual masculino e me candidatei. Mas sabia que não podia ganhar a vida apenas com isso. Por essa razão, ao mesmo tempo, candidatei-me a uma vaga de professor substituto de ciência no distrito escolar de Hillsdale. Fiz o teste básico de capacidade pedagógica da Califórnia e fui aprovado. Enquanto fazia o treinamento para suplente e esperava o primeiro trabalho do doutor Freeberg, comecei a dar aulas periodicamente. Isso é tudo, Gayle.

— Não, não é tudo — protestou Gayle, que o ouvira atentamente.

— Eu contei por que estou nesse trabalho. Mas você ainda não me explicou os seus motivos. Por que está nisso, Paul?

Ele exibiu um sorriso artificial.

— É o momento da verdade?

— Claro. Prefiro que você seja franco. Por que se tornou suplente sexual?

Ele deixou escapar um suspiro lento.

— Por dinheiro. Tenho algumas economias e não queria que acabassem. Precisava de alguma coisa para complementar o salário de professor. O trabalho de suplente sexual parecia o ideal.

Poderia me ajudar a viver, temporariamente, com o que acontece de maneira natural... isto é, ao mesmo tempo em que me divertia um pouco.

— Nem sempre é divertido, como você vai descobrir quando estiver envolvido. Apenas dinheiro?

— Apenas dinheiro.

— Você é mesmo honesto.

Brandon forçou outro sorriso.

— Neste momento, eu gostaria de não ser. Gostaria de ter um motivo mais elevado.

— Não pense assim. Você é o que é. Para mim, é um pouco difícil encarar a questão como você. acredito sinceramente que estou fazendo uma coisa boa, ajudando os outros.

— E está, Gayle — disse ele, batendo a cinza do cachimbo. — Seus pacientes são muito afortunados por contarem com uma jovem tão bonita e, além disso, devotada.

Gayle pegou a bolsa e a conta. Levantando-se, ela fitou-o atentamente.

— Quer saber de uma coisa, Paul? Não estou certa de que devo acreditar em tudo que me contou... que está fazendo isso apenas por dinheiro. Afinal, você se tornou professor, uma profissão de baixa remuneração. Deve querer ensinar por outros motivos que não apenas o de ganhar dinheiro. Talvez também queira ajudar os outros com essa atividade. O que o levaria ao trabalho de suplente sexual pelo mesmo motivo.

Ela fez uma pausa, fitando-o com uma expressão inquisitiva, antes de acrescentar:

— Isso mesmo, desconfio que há mais do que se vê na superfície.

Levantando-se, ele sorriu.

— Só há um meio de descobrir. Torne a se encontrar comigo. —

Ele inclinou-se rapidamente e tirou a conta da mão de Gayle. — Se você pagar, terá sido apenas um encontro fortuito. Se eu pagar, será o nosso primeiro encontro como amigos. O que me diz de um segundo?

— Telefone-me quando puder. Suzy tem o meu número.

Veremos então. — Ela meneou a cabeça. — Dois suplentes sexuais juntos em seu horário de folga? Parece muito estranho. — Ela tocou a mão de Brandon. — Mas por que não?

E, depois, deixou o café.

CAPÍTULO 3

Era de manhã, e em sua sala, na clínica em Hillsdale, o doutor Arnold Freeberg aguardava, a qualquer momento, a chegada do doutor Max Quarrie, médico e psicanalista de Los Angeles.

No início daquela manhã, depois do desjejum e antes de sair para a clínica, Freeberg recebeu um telefonema inesperado do doutor Quarrie.

Após breves cumprimentos sociais, o doutor Quarrie passara a falar de modo profissional.

— Recebi sua carta, Arnold. Quer dizer então que você já está em atividade?

— Isso mesmo — concordara Freeberg, especulando sobre o que estava para vir.

— Talvez eu tenha alguém para você. Tudo vai depender de vários fatores. Você tem um suplente sexual masculino em sua equipe?

— Tenho um. Plenamente treinado. E creio que muito competente.

— Eu estava me lembrando daquela nossa conversa no seminário a respeito de disfunção sexual, em Buffalo. Você comentou que não era fácil encontrar suplentes sexuais masculinos bem treinados.

— Porque a demanda é mínima, Max. Muitas mulheres com problemas poderiam usá-los, mas na ocasião concordamos que a maioria se opõe ao contato com homens estranhos. No entanto, em vista de recentes indagações que me foram feitas por colegas, cheguei à conclusão de que mais e mais mulheres estão aceitando a idéia, desde que não haja qualquer risco envolvido. Por isso recrutei um suplente masculino, que está agora plenamente treinado. Tem algum caso para mim?

— Tenho, sim, Arnold. Um caso que me foi encaminhado por um clínico amigo. A moça tem um problema. Estou convencido de que pode ser curada. Não por mim, já concluí, nem por um ginecologista. Experimentei isso também. Mas talvez por alguém como você. Eu gostaria de conversar com você em particular e quanto mais cedo, melhor. Quando posso ir à sua clínica?

— Agora, se quiser. Ficarei livre daqui a uma hora.

— Ótimo. Estarei lá dentro de uma hora, e você poderá decidir então se é possível fazer alguma coisa, depois de ouvir o relato do caso.

— Combinado, Max. Terei o maior prazer em recebê-lo.

Freeberg encontrava-se então em sua sala, sentado atrás da mesa, enquanto o míope e roliço doutor Max Quarrie sentara-se no lado oposto, com uma pasta azul no colo. Com a mão livre, ele tirou um lenço do bolso e enxugou a testa.

— A umidade por aqui é terrível, e a viagem de carro não é tão curta assim. — Quarrie tornou a guardar o lenço e estendeu a pasta azul com as duas mãos. — O nome dela é Nan Whitcomb Single.

Nunca foi casada, mas também não é inexperiente. Está beirando os quarenta anos. Feia. Fisicamente saudável. Ficou órfã no início da adolescência e passou a ser criada por uma tia idosa. A tia nunca teve muito dinheiro. Morreu há cerca de três meses e deixou Nan sozinha. Quando já havia gasto quase todo o pouco dinheiro que herdara, Nan compreendeu que precisaria arrumar um emprego para sobreviver. Também precisava de companhia.

Tinha poucos amigos do sexo masculino, mas eles nada representavam. Todas as suas amigas

são casadas e têm família.

— Então ela precisava de um emprego e de um lar?

— Isso mesmo, Arnold. Nunca teve um emprego fixo; limitava-se a trabalhar como caixa, em caráter temporário, em várias lojas, durante o grande movimento da temporada de Natal. Ela é muito boa em números. Começou a ler anúncios de empregos de caixa, encontrou vários, mas não teve sorte. Há aproximadamente dois meses, ela viu um anúncio pedindo uma caixa experiente no principal restaurante de Hillsdale, de propriedade de um homem chamado Tony Zecca, possuidor de uma cadeia de restaurantes.

Não o conheço. Pelo que Nan me contou, no entanto, sei que é um veterano do Vietnam, tem quarenta e cinco anos e é um homem rude. Nan desconfia que ele tem ligações com o crime organizado... apenas uma pequena engrenagem, mas eu diria que foi gente de fora que financiou sua cadeia de restaurantes. Nan candidatou-se ao emprego de caixa no Hillsdale Mall, e ao final de uma tarde o próprio Zecca entrevistou-a, em seu escritório.

Pelo que sei, é um homem baixo, de ombros largos, olhos empapuçados. Foi uma entrevista longa, quase toda de perguntas rotineiras. Durante todo o tempo, Zecca a observava penetrado.

"Nan contou que em determinado momento ele se empertigou subitamente, sem desviar os olhos dela, meneou a cabeça e disse: 'Isso é muito esquisito'. Confusa, Nan indagou: 'O quê, senhor Zecca?' E ele respondeu: 'Você. Parece uma garota que eu conheci. Foi pouco antes de eu entrar para o exército. Ela se chamava Crystal. Eu começara a conhecê-la melhor, ainda não havia nada de íntimo, mas já pensava que gostava dela, quando fui convocado para o Vietnam. Obtive a promessa de que ela me esperaria até eu dar baixa e poderíamos então pensar em casar. Ela concordou. Mas não cumpriu a promessa'. Ela mandou para Zecca uma dessas cartas do tipo 'Caro John', ou como quer que chamem agora, dizendo que lamentava muito, mas conhecera outro homem, iam casar e se mudar para o leste. Zecca ficou amargurado, como não podia deixar de ser. Jurou que nunca mais confiaria em outra mulher. E depois Nan entrou em sua vida.

Zecca disse a ela: 'É estranho como você se parece com Crystal.

Não posso acreditar. É como se ela estivesse voltando para mim'.

Acho que Nan respondeu: 'Sinto-me lisonjeada ao saber que você me acha parecida com alguém que conheceu'.

"A essa altura, já estava começando a escurecer, era quase na hora do jantar. Zecca perguntou a Nan se podiam continuar a entrevista enquanto jantavam, no reservado de seu restaurante."

O doutor Quarrie apontou a pasta azul, abruptamente.

— O resto está aqui. Pelo menos os pontos mais importantes.

Pode ver pessoalmente. E não há pressa. — Ele pôs dois pedaços de goma de mascar na boca. — Importa-se que eu dê uma olhada em sua clínica, enquanto lê?

— Claro que não.

Sozinho, Freeberg balançou para trás a cadeira giratória e abriu a pasta de uma pessoa chamada senhorita Nan Whitcomb — e presumivelmente do senhor Tony Zecca —, e começou a passar os olhos pelas páginas datilografadas de maneira impecável, em espaço dois. Parou em alguns pontos e releu os trechos com mais atenção.

Sempre que estudava um caso escrito, Freeberg tinha o hábito de reconstituí-lo como achava que deveria ter acontecido na vida real. Voltou ao ponto inicial, a parte que relatava a prolongada entrevista de emprego de Nan e seu jantar com Tony Zecca, e começou a reconstituir a cena...

Sentado no reservado, Zecca não estava interessado na comida.

Seu interesse maior era pelos drinques. Nan tomou um drinque, notando, nervosa, que Zecca já estava no quarto uísque escocês.

Suas perguntas sobre as qualificações de Nan para o emprego começavam a se repetir, e a voz se tornava um pouco engrolada.

Ele ficava cada vez menos e menos comunicativo e a fitava mais e mais fixamente, observando o semblante nervoso, o busto que subia e descia.

Súbito, rompendo outro instante de silêncio, Zecca inclinou-se para a frente e baixou a voz ao perguntar: — Você é virgem?

Nan tentou não dar muita importância à indagação.

— Alguma pessoa com mais de catorze anos é virgem hoje em dia?

— Tem toda a razão. Já teve ligações mais sérias?

— Não.

— O que estou querendo saber é se já se apaixonou loucamente por alguém.

— Não... ainda não.

A resposta foi nervosa, mas também um pouco provocante. Ela queria aquele emprego. Precisava muito dele.

— Muito bem. — Uma pausa prolongada. — Acha que pode se apaixonar por mim?

Nan não sabia como controlar a situação.

— É possível. Mas depende.

— Depende do quê?

— Do que está querendo, senhor Zecca.

— Pois vou lhe dizer o que estou querendo.

Ele se comprimia contra a mesa, de tal forma que o espaço entre os dois se reduzira. Nan reparou que ele tinha o rosto largo, nariz de pugilista, braços e peito muito grandes para um homem baixo. Distraído, Zecca terminou o quarto drinque. Ela podia sentir o bafo de uísque em sua respiração quando ele acrescentou: — Vou ser franco com você. Não sou de esconder as coisas.

Gosto de ir direto ao ponto. Foi assim que cheguei aonde estou... uma casa enorme em Sherman Park, cinco restaurantes, muito dinheiro no banco. Sendo franco. Seja franca comigo da mesma forma, e nos daremos muito bem. Está me entendendo?

— Creio que sim.

— Ótimo. E agora vou fazer minha proposta. Preciso de uma caixa, é verdade, inteligente, honesta, de confiança, mas também preciso de uma amiga permanente. Uma mulher simpática que me faça companhia. Cuidarei bem dela, se ela cuidar de mim.

Entende o que estou querendo? Mas há uma regra. Ela tem de ser totalmente fiel. Nada de diversão por fora. Nada de me enganar.

Acha que pode cuidar de mim assim?

Nan estava confusa e com um pouco de medo. Não sabia quanto gostava realmente dele ou mesmo se gostava. Era um homem rude, talvez até mesquinho, mas talvez não. A sua maneira,

estava sendo gentil. Oferecia-lhe tudo de que ela precisava no mundo: segurança, companhia, um lar. Também estava dizendo que gostava dela e queria que pertencesse apenas a ele. Havia virtudes inegáveis.

— O que me diz, menina?

— Eu... acho que posso cuidar de você da maneira como está querendo.

O rosto de Zecca iluminou-se num sorriso de satisfação. Os dentes eram amarelados e irregulares.

— Boa menina. Não precisa se preocupar com mais nada. Tem um lar. Tem um emprego. Tem um namorado. Pode se mudar amanhã.

— Eu... agradeço, senhor Zecca.

— Tony, daqui por diante.

— Tony...

— Qual é o seu nome?

— Nan.

— É melhor você saber que tem um namorado de verdade, Nan.

Relendo o relato do encontro, tentando fazê-lo adquirir vida em sua cabeça, Freeberg virou uma página do relatório e estudou as informações sobre o primeiro encontro sexual entre Nan e Zecca.

Ela se mudara com seus poucos pertences para a casa de dois andares e dez cômodos de Zecca. Fora levada a seu quarto pela empregada, Hilda.

Fora emocionante, todo aquele luxo, aquele maravilhoso casulo, que em parte lhe pertencia. Ela queria ser tão atraente quanto possível em seu primeiro jantar ali.

Zecca chegara em casa às quinze para as oito, cumprimentara-a com um aceno de mão, e dera a impressão de estar satisfeito em contemplar seu vestido justo de jérsei muito usado, suas pernas compridas. Dissera-lhe que estivesse pronta para o jantar às oito em ponto.

Ele tomara dois drinques no início da refeição e depois se concentrara no jornal. A não ser por umas poucas palavras, indagando se ela estava bem instalada e satisfeita, não conversara.

Durante a sobremesa, Nan especulara a respeito do que aconteceria em seguida, o que se esperava dela.

Depois do jantar, Zecca lhe dissera para acompanhá-lo à moderna sala de estar, decorada de forma espalhafatosa.

Instalando-se numa poltrona, ele bateu com a mão no banco ao lado, indicando que Nan deveria sentar-se ali, depois apontou o controle remoto do aparelho de televisão.

— Há dois programas de uma hora a que gosto de assistir todas as noites. São sensacionais, têm muita ação. Você vai gostar.

Ela detestara. A violência era incessante. Entre os programas, ele pedira uísque para os dois. Terminara de tomar o seu e mandara que Hilda servisse outra dose. Nan esforçara-se para beber, mas não conseguia. Ele nem prestara atenção a isso.

À medida que o segundo programa se aproximava do fim, ela fora ficando cada vez mais apreensiva.

O que viria em seguida?

Zecca tomara o último gole de seu drink, levantara-se e espreguiçara-se.

— Muito bem, menina, lá vamos nós. Está na hora de ir para a cama. Não gosto de ficar

acordado até tarde.

Ela sabia que o momento chegara. O primeiro pagamento pelo conforto e pela segurança. Acompanhara-o a seu quarto, que estava escuro.

Esperava que ele a beijasse, acariciasse, preparando-a para o ato. Mas Zecca não se dera a esse trabalho. Enquanto tirava a camisa, gritara para ela:

— O que está esperando? Tire logo as suas coisas. Vamos nos meter na cama.

Hesitava, ela tirara os sapatos de saltos altos, e começara a puxar o zíper do vestido.

— Eu... hã... devo pôr uma camisola?

— Não. — Zecca soltara uma risada. — Quem precisa dessas coisas? Gosto das minhas mulheres peladinhas.

Enquanto tirava o vestido, Nan se virará para observá-lo, encaminhando-se para a enorme cama. Zecca parará à beira da cama para puxar as cobertas. Estava nu e ela tivera a primeira visão real do homem com quem deveria viver. Ele era mesmo musculoso e forte, inclusive na área genital. Nan não fora capaz de decidir se seu pênis estava mole ou ereto. Parecia que estava ereto, mas ela achou que podia ainda estar mole, e apenas dava a impressão do contrário. Zecca subira na cama, olhara para ela e dissera bruscamente:

— O que está esperando, meu bem? Vamos começar logo o espetáculo.

Com os dedos trêmulos, ela abriu o sutiã. E ouvira-o comentar: — Até que você não é das piores em matéria de peitos.

Quase sem respirar, ela baixara a calcinha ordinária de náilon e empurrara-a para o lado com o pé. Tinha uma massa grande de cabelos púbicos e desejava que cobrisse tudo, mas sabia que isso não acontecia e que em breve Zecca veria as dobras rosadas por trás. Com as pernas bambas, ela se encaminhara para a cama.

Ele estava semi-erguido, apoiado num cotovelo, os olhos fixos em suas partes íntimas.

— Um lindo talho — murmurara Zecca. — Acho que acertei na mosca. Muito bem, vamos descobrir.

Ela subira na cama e se aproximara de Zecca.

— Assim é que eu gosto — dissera ele.

Nan fechara os olhos por um momento, esperando por um beijo, um abraço, por mãos que a acariciassem, todas as preliminares. Ao abrir os olhos, no entanto, compreendera que não haveria preliminares.

— Apague a luz, Tony.

— De jeito nenhum. Gosto de ver o que estou fazendo. De saber que vale o dinheiro que estou pagando.

Ela suspirara, embaraçada, enquanto Zecca se ajoelhava por cima, as mãos cabeludas lhe abrindo as pernas.

Nan não conseguia desviar os olhos do que estava apontado em sua direção. Naquele instante ele estava mesmo intumescido.

Parecia um instrumento rombudo.

Enquanto Zecca arremetia contra ela, entre suas pernas, ela rezava para que pudesse ser bom, no final das contas.

Não fora.

A penetração a deixara atordoada. Ainda estava seca, mas ele empurrara com toda a força,

de maneira brutal. Cravara-se nela o mais fundo possível e iniciara os movimentos. A dor a levaria a tentar se desvencilhar, mas ele encarara o movimento como cooperação. As arremetidas se tornaram mais brutais e implacáveis. Zecca parecia um bate-estacas automático. Nan estava toda dolorida por dentro. As nádegas magras doíam.

Fora interminável, uma verdadeira punição, ela pensara que nunca mais acabaria. Mais tarde, no banheiro, ela tentara dizer a si mesma que o desempenho brutal de Zecca fora uma decorrência de seu excitação intenso. Nas ocasiões subseqüentes, ele seria mais atencioso, se preocuparia mais com ela, talvez fosse gentil, à sua maneira.

Lendo a história no relatório do doutor Quarrie, animando-a em sua imaginação, Freeberg refletiu que não lhe era de todo desconhecida. Havia seres humanos no mundo e muitos ainda eram animais.

Ele retomou a leitura e chegou ao sumário feito pelo doutor Quarrie:

"O mesmo fato se repetiu por seis semanas. Não apenas Zecca era insaciável de seu desejo sexual, mas também em cada episódio subseqüente ele foi tão incon siderado quanto no primeiro dia, e cada vez tornava-se mais brutal. Segundo Nan, a dor sofrida durante essas relações era quase insuportável. A medida que os intercursos foram se tornando mais prolongados, como era inevitável que acontecesse, Nan via-se obrigada a morder o lábio para sufocar os protestos — e mordida até sangrar. Ela chegou a um ponto em que não podia mais agüentar e começou a gritar durante o ato sexual. Zecca, em sua extrema insensibilidade, interpretou os gritos como sinais de excitação e ficou tão satisfeito quanto uma criança que ganha um presente. Demonstrou seu prazer ao dar a Nan um modesto aumento de salário e depois de um mês presenteou-a com um colar dourado.

Recentemente, segundo Nan, após terminar a relação sexual, ele se deitou de costas ao seu lado, resfolegando, e disse: 'Gosto de você. E gosto muito. Vou ficar com você para sempre. Não quero que se meta com nenhum outro homem. De jeito algum. Se você fizesse isso, eu acabaria descobrindo. E poderia matá-la com a maior facilidade. Matei muita gente no Vietnam. Matar é fácil, se alguém tenta liquidar você. Se algum dia me traisse, eu mataria de novo. Por isso, trate de se comportar'.

Nan alega que respondeu: 'Claro que vou me comportar. Estou com você, Tony. Sou toda sua'.

E ele arrematou: 'Boa menina' "

Lendo isso, Freeberg estendeu a mão para a mesa, à procura do pacote de cigarrilhas, tirou uma e acendeu-a. Fumando, ele continuou a ler, esperando deparar com a cena que sabia ser inevitável. E não demorou a encontrá-la. Leu e releu a descrição.

Dramatizou-a em sua mente.

Acontecera há duas semanas, ou melhor, menos de duas semanas.

Eles estavam na cama, à noite. Zecca abrira as pernas de Nan e sem qualquer preparativo arremetera contra ela com o membro rígido, pronto para penetrá-la, como sempre — só que dessa vez não entrara.

Empurrando com toda a força de que era capaz, ele tentara penetrá-la. Não conseguira.

— Ei, mas que porra está acontecendo? — indagara Zecca. — Qual é o problema? Não estou feniando no lugar certo?

— Está sim. Continue, Tony, por favor.

Ele tentara outra vez, mas não conseguira. Práguejara em sua frustração.

— Você está trancada como a porta de um cofre. O que está acontecendo?

— Não sei. Não estou fazendo nada para impedir. Tento me abrir para você, como sempre.

Determinado, Zecca arremetera contra ela pela quarta vez. E não adiantara.

— Vamos descobrir o que está acontecendo — murmurara ele.

Zecca levantara a pélvis de Nan, colocando as mãos sob suas nádegas. Retirara uma das mãos e enfiara três dedos nela.

— Parece que agora está tudo certo. Vamos descobrir.

Ele a largara na cama e tentara pela quinta vez forçar a penetração. Não conseguira avançar mais que dois ou três centímetros.

— Alguma coisa está errada. O que está sentindo?

— Parece muito apertado, Tony. E dói um pouco. Talvez seja alguma coisa orgânica.

— Alguma coisa o quê?

— Orgânica. Física. Há algo errado comigo. Talvez seja melhor eu consultar um médico amanhã.

— Você tem um médico?

— Um ginecologista. Ele deve saber qual é o problema. Zecca concordara.

— Faça isso, meu bem. Descubra o que a está afligindo. E ponha tudo nos eixos. — Ele olhara para seu membro murcho. — E como vamos fazer esta noite?

— Eu... eu ainda posso fazê-lo feliz.

— Então cuide logo disso.

Ela estendera a mão por entre as pernas de Zecca, a fim de segurar seu membro e deixá-lo feliz. Mas antes que pudesse fazê-lo, ele lhe puxara a cabeça e a comprimira entre suas pernas.

Fechando os olhos, Nan abriu a boca e se pusera a trabalhar.

Terminando a página, revivendo a cena da história de Nan Whitcomb, Freeberg murmurou para si mesmo: — Pobre mulher...

Ele concluiu a leitura do relatório e largou a pasta azul em cima da mesa, a fim de aguardar a volta do doutor Max Quarrie.

Para sua surpresa, descobriu que o doutor Quarrie já retornara à sala e estava sentado à sua frente.

— E então, Arnold, o que acha?

— Não resta a menor dúvida de que se trata de um caso de vaginismo, de forma extremada. Não creio que ela tenha alguma fobia em relação ao coito. Está tendo espasmos musculares na região para evitar o intercuro sexual com ele.

— Confirma meu diagnóstico e o do ginecologista — comentou o doutor Quarrie. — O problema é o seguinte... acha que pode fazer alguma coisa? Não posso ajudá-la apenas pelo poder da palavra.

Desconfio que será preciso algo mais.

— Tem razão. — Freeberg pensou em seu único suplente sexual masculino, Paul Brandon, que aguardava a primeira paciente. Ele a teria agora. — É um caso de encomenda para nós. Eu e um suplente trabalharemos com ela. Tenho certeza de que poderemos ajudá-la. Quando posso vê-la?

— Agora mesmo — respondeu o doutor Quarrie, levantando-se. — Ela está esperando em

meu carro. Vou chamá-la.

Chet Hunter não conseguiu marcar uma reunião com Otto Ferguson, o editor chefe do Chronicle de Hillsdale, antes do final da manhã. Desde que recebera a informação sensacional de Suzy na noite anterior, a grande história — e a grande oportunidade — se avolumava em sua cabeça, e ele estava ansioso para oferecê-la a Ferguson. Por mais indiferente que o editor chefe parecesse, por mais cético e negativo, Hunter tinha certeza absoluta de que poderia entusiasamá-lo com a história.

Depois de esperar por um longo tempo, Hunter finalmente foi chamado à sala envidraçada de Ferguson.

Ficou olhando para a careca do homem, que estava inclinado sobre alguma matéria. O editor chefe do Chronicle acabou levantando a cabeça e fixou os olhos empapuçados de são-bernardo no visitante.

Muito nervoso, Hunter instalara-se na beira da cadeira de espaldar reto, à frente de Ferguson.

— Muito bem, Chet, o que o traz aqui desta vez? Quer nos vender uma informação exclusiva de seus amigos da polícia? Ou do reverendo Scrafield? Ou uma pesquisa que você andou fazendo?

— Não quero vender nenhuma pesquisa. Desta vez trago uma história... uma história completa.

— É bom que seja algo muito melhor do que as coisas que tem nos oferecido até agora.

Hunter foi enfático:

— É maior do que qualquer coisa que eu já tive. Uma história sensacional.

— É mesmo? — Ferguson manteve sua máscara de ceticismo. — Muito bem, meu rapaz, pode começar a falar.

Hunter respirou fundo e alteou a voz, como se estivesse lendo uma manchete em letras garrafais:

— Exclusivo do Chronicle.

"OPERAÇÃO DE SUPLENTES SEXUAIS TOMA CONTA DE HILLSDALE!"

— O quê?

— Exatamente o que eu disse. Descobri na noite passada. Uma fonte de toda a confiança. Suplentes sexuais treinados de várias partes do país começaram a trabalhar hoje para uma nova clínica sexual que foi aberta em nossa linda cidade. Sabe o que são suplentes sexuais?

— Já sabia quando você ainda estava mijando nas calças. — Um lampejo de interesse insinuou-se no rosto do editor. Era como se ele estivesse monologando. — Suplentes sexuais em Los Angeles, Chicago, Nova York, era de esperar. Na pequena e pura Hillsdale, nunca. Tem certeza?

— Absoluta, Otto. E posso provar.

— Fale-me a respeito disso.

Muito excitado, sem revelar o nome e o cargo de Suzy Edwards, Hunter contou a Ferguson sobre a nova Clínica Freeberg, o doutor Arnold Freeberg, os seis suplentes sexuais que estavam na cidade para trabalhar.

— Estão neste momento em Hillsdale. À solta em Hillsdale. Não é uma mera notícia, mas uma história sensacional.

— É possível... é bem possível — admitiu Ferguson. — Mas depende. Como você poderia descobrir toda a história?

— Entrando lá. Tornando-me um paciente. Conversando com o doutor Freeberg como se fosse um paciente. E trepando com uma de suas suplentes sexuais pagas. É depois denunciaria toda a história. Você teria manchetes para várias semanas.

— Uma operação excitante — murmurou Ferguson, meio para si mesmo. — É verdade, seria a melhor maneira de tratar a história. E não resta a menor dúvida de que pode ser uma coisa sensacional. Ele pensou por um momento, franzindo o cenho.

— Mas vejo alguns problemas, especialmente um. Se você se apresentasse como paciente, um terapeuta profissional como Freeberg logo perceberia tudo. Não iria muito longe se simulasse.

— Ferguson estreitou os olhos, fixando-os em Hunter. — Ou será que você não estaria simulando... e realmente precisa do tratamento?

O rosto de Hunter ficou ligeiramente avermelhado.

— Não se preocupe com isso, Otto. E não me peça para explicar como vou fazer. Digamos apenas que eu poderia me qualificar.

Mas o problema é que não disponho do dinheiro necessário para pagar o tratamento de uma suplente sexual.

— De quanto estamos falando, Chet?

— Cinco mil na ficha.

— É um bocado de dinheiro.

— Pense em nossa história, Otto. As PROSTITUTAS MAIS BEM PAGAS DO PAÍS ESTÃO AGORA EM HILLSDALE! O que acha disso?

— De qualquer forma, o dinheiro não chega a ser um empecilho quando a história é mesmo sensacional.

— Pois então vamos começar logo.

Mas Ferguson ainda estava hesitante. Recostou-se em sua cadeira, pensando.

— Há mais uma coisa... outro problema... É uma história bastante obscena para um jornal familiar como o nosso, Chet... a menos...

— A menos quê?

— ... a menos que possamos passá-la de uma simples denúncia para um dever cívico do jornal... uma questão política, uma cruzada para limpar Hillsdale. — Ferguson pôs-se a meditar em voz alta. — A prostituição é a profissão mais antiga do mundo. Temos agora a profissional mais nova do mundo, a suplente sexual, que também é paga para entregar seu corpo, sob o disfarce de uma cura. Se pudéssemos converter numa campanha da comunidade...

Talvez seu amigo, o reverendo Josh Scrafield possa se interessar, como parte de sua campanha de limpeza permanente...

— Posso atrair Scrafield em um minuto, Otto. Depois que ele souber da história, ninguém vai conseguir segurá-lo.

— ... e há mais uma coisa, o elemento que arremataria tudo permitiria que a história fosse publicada. Se você conseguisse que Scrafield pressionasse o promotor público, Hoyt Lewis, denunciando toda a operação secreta, se o promotor indiciasse o tal doutor Freeberg por proxenetismo ilegal pelas leis estaduais, se uma das suplentes sexuais fosse indiciada pela prática

da prostituição ilegal... e os dois fossem levados a julgamento... poderíamos partir daí. Teríamos um caso criminal, uma história política, uma matéria de virtude cívica. Os exemplares de cada edição não parariam nas bancas. Mas, primeiro, Chet, você precisa conseguir o apoio de Scrafield e Lewis. E, depois, tem de se infiltrar nas operações de Freeberg e conferir tudo pessoalmente. Acha que pode fazer tudo isso?

Hunter já estava de pé, apertando a mão de Ferguson.

— Se posso? Espere só, Otto! Conseguirei tudo mais rápido do que uma bala. Pode começar a imprimir minha assinatura para as matérias!

Só no início daquela tarde, enquanto escutava Chet Hunter no gabinete computadorizado nos fundos da Igreja da Ressurreição, foi que o reverendo Josh Scrafield encarou seu pesquisador eventual com algum respeito.

Até então, Scrafield sempre considerara Chet Hunter com um leve desprezo, um intelectual insignificante, pálido e assustado.

Havia um ano, quando Scrafield planejava sua campanha contra a insidiosa educação sexual que invadia as escolas públicas; Darlene descobrira Hunter e sugerira que o jovem pesquisador poderia ser útil na busca de fatos. Com alguma relutância, Scrafield contratara o rato de biblioteca, a toupeira.

Mas naquele momento Scrafield tomava conhecimento de outra faceta do seu pesquisador. Pois Hunter, ao revelar seu conhecimento das atividades do doutor Freeberg e das prostitutas que ele trouxera para corromper a pureza de Hillsdale, demonstrava possuir um lado humano. Como o próprio Scrafield, o jovem Hunter tinha alguma compreensão da luxúria e de como esta podia destruir o paraíso.

Depois de entender qual era o plano de Hunter e qual seria a sua participação na história, Scrafield marcou logo uma reunião dos dois com Hoyt Lewis, o esperto promotor público de Hillsdale.

Ele levou Hunter para o imponente gabinete do promotor, de chão de mármore, que se situava no prédio da prefeitura. Scrafield sentia-se à vontade na reunião. Por um lado, Hoyt Lewis era um homem tão esperto e perceptivo quanto ele. Apesar do bigode irregular e ruivo e da tendência à obesidade, ressaltada pelo hábito de cruzar as mãos sobre a barriga estufada, Lewis era um homem acima dos demais, determinado a subir na vida. Era bastante confiante para usar uma gravata preta muito estreita. Pertencia a uma das melhores famílias de Hillsdale (dizia-se que a família possuía uma casa em Malibu e outra em Palm Springs) e tinha uma compreensão profunda das necessidades e anseios das massas. O promotor público tinha a capacidade de se comunicar com os camponeses e ser popular entre as camadas mais baixas da população, no que era parecido com Scrafield.

Assim que Scrafield e Hunter entraram na sala, Hoyt Lewis levantou-se para lhes apertar a mão, apontando para um sofá de couro. Depois que eles se sentaram, Lewis acomodou-se em uma cadeira giratória, parecendo transbordar.

— E um prazer recebê-los, senhores. — O bigode de Lewis levantou-se para revelar os dentes brancos e regulares. Ele se mostrava tão cordial quanto um anfitrião num jantar. — A que devo a honra desta visita?

Enquanto Hunter parecia se encolher interiormente, Scrafield ficou satisfeito com a formalidade atenciosa. Ele olhou para Hunter e depois para Lewis, antes de começar: — Vamos

falar bem claro, Hoyt. É um problema importante que, na minha opinião, merece sua atenção imediata. — Ele apontou o polegar para seu companheiro. — Chet Hunter é um grande pesquisador. Tenho acompanhado seu trabalho pessoalmente. Ele foi me procurar por uma questão de dever cívico, com as informações mais estarrecedoras sobre os programas que os liberais estavam instigando para contaminar nosso sistema escolar. As informações eram acuradas e pude aproveitar muita coisa, de maneira eficaz, em meus programas semanais na televisão.

Hoyt Lewis balançou a cabeça.

— Minha esposa e eu somos espectadores regulares de seus programas. Eles têm contribuído de forma considerável para o nosso trabalho de manter a comunidade limpa.

— Obrigado, Hoyt. Mas agora o dinâmico senhor Hunter descobriu algo muito mais perverso e perigoso para a nossa comunidade. Minha luta contra a indecente educação sexual nas escolas empalidece diante da sórdida poluição que Chet Hunter descobriu.

A curiosidade de Hoyt era evidente.

— Estou ansioso para saber do que se trata, senhor Scrafield. Por favor, continue.

O reverendo meneou a cabeça.

— Creio que seria melhor o próprio Chet repetir tudo o que me contou. Pode falar, Chet. Não esconda nada.

Hunter respirou fundo, determinado a se expressar da maneira certa, pois havia muita coisa em jogo.

— A história é sobre a Clínica Freeberg, inaugurada há pouco tempo, e que está situada a cerca de dois quilômetros daqui. Sabe alguma coisa a esse respeito?

— Tenho conhecimento de sua existência — respondeu Lewis. — A mais nova instalação médica de nossa cidade.

— Mas a clínica é diferente de qualquer outro estabelecimento médico da comunidade — declarou Hunter, enfático. — O doutor Arnold Freeberg é terapeuta sexual. Não há nada de intrinsecamente errado nisso, a não ser o fato de que ele usa suplentes sexuais como assistentes.

Hunter sabia que contava agora com a atenção total do promotor público. Relatou o que sabia, sem omitir qualquer detalhe. Hunter descobriu que o doutor Freeberg fora obrigado a deixar o Arizona por violação da lei e pensara na Califórnia, uma terra de liberdade, como um campo fértil para suas práticas suspeitas. Freeberg contratara cinco mulheres e um homem, segundo um informante de confiança que trabalhava na clínica, para tentar reabilitar pessoas com problemas sexuais, mediante o uso de seu corpo, propondo até o intercuro sexual.

Um tanto ofegante, Hunter concluiu sua história fantástica, enquanto Hoyt Lewis escutava, obviamente surpreso e fascinado.

No instante em que Hunter terminou, o reverendo Scrafield apressou-se em declarar:

— Hoyt, o que trouxeram para Hillsdale é pura e simplesmente proxenetismo e prostituição, sob o disfarce de terapia. O que Freeberg está praticando todos os dias, com suas mulheres de bordel, é um desafio às leis do nosso estado. Se prometer que vai agir contra essa afronta, assim que tiver as provas...

— Como posso obter as provas? — interrompeu-o Lewis.

— Por meu intermédio — disse Hunter. — Posso descobrir tudo. Eu me alistaria no programa de suplentes sexuais do doutor Freeberg como paciente...

— E poderia passar por paciente? — indagou Lewis.

— Sem a menor dúvida — garantiu Hunter. — Confie em mim.

Posso entrar lá, observar e participar, manter um registro permanente, que depois lhe entregaria. E seria a sua testemunha principal.

— Minha testemunha principal? — Lewis torceu o nariz. — Não sei... Normalmente isso exigiria uma investigação por meio de um agente secreto da polícia. Ele estaria com um gravador escondido, entraria em contato com uma das mulheres...

— Sou um membro da reserva da polícia de Hillsdale, senhor Lewis.

— Ele se alistou e fez o treinamento cumprindo o seu dever cívico — acrescentou Scrafield.

— E para ajudar em minhas pesquisas — arrematou Hunter, com absoluta franqueza.

— Reserva da polícia... — murmurou Lewis, levantando-se. — Deixem-me verificar.

Ele foi até sua mesa, examinou algumas pastas, descobriu a que procurava e abriu-a.

— Quando você e o reverendo Scrafield marcaram uma reunião, eu nada sabia a seu respeito. Resolvi verificar se tínhamos a sua ficha. E encontrei-a. Dei uma olhada, mas não atentei para esse detalhe de reserva da polícia. Confirmei agora. Você é membro oficial de nosso aparelho policial. Como agente da reserva, com três anos de treinamento, pode se qualificar a ser testemunha de quaisquer acusações que apresentarmos. Pode ser realmente a testemunha-chave da acusação.

Ele largou a pasta na mesa e voltou para sua cadeira. Ficou em silêncio por um momento, absorto em seus pensamentos.

— Antes de qualquer indiciamento e mandado de prisão, eu precisaria fazer alguma pesquisa. O assunto não é novo na Califórnia. Já li notícias sobre o uso de suplentes sexuais em outras partes do estado. — Ele fez uma pausa. — Por que será que isso nunca foi contestado?

Scrafield soltou uma risada desdenhosa.

— Porque elas se apresentam como autênticas assistentes de terapeutas legítimos. Ninguém quer cair nesse atoleiro. Todos têm medo de enfrentar essa gente. Mas não tenho a menor dúvida de que tais pessoas devem ser detidas, fichadas, indiciadas e levadas a julgamento por violação do código penal da Califórnia.

— Ainda assim, é um pouco arriscado — insistiu o promotor público, cauteloso. — Não estaríamos lidando com um caso criminal claro e inequívoco. Teríamos de redefinir e reinterpretar as leis que regem o proxenetismo e a prostituição, talvez fixar um precedente judicial. Mas parece possível consegui-lo. Apesar disso, se eu ficasse convencido de que houve violação criminal, ainda assim avisaria o doutor Freeberg antes de indiciá-lo, ia oferecer a oportunidade de suspender suas práticas, depois que tivesse as provas necessárias.

Hunter não permitiu que seu entusiasmo fosse arrefecido pela hesitação do promotor.

— Se Freeberg desistisse, seria uma vitória para seu gabinete — disse ele. — E se se recusasse a parar, teria um motivo legítimo para levá-lo a julgamento. Tudo o que posso garantir é que, se optar pelo processo criminal, obterei todas as provas de que precisará e serei testemunha de acusação.

— E muita generosidade sua — disse Lewis. — Mas quero pensar mais sobre isso, antes de entrarmos em ação.

O reverendo Scrafield virou-se para Hunter.

— Obrigado, Chet. Importa-se de sair e ficar no corredor por um momento? Eu gostaria de

conversar a sós com o senhor Lewis.

Um assunto particular. Irei encontrá-lo num instante.

Hunter lançou um olhar esperançoso na direção de Scrafield, acenou com a cabeça e deixou a sala.

Scrafield esperou que a porta fosse fechada antes de se levantar e ir ocupar a cadeira que se achava ao lado do promotor público.

— Preciso conversar com você em caráter confidencial, Hoyt.

Espero que tenha um momento para me conceder.

— Estou a seu dispor, senhor Scrafield — respondeu Lewis, inclinando-se para a frente, atento.

— Eu queria lhe falar sobre o seu futuro, Hoyt. Sempre achei... e algumas outras pessoas importantes nesta comunidade concordam comigo... que você é grande demais para o cargo que ocupa. Não estou desdenhando sua posição, mas você está qualificado para algo maior. Tem todas as condições para galgar cargos políticos mais importantes.

— Agradeço suas palavras — murmurou Lewis, com a modéstia apropriada —, mas posso lhe garantir que nunca pensei por um momento sequer em ocupar outro cargo... ou um cargo mais importante, como disse.

— Mas deveria, Hoyt, deveria. Hillsdale é um ótimo lugar para ser bem-sucedido. Mas o estado da Califórnia é melhor ainda... e um papel de destaque na Califórnia pode levá-lo a funções importantes na esfera nacional. Deixe-me repetir: um cargo mais importante e melhor no estado pode ser seu, se quiser.

— Vamos supor que eu esteja interessado nisso. Não creio que esteja à minha disposição. Sou uma personalidade local, um homem quase desconhecido fora desta comunidade, que é relativamente pequena.

Scrafield inclinou-se para a frente.

— E exatamente aonde eu estava querendo chegar, Hoyt. Você está em condições de se tornar conhecido em todo o estado, da noite para o dia. Pode ter o eleitorado a seus pés.

Hoyt Lewis estava genuinamente perplexo.

— Como?

— Apoiando Chet Hunter, bancando o que ele ofereceu e o que eu ofereço. Ele pôs em suas mãos uma questão explosiva, uma autêntica bomba pública. A questão das suplentes sexuais.

Prostitutas disfarçadas em curandeiras para poderem, de maneira insidiosa, invadir e solapar nossa sociedade.

O promotor público ouvia compenetrado.

— Acredita mesmo que o público daria muita atenção ao assunto?

— Aceite a minha palavra, Hoyt, confie em meu conhecimento a respeito do público. Sei quais são os problemas que mexem com os nervos das pessoas. Sei o que influi. Tenho um instinto para as preocupações públicas. E por isso que minha audiência aumenta a cada semana e meus índices sobem todos os meses. Confie em mim.

— Mas é claro que confio, senhor Scrafield! — Lewis apressou-se em dizer.

— Assim que Hunter receber a luz verde para obter as provas, depois que entregá-las a você e à imprensa, depois que eu divulgar o escândalo pela televisão, poderá processar os responsáveis e será impossível perder. Vamos despertar as pessoas desta comunidade. Seu nome estará na

boca de todos. Terá um apoio público unânime e uma total atenção. Não se trata de uma questão nebulosa e incompreensível como déficit fiscal, orçamentos ou algum problema menor de crime organizado. É uma questão de suplentes sexuais, ameaçando cada esposa, mãe e namorada, até onde a vista pode alcançar. É uma matéria para as manchetes dos jornais e os principais noticiários da televisão, Hoyt. É o caminho para o sucesso.

— Tem certeza?

— Se sei o que isso pode fazer por mim, sou duas vezes mais positivo sobre o que pode fazer por você. Sempre achei que você poderia se tornar procurador geral do estado e depois governador, se tivesse o trampolim certo para lançar sua imagem por todo o estado. A questão das suplentes sexuais é esse trampolim. Um julgamento vigoroso dessas prostitutas e de seu proxeneta médico vai promovê-lo a astro. Pense nisso, Hoyt. Terá o meu apoio pela televisão. Terá o apoio de Ferguson no Chronicle, na primeira página. E teria Chet Hunter como seu cavalo de Tróia dentro do bordel do inimigo, obtendo os fatos diretamente. E eu estaria ao seu lado do princípio ao fim, Hoyt. Está me entendendo?

O promotor público permaneceu em silêncio por um momento, olhando distraidamente para o tapete, com um ar solene. Por fim, levantou a cabeça e fitou o reverendo nos olhos.

— É um homem muito persuasivo, senhor Scrafield. Os lábios do reverendo se contraíram.

— É minha função, senhor promotor distrital. — Uma pausa e ele acrescentou, suavemente:

— Conhece o meu ofício. Sei que nunca posso me dar ao luxo de errar.

— Eu também não posso — murmurou Hoyt Lewis, meio para si mesmo. Ele levantou-se abruptamente. — Muito bem, senhor Scrafield, estou convencido. Com tanto apoio, e o sentimento público do meu lado, creio que posso ganhar o caso. E concordo em que pode ser da maior importância.

Ele estendeu a mão, e Scrafield, que também se levantara, apertou-a.

— Negócio fechado — acrescentou o promotor público. — Pode sair e dizer a Chet Hunter que trate de obter as provas o mais depressa possível. Depois que eu souber o que tenho, pode deixar que cuidarei do resto.

CAPÍTULO 4

Para Paul Brandon, foi uma tarde de primeiros acontecimentos.

Primeira entrevista com uma paciente, primeira sessão de terapia e primeiro dia no apartamento de três cômodos que acabara de alugar.

Brandon desconfiara, desde o momento em que conhecera Nan Whitcomb e ouvira sua história junto com o doutor Freeberg, no gabinete do terapeuta, que seria uma luta do princípio ao fim. A preocupação imediata de Brandon, antes de encontrar a paciente, fora a de que ela pudesse ser gorda. Sentia repulsa por todas as mulheres gordas.

Para seu alívio, Brandon descobrira que Nan Whitcomb podia ser feia, mas não era inteiramente desprovida de atrativos. Tinha cabelos castanhos presos por uma travessa e olhos cor de avelã.

Em vez de propensa à gordura, ela parecia um tanto magra, uma estrutura mais para esquelética, exceto pelos seios proeminentes e os quadris largos. Mas o alívio de Brandon voltara

a se transformar em preocupação quando ouvira o tímido relato de sua história sexual, o relacionamento com Tony Zecca e o problema vaginal. Ela mal lançara um olhar para Brandon, dirigindo-se o tempo todo ao doutor Freeberg, num tom de voz apenas um pouco acima do sussurro.

Esforçando-se para ouvi-la, a preocupação inicial de Brandon, de não ser capaz de um desempenho sexual com ela, acabara se dissipando. Compreendera que a dificuldade, naquele caso, era de confiança. Ela fora tão maltratada por um homem, que podia resistir a qualquer outro, ainda mais a um estranho, não permitindo qualquer aproximação ou intimidade.

Não há a menor dúvida, Brandon dissera a si mesmo, de que será uma luta árdua.

Por outro lado, o doutor Freeberg demonstrara uma grande confiança e fora absolutamente tranquilizador.

— Li o relatório do doutor Lopez e tenho certeza de que você não apresenta nenhum problema orgânico — ele dissera a Nan Whitcomb. — Trata-se de um caso de vaginismo, como já lhe expliquei. Havendo tempo, podemos curá-lo sem maiores dificuldades.

— Não tenho muito tempo, doutor, como já falei. Se eu vier aqui com muita frequência, Tony ficará desconfiado.

— Então ainda acha que seria melhor fazer o programa de tratamento intensivo?

— Isso mesmo. Duas a três semanas, no máximo.

— Tenho certeza de que é possível obter um resultado satisfatório. — Freeberg se virará para Brandon. — Não concorda, Paul?

Brandon tentara assumir uma expressão tranquilizadora para a mulher.

— Claro que sim.

Mas ele continuava a se preocupar, pensando que poderia não ser tão fácil quanto parecia.

— Muito bem, estamos combinados — dissera Freeberg. — Iniciaremos o tratamento amanhã. Pode ser no início da noite, depois do jantar, no apartamento de Paul, por volta de oito horas...

Nan o interrompera: — Não dá para mim.

Freeberg franzira a testa e ela acrescentara: — A noite é impossível para mim. Tony não me deixaria sair.

Além disso, como eu poderia explicar a visita a um médico comum à noite?

Freeberg assentira com a cabeça, compreensivo.

— Tem razão. — Ele tornara a se virar para Brandon. — Pode ser às três horas da tarde de amanhã, Paul?

— Perfeito.

Mas nada fora perfeito desde o instante em que Nan Whitcomb entrara hesitante na sala de seu apartamento. Ele estendera as mãos para pegar seu casaco, e ela o tirara bem devagar. Ficara parada no meio da sala, de blusa branca e saia bege, avaliando a sala furtivamente.

Brandon sentara-a no sofá e fizera questão de se manter a alguma distância.

Tentara puxar uma conversa amena, para deixá-la à vontade, mas ela se mostrara essencialmente não-comunicativa.

— O que vamos fazer? — ela indagara abruptamente.

— Começaremos pela carícia nas mãos e no rosto.

Ele descrevera os dois exercícios e explicara os motivos por que podiam ser úteis.

— Isso é tudo?

— É, sim, Nan. Uma coisa muito simples.

— Como quiser. Muito bem, vamos começar.

Sentando-se mais perto dela, Brandon lhe acariciara gentilmente as mãos, embora estivessem muito rígidas. Depois, encorajara Nan a acariciar suas mãos. Em seguida, acariciara o rosto de Nan com a ponta dos dedos, fazendo as palmas deslizarem pelo queixo, faces e testa. O rosto dela estava tenso, como se moldado numa máscara. Assim que acabara, ele fechara os olhos e pedira a Nan que procedesse da mesma forma.

No início, os dedos de Nan apertaram seu rosto com alguma força, mas pouco a pouco as mãos foram se relaxando e passaram a massageá-lo de leve. Ele abriu os olhos.

— Bom... muito bom.

— Isso é tudo?

— É, sim, Nan.

— Acho que não havia razão para ter medo.

— Claro que não.

— Vamos fazer mais alguma coisa?

Brandon verificara a hora. Haviam passado apenas uma hora e quinze minutos da sessão de tratamento de duas horas. Ainda restavam quarenta e cinco minutos. Ele especulara a respeito da melhor maneira de aproveitar esse tempo. Podia tentar conversar com ela outra vez. Muitas vezes, com as mulheres, a conversa era a abordagem mais relaxante e eficaz.

E, então, ele disse:

— Por que não conversamos um pouco? — Brandon não fez qualquer menção de se afastar dela. — Eu gostaria de saber mais um pouco a seu respeito, se não se incomoda.

Ela parecia aliviada, e chegou mesmo a fitá-lo nos olhos.

— Não me importo.

— Estou curioso de saber a respeito da maneira como você vai cuidar de seu namorado.

— Está se referindo a Tony?

— Isso mesmo, Tony Zecca. Se ele perguntar, o que vai dizer que está fazendo?

— Tenho certeza de que ele vai perguntar quando estivermos jantando.

— E o que vai responder?

— Não direi que estive com você ou com o doutor Freeberg.

Disso pode ter certeza. O doutor Freeberg já me aconselhou sobre a melhor maneira de cuidar da situação.

— Como, Nan?

— Direi a ele que estou visitando meu ginecologista para uma série de injeções. A fim de corrigir uma deficiência de hormônios.

— E se Tony quiser saber o nome de seu ginecologista?

— Direi que é o doutor Lopez, o que me examinou para o doutor Freeberg.

— E se Tony tentar conferir sua história com o doutor Lopez?

Nan insinuou um sorriso.

— Isso já foi providenciado. O doutor Freeberg avisou ao doutor Lopez que isso poderia acontecer.

— Tudo muito bem planejado.

Brandon sorriu também, sentindo que avançara alguns centímetros; havia um ponto de partida para estabelecer um relacionamento. Ele voltou a assumir uma expressão compenetrada e comentou:

— Só há uma coisa que me preocupa.

— O que é, Paul?

— Ele pode querer fazer sexo com você esta noite. Acha que poderá controlá-lo?

— Se eu seguir as instruções do doutor Freeberg. Nada de sexo esta noite ou em qualquer outra noite enquanto eu estiver trabalhando com vocês dois. Devo dizer a ele que preciso acabar com a série de injeções antes... antes de irmos para a cama outra vez.

— E se Tony insistir em fazer sexo? Ela riu pela primeira vez.

— Pode apostar que isso vai acontecer. Mas não vou deixar. Sou muito firme quando preciso dizer não. E pode estar certo de que será fácil.

— Talvez ele queira forçá-la.

Para sua surpresa, Brandon descobria-se apreensivo pelo bem-estar de Nan.

— Está querendo dizer que ele poderia, de alguma forma, me violentar? Deixe-o tentar. Você conhece o meu problema. Ele não vai conseguir nada.

— Mas um dia, quando você puder, ele vai... — Brandon queria perguntar-lhe algo; refletiu se deveria e acabou fazendo-o.

— Nan, já pensou em resolver parte de seu problema tomando a decisão de deixá-lo?

— Já pensei nisso.

— E qual foi sua conclusão?

A voz de Nan era muito triste ao responder: — Para onde eu iria, Paul?

— Hã...

Brandon estava sentindo simpatia por ela. Compreendendo que Nan sentia-se mais à vontade em sua companhia, ele teve o impulso de tornar aquela sessão inicial tão intensiva quanto possível. Queria que ela progredisse depressa, para poder sentir-se segura.

O instinto lhe dizia qual seria o melhor passo seguinte no relacionamento entre os dois. Deveriam se despir juntos, ficar completamente nus. Se esse passo fosse bem-sucedido, as inibições de Nan estariam eliminadas, o relacionamento estaria consolidado e tudo se tornaria mais fácil.

Ele olhou para um relógio que havia na parede. Ainda restavam vinte e cinco minutos. Havia tempo suficiente para aprofundar a intimidade. Deveria fazer a sugestão?

Brandon verificou seus sinais instintivos interiores. Não havia nenhuma luz verde. Mas ele percebeu algo que parecia uma luz amarela, dizendo que podia seguir em frente, mas com cautela.

Devia experimentar, mas devagar.

Projeção do corpo... mas ela ficaria muito assustada quando tivesse de se despir e ficar nua na frente do espelho. Ainda era uma criatura tímida, embora não tanto quanto no momento em que entrara no apartamento. Apesar disso, continuava a ser uma pessoa psicicamente abalada; teria medo de se despir por completo na presença de mais um homem, que poderia se transformar em sua mente em outro Tony Zecca em potencial.

Uma revelação total poderia acarretar a perda de tudo o que fora conquistado naquela tarde.

Brandon recordou seu treinamento e lembrou-se de Freeberg explicando as soluções

conciliatórias que tinham de ser adotadas e deviam ser decididas na hora. Se uma paciente fosse inibida demais, devia fazer o que fosse necessário, gradativamente.

"Vá devagar, Brandon", advertiu a si mesmo.

Ele virou a cabeça para fitá-la e descobriu, satisfeito, que Nan o estava observando.

— Você parecia perdido em seus pensamentos — comentou ela.

— E eu estava mesmo, Nan. Pensava em mais uma coisa que poderíamos fazer para tornar mais fáceis as próximas sessões.

— E o que é?

— Experimentar uma carícia nas costas. Apenas para começar.

Poderemos fazer de forma completa na próxima vez.

— Uma carícia nas costas? Como se faz?

— Eu gostaria de tirar a camisa. Não as calças, apenas a camisa.

— Não me importo. Estou sempre vendo homens de peito nu na praia.

— E gostaria que você tirasse a blusa.

— Tirar a blusa? — O pavor anterior ressurgiu. — Estou usando sutiã. O que faria?

"Sinal amarelo. Tome cuidado." Brandon estava confiando completamente em seu instinto e no pouco conhecimento que tinha de Nan.

— Não se preocupe com o sutiã — disse ele, em tom muito casual. — Pode ficar com ele.

Basta tirar a blusa, e eu ficarei sem a camisa. Ficaremos de pé. Eu me coloco atrás de você. E você fecha os olhos, enquanto eu acaricio suas costas.

— Mais nada?

— Só isso.

Brandon começou a tirar a camisa, enquanto a observava abrir e tirar a blusa.

Ele estava de torso nu, de pé, esperando por ela.

Nan estava encontrando alguma dificuldade para tirar a blusa branca, mas acabou fazendo-o e se levantou. Estava rígida, constrangida com a projeção do sutiã de renda novo.

— Está bom assim? — indagou ela, quase em tom de desafio.

— Excelente. Fique na minha frente, Nan, de costas para mim.

Ela obedeceu. Ao ver seus ombros se elevarem, Brandon percebeu que ela estava com a respiração acelerada.

— O que mais devo fazer?

— Mais nada, Nan. Basta relaxar, se puder. Vou apenas acariciar suas costas, massageá-las um pouco.

— Se acha que vai adiantar alguma coisa, pode fazer.

— Vai ajudar, Nan. E, agora, feche os olhos. Chega de falar.

Ouçá meus dedos. Sinta meus dedos.

Ele aplicou a ponta dos dedos na curva de suas costas, por cima e por baixo do sutiã, como se fossem borboletas. E aplicou mais um pouco de pressão, de fricção. Pouco a pouco, a contração muscular de Nan foi se atenuando. Não demorou muito para que ela estivesse quase relaxando, absorvendo e apreciando os movimentos circulares de suas mãos.

Enquanto continuava a acariciar-lhe as costas, Brandon podia ouvir suaves sons involuntários de prazer que ela deixava escapar.

E, depois, num sussurro, ela disse: — É maravilhoso... maravilhoso...

Ele não disse nada. Suas mãos falavam na carne de Nan; os dedos e as palmas deslizavam para cima e para baixo. Decorreram vinte minutos.

— Muito bem, Nan, acabou.

Ela subiu as mãos pelas costas. Brandon pensou que ela quisesse pegar suas mãos. Em vez disso, porém, seus dedos pegaram os ganchos do sutiã, soltou-os, tirou a peça íntima, virou-se e fitou-o.

Os seios empinados, cênicos, estavam à mostra. Brandon não pôde deixar de contemplá-los. Os mamilos avermelhados eram pontudos. E estavam túrgidos.

— Eu só queria que você soubesse que não sou pudica nem doente — murmurou ela. —

Nunca tive um orgasmo com ninguém, mas tenho certeza de que seria ótimo nas mãos certas.

— Obrigado, Nan.

Ela baixou os olhos para os seios, sacudiu-os um pouco e tornou a fitá-lo.

— Não são ruins para alguém da minha idade.

— São lindos, Nan.

Ela pôs o sutiã, prendeu-o nas costas.

— Isso... isso é para começar — disse ela, pegando a blusa. — Da próxima vez, se for tão gentil, pode conhecer todo o resto.

No início daquela noite, Adam Demski estava sentado no sofá da sala de estar, enquanto Gayle Miller concluía o exercício de banhar os pés. Demski estava de camisa e calças, as pernas das calças enroladas quase até os joelhos, os pés mergulhados numa bacia de plástico, grande e quadrada, cheia de água morna, com muita espuma.

Gayle, com as mãos na água, terminou de esfregar e acariciar seus pés. Disse-lhe que podia tirá-los da água e pisar num tapete que estava ao lado. Pegando uma toalha e come enxugar um dos pés, ela perguntou:

— O que achou, Adam?

— Foi agradável, é claro — respondeu ele, mexendo com os dedos dos pés.

Demski parecia bem menos tenso do que estava no início do exercício.

— Pode ser uma experiência deliciosa — comentou Gayle. —

Deixa a gente com uma sensação boa sobre uma parte do corpo quase sempre negligenciada, mas bastante sensual. E põe a pessoa mais em contato consigo mesma. Infelizmente, a maioria dos meus pacientes não quer perder tempo com isso.

— Por que não?

Gayle continuou concentrada em enxugar-lhe os pés, enquanto dizia: — Porque não estão interessados nos próprios pés. Posso lhe assegurar que cada paciente está interessado apenas no próprio pênis. Ele diz a si mesmo: "É meu pênis que está com problemas, não meus pés. Além disso, os pés não são tão atraentes assim. Ao contrário, são mais para feios... por que então perder tempo com eles?" — Ela fitou-o. — Foi assim que você se sentiu, Adam?

— Talvez eu tenha especulado um pouco... pensando se não seria um desperdício de tempo.

— Não foi, Adam. Acredite em mim. Os pés podem ser surpreendentemente eróticos. E acariciá-los nos proporciona a oportunidade de continuar a desenvolver um relacionamento. Ou seja, temos a possibilidade de nos conhecer um pouco melhor, antes de nos tornarmos mais íntimos.

— Está bem, creio em você. — Enquanto ela jogava a toalha para o lado, Demski

acrescentou: — O que faço em seguida? Quer que eu massageie seus pés?

— Podemos omitir essa parte.

— Devo pôr as meias e os sapatos?

— Não.

Ela pensara com muito cuidado no passo seguinte. Discutira-o com o doutor Freeberg pouco antes do almoço. Especulara se deveria iniciar a projeção de corpo na última parte de sua segunda sessão com Adam Demski.

— Acha que ele já está preparado para a nudez total? — indagara Gayle.

Freeberg, que estivera folheando uma transcrição da história de Demski e depois o relatório de Gayle acerca da sessão inicial, recostara-se para refletir a respeito disso.

— Parece que conseguiu um bom progresso com ele, Gayle.

— Creio que sim. Ele estava muito mais relaxado quando a primeira sessão terminou. Mais à vontade. Quase não tinha mais medo de mim.

— Mas ele pode se mostrar relutante com a nudez total. Depois que Demski tirar a roupa, você vai ver o que ele considera seu verdadeiro problema. Ele ficará assustado, vai se sentir ameaçado.

Por outro lado, pelas conversas que teve comigo, cheguei à conclusão de que ele quer realmente superar seu problema, concentrar-se nele, embora não esteja pressionando. Apesar da aparência exterior de resistência, tenho o pressentimento de que ele está disposto a qualquer coisa, por mais difícil que lhe pareça, para superar sua dificuldade. Sinto que ele está mesmo determinado a fazê-lo. Muito bem, Gayle, acho que pode tentar a projeção de corpo com ele, esta noite. — Freeberg hesitara por um instante e acrescentara: — Mas tome cuidado.

— O que quer dizer?

— Não o apresse. Fale com ele durante todo o tempo. Converse a respeito de experiências de nudez. Procure deixá-lo à vontade.

— Não há problema quanto a isso. Freeberg empertigara-se na cadeira.

— Pretende fazer a projeção do corpo em seu quarto?

— Claro que não — respondera Gayle, de modo enfático. — Ainda me sinto como em Tucson. O quarto é meu refúgio particular, nunca uma parte do meu trabalho. Lembro-me de uma coisa que me disse... quando se pede a um homem com disfunção sexual para tirar a roupa, sua ansiedade vai disparar para as alturas. Ele associa o ato de despir-se com a obrigação de um ato sexual.

Levá-lo para o meu quarto representaria a mesma coisa. Deixei de usar o quarto com o primeiro paciente, como você aconselhou.

Arrumei uma sala de terapia na casa nova. Trouxe tudo de Tucson. Há um enorme espelho de três faces numa das paredes.

Em frente a ele coloquei um sofá espaçoso, ladeado por duas poltronas. Forrei uma esteira grossa, do tamanho de uma cama de casal, e coloquei-a no chão. Faremos todos os exercícios lá. A não ser pela esteira, o ambiente é bastante austero e clínico. Sempre trabalharemos nesse lugar.

O doutor Freeberg sorriera, aprovando.

— Assim é que eu gosto. Pode experimentar.

Naquele instante, sentada junto a Demski, ela compreendia que estava prestes a dar um passo

crucial. E ouviu-o dizer, um pouco confuso:

— Você disse que não... não devo calçar os sapatos?

— Isso mesmo. Não precisa se incomodar. — Gayle levantou-se e estendeu a mão para Demski, querendo que ele ficasse de pé. E

assim que ele ficou ao seu lado, ela acrescentou, jovialmente: — Já que está sem sapatos e sem meias, pensei que poderíamos seguir adiante.

— E tirar as roupas?

Ele falava como se tivesse uma lima na garganta.

— Por que não? — O tom de Gayle ainda era jovial. — Vamos querer fazer isso, mais cedo ou mais tarde. Por que não mais cedo? É necessário para a projeção de corpo e bastante saudável.

Posso lhe assegurar, Adam, que é um dos passos mais importantes.

— Já... já falou com o doutor Freeberg a respeito disso?

— Claro que sim. Eu disse a ele que achava que você estava preparado para esse passo. Ele concordou. E aprovou.

— Acredita mesmo que estou preparado?

— É claro. — Gayle pegou-o pela mão. — Vamos lá para os fundos.

Demski resistiu.

— Para onde? Seu quarto?

— Não. Meu quarto será o fim da linha e talvez nem o usemos.

Vamos para uma sala aconchegante que preparei nos fundos e que também uso como escritório. Há um espelho especial que quero lhe mostrar. — Ela apertou a mão de Demski. — Venha comigo.

Gayle levou-o pelo corredor.

— O que é a projeção de corpo? — perguntou ele, com a voz meio rouca.

— Farei uma demonstração para você. — Seguindo à frente dele, ela acrescentou: — A nudez é uma experiência muito comum. Em uma ocasião ou outra, todas as pessoas ficam nus. Quando você era bebê, ficava nu, enquanto sua irmã ou sua mãe trocavam suas fraldas. No país inteiro, os garotos costumam nadar nus em alguma enseada ou lago. Ou talvez mergulhem nus na piscina da ACM. Você fez isso alguma vez?

— Uma vez, na ACM.

— E tinha de se despir no vestiário da escola secundária, antes da aula de ginástica.

— Tem razão.

— E se despe quando vai fazer um exame médico. As vezes há uma enfermeira presente.

— Mas é uma situação diferente. Ignorando o comentário, Gayle continuou:

— Em alguns dos seus últimos encontros você tentou fazer amor com mulheres. Tenho certeza de que se despiu completamente.

— É verdade. Mas não gostei.

Eles estavam agora diante da sala de terapia. Gayle abriu a porta e fez sinal para que ele entrasse. As lâmpadas fluorescentes que havia no teto já estavam acesas. Era uma iluminação intensa, profissional, não um ambiente meio escuro e sedutor.

— Vai descobrir que é muito mais fácil do que imagina. — Gayle indicou os móveis com a mão. — Sente-se onde quiser, Adam.

Ele foi se sentar, apreensivo, à beira de uma poltrona.

Gayle postou-se à frente do espelho e contemplou seu reflexo.

Vestira-se de forma especial para a ocasião. Nada de roupas atraentes, nenhuma peça que pudesse ser considerada sensual.

Nada de blusa transparente, sutiã decotado, saia justa, meias de náilon ou botas. Usava um pulôver folgado, com um recatado decote em V, uma saia de lã, sem meias, sapatos de salto baixo.

Era uma roupa nada sensual que podia ser descartada sem muita demora.

Ainda vestida, ela virou-se para fitar Demski.

— Deixe-me dizer o que é a projeção de corpo, Adam. Ela explicou a técnica. Quando ela terminou, Demski balbuciou: — E preciso ficar à frente do espelho?

— Sem nada. Inteiramente nu. Fará o mesmo exercício que vou demonstrar. Apontará para as diversas partes do corpo e me dirá como se sente em relação a elas.

— Talvez eu não saiba fazer isso. Nunca experimentei.

— Tenho certeza de que saberá, Adam. Não estou dizendo que a projeção de corpo de homens e mulheres é exatamente igual. As mulheres costumam passar mais tempo falando do próprio rosto.

Preocupam-se mais com a maquiagem, os cosméticos, a impressão que oferecem às pessoas estranhas. Os homens são mais propensos a passar rapidamente por seu rosto e se concentrar no que lhes parece mais importante. Um homem pode ir direto para seu pênis e querer falar a respeito. Porque o pênis é a única coisa que lhe interessa. Mas com bastante frequência, os homens vão falando da cabeça aos pés e passam pelos órgãos genitais sem sequer mencioná-los. Se isso acontece, comento depois, digo que esqueceram os órgãos sexuais, pergunto como se sentem a respeito disso. Não estou interessada no motivo que os levou a omitir essa parte, porque não preciso saber e não tenho julgamento a fazer. Mas quero que voltem aos órgãos genitais e falem sobre eles. Afinal, esse é o objetivo, basicamente. Está entendendo todo o processo, Adam?

— Não sei direito. Talvez sim.

— Trate de me imitar. Quando chegar sua vez, repita o que eu fiz. Tenho certeza de que é capaz.

— Se acha que sou...

Gayle presenteou Demski com um sorriso afável e disse com suavidade:

— Agora, Adam, fique de pé. Vamos tirar a roupa.

— Ao mesmo tempo?

— Não importa. Vamos apenas nos despir. — Enquanto ele se levantava, quase cambaleando, Gayle acrescentou, em tom gentil: — O fato de despir-se, Adam, não significa que precisa ter uma ereção, ir para a cama comigo e fazer amor. Significa apenas o que já expliquei... estamos nos despindo para que você possa ter contato com a maneira como se sente em relação a seu corpo, porque nunca pensou muito a esse respeito. Vai me dar algumas informações sobre seu corpo e de como se sente... e acima de tudo, isso vai nos proporcionar um relacionamento mais fácil e mais íntimo. Está me entendendo?

— Claro — murmurou Demski, meio sombrio.

Gayle virou-se e começou a puxar o pulôver pela cabeça. Não prestou atenção aos

desajeitados esforços de Demski para tirar a roupa, a fim de não inibi-lo ainda mais.

Sem o pulôver, ela desprende e tirou o sutiã, e jogou-o numa cadeira; abriu a saia e deixou-a cair na esteira, empurrando-a para o lado, junto com os sapatos. Baixou a calcinha justa de náilon.

Pelo espelho, verificou que Demski estava finalmente se despindo. Ele tirou a camisa e as calças e hesitou por um momento, apenas de cueca de bolinhas.

— Pode tornar a sentar depois que acabar — disse Gayle. Quando ela se virou em sua direção, descobriu que Demski já sentara. Não podia ver seu pênis. Ele dera um jeito de cobri-lo com os braços, cruzando-os sobre as coxas.

Sem querer deixá-lo ainda mais constrangido, Gayle tornou a se virar para o espelho. Ainda podia vê-lo num lado do espelho, com os olhos arregalados, fixos na sua imagem refletida.

"Tudo bem até aqui", disse ela a si mesma. Provavelmente ele nunca vira uma mulher jovem nua assim, sob uma luz forte, por tanto tempo. Podia relaxá-lo um pouco. Mas o que certamente o relaxaria ainda mais seria o desempenho dela à frente do espelho.

Se trabalhasse direito, Demski ficaria tão absorto em contemplá-la que logo esqueceria que também estava nu, sentado ali. Ele ficaria tão fascinado pela maneira tranqüila com que ela se analisaria — se tudo corresse bem — que perderia qualquer senso de vergonha. E poderia ficar menos apavorado quando chegasse sua vez.

Mas era a vez dela, a sua deixa para desencadear todo o processo.

— Muito bem, Adam, vou mostrar como é o exercício de projeção do corpo.

Ela virou-se para o espelho e disse, afofando os cabelos curtos: — Meus cabelos... gosto deles assim. E gosto de ser morena.

Jamais desejei ser uma loura autêntica e ter esse tipo de pêlos púbicos. Há alguma coisa insubstancial em ser loura. Uma morena atraente como eu... sempre pode confiar em alguém como eu, Adam. Não se esqueça disso.

Pelo espelho, Gayle percebeu um vislumbre de reação divertida às suas palavras na contração da boca de Demski. Ela baixou o dedo indicador para o nariz.

— Não é tão mau assim, mas também não tem nada de lindo. O nariz arrebicado tem suas vantagens. Não concorda, Adam? Mas, para ser franca, é um pouco largo demais para o meu gosto. Um nariz mais estreito seria mais atraente.

O dedo indicador baixou para a boca.

— Nos romances, lábios como os meus são chamados de generosos. E são mesmo. Os homens parecem gostar de lábios assim, como se fossem mais macios ao serem beijados. Portanto, não devo me queixar. Desde que você goste deles, Adam.

— Eu gosto, Gayle.

Ela pôs as mãos sob os seios.

— O que acha dos meus seios, sem um sutiã para sustentá-los mais firmemente?

— São lindos — murmurou Demski, com a voz meio abafada.

Gayle contemplou os seios no espelho por um instante.

— Não sei... Jamais esqueci a época em que era mais jovem, durante a puberdade, e quase não tinha seios. Achava que nunca cresceriam, eu seria como os rapazes... e os rapazes não gostariam de mim. Mas finalmente os seios cresceram, não podia haver qualquer dúvida de que eu era uma garota. Mas nunca tive certeza se os rapazes não esperavam ou queriam mais. Sei

que seios muito menores do que os meus parecem sensacionais em modelos e nessas mulheres lindas que aparecem nas revistas femininas mais elegantes. Mas os homens não estão interessados nessas formas.

Gostam do que vêem nas revistas para homens: os seios enormes.

Eu não sou assim e não tenho certeza de que me sinto feliz por causa disso.

— Eles são lindos, Gayle — repetiu Demski. — Para mim, são perfeitos.

Os dedos de Gayle apalparam sua barriga lisa e firme.

— Não tenho do que me queixar por aqui — disse ela. — Meu peso é o ideal e nem preciso fazer dieta.

A mão desceu lentamente para a mancha escura de pêlos púbicos.

— Muito bem, passemos à elevação pubiana e ao triângulo de pêlos púbicos. Sou um tanto ambivalente nesse ponto, em termos estéticos. Os pêlos são bastos e macios, o que me deixa muito satisfeita. Conheci algumas mulheres que tinham pêlos tão duros que pareciam palha de aço. Os meus parecem uma almofada de plumas muito suaves. Por que então sou ambivalente em relação ao que vejo? Vou explicar. Talvez você não possa ver direito agora, mas certamente perceberá quando chegar mais perto. Meus pêlos púbicos parecem bastante densos aqui, mas não o são mais para o meio. Parecem ficar mais ralos e por isso dá para ver... ou pelo menos eu posso ver... o clitóris e, por baixo, os pequenos lábios e a vulva... creio que não há nada de errado nisso, no fato de estarem expostos... mas penso às vezes que gostaria que essas partes vitais ficassem escondidas, até que alguém tivesse o prazer de descobri-las.

Gayle levantou os olhos para o espelho. Constatou que Demski estava fascinado, engolindo em seco, incapaz de falar. Ela estendeu as mãos para trás e pegou as nádegas.

— Indiscutivelmente, há um exagero aqui. A natureza foi superabundante neste ponto. Não gosto de usar cinta ou qualquer coisa que me aperte e por isso meu traseiro está sempre balançando. O que não me agrada. É uma coisa que me deixa infeliz.

Gayle passou para os quadris, as coxas, os joelhos, as pernas, foi até os dedos dos pés, sempre fazendo comentários. Ao final, virou-se lentamente para fitar Demski.

— Tem algum comentário a fazer, Adam?

— Bem, eu...

A voz baixou a tal ponto que se tornou inaudível.

— Vamos, Adam... o que acha? Fale a verdade.

— Hã... eu acho que você tem um traseiro maravilhoso.

— Acha mesmo?

— Não é tão grande assim. E o resto...

— O que tem o resto? — Ela percebeu onde os olhos dele estavam focalizados. — Está falando de minha vagina?

Ele acenou com a cabeça vigorosamente.

— Está sendo crítica demais. Parece tudo perfeito para mim.

Gayle sorriu, satisfeita.

— Você está me oferecendo uma crítica de admirador.

— E é isso mesmo.

Ela bateu palmas com um prazer indisfarçável e adiantou-se.

— Você é um cavalheiro, Adam... um cavalheiro e um profundo conhecedor. — Gayle

inclinou-se, deixando que um seio roçasse o rosto de Demski, e beijou-o na testa. — Obrigada.

Ela pegou firmemente os antebraços dele, puxando-os de cima da virilha. Obrigou-o a se levantar. Demski encolheu-se um pouco, tentou se desvencilhar, mas ela não o largou, fazendo-o ficar à sua frente.

— Agora é a sua vez de me mostrar seu corpo, Adam. Tentando escapar aos olhos de Gayle, ele quase correu para a frente do espelho, como se ali pudesse se esconder, mostrando apenas as costas desprotegidas.

Tremendo, Demski empertigou-se à frente do espelho. Viu que Gayle se instalara na poltrona que ele acabara de desocupar, contemplando seu reflexo. Os braços pendiam impotentes ao lado de seu corpo. Ele não tinha mais como se esconder.

Gayle recostou-se, sem fingir não olhar, com os olhos verdes sempre fixos na imagem de Demski no espelho.

Até que ele não era tão ruim, refletiu ela. Um tanto alto, talvez um pouco magro demais, as costelas aparecendo. Coxas lisas, joelhos ossudos, pernas musculosas. Mas o lugar que ela não podia deixar de focalizar era a fonte compreensível dos problemas e medos de Demski. Era mesmo pequeno. Talvez uns quatro ou cinco centímetros. O que o fazia parecer ainda menor eram os testículos. O saco caído, cheio, como uma moldura grande demais para uma simples miniatura.

Mas ela aceitava o desafio. Sabia que não era impossível.

Tinha certeza de que podia fazer aquela miniatura se levantar transformando-se para ele numa fonte de orgulho e não de vergonha. Sabia que isso podia acontecer. Demski viera procurá-la com o que julgava ser um palito de dentes. Se ela tivesse êxito, ele partiria pensando que carregava um poste telefônico entre as pernas. Isso mesmo, se ela tivesse êxito. Faria tudo para salvá-lo.

Esperava conseguir curá-lo. Começando por aquela noite.

Haveria de se esforçar ao máximo.

— Muito bem, Adam, você me viu fazendo a projeção do corpo.

Por favor, faça o mesmo para mim diante do espelho, começando pelos cabelos.

Demski assentiu, mas permaneceu imóvel, contemplando-se ao espelho, observando o reflexo de Gayle num lado. Quase que de forma imperceptível, ele alterou a postura; apoiou-se mais na perna esquerda, depois separou um pouco as pernas. Era como se estivesse ignorando sua vergonha, por menor que fosse.

Percebendo isso, Gayle compreendeu o que se passava na mente dele. A atitude de relaxamento era uma espécie de rendição. Ele estava totalmente nu, podia ser visto da cabeça aos pés, seu problema se encontrava exposto. Não havia mais nada a esconder. Ela sabia. Mas sua expressão nada tinha de crítica, era de alguém que o aceitava sem estranheza.

Expirando de forma prolongada, Demski levantou as mãos em direção aos cabelos, apalpou-os, murmurou que pelo menos não era careca. Talvez isso fosse bom, porque era esteticamente agradável; ao mesmo tempo, era ruim, porque talvez os cabelos levassem algumas mulheres a pensar que ele era viril.

Ele não teve paciência para discutir suas feições, o peito um tanto estufado, a barriga lisa mas flácida. Murmurou uma ou duas frases curtas a respeito de cada uma dessas áreas e depois fez o que Gayle já vira outros homens fazerem, em sua condição. Foi direto para a zona problemática.

Apontou para o pênis, enquanto se contemplava no espelho, com um ar de infelicidade.

— E há isto aqui — disse ele, falando um pouco alto demais. —

Como pode ver... não adianta tentarmos nos enganar... é pequeno demais.

Gayle empertigou-se na poltrona.

— Não acho tão pequeno assim — protestou ela, decidida. — Não existe o que se poderia chamar de um pênis pequeno. O que exatamente o incomoda nele, Adam?

— Como eu disse, é muito pequeno. Ainda bem que a maior parte do tempo fica escondido. Não quero que as mulheres o vejam. Podem rir de mim ou fazer alguma piadinha. — Antes que Gayle pudesse dizer algo, ele acrescentou: — Sabe muito bem que já aconteceu duas vezes.

— Sei, sim. Mas foram reações excepcionais. As duas mulheres estavam exprimindo sua raiva contra os homens em geral. Se cem mulheres vissem seu pênis, tenho certeza de que noventa e oito não reagiriam de maneira adversa, estariam dispostas a prosseguir com o ato sexual.

— Não penso assim.

Gayle sentiu vontade de sacudi-lo.

— Deve acreditar em mim, Adam. Sou uma mulher. Já tive alguma experiência com diferentes tipos de homem. Se nos despíssemos juntos para fazer amor, eu não me importaria se o seu pênis tivesse três, dez ou trinta centímetros de comprimento. De qualquer forma, ficaria com o dobro ou o triplo do tamanho depois que você estivesse excitado. Já deve ter reparado nisso ao se masturbar. O tamanho não tem a menor importância. Eu haveria de querê-lo de qualquer maneira, sabendo que seria muito agradável tudo o que se seguisse.

— Mas como poderia, quando acabou de ver...

— Vi o quê? — interrompeu-o Gayle, com sarcasmo. — Sei o que o tem atormentado e posso garantir que está completamente enganado. Quando era garoto, na escola primária ou secundária, até mesmo na universidade, onde quer que tivesse de se despir junto com outros rapazes, estava consciente da diferença entre seu corpo e o dos outros. A seus próprios olhos, você era fraco, insignificante, tinha o pênis muito pequeno. Em contraste, todos os outros eram musculosos, cabeludos, com pênis enorme. E

depois disso, sempre que você assistia a um filme pornográfico ou abria uma revista, deparava com homens de pênis enorme, e com mulheres de seios imensos. Porque os idiotas que escolhem os modelos desconfiam que a maioria da população masculina ignorante acha que um pênis grande é igual a um ato sexual maravilhoso. Mas, na verdade, uma coisa não tem nada a ver com a outra.

— Não tem? — indagou Demski, indeciso. — Uma mulher não acha que... um pênis grande dentro dela... pode satisfazê-la mais do que um pequeno?

— Adam, a vagina é capaz de acomodar praticamente qualquer tamanho e obter prazer com isso. Você pode enfiar o dedo mínimo em minha vagina, e as dobras vão se fechar em torno dele, lubrificá-lo, enquanto desfruto o movimento. Da mesma forma, ela pode acomodar quatro ou cinco dos seus dedos. A vagina se adapta a todos os tamanhos. Afinal, ela dá espaço para a passagem e nascimento de um bebê de quatro quilos. Pode acomodar um pênis de qualquer tamanho e obter o mesmo prazer. E falo por experiência pessoal. Demski contemplou-se ao espelho.

— Está querendo dizer que meu pênis poderia fazer uma mulher feliz, se eu conseguisse ter

uma ereção? — Ele piscou para seu reflexo no espelho. — Poderia fazer você feliz?

Gayle sorriu.

— É o que vamos provar.

Ele parecia um pouco mais relaxado, mas ainda não estava disposto a abandonar o pênis e passar para as partes restantes de sua anatomia.

Queria ser tranqüilizado outra vez. Gayle estava disposta a fazê-lo. Discutiram a respeito de seu pênis, sua disfunção, as possibilidades de obter prazer sexual, por aproximadamente dez minutos. Gayle terminou com um sumário de suas opiniões sobre as revistas e suas histórias.

— Essas histórias sexuais são ótimas para a fantasia erótica, mas proporcionam uma péssima educação sexual. Não apenas os heróis têm pênis anormalmente grande, mas também conseguem ter ereção a noite inteira. Lendo esses absurdos, um jovem impressionável e inseguro acredita que é verdade. Tenta imitar esses heróis, mas não consegue. Entra então num processo de ansiedade. Tenho certeza de que essa foi uma das coisas negativas que aconteceram com você.

— É possível.

Satisfeito, Demski tornou a se virar para o espelho e passou a falar de seus quadris, pernas e pés.

Após concluir, ele dispensou mais alguma atenção ao pênis.

Gayle teve a impressão de que ele já o considerava menos uma abominação e mais uma parte amigável de seu corpo. Ela se levantou.

— Muito bem.

Gayle adiantou-se, enquanto ele se virava para recebê-la. Ela percebeu que Demski tinha a intenção de abraçá-la, mas se manteve a distância.

— Quer se vestir agora, Adam?

— Não ainda. — Ele riu. A primeira risada espontânea. Uma pausa e ele acrescentou, para provar que estava gracejando: —

Claro que vou me vestir.

"Por Deus", pensou Gayle, entregando-lhe a cueca, "ele parece finalmente um ser humano, não mais um coelho assustado." Ela sentia vontade de cantar.

Depois de Demski ter se retirado, um tanto lépido, Gayle vestiu-se com extremo cuidado e saiu em seu Honda.

Meia hora depois estacionou no espaço reservado, ao lado do Market Grill, e encaminhou-se para a clínica, muito animada.

Ficou surpresa ao descobrir que todas as luzes estavam acesas e a porta da frente, destrancada.

Embora a recepção estivesse vazia, ela teve certeza de que Freeberg e Suzy Edwards ainda estavam trabalhando no andar superior. Mas ela só estava interessada em concluir o seu trabalho naquele dia. Entrou em uma das salas de gravação. Tirou o casaco e se sentou, a fim de fazer o relatório para Freeberg, a respeito de sua segunda sessão com Adam Demski.

Falou durante vinte minutos. Tinha acabado no instante em que a porta à prova de som foi aberta. A visitante era Suzy Edwards.

— Se ainda está trabalhando... — murmurou ela.

— Já acabei.

— Se não se importa, se dispõe de tempo, o doutor Freeberg gostaria que fosse vê-lo.

— Terei o maior prazer. Espere só um momento, Suzy. Vou inverter a fita e rotulá-la. Poderá transcrever pela manhã.

Após Gayle lhe entregar a gravação, Suzy subiu à frente dela, dirigindo-se ao gabinete do doutor Freeberg.

Parecia que ele a aguardava, ansioso. Ele estava sentado, batendo com a extremidade de um lápis na mesa. Recebeu-a com jovialidade e indicou-lhe uma cadeira.

— Vou explicar logo do que se trata, Gayle. Queria conversar sobre a possibilidade de você assumir um segundo paciente já. Sei que está bastante ocupada com o senhor Demski, mas gostaria de saber se você não poderia cuidar de outro paciente ao mesmo tempo. Poderia encaminhá-lo a uma das novas suplentes sexuais, mas o caso é de ejaculação precoce, do tipo com que você teve tanto sucesso quando estávamos no Arizona. Se não for demais...

Gayle já tomara sua decisão. Sentia muito orgulho de sua capacidade de retardar a ejaculação precoce. Seria gratificante recuperar outra alma perdida. E o dinheiro extra ajudaria a cobrir suas despesas, se fosse aceita pelo Departamento de Psicologia da Universidade da Califórnia.

— Não, não é pedir muito — respondeu ela, jovialmente. —

Quando começamos?

— Amanhã, se for possível. É um programa de tratamento intensivo. O paciente não tem muito tempo.

— Estarei livre pela tarde.

— Ótimo. Podemos fazer uma reunião preliminar com ele às nove horas da manhã. Está bom para você?

— Estarei aqui. Pode me adiantar alguma coisa agora? Freeberg pegou um maço de papéis que se achavam em cima da mesa e estendeu-o para Gayle.

— Eis o relatório. Pode estudá-lo esta noite. — Enquanto ela o dobrava e o guardava na bolsa, Freeberg acrescentou: — Ele é um jovem jornalista, que trabalha como autônomo para diversas publicações. Seu nome é Chet Hunter.

— Não o conheço.

— Ele ainda está lutando para subir. A disfunção sexual pode ser um empecilho para seu trabalho.

— Espero poder ajudá-lo. Ele é um bom escritor? Freeberg deu de ombros.

— Eu diria que essa história precisa ser reescrita. — Mais sério, ele continuou: — Ele se mostra apressado e ansioso. Quer acelerar o nosso programa, o que nada tem de inesperado. Pode levá-lo a um ritmo acelerado, mas não faria mal algum diminuir um pouco seu ímpeto.

— Farei isso, se puder.

— Estou confiante — disse Freeberg. — Às nove horas da manhã, Chet Hunter e eu estaremos esperando por você.

Passando pelo Market Grill, a caminho do estacionamento, Gayle sentiu vontade de tomar um café.

O restaurante estava quase vazio. Ela ia se sentar próximo ao balcão quando viu alguém acenando de um reservado. No instante seguinte reconheceu o homem. Era Paul Brandon. Ele parecia tão atraente quanto da última vez em que ela o encontrara ali, talvez até mais, com seu

casaco e camisa esporte. Gayle decidiu ir ao seu encontro.

Depois de pedir o café, ela dirigiu-se ao reservado e sentou-se em frente a Brandon.

— Como vai, Gayle?

— Nunca estive tão bem. Bastante ocupada. E soube que você também anda ocupado, que Freeberg lhe arrumou uma paciente. É verdade?

— E, sim. Uma mulher daqui mesmo. Um caso muito interessante.

A garçonete trouxe o café de Gayle, que se serviu de açúcar.

Sem levantar os olhos, ela disse:

— Então ela é interessante, hem? Isso significa muita sorte. —

Gayle fez uma pausa. — Ela é bonita?

— Não chega a ser a miss América, mas de certa forma é atraente. E um pouco tímida, o que lhe dá um certo charme.

— Já entendi. Ajudou-a a superar a timidez?

— Creio que um pouco. — Brandon parecia relutante em discutir o caso. — E você, Gayle? Como estão indo as coisas para o seu lado? Soube que também tem um caso.

— Dois, para ser mais exata. Ela tomou um gole do café.

— Dois? — Ele fez uma careta. — Não é uma carga um tanto exagerada?

— Nem tanto. Posso dar conta. O primeiro caso, como você já sabe, é de impotência, o mais difícil. Mas já estamos bem adiantados. O novo é de ejaculação precoce. Sou muito boa em curar casos assim, se me permite dizê-lo.

— Dois casos? — repetiu Brandon. — Mas como...? Ela soltou uma risada.

— Não juntos, seu boboca. Vou tratá-los alternadamente, se possível. Há alguma pressão, mas não chega a ser um grande desafio.

Brandon balançou a cabeça.

— Você é demais. Mal consigo agüentar um único caso. Mas dois... acho que eu não seria capaz...

— Você é um homem. Em última análise, precisa ter ereção.

Assim, mais de um caso seria demais. Com as mulheres, comigo, esse problema não existe.

Brandon se tornara taciturno. Gayle tomou um gole de café e tentou adivinhar o que ele estaria pensando. A menção aos dois pacientes o deixara perturbado. Estaria desaprovando? Seria um homem competitivo, acima do papel de suplente sexual masculino? Poderia estar considerando-a como uma espécie de prostituta? Não, isso era impossível. Mas a verdade é que os homens eram imprevisíveis em suas expectativas em relação a uma mulher.

Outro pensamento ocorreu-lhe. Ele estaria com ciúme?

Isso era impossível. Brandon mal a conhecia. Não poderia ser nem remotamente possessivo.

Mas quem podia saber?

Avaliando-o mais uma vez, Gayle confirmou que ele era de fato atraente e que ela se sentia atraída. Gostaria de saber como seria estar em seus braços. Os dois nus na cama.

Ela concluiu que isso era um grande absurdo e tratou de passar para outro assunto, lançando-se ao relato de sua candidatura a uma bolsa de estudos na Universidade da Califórnia. Perguntou em seguida como ele estava se saindo como professor de ciências.

— Muito bem para manter a cabeça acima da superfície.

— Pode se afogar se a maior parte de seus ensinamentos estiver relacionada com aulas de educação sexual ministradas nas escolas secundárias. É o que acontece?

— É, sim. Pode explicar?

— Há um evangelista aqui em Hillsdale... creio que seu nome é Scrafield... que aparece todas as semanas na televisão arengando contra a educação sexual. Assisti a trechos de seu programa duas vezes. Para mim, foi revoltante. Mas talvez para outros ele seja muito persuasivo. Quer que a educação sexual seja devolvida à família.

— O que é a mesma coisa que devolver a evolução à Bíblia — comentou Brandon. — Esse camarada... Scrafield, não é mesmo?... é obviamente um maluco. Não estou preocupado com ele. A educação sexual nas escolas veio para ficar. Portanto, não se preocupe com a possibilidade de eu me afogar.

Assim que terminou o café, Gayle pegou a xícara e a conta.

Brandon tentou tirá-la, mas ela não permitiu.

— Não. Desta vez cada um paga a sua. — Gayle começou a se levantar. — Está na hora de eu partir.

— E a minha hora também. Por acaso está de carro?

— Está estacionado aqui ao lado. Precisa de uma carona?

— Se não for incômodo. Terei meu carro amanhã. Comprei um bom Chevy usado. Ainda estão regulando o motor.

— Pois então seja meu convidado esta noite.

Depois de pagarem a conta, eles se encaminharam em silêncio para o Honda de Gayle. Ela sentou-se ao volante e Brandon se instalou ao seu lado.

— Vire à direita — disse ele, quando saíram do estacionamento.

Ele orientou-a até um prédio de apartamentos de cinco andares.

— E aqui que estou me escondendo: Gayle estacionou no meio-fio e deixou o motor ligado, em ponto morto, enquanto ele saltava. Brandon contornou o carro e abriu a porta.

— Por que não sobe para conhecer meu apartamento novo? É muito agradável. Não gostaria de dar uma olhada?

Gayle continuou sentada, com as mãos no volante.

— Está me convidando para ir ao seu apartamento?

— Isso mesmo.

— E depois?

Ele ficou aturdido.

— Não sei... Podemos...

— Eu sei, Paul. Você quer me levar para a cama.

— Já que falou nisso, não seria uma má idéia. Ao contrário, seria até muito boa.

Ele estendeu a mão, mas Gayle ignorou-a.

— Paul, vamos começar com o pé direito. Se eu fosse ao seu apartamento, acabaria indo para a cama com você. Eu gostaria muito, mas não esta noite. Por dois motivos. Primeiro, não quero que você pense que sou fácil. Segundo, acho que não poderia dar conta de três homens em uma semana. — Ela fechou a porta. Ele inclinou-se em sua direção. — E nada de beijo de despedida. Isso poderia acabar com a minha determinação. Vamos guardar alguma coisa para a próxima vez.

— A próxima vez... — murmurou ele, quase acariciando as palavras.

— Isso mesmo. — Ela ligou o carro e engrenou a marcha. — Não me procure. Fique esperando que o chamarei.

Gayle partiu com seu carro, enquanto ele ficou parado, olhando, com o coração disparado, completamente atordoado.

CAPÍTULO 5

Foi durante a entrevista e a discussão com seu mais novo paciente, Chet Hunter, e a suplente sexual designada para o caso, Gayle Miller, que o doutor Freeberg recebeu o telefonema inesperado.

Às nove e vinte da manhã, uma tecla acendeu em seu telefone; ele apertou-a e a voz de Suzy Edwards, sua secretária, disse: — Lamento incomodá-lo, doutor, mas o senhor Hoyt Lewis, o promotor público, está na linha. Ele deseja lhe falar.

Aborrecido com a interrupção, Freeberg desligou o gravador e respondeu:

— O promotor público? Não tenho nenhum problema a tratar com ele, e estou ocupado neste momento. Não pode esperar?

— Acho que não, doutor Freeberg. O senhor Lewis insiste em lhe falar imediatamente. Diz que é importante.

Freeberg olhava furioso para o aparelho, mas a insistência de Suzy lhe causava alguma apreensão.

— Bom... — Sua resistência diminuiu. — Está bem, Suzy. Se é tão importante assim, pode completar a ligação.

Ele levantou o fone, pôs a mão no bocal e pediu desculpas ao paciente e à suplente sexual.

— Com licença, senhor Hunter... Gayle. Vocês ouviram. É o promotor público. Creio que devo ser respeitoso.

Hunter e Gayle concordaram, meneando a cabeça, enquanto Freeberg tirava a mão do bocal e aproximava-o da boca.

— Alô? Aqui é o doutor Freeberg.

— Ah, doutor Freeberg, fico contente em poder lhe falar — disse a voz calorosa e jovial do outro lado da linha. — Lamento interromper seu dia movimentado. Sou Hoyt Lewis, o promotor público. Não nos conhecemos pessoalmente, mas já ouvi falar muito a seu respeito.

— Também já ouvi falar a seu respeito, senhor Lewis. Em que posso servi-lo?

— Precisamos marcar um encontro, doutor. Surgiu um problema local e não é um assunto que possa ser tratado por telefone.

Temos de discuti-lo. E quanto mais cedo, melhor.

— Quando?

— Hoje mesmo, se possível. Até o final da manhã, antes do almoço. Pode dar um jeito?

Freeberg inclinou-se para verificar os compromissos que estavam marcados na agenda.

— Deixe-me dar uma olhada... — Ele acenou com a cabeça para o fone. — Podemos ter uma reunião esta manhã. Terei a tarde inteira ocupada, mas esta manhã estarei livre depois das onze horas. Está bom assim?

— Ótimo. Conversaremos às onze horas.

— Onde é seu gabinete, senhor Lewis?

— Fica no prédio da prefeitura, mas não se preocupe. Irei até aí.

— Sabe onde minha clínica se localiza?

— Sei, sim. Até mais tarde. Aguardo, ansioso, o nosso encontro.

Desligando, Freeberg não tinha certeza de que também sentia o mesmo. Mas o tom de voz do promotor público não tinha qualquer senso de urgência, indicando apenas que a reunião possuía alguma prioridade. Freeberg decidiu afastar o encontro de sua mente, pelo menos por algum tempo. Limpou a garganta, pediu desculpas a Hunter e Gayle outra vez, estendeu a mão para pegar suas anotações... e se lembrou de que não havia anotações, porque estava gravando a conversa.

— Muito bem, vamos verificar onde paramos — disse ele.

Freeberg fez a fita voltar no gravador, apertou o botão interruptor e depois fez o aparelho funcionar. Ouviu sua própria voz saindo do aparelho: —... e como deve estar lembrado, discutimos a terapia de suplente sexual em nossa conversa inicial. Já tem uma idéia do que é e do que não é. Creio que já tem uma noção.

Ele ouviu a voz de Hunter responder: — Acho que sim, doutor.

E ouviu sua própria voz continuar: — O objeto desta reunião não é apenas pô-lo em contato com Gayle Miller, a suplente sexual que vai trabalhar em seu caso, mas também analisar o propósito da terapia, ser o mais específico possível a respeito disso. Essencialmente, o propósito não é apenas fazê-lo sentir-se bem e ter um desempenho satisfatório... é fazê-lo atuar melhor em tudo. Por isso...

A essa altura a campainha e a voz de Suzy entraram na gravação e não havia mais nada a seguir, porque Freeberg desligara o gravador.

Ele desligou o aparelho, depois apertou dois botões para recomençar a gravar e virou-se para Hunter e Gayle.

— Podemos continuar agora — disse Freeberg. — Houve uma coisa que não lhe perguntei em nossa primeira sessão, senhor Hunter.

Presumo que sentiu algum descontentamento com sua disfunção sexual desde o início de qualquer relacionamento íntimo que teve com mulheres.

— É verdade — respondeu Hunter.

— Presumo que se trata de um problema que o vem preocupando há muito tempo. Não aconteceu ontem e nem tomou logo a decisão de que era preciso fazer alguma coisa. Talvez isso o esteja angustiando há muitos meses, talvez mesmo anos.

— Pelo menos três anos — disse Hunter, dirigindo-se em parte a Gayle.

Ela não pareceu ficar surpresa e acenou com a cabeça, demonstrando compreensão.

— Toda vez que tentou um contato mais íntimo com uma mulher, sentiu-se contrafeito, e sua ansiedade continuou a sabotá-

lo. — Freeberg empertigou-se na cadeira. — Senhor Hunter, achou que a disfunção sexual afetava de alguma forma o seu trabalho?

Hunter pareceu ficar surpreso.

— Meu trabalho? Acho que não estou entendendo.

— Você escreve. Já escrevia em Nova York, antes de se mudar para a Califórnia. E durante todo esse tempo teve o problema sexual. Sentiu que esse problema interferia em sua concentração, sua criatividade?

— Fazia parte de meus pensamentos — admitiu Hunter. — Eu tentava trabalhar, mas estava sempre me preocupando com... com meus fracassos.

— Esses supostos fracassos resultaram num retraimento emocional, até mesmo físico, em

seu comportamento? Passou a sair menos com mulheres? E quando saía, passou a evitar a intimidade com mais frequência, por estar preocupado com a possibilidade de não ter um desempenho satisfatório?

Hunter remexeu-se em sua cadeira, constrangido.

— São perguntas difíceis...

— Desculpe-me. Pode responder a elas?

— Claro. Continuei a sair com mulheres durante todo o tempo.

Não desisti. Mas acertou: passei a evitar o sexo. Ainda tentei, mas continuei a ejacular cedo demais e por isso comecei a parar de me testar com as mulheres. Sabia que não ia dar certo. Depois que vim para cá, tornei-me quase um celibatário. Não totalmente, mas quase. E depois conheci uma mulher aqui em Hillsdale e me apaixonei por ela. Pensei que poderia ser um novo começo.

Quando se está apaixonado e se quer uma mulher de verdade, quando se quer muito, tudo tem de correr bem. — Ele meneou a cabeça, tristemente. — Mas não aconteceu nada disso.

Freeberg acenou com a cabeça, demonstrando simpatia.

— E resolveu então, de modo sensato, fazer alguma coisa.

— Pode estar certo de que não foi fácil. Gayle, em tom suave, disse ao paciente:

— Em nossa sociedade, com todas as suas pressões, suas ansiedades são absolutamente compreensíveis. Mas o problema não deve embaracá-lo ou humilhá-lo. O que aconteceu com você acontece com muitos homens, todos os dias, só que eles não falam a respeito disso entre si, porque acham que são os únicos que estão sofrendo... e por isso sofrem sozinhos, em silêncio. O doutor Freeberg já lhe garantiu que seu problema pode ser solucionado e eu também lhe ofereço a mesma garantia.

Hunter ouviu Gayle com um novo interesse. Sorrindo, Freeberg retomou o comando da conversa: — E agora vamos analisar o programa da terapia, como iremos trabalhar juntos.

A sessão prolongou-se por mais uma hora, com Freeberg sondando os antecedentes e a história sexual de Hunter.

Finalmente ele determinou que Hunter podia ter seu primeiro encontro com Gayle naquela tarde, na casa dela. As sessões intensivas prosseguiriam nos dias subseqüentes, se Freeberg ficasse satisfeito com o progresso do tratamento.

Após dispensar o paciente e a suplente sexual, Freeberg ficou só. Contudo, de certa forma, não estava sozinho. Sentia que Hoyt Lewis, o promotor público, ainda estava com ele. Tentou se concentrar em seu mais novo paciente, mas logo chegou à conclusão de que Gayle era bastante competente para cuidar muito bem daquele tipo de caso e tirou Hunter do pensamento.

Estava livre para refletir sobre o telefonema do promotor público.

Aparentemente, o pedido de um encontro por parte de Hoyt Lewis parecia bastante sociável. Talvez ele quisesse apenas dar as boas-vindas da comunidade a Freeberg ou, mais provavelmente, exortá-lo a ingressar em alguma organização comunitária. Mas, no fundo, Freeberg sabia que tais idéias eram absurdas. Por trás da abordagem aparentemente afável do promotor público, houvera uma insistência inequívoca em conversar com Freeberg de imediato.

Não seria uma visita social, concluiu Freeberg.

Instintivamente, como se procurasse um revigorante no trabalho, ele estendeu a mão para a última gaveta da escrivaninha, onde guardava as anotações de pesquisas para um trabalho que há

muito vinha preparando e adiando, sobre a evolução da terapia sexual e as mudanças que haviam ocorrido na profissão desde os dias pioneiros de Masters e Johnson.

Logo estava absorto na revisão de suas anotações e quando tornou a olhar para o relógio que se achava em cima da mesa, faltavam apenas nove minutos para as onze horas. Guardou as anotações e foi ao banheiro. Lavou-se, molhando o rosto com água fria, a fim de ficar o mais alerta possível.

As onze horas estava de novo à sua mesa, pronto para qualquer coisa.

Hoyt Lewis, o promotor público, chegou cinco minutos depois das onze horas, e não estava sozinho. Era um homem corpulento e exuberante, vestido de maneira impecável, exceto por uma desconcertante gravata de listras. Lewis apertou com força a mão de Freeberg e depois apresentou o homem mais baixo que o acompanhava.

— Doutor Freeberg, espero que não se incomode por eu trazer um velho amigo e consultor, o doutor Elliot Ogelthorpe, da Universidade da Virgínia, onde chefia o Departamento de Educação Sexual. Por acaso ele estava na cidade...

— Claro que não me importo — disse Freeberg, apertando a mão de Ogelthorpe. — Prazer em conhecê-lo.

Mas Freeberg não estava nada satisfeito. Não só não gostava da aparência de Ogelthorpe — o homem tinha olhos pequenos, uma boca sisuda e um cavanhaque impecável (o que deixava Freeberg envergonhado de sua barba desgrenhada) —, mas também detestava sua reputação.

— Tenho lido seus artigos nas publicações médicas —

acrescentou Freeberg. — Li também sua recente publicação sobre as suplentes sexuais, "A mais nova velha profissão". Assim, posso dizer que conheço o seu trabalho muito bem.

— E eu conheço o seu — anunciou Ogelthorpe, sem qualquer tentativa de cordialidade.

Freeberg fez sinal para que eles se acomodassem. Enquanto se sentava, Hoyt Lewis ainda manteve uma atitude sociável.

— Quando me encontro com alguém profissionalmente, gosto de convidá-lo para ir ao meu gabinete. — Lewis soltou uma risada. — É mais intimidante. Mas hoje pensei em dar uma olhada em sua clínica, antes de lhe falar. É um lugar bastante agradável.

Freeberg ainda pensava numa palavra que Lewis usara, profissionalmente. Se o promotor público estava pensando numa reunião oficial, poderia ser algo perigoso.

— Fico contente por ter gostado de nossa pequena clínica — disse Freeberg. — É tudo novo, e me sinto muito orgulhoso de nossas instalações.

Ele desconfiava que Lewis viera examinar o lugar — à procura do quê? orgias? — e ficara desapontado. Esperou em silêncio pelo que viria em seguida.

O promotor público passou a língua pelos lábios, empertigou-se, abandonou o ar sociável. Era todo oficial naquele instante.

— Tenho certeza de que o senhor deve estar perplexo com minha presença aqui e com o fato de que eu queria vê-lo o mais depressa possível.

Freeberg tentou sorrir, sem muito sucesso.

— Reconheço que refleti um pouco a esse respeito.

— Doutor Freeberg, desde que se instalou aqui em Hillsdale, alguns rumores acerca de sua atividade chegaram aos meus ouvidos por... há... por intermédio de membros respeitáveis desta comunidade.

— Minha atividade? — murmurou Freeberg.

— Isso mesmo, seu trabalho como terapeuta sexual... uma profissão perfeitamente honrada... e o uso de suplentes sexuais... empenhadas numa profissão um tanto duvidosa. Isso foi levado a mim e tive de examinar o trabalho que você e suas suplentes realizam. Fiz algumas profundas pesquisas preliminares.

— E o que descobriu, senhor Lewis? — indagou Freeberg, ainda com suavidade.

— Que você pode estar envolvido, de forma inocente, numa atividade que é ilegal, talvez mesmo criminosa. Estive investigando a possibilidade de que, como terapeuta sexual, possa estar envolvido em lenocínio, enquanto suas suplentes sexuais podem estar empenhadas no que não pode ser interpretado como outra coisa que não prostituição.

— Ora, pare com isso! — protestou Freeberg, tentando não dar muita importância às acusações. — Estamos vivendo em tempos modernos, no progressista estado da Califórnia...

— Ah, a Califórnia... — Lewis tirou um pedaço de papel de um bolso do paletó e desdobrou-o. — Deixe-me dizer-lhe uma coisa sobre as leis da Califórnia que talvez ignore, pois é recém-chegado. Há dois estatutos que proibem expressamente o trabalho que você e suas assistentes estão fazendo.

Ele fez uma pausa, consultando o papel que tinha na mão.

— Aqui está uma referência a lenocínio. Significa qualquer ação em que uma pessoa estimula outra à prostituição. — Lewis levantou os olhos. — Ao fazer suas suplentes sexuais trabalharem, não resta muita dúvida de que está praticando o lenocínio. Isso, doutor Freeberg, é contra a lei na Califórnia e em cinquenta estados da União. É um crime.

Freeberg fez menção de falar, mas Hoyt Lewis levantou a mão para silenciá-lo e tornou a consultar seu papel.

— E temos também o estatuto da ofensa moral. Significa que ela é cometida por uma pessoa que participa de um ato de prostituição, o que inclui qualquer ato libidinoso entre pessoas por dinheiro ou outra forma de pagamento. O que também é contra a lei na Califórnia.

Freeberg sentiu que ficara com o rosto vermelho e fez um esforço para se controlar.

— Ainda não definiu prostituição, senhor Lewis. O promotor público tornou a consultar seu papel.

— Prostituição... Significa alguém envolvido em relações sexuais profissionais. — Ele levantou os olhos. — Considera-se que prostituta é uma mulher que se empenha em intercuro sexual promíscuo, especialmente por dinheiro. Aí está. E pelas minhas investigações, parece que está perigosamente próximo ou de todo empenhado na prática de providenciar mulheres para se empenharem em atos libidinosos com representantes do sexo oposto e a se alugarem como prostitutas por pagamento. Sendo assim...

— Um momento, por favor, senhor Lewis — interveio Freeberg. —

Podemos discutir o assunto?

— É para isso que estou aqui. Para discutir sua atividade e apresentar uma advertência.

— Podemos primeiro conversar a respeito do assunto?

— Claro.

— Talvez não tenha sido bem orientado em suas pesquisas e esteja desinformado em suas investigações — disse Freeberg. —

Posso lhe esclarecer algumas coisas?

— A vontade.

Tentando se controlar, Freeberg disse: — Creio que é essencial que conheça a grande diferença que separa a prostituta da suplente sexual.

— Na minha opinião, constituem a mesma coisa — insistiu Lewis.

— Deixe-me continuar, por favor. Afinal, sua compreensão do que é uma prostituta e uma suplente sexual pode estar errada.

Hoyt Lewis mudou a posição do corpo enorme na cadeira.

— Muito bem, doutor Freeberg, estou ouvindo.

— Vamos começar por uma exposição de caráter geral. O clínico médio neste país, ou em qualquer outro, sabe muito pouco sobre problemas sexuais, a menos que envolvam alguma coisa organicamente errada com o paciente. Assim, sempre que um homem, jovem ou velho, tem um problema sexual, descobre que não adianta consultar o médico da família. Se ele for orientado de maneira apropriada, pode acabar procurando um consultor especializado... um psiquiatra, um terapeuta treinado em questões sexuais... e tentar chegar à raiz de seu problema, por meio de diálogos. Mas logo no início começamos a compreender que isso não era suficiente. Como um psicólogo ressaltou: "Sexo é ação e não diálogo". Uma terapia eficaz tinha de ser baseada na ação. Os primeiros homens da ciência a perceber a necessidade de algo mais além do diálogo foram o doutor Joseph Wolpe, que sugeriu que fossem recrutadas parceiras sexuais para ajudar os incapacitados sexualmente, e Arnold Lazarus, doutor em Filosofia que achou serem as parceiras sexuais "necessárias" para se conseguir algum êxito no tratamento de homens que apresentavam disfunções sexuais. Mas foram Masters e Johnson que criaram o termo "suplente sexual" e incluíram essas esposas ou amantes de fantasia em seu programa de reabilitação. Pois Masters e Johnson...

— Doutor Freeberg — interveio Lewis —, se vai discorrer sobre Masters e Johnson, seria melhor incluir o doutor Ogelthorpe na conversa. Como já deve ter lido, ele possui um profundo conhecimento de Masters e Johnson.

— Claro que o estou incluindo em tudo — disse Freeberg ao companheiro do promotor público.

— Nesse caso, tenho algo a lhe dizer — anunciou Ogelthorpe. —

Creio que isso deve ficar bem claro desde o início. Assim que começaram essa terapia, Masters e Johnson perceberam que as prostitutas, as prostitutas de verdade — dariam excelentes suplentes sexuais, se fossem usadas como tais.

— Não é verdade! — protestou Freeberg, com veemência. — Está distorcendo os fatos.

— Estou?

— Por favor, deixe-me continuar.

O doutor Ogelthorpe ficou em silêncio.

— Apresentarei os fatos sobre Masters e Johnson e as prostitutas. Eles nunca usaram... nem uma única vez... uma prostituta como uma autêntica suplente sexual. O que aconteceu foi que em 1954, Masters e Johnson, por meio de filmes e da observação de setecentas pessoas, efetuaram uma pesquisa para descobrir o que acontece psicologicamente com o corpo humano antes, durante e depois do coito e do orgasmo. Para realizarem esse estudo, eles precisavam de alvos do sexo feminino. Por isso, no início, contrataram prostitutas. Ficou comprovado que isso era ineficaz, porque a anatomia e as reações das prostitutas não eram como as das outras mulheres.

Eles abandonaram as prostitutas e passaram a usar voluntárias da Faculdade de Medicina da Universidade de Washington, que deviam ser observadas e fotografadas. Depois, para suas pesquisas posteriores, resolveram estudar a utilidade de suplentes sexuais femininas em terapia.

Hoyt Lewis interrompeu Freeberg: — Está querendo dizer que Masters e Johnson nunca empregaram prostitutas como suplentes sexuais?

— Nunca! — respondeu Freeberg, de modo enfático, folheando suas anotações. Ele suspendeu um papel. — Deixemos que William Masters fale pessoalmente a esse respeito.

Ele passou a ler o que estava escrito no papel, citando Masters: — "Deve ser ressaltado que jamais se pensou em empregar a população prostituta (como suplentes)... tanta coisa mais é necessária e exigida de uma parceira substituta além do desempenho sexual apenas físico, que usar prostitutas seria, na melhor das hipóteses, clinicamente malsucedido e, na pior, psicologicamente desastroso". — Freeberg largou o papel. — Por isso, Masters e Johnson pediram que mulheres comuns se oferecessem como voluntárias para o trabalho de suplentes sexuais. Depois de uma cuidadosa investigação, encontraram treze mulheres, entre vinte e quatro e quarenta e três anos de idade, para trabalharem como suas suplentes sexuais.

— E essas mulheres não eram prostitutas, embora desempenhassem o mesmo papel das prostitutas comuns? — insistiu Lewis.

— Em absoluto! — protestou Freeberg, com veemência. — O ofício de uma prostituta é proporcionar ao homem uma rápida gratificação sexual. Uma suplente sexual... no programa de Masters e Johnson e no nosso, como devem saber... é qualquer coisa, menos uma atleta sexual. Seu trabalho é reabilitar uma pessoa enferma. Uma suplente sexual é treinada e contratada para ser a assistente de um terapeuta, assim como observadora, relatora e modelo. Em seu relacionamento com o paciente, a suplente sexual, por meio de uma série de exercícios de contato e carícias, tenta ensiná-lo a aprender como experimentar a intimidade humana. Durante onze anos, Masters e Johnson trataram de 54 homens solteiros com distúrbios sexuais e 41 receberam ajuda de suplentes sexuais treinadas. Dos 41 homens assim tratados, 32 tiveram seus problemas sexuais resolvidos e 24 casaram-se depois e tiveram um desempenho satisfatório.

O doutor Ogelthorpe interveio mais uma vez: — Como podemos ter certeza disso? Como sabemos que os pacientes de Masters e Johnson ficaram realmente curados depois de receberem alta da clínica? Pelo que sei, o acompanhamento posterior dos casos supostamente curados foi descuidado, limitando-se a um contato com os pacientes cinco anos depois... e mesmo assim por telefone. Considera esse tipo de acompanhamento científico?

Freeberg sorriu.

— A respeito dessa questão, permita-me citar as palavras de William Hartman, um renomado psicólogo do Centro de Estudos Conjugais e Sexuais de Long Beach, Califórnia. Quando o interrogaram sobre o acompanhamento posterior de ex-pacientes, Hartman reagiu com a seguinte pergunta: "Quando foi a última vez que um médico lhe telefonou dois anos depois para perguntar se ainda estava curado daquela gripe?"

Hoyt Lewis soltou uma risada divertida, mas o doutor Ogelthorpe permaneceu sério.

— Vamos nos ater a Masters e Johnson — disse Ogelthorpe. — Há um fato que não pode negar. Masters e Johnson renunciaram ao uso de suplentes sexuais em 1970.

— É verdade, mas não foi porque a utilização delas se mostrasse ineficaz — respondeu Freeberg. — Um homem chamado George E.

Calvert, de New Hampshire, processou Masters e Johnson, pedindo uma indenização de um milhão e meio de dólares, sob a alegação de que sua esposa, Barbara, fora trabalhar para eles como suplente sexual e tivera intimidade sexual com sete pacientes masculinos. Masters e Johnson fizeram um acordo extrajudicial com o homem e depois disso renunciaram ao uso de suplentes sexuais. Porque eram tão famosos, tornavam-se mais vulneráveis do que outros terapeutas sexuais e havia sempre a possibilidade de novas ações judiciais. Sem as suplentes sexuais, confessou Masters: "A estatística de sucesso com homens impotentes foi completamente revertida. Temos agora um índice de fracasso de setenta e sete e cinco por cento". Contudo, com esse conhecimento do valor das suplentes sexuais, dezenas de terapeutas, inclusive eu, continuaram a treiná-las e utilizá-las como suplentes.

Hoyt Lewis estava começando a ficar apreensivo.

— Senhores, vamos parar com essa discussão sobre Masters e Johnson. Não são eles que estão em pauta aqui. Nossa preocupação é a suplente sexual feminina. E, para mim, qualquer uma delas parece igual a uma prostituta. Não vejo a menor diferença.

Eles haviam chegado à essência do conflito, e Freeberg tornou-se ainda mais determinado a resolver o problema de uma vez por todas. Falou diretamente ao promotor público: — Pode estar certo, senhor Lewis, de que há enormes diferenças.

A suplente sexual é orientada por um terapeuta licenciado, que a controla com regularidade. O que não acontece com a prostituta.

A suplente sexual é treinada no uso de exercícios benéficos que envolvem o contato. A prostituta não é. A suplente sexual é motivada por um desejo profissional de ajudar um paciente com qualquer disfunção sexual, a fim de curá-lo. A prostituta é motivada apenas pelo desejo de ganhar dinheiro, um dólar rápido, nada mais. A suplente sexual quase sempre provém de uma família que tem pelo menos o pai — ou a mãe compreensivo e afetuoso. A prostituta geralmente provém de uma família arruinada, dominada pelo ódio e pelo abuso. A suplente sexual devota-se a um paciente como mestra por um longo tempo. A prostituta entrega-se a um número indeterminado de homens num curto período, porque procura ganhar um dinheiro rápido, só se interessa em conseguir o máximo possível. Como Barbara Roberts, uma terapeuta das mais conhecidas, resumiu em certa ocasião: "A maioria das suplentes sexuais dariam péssimas prostitutas, enquanto a maioria das prostitutas, porque não têm treinamento e sua motivação é diferente, dariam péssimas suplentes sexuais".

Hoyt Lewis pôs a palma das mãos nos joelhos e fitou Freeberg nos olhos.

— Falou muito bem, doutor, mas ainda não estou convencido da diferença essencial entre a prostituta e a suplente sexual.

— A diferença essencial? — repetiu Freeberg. — Como assim?

— As duas têm uma semelhança básica. Tudo se resume a isso, doutor Freeberg. E permita-me usar a linguagem das ruas. As duas são contratadas e pagas para foder.

Freeberg tentou permanecer calmo.

— Também gostaria de responder no jargão das ruas. A atitude da prostituta é a de dar uma trepada rápida e depois cair fora. De um modo geral, a prostituta não é uma pessoa por quem seu parceiro tenha algum afeto. A suplente sexual, por outro lado, não é apenas uma vagina disponível para se descarregar o esperma acumulado. É uma profissional amiga, treinada para pôr um homem em contato com seu próprio corpo. É uma pessoa que pode ressuscitar sua

capacidade de ser sensual, um sentimento que ele provavelmente perdeu em razão da criação e do condicionamento. Vamos ver as coisas por outro ângulo, senhor Lewis. A diferença se resume em uma questão de motivação e propósito. E a diferença que vai encontrar entre um cirurgião e um assaltante. O cirurgião usa a faca para cortar alguém, mas sua intenção é curá-lo. O assaltante também usa a faca para cortá-lo, mas sua intenção é tirar todo o seu dinheiro.

O promotor público torceu o nariz.

— Ainda não vejo qualquer diferença concreta entre uma prostituta e uma suplente sexual. Para mim, em última análise, as duas fazem a mesma coisa.

— Não poderia estar mais enganado ao chegar a essa conclusão — protestou Freeberg. — A prostituta devota-se totalmente a atos libidinosos e ao intercurso sexual. A suplente sexual pode... apenas pode... dedicar o último ou os dois últimos de doze exercícios ao intercurso sexual, para provar que ocorreu a cura.

Menos de vinte por cento da atividade de uma suplente sexual com homens envolvem o intercurso sexual. Posso lhe garantir que a suplente sexual não é uma vigarista.

— Podemos deixar que um tribunal decida isso — anunciou Hoyt Lewis, levantando-se. — Seja como for, não estou aqui para ameaçá-lo de prisão. Ou pelo menos ainda não. Estou aqui porque sou um bom cidadão, porque você é novo na comunidade, porque pode estar desorientado mas tem boas intenções, e porque quero lhe oferecer a oportunidade de corrigir seu comportamento. Estou aqui para lhe propor o mesmo que lhe propuseram em Tucson, Arizona, antes que abandonasse a cidade. Aconselho-o a renunciar totalmente ao uso de suplentes sexuais e voltar a ser um bom e decente terapeuta que se limita a dialogar, como todos os psiquiatras que existem por aqui. Faça isso e estará dentro da lei, com todas as garantias. Mas tem de dispensar suas suplentes sexuais.

Freeberg levantou-se também, indeciso.

— Dispensar todas? Está falando sério?

— Se você se recusar a suspender de imediato o uso de suplentes sexuais, não terei outra alternativa a não ser processá-lo por lenocínio e a elas, por prostituição. Pela primeira acusação, se condenado, você estaria sujeito a uma pena de um a dez anos de reclusão. E suas suplentes sexuais poderiam passar seis meses na prisão. E você não poderia mais exercer a profissão em Hillsdale ou em qualquer outro lugar da Califórnia. Repito: estou falando sério. Renuncie às suas práticas anti-sociais ou agüente as mais graves conseqüências. Se não aceitar esse acordo, serei obrigado a pedir sua prisão e a das suplentes sexuais. Isso acarretará uma audiência pública e posteriormente um julgamento aberto, daqui a dois meses. Sugiro que pense bastante e decida o que prefere.

Tem uma semana. Durante esse período, você ou seu advogado pode me informar a respeito da decisão. Combinado?

Freeberg assentiu com a cabeça. Pegando o doutor Ogelthorpe pelo braço, o promotor público encaminhou-se para a porta. Parou por um instante, antes de sair, virou a cabeça para trás e acrescentou:

— Obrigado por sua paciência. Espero que tome a decisão mais sensata.

Depois que teve certeza de que os dois já haviam ido embora, Freeberg sentou-se na cadeira giratória e virou-se para o telefone.

Atordado, tentou lembrar o número de seu velho amigo e advogado, Roger Kile, em Los

Angeles: Por fim conseguiu e discou para o escritório dele.

Quando a secretária atendeu, ele disse que precisava falar imediatamente com o senhor Kile, um problema urgente.

— O senhor Kile acabou de sair para almoçar, mas acho que ainda posso alcançá-lo no corredor.

— Faça isso, por favor. Diga a ele que é o doutor Arnold Freeberg.

Ele ficou segurando o fone de modo apático até ouvir a voz de Roger Kile.

— Roger? Sou eu, Arnold. Desculpe-me por atrapalhar a sua hora de almoço, mas é um problema importante.

— Não se preocupe com isso, Arnie. Você parece muito nervoso.

— E estou mesmo. Acredite ou não, tenho de novo um problema.

— Que tipo de problema?

— O promotor público de Hillsdale, Hoyt Lewis, acaba de deixar a clínica. E não foi uma visita social.

— Você disse que tinha um problema. O que o promotor público queria?

— Se dispuser de alguns minutos...

— Disponho de todo o tempo de que você precisar, Arnie.

Conte-me o que está acontecendo.

E Freeberg contou. Durante mais de dez minutos, ele relatou tudo o que podia lembrar acerca da visita de Hoyt Lewis, sua ameaça, a proposta de um acordo.

— Aí está — concluiu Freeberg. — O que vou fazer? Parece que ele me encostou contra a parede.

— Fique calmo, Arnie. Não se precipite. Pode haver muita coisa a resolver antes de tomar uma decisão.

— Mas por que isso está acontecendo, Roger? E ainda mais na Califórnia. Não tem sentido. O que há por trás disso?

Por um momento, houve silêncio no outro lado da linha. E, depois, Kile respondeu com uma única palavra: — Política.

— Política?

— Isso mesmo. Jamais me encontrei pessoalmente com seu promotor público, mas já ouvi falar a seu respeito, até mesmo aqui, em Los Angeles. Ele é popular e quer sê-lo ainda mais.

Acho que Lewis deseja aproveitar a oportunidade para subir. Quer ser conhecido em todo o estado, e se lançar contra você e suas suplentes sexuais é uma forma segura de atrair a atenção dos meios de comunicação. Ele pode se tornar bastante conhecido e até mesmo obter um cargo mais importante, se conseguir ganhar o caso.

— E tudo indica que ele pode vencer.

— Não se precipite, Arnie. Pode haver muito mais do que um mero caso criminal. As conseqüências legais podem ser profundas. Há muitas ramificações.

— Eu poderia lutar contra ele, Roger? Teria alguma chance?

— E o que vamos descobrir. Estudarei todos os aspectos do problema. Também farei uma pesquisa. Antes de desligar, quero que você dê à minha secretária uma lista de pessoas qualificadas...

médicos, terapeutas, suplentes sexuais, pessoas em quem você confia e que não vão se

importar de responder a algumas perguntas e me fornecer as informações de que preciso. Certo?

— Certo.

— Depois que eu tiver os nomes, passarei esta tarde e o início da noite, assim como todo o dia de amanhã, conversando com essas pessoas, pessoalmente ou por telefone. Devo ter tudo pronto até amanhã à noite. E depois nós dois vamos nos encontrar para conversar.

— Quando?

— O mais depressa possível, é claro. Por que não pega o carro e dá um pulo a Los Angeles? Podemos nos encontrar no La Scala, em Beverly Hills, às sete horas. É um restaurante discreto e de classe, onde podemos conversar à vontade e esclarecer tudo.

— Estarei lá — prometeu Freeberg. — Terá condições de me dizer o que fazer, durante o jantar?

— Creio que sim.

— Acha que tenho uma chance de lutar, Roger?

— Não sei ainda, mas poderei responder amanhã à noite, quando nos encontrarmos.

Na noite seguinte os dois estavam sentados num reservado com muito brocado e veludo, nos fundos do restaurante La Scala, numa rua conhecida como "Little" Santa Monica Boulevard.

Seguindo pela estrada litorânea para Beverly Hills, a fim de se encontrar com o advogado e amigo, o doutor Arnold Freeberg estava nervoso, obcecado pela ameaça que pairava sobre sua cabeça. Se o promotor público, como Kile sugerira, estava determinado a usá-lo, junto com suas suplentes sexuais, como trampolim para promover sua carreira política, haveria pouca esperança de conseguir detê-lo. Ele iria processá-lo de qualquer maneira. Mas houvera alguma concessão em sua atitude.

Encontrara-se com Freeberg no dia anterior, para adverti-lo, oferecendo-lhe a oportunidade de recuar na questão das suplentes sexuais e suspender esse tratamento. Se Hoyt Lewis fosse mais intransigente, oportunista e ambicioso, não se daria ao trabalho de adverti-lo. Iniciaria a ação judicial sem nenhum aviso.

Mas Freeberg percebeu que não havia indício algum de açodamento e irresponsabilidade no comportamento de Lewis. Ele não iniciaria uma ação judicial se não tivesse quase certeza de que poderia vencê-la. Não era tolo. Em política, é preciso vencer sempre. Um caso sem vitória seria desastroso. Portanto, tudo dependia do que Kile estivera pesquisando desde o dia anterior.

Suas descobertas é que determinariam a decisão final. Se Kile concluísse que a posição de Lewis era muito forte, então Freeberg teria de fechar a clínica em Hillsdale e não haveria outro lugar para onde pudesse ir na Califórnia. Claro que ele podia continuar com a clínica e trabalhar como terapeuta sexual verbal, não muito eficaz, e sobreviveria de alguma forma. Mas seria triste, muito triste, negar a tantas pessoas decentes e necessitadas uma cura positiva.

No restaurante, os dois começaram a tomar martinis, sem abordarem de imediato o motivo para o encontro.

— Trabalhei muito ontem e hoje — dissera Kile, logo de início. — Estou exausto. Vamos tomar primeiro um drinque para nos animarmos; depois pediremos a comida e em seguida poderemos conversar.

Eles beberam e conversaram sobre assuntos pessoais. Freeberg falou da esposa e do filho. Kile, solteiro, de feições atraentes e o tipo de queixo saliente e viril que aparece em anúncios de cigarros, falou de uma nova namorada, compradora da loja de departamentos Saks, e de alguns

dos casos mais importantes de seu escritório. A salada Caesar que eles haviam pedido foi servida. Ao terminar de comê-la, Roger Kile inclinou-se para o lado e pegou sua pasta, colocando-a no banco. Abriu-a, vasculhou em seu interior e tirou cerca de meia dúzia de fichas. Colocou-as ao lado do prato, mas antes que pudesse consultá-las, o garçom chegou com a costeleta de vitela e com o espaguete à la carbonara de Freeberg. Depois que o garçom tornou a deixá-los a sós, Kile consultou as fichas.

— Muito bem, Arnie, vamos logo à prioridade A. Você me forneceu uma boa lista de pessoas para quem eu pudesse telefonar e visitar. Todos se mostraram dispostos a cooperar quando souberam que você estava envolvido e qual era a ameaça de Lewis.

— Contou a eles?

— Por que não? Se você está ameaçado, os médicos e suplentes sexuais que me indicou também estão. Todos correm perigo em razão do que lhe está acontecendo. E se mostraram indignados e dispostos a ajudar. Freeberg espetou o espaguete.

— Ajudar como, Roger?

— Por um lado, aprendi muito sobre o seu trabalho. — Kile cortou a vitela e começou a comer. — Ficou patente para mim que uma suplente sexual feminina não opera como uma prostituta, em absoluto.

— Ainda não sabia disso?

— Tinha de ouvir de novo de outras pessoas com experiência, e que não estão diretamente envolvidas. Não tenho agora a menor dúvida de que uma suplente sexual profissional tem motivação e atitudes bem diferentes da média das prostitutas. E os objetivos de uma suplente sexual também são diferentes dos da prostituta. Uma suplente sexual quer recuperar seus pacientes e acha que só foi bem-sucedida quando ele pode ter relações normais com outras mulheres.

— Eu expliquei tudo isso a Hoyt Lewis ontem — comentou Freeberg, impaciente.

Kile ignorou-o. Mastigando a vitela, ele tornou a consultar as fichas.

— Há muitas pessoas do seu lado. Aqui está uma declaração do chefe da Clínica de Desenvolvimento de Recursos Humanos de Chicago...

— Doutor Dean Dauw — disse Freeberg.

— Isso mesmo, Dauw. Ele disse, categórico: "As suplentes sexuais não são prostitutas... Se um homem é impotente e solteiro, como pode ser tratado sem a ajuda de uma mulher? Ela tem de ser uma pessoa que goste de ajudar os outros, mas de jeito nenhum pode ser uma prostituta. As prostitutas muitas vezes odeiam os homens e são motivadas por dinheiro". Gosto disso.

— É a pura verdade.

— Por outro lado, há muitos especialistas, terapeutas, psiquiatras, que não estão do seu lado. De um modo geral, acham que as suplentes sexuais são destreinadas e falta uma regulamentação. Há uma permanente ameaça legal, porque a profissão é indefinida. Temos a Associação Psicológica de Massachusetts que proscree completamente as suplentes sexuais e apresenta os motivos para isso. — Ele folheou as fichas. — Muitos terapeutas tendem a tergiversar. E o caso da doutora Helen Kaplan, diretora de um programa de terapia sexual na Clínica Payne Whitney, no Hospital de Nova York.

— Ela é muito respeitada — disse Freeberg.

— Pois parece que ela está dos dois lados, mas menos do seu.

Diz ela: "As pessoas solitárias podem ser ajudadas por suplentes sexuais, mas eu tentaria determinar, por meio da psicoterapia, por que a pessoa é tão solitária. Precisamos levar a humanidade e o erotismo de volta à cama. Não se pode fazer isso quando se paga cem dólares a alguém para ir com você para a cama".

— Isso é útil para mim ou para o promotor público? Kile largou as fichas e sorriu.

— Tenho certeza de que Hoyt Lewis usará argumentos mais fortes contra você, se precisar.

— Kile ficou em silêncio por um instante, pensativo, como se se lembrasse de outra coisa. — Há mais um fator contra você que deve ser levado em consideração, Arnie. O Poder Judiciário, ao que parece, tem um preconceito tácito contra as suplentes sexuais.

— O que quer dizer com isso?

— Conversei com um colega que cuidou de um caso de divórcio em Burbank. Meu amigo representava a mulher, mãe de duas crianças que ficaram sob sua custódia durante o processo. Seu marido, de quem estava separada, descobriu de alguma forma que ela trabalhava ocasionalmente como suplente sexual, embora não o fizesse em casa nem perto dos filhos. O marido falou com seu advogado, que foi procurar o juiz. Sem uma audiência, o juiz logo tirou a custódia das crianças da mãe e entregou-as ao pai. Meu amigo e eu achamos que foi uma péssima decisão judicial, mas serve para mostrar que em nosso mundo real nem sempre há boas decisões judiciais ou a justiça legal.

— Não está contribuindo para me levantar o ânimo — comentou Freeberg.

— Estou apenas tentando lhe dizer que existe algum preconceito.

— Por que não vamos direto ao ponto, Roger? — Freeberg empurrou o prato de espaguete para o lado. — Qual é exatamente a minha situação?

— Esse é o próximo item na agenda. Eu estava certo em relação ao palpite que dei pelo telefone. O problema é político. Hoyt Lewis está procurando por sua grande chance. Acha que a encontrou. Conta com o apoio de pessoas poderosas, que sem dúvida o exortam a iniciar uma ação judicial contra você.

— Quem são essas pessoas?

— A mais conhecida é um clérigo proeminente, o reverendo Josh Scrafield, que é contra toda e qualquer educação sexual nas escolas e acha que um terapeuta como você pode contaminar sua comunidade tão pura. Ele aparece na televisão aqui em Los Angeles. Faz o maior sucesso.

— Aquele ioiô — murmurou Freeberg, com desdém. — Não é possível que Lewis o leve a sério.

— Eu diria que o leva a sério apenas no sentido político.

Scrafield sabe como conquistar amigos e influenciar pessoas.

Possui uma audiência espetacular, para quem sua palavra é o Evangelho. Uma pessoa em quem possa se apoiar, caso queira subir na vida.

Freeberg balançou a cabeça, com um ar infeliz.

— E onde tudo isso me deixa?

— São elementos intangíveis. A única coisa concreta a se considerar é a lei.

— Posso imaginar.

— A lei na Califórnia é bastante específica quanto à definição de lenocínio e prostituição. Mas não há referência a nada que se relacione com suplentes sexuais. São águas turvas. Em determinados estados, como Connecticut e Arizona, qualquer intercuro sexual mediante

pagamento é considerado prostituição.

Mas não na Califórnia. As suplentes sexuais não são ilegais aqui.

Mas também não são expressamente permitidas. Elas não são licenciadas. Se fossem, isso seria da maior utilidade. Os médicos e os psicólogos são obrigados a tirar uma licença aqui, Arnie. Se Hoyt Lewis apresentasse esse argumento... que as suplentes sexuais estão tratando de distúrbios e, desse modo, praticando a medicina ou desempenhando o papel de psicólogos sem estarem licenciadas... teria um caso mais denso. Mas como a medicina e a psicologia são amplamente definidas, esse ponto pode não ser muito importante se for usado contra as suplentes sexuais. Além do mais, combater praticamente não-licenciados é uma coisa insípida. Não atrai a atenção do público. Lenocínio e prostituição são diferentes, e foi por isso que Lewis escolheu-os.

— Mas qual é, afinal, a minha situação? — insistiu Freeberg.

— Chegamos ao ponto crucial. Na minha opinião, você está do lado seguro. — Kile afirmou sem a menor hesitação. — A lei define a prostituição como qualquer ato libidinoso entre pessoas por dinheiro. Uma suplente sexual treinada, orientada por um especialista licenciado como você, não deve estar sujeita à acusação de prostituição. Ela pode apresentar provas concretas de suas intenções e trabalho no tribunal. Pode mostrar documentos, planos, programas, anotações, todos os tipos de registro, para provar que está empenhada em terapia legítima e não em atos libidinosos por dinheiro. Pode provar que é apenas uma assistente aceitável na terapia verbal.

Por trás dos óculos, os olhos de Freeberg se arregalaram.

— Quer dizer que a lei está a meu favor? Kile sorriu.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso. A lei proíbe o comportamento promíscuo. Está claro que a intenção da lei é evitar o vício comercializado, que pode prejudicar as pessoas, as famílias e a sociedade. Não vejo esse risco nas atividades de uma suplente sexual. A intenção dela é reabilitar pessoas que sofrem de disfunção sexual diagnosticada clinicamente. O trabalho não inclui qualquer comportamento promíscuo. O objetivo do trabalho da suplente sexual é ser construtivo, em termos físicos, emocionais e econômicos, para os indivíduos, as famílias e a sociedade. — Kile fez uma pausa. — Em suma, meu amigo, o promotor público não tem muita coisa em que possa basear sua acusação. Na minha opinião, seu caso é dos mais inexpressivos, na melhor das hipóteses. Você tem uma posição muito mais segura e eu também, como seu representante.

— Está falando sério?

— Claro que estou. Lewis não pode ir ao tribunal certo do sucesso sem alguma testemunha de comportamento indecente praticado por suas suplentes sexuais. E onde Lewis poderia conseguir uma testemunha assim? Você tem um círculo limitado de suplentes sexuais, que trabalham sob sua cuidadosa supervisão, e uma quantidade pequena de pacientes, que investigou de forma meticulosa. Nenhum deles jamais pensaria em desertar para o lado do promotor público, depondo contra você e uma suplente num julgamento. Todas as testemunhas possíveis estão do seu lado.

— Quanto a isso, não tenho a menor dúvida. Kile abriu os braços e deu de ombros, confiante.

— Pronto. Eu afirmo que você não tem problema algum. O rosto de Freeberg se iluminou, as linhas de tensão visíveis em seu pescoço relaxaram.

— Quer dizer que posso continuar a trabalhar como antes?

— Não apenas como antes, porém ainda mais. Mantenha as suplentes sexuais. Aceite mais e

mais pacientes. Acumule estatísticas de sucesso cada vez maiores. Se Lewis for bastante idiota para nos levar ao tribunal, você terá essa prova maravilhosa para apresentar. Acho até que, antes disso, vamos querer que Lewis tome conhecimento de seu sucesso, no momento oportuno.

Isso provavelmente o fará pensar duas vezes e o impedirá de promover uma ação judicial.

— O que devo fazer em relação a Hoyt Lewis? Fiquei de lhe comunicar minha decisão em uma semana.

— Não faça nada. Pode deixar que cuidarei dele daqui. Deixarei que ele espere até o último minuto. E depois telefonarei ou o visitarei pessoalmente. Direi a ele que pode fazer o que quiser, mas que não tem a menor chance. Você vai prosseguir em seu trabalho.

— Ele não tem mesmo, Roger?

— Não tem o quê?

— Nenhuma chance?

Kile tornou a dar de ombros.

— Acho que não, mas quem pode saber com certeza? Em geral há dois lados na justiça americana. Às vezes o lado mais fraco pode vencer. Mas se eu estivesse no seu lugar, continuaria como se nada tivesse acontecido. E não precisa preocupar suas suplentes sexuais com o problema. Pode seguir em frente... E agora, Arnie, recomendo os sundaes de chocolate para sobremesa. A cobertura é como uma celebração.

Completamente vestida, parada na frente do boxe de seu banheiro, estendendo a mão para verificar se a água estava bastante quente para o próximo exercício, Gayle Miller não estava pensando em Adam Demski, que se despia na sala de terapia, mas sim em seu breve encontro com o doutor Freeberg, no início daquela tarde.

Freeberg a convocara para reavaliar mais uma vez o caso de Demski. O que era muito estranho, porque houvera minuciosas discussões a esse respeito, antes e depois de cada sessão com Demski. Mesmo assim, compulsivamente, Freeberg queria revisar tudo, como para ter certeza de que o caso progredia de maneira satisfatória.

— Acha mesmo que ele se sente um pouco mais à vontade despido? — perguntara Freeberg.

— Na primeira vez, antes da projeção do corpo, ele se mostrou relutante, bastante tenso — respondera Gayle. — Mas consegui fazer o exercício e até pareceu' relaxar um pouco. Anteontem, quando ele teve de se despír para a carícia nas costas, pensei que haveria alguma dificuldade, mas ele despiu-se sem qualquer problema e se mostrou muito mais à vontade durante o exercício.

Freeberg inclinará-se por cima de sua pasta aberta.

— Gayle...

— O que é?

— Qualquer indicação de algum movimento de ereção?

— Ainda nenhuma, doutor. Continua flácido. — Ela fizera uma pausa. — Talvez seja cedo demais.

— Creio que você está certa. Qual é o próximo exercício do programa? O banho de chuveiro?

— Isso mesmo. No fim desta tarde. Freeberg a fitara nos olhos.

— Não me interprete de maneira errada, Gayle. Não estou querendo apressar o caso. Tento apenas dizer que você deve mantê-lo num ritmo razoável, mas firme. O fator mais importante é o resultado. Conto com um sucesso real neste caso. — Ele hesitara. — Seria ótimo para todos nós

ter um bom começo na clínica.

— Farei o melhor que puder, doutor.

Recordando a conversa, a mão ajustando as torneiras de água quente e fria, ela ainda experimentava uma sensação de pressão da parte de Freeberg. Ele queria que o caso progredisse depressa, mas de forma meticulosa. Acima de tudo — e fora a primeira vez que falara a ela de um resultado —, queria que o tratamento de Demski tivesse êxito. Parecia um pedido desnecessário, e Gayle não podia deixar de querer saber por que fora enfatizado. O que estaria acontecendo na vida de Freeberg? Ele estaria sob alguma pressão... para provar sua competência ou reprimir alguma concorrência prevista?

E havia a indagação sobre o progresso de Demski. Não restava a menor dúvida de que estava vinculada à necessidade de sucesso.

Jamais Freeberg formulara a pergunta num estágio tão inicial dos exercícios.

O chuveiro estava no ponto ideal. Morno e agradável. Gayle decidiu tirar Freeberg da mente e concentrar-se no exercício.

Despiu-se no banheiro e seguiu pelo corredor até a sala de terapia, nos fundos. Adam Demski estava sentado numa poltrona, nu, folheando uma revista. Gayle ficou satisfeita ao constatar que nem as mãos nem a revista cobriam o pênis, que lhe caía entre as pernas, visível; sua postura indicava que não mais se sentia inibido na presença dela. O que era ótimo. Talvez tivessem feito algum progresso.

Ele ergueu a cabeça quando ela entrou e não mais desviou os olhos de seu corpo.

— Você... você está linda, Gayle.

— Gosto de elogios. — Ela estendeu-lhe a mão. — Venha comigo.

Demski largou a revista e levantou-se, pegando a mão estendida.

— Para onde?

— Vamos para o banheiro, tomar um sensual banho de chuveiro, juntos.

— Mas já tomei banho esta manhã.

— Este será diferente. Na verdade, é uma carícia no corpo, em pé, com sabonete e água.

Depois que acabarmos, vamos nos enxugar e voltaremos à sala de terapia, para outra carícia recíproca nas costas e no corpo todo, da cabeça aos pés. O que acha?

— Parece ótimo.

— Pois então vamos.

Ela levou-o pelo corredor. Entraram no banheiro, e ela soltou sua mão e inclinou-se para sintonizar o rádio branco numa emissora de FM. A música era suave, talvez dos anos quarenta, quando os casais dançavam de corpo colado.

— Gosto dessa música — murmurou Demski. — O que fazemos agora?

Gayle abriu a porta de vidro do boxe.

— Pode ver que já aprontei a água para nós. Está morna. Vamos entrar, ficar sob o chuveiro, um de frente para o outro. Assim que estivermos molhados, quero que você pegue o sabonete e passe no meu corpo, deixando-o tão ensaboado quanto possível. E depois comece a me acariciar, mas não os seios nem os órgãos genitais.

Tente manter os olhos fechados, a menos que queira ver onde estão suas mãos. Eu ficarei de olhos fechados. Provavelmente falarei um pouco, para orientá-lo. Ensaboe-me na frente e atrás, e depois farei o mesmo com você.

— A idéia é sentir-se bem?

— A idéia é desfrutar. Não fale, a menos que queira me dizer alguma coisa que o está incomodando ou constringendo.

— Está certo.

— Repito: a idéia é desfrutar, ter um contato mais íntimo com seus sentimentos. Relaxe e procure sonhar de forma criativa. Pode ser sensual, até mesmo erótico. Tente sentir a sensualidade de seu contato e depois do meu. Vamos entrar.

Eles ficaram sob o chuveiro. A água estava deliciosamente morna. Gayle entregou o sabonete a Demski e recuou um pouco.

— Sente-se à vontade? — perguntou ela.

— Estou relaxado.

— Eu também. Então por que não começa a me ensaboar?

PESCOÇO, ombros, braços, mãos, coxas e pernas.

— Terei de ficar com os olhos abertos para ver onde...

— Não há problema — disse Gayle. — Mas feche-os sempre que puder.

Com a música fluuando pelo banheiro, ele começou a passar o sabonete pelo corpo de Gayle, tomando todo o cuidado para não chegar perto dos seios ou dos órgãos sexuais. Gayle manteve os olhos fechados e depois disse, suavemente: — Muito bem, Adam, agora largue o sabonete e use as mãos para me acariciar e massagear de leve, na frente e atrás.

Ele seguiu as instruções; deslizou a ponta dos dedos pelo corpo de Gayle, em cima e embaixo. Involuntariamente, ela suspirou.

— É bom, Adam, muito bom...

Passados quase dez minutos, ela abriu os olhos.

— Dê-me o sabonete, Adam. Agora é a minha vez de ensaboar e acariciar você. Feche os olhos. Não fale. Deixe a mente vagar.

Está num harém, com mil dedos deslizando por seu corpo. Relaxe.

Lembre-se de que deve ser sensual, e espero que sejam agradáveis todas as sensações que tiver e que as desfrute ao máximo. Vire-se, pois vou começar pelas costas.

Ele virou-se, e Gayle chegou mais perto. Passou o sabonete por seu pescoço, ombros, costas e nádegas, até deixar a pele coberta de espuma. Com a outra mão, ela o massageava gentilmente.

Depois de algum tempo, fê-lo virar-se de frente para ela.

Ensaboou-lhe o peito, os braços, os quadris, as coxas, as pernas.

Depois, largando o sabonete, pôs as mãos na espuma e começou a fazer suaves movimentos circulares; passou para movimentos longos com os dedos, até que a água do chuveiro eliminasse toda a espuma.

Ela chegou mais perto; suas mãos deslizaram outra vez pelas coxas de Demski, enfiando-se pelas partes internas, e seus dedos subiram e desceram pela pele úmida.

Abrindo os olhos, para ter certeza de que não tocava em seus órgãos genitais, Gayle viu alguma coisa se mexer.

Seus olhos se arregalaram.

O pequeno pênis inchara um pouco; não podia haver a menor dúvida, levantara três ou quatro centímetros.

Ressurreição, ela sentiu vontade de gritar.

Estava emocionada.

E ansiosa para contar ao doutor Freeberg. Quer deixasse transparecer ou não, ele também ficaria emocionado. Pela primeira vez, ela podia avistar a luz no fim do túnel. Faiscava uma palavra, a distância. E a palavra era sucesso.

Incapaz de se controlar, em virtude da conquista, Gayle impulsivamente se adiantou e abraçou Demski, num gesto afetuosos. Podia senti-lo contra seu corpo, comprimindo-se.

Surpreso, ele abriu os olhos.

— O que aconteceu? Eu estava caindo?

— Não precisei levá-lo. Você já está de pé. Não sabia disso?

— Eu... eu não posso acreditar.

— É melhor acreditar. Está a caminho, Adam. Para valer. Como se sente?

Ele deu um sorriso tímido.

— Com três metros de altura.

— É maravilhoso — murmurou Gayle, sorrindo.

Naquela noite, na cama, esperando Tony sair do banheiro, Nan Whitcomb resolveu fazer mais uma tentativa para conversar com ele sobre a situação.

Conseguira esquivar-se durante uma semana inteira, alegando que o ginecologista insistia em que devia evitar o intercuro sexual enquanto recebia a série de injeções de hormônios. Mas a cada dia ele se tornara mais soturno e difícil, e Nan compreendera que não conseguiria evitá-lo para sempre. Mais cedo ou mais tarde — mais cedo, ela tinha certeza —, teria de ceder às suas exigências e não tinha certeza de que já progredira o suficiente na terapia para cooperar com Tony e lhe dar de maneira satisfatória o que ele queria.

Deitada na cama, ela sabia que não poderia manter por muito mais tempo a tática de protelar. Tinha de enfrentar a vida que escolhera e queria mantê-la, o que significava encontrar um meio de tornar seu relacionamento físico com Tony Zecca aceitável para ela.

Pensava ter encontrado um novo caminho e tomara a decisão de experimentá-lo com Tony. Rejeitar seu companheiro de modo sistemático não resolveria coisa alguma. Mudar Tony, pelo menos um pouco, podia ser a solução.

A idéia de educá-lo para as necessidades dela provavelmente lhe ocorrera ao final da tarde, depois de deixar o apartamento de Paul Brandon. Paul — Nan tinha dificuldade em pensar nele como um suplente sexual contratado e em si mesma como paciente necessitada — mostrara-se muito terno e gentil. No início da sessão de duas horas, Paul explicara o exercício seguinte, a carícia frontal, sem contato com os seios ou órgãos genitais. Ela se despira com uma crescente expectativa. O exercício fora realizado com um cuidado gentil da parte dos dois. Os dedos de Paul, deslizando por seu corpo, trouxeram calor à pele; ela fora invadida pelo desejo de pegar-lhe as mãos e cobrir com elas os seios, levá-las para a vagina. Resistira à tentação porque não quisera violar as regras, perturbar o relacionamento entre os dois ou ofendê-lo de qualquer forma. Quando chegara a sua vez de acariciá-lo frontalmente, a tentação fora ainda mais forte. Sentira vontade de pegar seu pênis, guiá-lo para dentro de seu corpo. Não cedera a esse desejo, mas Paul dera a impressão de que tinha alguma percepção do que se passava por sua mente. Ele fora terno e muito atencioso, mesmo depois que estavam outra vez vestidos.

Voltando para casa, após o jantar, quando ela e Tony se aprontavam para deitar, Nan

decidira conversar com ele naquela noite. Tentaria transferir um pouco da ternura e gentileza de Paul para ele, o homem com quem tinha de viver.

Ouviu a porta do banheiro ser aberta e fechada e viu Tony Zecca aproximando-se da cama. A claridade amarelada do abajur, constatou que ele estava nu. Tentou se preparar para a conversa.

Próximo à cama, ele puxou as cobertas que a cobriam e arrancou-lhe a camisola.

— As férias acabaram — resmungou Tony Zecca. — Já deve estar bem descansada agora. E, como pode ver, estou pronto para você.

Vamos logo, abra as pernas para foder.

Nan ficou horrorizada no mesmo instante. Desvaneceu-se toda a idéia de argumentar com ele, sumiram todas as palavras que ensaiara mentalmente, com tanto cuidado. Aquele era um momento de sobrevivência.

— Escute, Tony... não... ainda não...

— Vamos logo, meu bem. Ponha o travesseiro debaixo do seu rabo.

Ela tentou resistir.

— Não, Tony, não... não devo... O doutor me advertiu para não fazer enquanto estiver tomando as injeções. De-me mais algum tempo...

Zecca estava na cama, por cima dela, as mãos enormes segurando seus joelhos.

— Já chega de ganhar tempo, garota. Não quero mais saber dessa merda. Diga a esse médico que eu tenho uma injeção que é muito boa para os seus problemas.

As mãos poderosas estavam abrindo as pernas de Nan. Ela agarrou-as, tentando impedi-lo.

— Não, Tony, por favor... dê ao médico mais...

— O médico que se foda!

Ele abriu suas pernas e arremeteu, soltando um grunhido.

— Porra, como você está apertada! — murmurou Zecca furioso.

Ele continuou a comprimir-se, com toda a sua força, até que conseguiu penetrá-la.

Nan gritou de dor.

Com os punhos, ela bateu-lhe no peito, gritando em razão da dor intensa.

— Não... está me matando... vou morrer... Ela gritava sem parar e começou a gemer.

— Está começando a gostar, hem? — disse Zecca, rindo e arremetendo com mais força ainda.

Ela chorava; as lágrimas lhe escorriam pelo rosto, enquanto Zecca acelerava os movimentos e gozava. Ele saiu de cima dela e deitou-se de costas.

— Acabou. Não foi tão ruim assim, não é mesmo?

— Doeu, Tony... doeu demais.

— As porras das mulheres estão sempre se queixando.

— Quero voltar ao médico mais duas vezes antes de fazermos de novo, Tony.

— Está querendo dizer que depois vai parar de se queixar?

— Claro, Tony. Estarei pronta para você.

Ele rolou para o seu lado da cama, bocejou e cobriu-se.

— Muito bem, vá procurar a porra do seu médico. Mas depois disso não quero mais saber de nenhuma queixa.

— Não haverá mais, Tony.

No início da tarde seguinte, Nan e Brandon estavam se despindo no quarto do apartamento dele, preparando-se para mais um exercício. Enquanto tirava as roupas, Nan relatava em voz baixa sua experiência com Zecca, na noite anterior. Não omitiu nenhum detalhe. Baixando a meia-calça e tirando-a, ela disse: — Ainda dói lá embaixo.

Tirando as cuecas, Brandon meneou a cabeça, com uma expressão de incredulidade.

— O seu Tony Zecca é mesmo um animal.

— É pior do que isso.

— E tem certeza de que não há a menor possibilidade de deixá-lo e viver por conta própria?

— Como disse antes, Paul, para onde eu iria?

— Para algum lugar, qualquer um, o mais longe possível dele.

Tenho certeza de que logo arrumaria um emprego para se sustentar. E não precisa ter medo de ficar sozinha. E bastante atraente para conquistar uma centena de homens.

— Acha mesmo, Paul?

O tom esperançoso levou-o a fitá-la, enquanto jogava as cuecas para um lado. Nan estava parada à frente da cama, inteiramente nua... "E ela é mesmo atraente, à sua maneira", disse Brandon a si mesmo. Não chegava a ser uma beleza deslumbrante, como Gayle, por exemplo, mas era uma pessoa adorável, que podia fazer muitos homens felizes.

— Claro que sim.

— E se eu conhecer alguém que queira ir para a cama comigo e eu quiser também, mas não der certo?

— Como assim?

— Posso ter os espasmos musculares outra vez, como acontece com Tony.

— Provavelmente nunca mais tornará a acontecer, Nan. Estou convencido de que você é uma mulher normal.

— Como pode ter certeza?

— Vai ver só, ao final da terapia.

— Será?

— Antes de o tratamento terminar, Nan, espero ser capaz de provar a você que o ato sexual pode ser agradável e divertido. — Aquele era um terreno perigoso e Brandon tentou desviá-la para outros rumos. — Enquanto isso, você deve conversar mais francamente com o doutor Freeberg sobre o que está acontecendo com Zecca. Talvez ele lhe ofereça algum apoio para a perspectiva de viver por conta própria. Ele pode apresentar alternativas.

— Quero ter certeza absoluta de que sou normal, Paul.

— Estamos chegando lá. Não tenho a menor dúvida quanto a isso. Vai ver só no próximo exercício. Nós o chamamos de sexológico... o sexo ou excursão pela anatomia.

— Estou me lembrando agora da explicação. E me sinto apavorada.

— Não precisa ficar. Basicamente, é um exame pélvico modificado. Aprendemos tudo sobre os órgãos genitais femininos e masculinos, como são diferentes, como são parecidos. A maioria das pessoas, mesmo os adultos, é ignorante dos órgãos genitais.

Fazendo essa excursão juntos, aprendemos o que é erógeno e o que não é. Ajuda a deixar a pessoa mais à vontade com o sexo oposto. — Ele estudou-a por um momento. — Como se sente? Se ainda está dolorido pelo que aconteceu ontem à noite, podemos adiar...

— Não — disse ela, determinada. — Quero fazê-lo. Como começamos, Paul?

— Gostaria que eu estudasse você primeiro ou prefere começar?

Tanto faz começar pelo homem ou pela mulher. Quer me examinar primeiro?

— Quero sim, Paul. — Ela engoliu em seco. — Vamos iniciar por você. O que... o que fazemos?

— Antes de mais nada, vamos para a cama. Eu deito de costas, com as pernas abertas. Você se senta de pernas cruzadas, entre as minhas pernas. Já examinou algum homem de perto... realmente de perto?

— Claro que não.

— Pois então eu a guiarei, indicarei o que tocar ou segurar, explicarei cada parte. Acha que pode fazê-lo?

— Posso.

— Pois então vamos.

Eles foram para a cama; Brandon deitou-se de costas, abriu as pernas. Hesitante, ela se sentou de pernas cruzadas, entre suas pernas.

— Chegue mais perto, Nan.

Lentamente, ela arrastou-se para a frente. Brandon levantou as pernas e colocou-as por cima de suas coxas.

— Vou orientá-la agora, explicar cada parte dos órgãos genitais masculinos, sua função, reações e assim por diante. Começaremos pelo saco escrotal e pelos testículos...

Ela se encolheu, tensa. Brandon inclinou-se, pegou uma de suas mãos e puxou-a na direção de seus testículos. A mão trêmula de Nan tocou-os e ele fechou os dedos dela em torno de seu órgão.

— Concentre-se apenas no contato, enquanto explico alguma coisa sobre os testículos que se acham dentro do saco escrotal. A maioria das mulheres não compreende... e poucos homens sabem... que os testículos são uma das duas partes mais importantes do aparelho sexual masculino. O que você está segurando produz o esperma que fertiliza o óvulo feminino. Os testículos também produzem os hormônios responsáveis pelo funcionamento do pênis. Eles são responsáveis pela masculinidade de um homem, por tudo, da voz grossa à força muscular. Brandon pegou a mão de Nan e guiou os dedos dela para a ponta do pênis mole.

— A outra parte vital do aparelho masculino é o pênis propriamente dito, Nan. A projeção que você está segurando é a ponta do pênis, chamada glândula. Estou agora baixando seus dedos para a haste do pênis. Dentro da haste há três colunas de tecido poroso. Quando um homem fica sexualmente excitado, esses tecidos porosos e esponjosos se enchem de sangue e se tornam duros. A inserção dessa ereção na vagina da mulher cria uma fricção, e é essa fricção que leva ao orgasmo masculino. Agora, vou lhe falar mais um pouco sobre o órgão masculino.

Ele levou a mão de Nan por cada etapa, começando pelo meato, subindo para a coroa e a superfície dorsal. Levou sua mão de volta à glândula e disse:

— Segure de novo, sinta com os dedos, com a mão toda. Foi então que Brandon percebeu que alguma coisa estava acontecendo. O pênis se tornava cada vez maior na mão de Nan, mais duro, esticando-se por seus dedos.

Estava tendo uma ereção.

Torcera para que isso não acontecesse, mas refletiu que era inevitável.

Nan olhava-o fixo, e ele podia perceber que seu peito arfava, os seios subiam e desciam mais e mais depressa.

Tinha de pôr um paradeiro naquela situação, antes que algo mais acontecesse. Soerguendo-se, apoiado num cotovelo, ele tentou sorrir.

— Acho que isso responde a uma de suas perguntas, Nan. Você é atraente para os homens? O que acha?

— Paul...

Ele tinha de agir depressa.

— Já chega disso, por enquanto. Vamos mudar. Agora é a minha vez de examinar você.

Brandon afastou-a com todo o cuidado e sentou-se na cama.

— Primeiro, trocamos de posição — disse ele, em tom tão profissional quanto possível. — Você deita de costas e eu assumo sua posição anterior. Vamos fazer a excursão sexológica feminina.

Nan estendeu-se de costas e ele pegou o espêculo de plástico e a lanterna que estavam na mesinha-de-cabeceira. Segurando-os, adiantou-se mais entre as pernas de Nan, levantou-as para cima de suas coxas e começou.

— Primeiro, Nan, quero que você relaxe mais um pouco. Isso fará com que tudo seja mais fácil. Deixe-me afagar suas coxas por um momento. Está tensa, o que é natural, e quero que fique descontraída.

Pouco a pouco, ele sentiu que parte da tensão se dissipava. Ele pegou um vidrinho na mesinha-de-cabeceira, abriu-o e começou a aplicar um óleo na abertura vaginal.

— É para tornar indolor, Nan.

Ela fechou os olhos, enquanto Brandon acariciava os lábios vaginais, depois deslocava os dedos para fora e para cima, na direção do clitóris. Com um dedo dentro dela, falou a respeito de tudo com que fazia contato, as partes lisas e protuberantes, chegando ao colo do útero, explicando cada coisa. Constatando que ela já estava bastante lubrificada, Brandon pegou o espêculo e a lanterna e instruiu-a a observar no espelho tudo o que mostrava.

Mostrou os grandes lábios, mais escuros, depois passou para os pequenos lábios, rosados, explicando como reagiam quando excitados. Indicou a base do clitóris e explicou como os músculos vaginais se contraíam durante o orgasmo e se comprimiam contra o clitóris por cima. Passou para o tecido grosso e macio que havia entre o osso púbico e a uretra esponjosa, falou de sua função.

Descreveu o tecido esponjoso adicional que se estendia do ânus à abertura da vagina.

Em determinado momento, pensou ter ouvido Nan sussurrar alguma coisa. Teve a impressão de que era "Oh, Deus".

Ao terminar a exploração, Brandon compreendeu que não houvera espasmos para rejeitar a penetração nem nenhuma resistência que indicasse desconforto. Era um progresso considerável.

Os olhos de Nan não estavam mais hipnotizados pelo que ele vira no espelho do espêculo. Seus olhos fixavam-se em Brandon.

— Foi fascinante... — murmurou ela.

— Não sentiu dor?

— Absolutamente nenhuma. Só uma coisa...

— O que foi, Nan?

— Como saberei que estou pronta?

— Quando você e eu tivermos um intercurso sexual e isso lhe proporcionar prazer. Saberá, então.

A noite, despindo-se na sala de terapia, Gayle suspeitava que estava prestes a chegar a um momento crucial com Chet Hunter.

Até aquele momento, a terapia intensiva que ele solicitara transcorrer suavemente, pelo menos na superfície. Não houvera problema com a nudez nem com a sua capacidade de alcançar e manter uma ereção. Durante a carícia nas costas, o chuveiro, a carícia frontal não-genital, ela observara que o pênis se tornara ereto em cada exercício. Lembrou a si mesma que, ao final das contas, ao contrário de Demski, o problema de Hunter não era a impotência. Mas havia um problema. Embora ainda não o tivesse experimentado e soubesse de seu caso apenas pelo relatório, tinha certeza de que as suas histórias de ejaculação precoce eram sinceras.

O problema era patente em sua personalidade, pensou Gayle.

Ele era vigoroso e sólido em todos os aspectos, mas se mostrava tenso e impaciente. Queria acabar tudo o mais depressa possível e seguir adiante. Não estava interessado em contatos ou carícias, não queria saber das sensações de qualquer parte de seu corpo. Só estava interessado no pênis, com a exclusão de todo o resto.

Queria chegar lá depressa e fazê-lo funcionar da maneira certa.

Hunter possuía o que as suplentes femininas chamavam, entre si, de mentalidade de pau total.

Seria difícil superar sua pressa, e ela tinha dúvidas, pois não sabia se conseguiria fazê-lo caminhar mais devagar. Nos casos de ejaculação precoce, isso era fundamental para a cura. Converter a pressa em lentidão.

Enquanto o observava tirar as cuecas, Gayle especulou sobre o grau de sua ejaculação precoce. Isso ainda não fora definido.

— Pelo que me lembro, Chet, você tem uma namorada regular, não é mesmo?

— Tenho, sim.

— Quer me contar alguma coisa sobre ela? Ele se mostrou cauteloso.

— O que posso contar?

— Você a ama?

— O suficiente para querer casar com ela.

— É a mesma moça de quem falou ao doutor Freeberg? Aquela com quem foi para a cama várias vezes?

— É, sim.

— Mas não conseguiu transar com ela?

— Infelizmente, não. É por isso que estou aqui. Não tenho problema para conseguir uma ereção. Mas gozo muito depressa.

— Depressa como? Hunter soltou uma risada.

— Bisbilhoteira, hem? Estou brincando. Você está aqui para me ajudar. Quão depressa? Não ejaculo nas minhas calças, se é isso o que está querendo saber. Acontece quando já estamos na posição.

Quando estou prestes a penetrá-la.

— Já a penetrou alguma vez?

— Não. Sempre gozo antes.

— Quando o pênis encosta nela por fora?

— Isso mesmo. — Ele estava abatido. — É uma situação que não me agrada. Tenho de fazer alguma coisa. De qualquer maneira.

— Estamos fazendo alguma coisa, Chet.

— Estamos mesmo? Ainda não dá para perceber.

— Mas vai ver. Haveremos de superar o problema. O importante é fazer todos os exercícios comigo, sem atalhos. E ser paciente.

Confie em mim, Chet.

Ele deu de ombros.

— O que mais posso fazer?

— Para começar, pode deitar naquela esteira ali, de costas.

— Está certo. E você?

Hunter acomodou-se de costas na enorme esteira que havia no chão.

— Esta noite vamos fazer o exercício do prazer genital. Ele se mostrou animado.

— Quer dizer que vai me segurar lá embaixo?

Gayle sabia que aquele podia ser o problema. Até aquela noite, ela o tocara e acariciara por toda parte, à exceção do pênis. Estava preocupada com a sua reação e grau de excitação. Ajoelhando-se ao lado de Hunter, ela passou óleo com delicadeza por toda a extensão do pênis.

— Para que seja mais realista e permitir que você avalie o ambiente vaginal — explicou Gayle. — Quando chegarmos à penetração, eu estarei úmida por dentro. Assim, é melhor você se acostumar desde agora.

— Parece uma boa idéia — concordou Hunter. Depois de passar o óleo, Gayle pôs a mão no abdômen de Hunter e começou a esfregá-lo.

— Quando eu segurar seu pênis, a intenção não é excitá-lo.

Lembre-se de que é para lhe dar prazer sem querer nada em troca.

Vou tocá-lo e acariciá-lo sem que você tenha necessidade de tomar qualquer atitude. Basta apenas fechar os olhos, não tem de fazer nada. Limite-se a desfrutar esse momento. Muito bem, feche os olhos agora, por favor.

Ele fechou os olhos.

Gayle encostou a ponta dos dedos na haste do pênis. Ela fez o contato gentilmente, depois com mais firmeza.

— Está bom assim, Chet? Acha agradável?

— Pode apostar que sim.

— Pode não estimulá-lo muito, mas...

— Você só pode estar brincando.

Ela esperava que passassem vários minutos antes de uma ereção total. Mas quase no mesmo instante o pênis se intumescceu, ficou ereto, e continuou a levantar.

Prosseguir poderia frustrá-lo demais. Ela tinha de esfriá-lo, fazê-lo desviar os pensamentos do pênis.

— Muito bem, Chet, já chega disso. Agora é a minha vez. Gayle inclinou-se para pegá-lo pelo braço, e fê-lo sentar-se.

— Sua vez?

— Agora você me dá prazer da mesma maneira.

— Entre suas pernas?

— Claro, Chet. Deixe-me desfrutar um pouco de carícia não-erótica.

— Não-erótica? Gosto disso. Só não entendo como pode ser não-erótica.

— Experimente comigo. Eu lhe mostrarei.

Logo ela estava deitada de costas na esteira, com Hunter ao seu lado, apoiado num cotovelo, tocando em seu clitóris.

— Um pouco mais devagar, Chet. — Gayle não queria ser levada ao orgasmo. — Mais devagar e de modo mais suave.

Ele passou a fazer de acordo com a instrução. Com os olhos fechados, ela chegou à conclusão de que Hunter não era tão ruim assim. Abruptamente, a pressão em seu clitóris tornou-se mais forte, mais rápida.

— Querida... — ela ouviu-o murmurar.

Gayle abriu os olhos e viu-o apontando entre suas pernas.

— Olhe só para isso.

Hunter tinha uma ereção completa, reta, obviamente dura. Ela ficou desorientada, sem saber o que dizer.

— Isso é ótimo...

— E pode ser maravilhoso para nós dois — disse ele, em tom de urgência. — Deixe-me, Gayle.

— Deixar o quê?

— Meter em você. Estou pronto. Por que perder tempo?

— Não, Chet, você ainda não está pronto. Precisamos de mais sessões.

Ele ficou de joelhos ao lado de Gayle.

— Tenho de meter, meu bem, de qualquer maneira. Estou pronto. Posso garantir que desta vez conseguirei.

— Não, ainda não...

— Por favor, Gayle, enquanto eu posso. Será maravilhoso.

Deixe-me mostrar.

Ela pensou por um momento na súplica de Hunter. Se pelo menos houvesse tempo para consultar o doutor Freeberg... Mas, como ela bem sabia, muitas daquelas decisões eram deixadas a critério da suplente sexual. Refletiu mais um pouco. Em última análise... o que havia a perder? Se ele de fato conseguisse, estaria a caminho da cura. Se não conseguisse, aprenderia a lição.

— Está bem, Chet — disse ela, impulsivamente. — Se você acha que pode completar a penetração, talvez seja uma coisa ótima. Vá em frente. Eu vou cooperar.

— Vai ver só, vai ver só — balbuciou ele, ofegante, colocando-se em posição entre as pernas abertas de Gayle. — Oh, Deus, você é uma coisa e tanto, uma coisa maravilhosa... Vamos conseguir.

Tenho certeza de que desta vez tudo vai dar certo.

Ela arqueou as costas, e levantou um pouco os quadris, enquanto Hunter guiava o pênis para a abertura vaginal. Ele estava com a respiração acelerada, muito excitado, ansioso para consumir o ato.

Gayle sentiu a cabeça do pênis encostar em seu corpo e se preparou para a entrada. Mas não houve penetração.

Ela levantou a cabeça. As feições de Hunter estavam contorcidas.

E no instante seguinte ela sentiu a umidade do sêmen no exterior da vagina.

— Oh, Deus... — murmurou ele, enquanto terminava o orgasmo. — Não consegui mais me controlar. Desculpe, mas não pude evitar.

Não sei como aconteceu.

Gayle pôs a mão em seu ombro nu, com delicadeza.

— Não se preocupe, Chet. Já aconteceu antes. É por isso que estamos aqui. Mas eu prometo que se continuarmos à minha maneira e você tiver paciência, um dia, muito em breve, você estará fazendo tudo perfeito.

— Não sei, não... — murmurou ele, desolado. — Acho que nunca serei capaz.

Mais tarde, já vestido, Hunter foi retido por Gayle na porta da frente, ao se despedir. Ele ouviu sem muito interesse o que ela dizia:

— Estou bastante confiante em minha experiência para lhe dar outro conselho. Sempre o dou quando chegamos a essa parte do programa. Nesse ponto, quando tornar a se encontrar com sua namorada, não deve haver sexo. Leve-a ao cinema ou sente-se com ela no sofá e procure repetir nossos exercícios, só que na vida real. Pegue e afague suas mãos, os cabelos, o rosto. Toque nos seios, mas por cima das roupas, não por baixo. Esqueça as suas ereções. Controle-se. Concentre-se em suas sensações e nas dela, nada mais. Entre a moderação com sua namorada e o que estamos fazendo aqui, tudo vai dar certo, muito em breve.

Deixando-a, Hunter não estava tão otimista. Angustiado, foi para seu carro, que estava encostado no meio-fio, e sentou-se ao volante.

E ficou imóvel ali, no escuro, avaliando a situação.

Estava convencido de que conseguiria naquela noite, e com a concretização do ato sexual seu problema estaria praticamente resolvido.

Esperar só até Ferguson, Scrafield e Hoyt Lewis saberem disso, pensou ele. Poderia explodir todo o plano que eles haviam formulado e destruir seu futuro. Se não conseguisse nada com aquela mulher, não poderia entrar no tribunal e declarar sob juramento que o fizera, que pagara à ninfomaniaca por uma trepada, quando nem transara com ela. E a tal de Gayle declararia sob juramento que ele não consumara a relação. Não podia correr o risco de uma mentira.

Isso mesmo; conhecida a verdade, não haveria caso contra Freeberg, não haveria uma história nem o emprego no Chronicle.

E depois, sentado ali, no escuro, ao volante, Hunter chegou à conclusão de que eles não precisavam saber. Ferguson, Scrafield e Hoyt Lewis não precisavam tomar conhecimento de seu fracasso naquela noite. Para todos, ele estava no meio de uma terapia com... com uma prostituta. Só tinham de saber que ele consumara o ato e podia jurar que conseguira.

Esse era o problema.

Será que algum dia conseguiria?

Ela dissera que não seria naquela noite e estava certa.

Acrescentara que aconteceria em um futuro próximo, tinha certeza disso. Ela também podia estar certa a respeito disso, e então tudo acabaria bem. Ele se tornaria a testemunha principal num julgamento vitorioso. Teria seu emprego na equipe permanente do Chronicle. E teria Suzy pelo resto da vida.

Se Gayle Miller estivesse certa, e se ele agisse direito, aceitando suas indicações, poderia

conseguir tudo.

Hunter enfiou a chave na ignição e ligou o carro.

Ao ouvir o zumbido do motor, ele disse a si mesmo que teria mais paciência, aceitaria a orientação de Gayle dali por diante.

Prometeu a si mesmo que agiria assim. Não pensaria mais em atalhos. Não teria mais pressa. Faria como ela queria e talvez ainda chegasse lá.

CAPÍTULO 6

Como o despertador na mesinha-de-cabeceira tocou quando Gayle ainda estava sonhando, ela despertou com uma intensa noção do sonho que tivera com Paul Brandon.

Calculou que o sonho fora desencadeado por seus pensamentos da noite anterior, quando se preparava para deitar, e se lembrara de que devia telefonar para Paul e marcar um encontro, como prometera, pois estava com vontade de fazê-lo. Mas sentia-se exausta demais para tentar a ligação e adormecera no mesmo instante.

Então, pela manhã, Paul Brandon ainda estava em sua mente.

No sonho, ela estava em algum lugar que podia ser uma ilha dos mares do Sul, talvez uma parte remota do Taiti, correndo por uma floresta tropical, com Paul em seu encalço. Ela desconfiava que não estava correndo muito depressa.

Olhando para o relógio com os olhos semicerrados, ela compreendeu que não teria tempo de telefonar para Brandon. Não podia correr o risco de chegar atrasada para o Teste de Analogias de Miller, que completaria o seu pedido de matrícula na escola de pós-graduação da Universidade da Califórnia. Já fizera o Teste de Aptidão para Pós-Graduação e o Teste Avançado de Psicologia, e achava que se saíra muito bem nos dois. Restava o Teste de Analogias de Miller e seria melhor fazê-lo sem nenhuma distração na mente.

Saiu da cama, tomou um banho de chuveiro rápido, enxugou-se, vestiu-se, maquilou o rosto, e fez um desjejum apressado.

Depois, com a pasta na mão, encaminhou-se para a porta... e foi nesse instante que o telefone da sala de estar começou a tocar.

Ela voltou para atender, pensando que podia ser o doutor Freeberg, Adam Demski ou mesmo Chet Hunter.

Reconheceu a voz de imediato. Era Paul Brandon.

— Olá, Gayle. Tenho me sentado ao lado do telefone quase dia e noite, esperando pela ligação que você prometeu. Mas o telefone não tocou uma única vez. Está tentando me dizer alguma coisa?

Ela mal tinha tempo para chegar pontualmente ao exame, mas precisava dar uma explicação.

— Sinto muito, Paul. A estrada para o "sinto muito" está calçada com boas intenções. Mas ando tão ocupada que mal tenho tempo para me virar. Você sabe que estou com dois pacientes agora...

— Sei disso, mas ainda assim...

— Isso significa que tenho duas consultas diárias com o doutor Freeberg. E dois relatórios

detalhados para fazer depois das sessões. E há outras coisas, como manter esta casa em ordem.

Neste momento, estou a caminho de Los Angeles para fazer outro exame na Universidade da Califórnia. Seja como for...

— Seja como for, onde isso me deixa, Gayle? — insistiu Brandon.

— Pode deixar que eu respondo. Deixa-me sozinho e muito solitário.

— Quero me encontrar com você. — Uma pausa e ela acrescentou, com ênfase: — E muito.

Ligarei para você à tarde. Vai trabalhar esta noite?

— Não. Acabarei com minha paciente por volta das seis horas.

E, depois, acho que vou jantar sozinho.

— Não vai, não — disse Gayle, impulsivamente. — Terá companhia para o jantar. E uma companhia ansiosa. Eu. Que tal uma refeição doméstica, em minha casa? Gosta de massa?

— Adoro massa, se você acompanhar. A que horas quer que eu esteja aí? Oito?

— Mais perto das nove seria melhor.

— Às nove está ótimo.

— Mal posso esperar.

Gayle desligou. Correndo para a porta, ela se lembrou do sonho.

Conhecia o resultado dele.

Paul a alcançaria.

Era o que ela esperava.

A manhã de Gayle foi ocupada com o exame em Westwood e depois ela teve de voltar a Hillsdale para duas conferências sucessivas, a primeira com Freeberg e Demski, e a segunda com Freeberg e Hunter.

A tarde também seria movimentada. Um exercício com Adam Demski às duas horas. Um segundo exercício às cinco horas, com Chet Hunter, que ela esperava encontrar disciplinado. Depois disso, mal teria tempo para ditar seus relatórios na clínica, voltar correndo para casa e preparar o jantar para Paul Brandon, como um prelúdio para o que ela esperava que se tornasse uma noite longa e deliciosa. Tinha a certeza de que Paul seria maravilhoso e ela merecia um pouco de ação. Descansar trabalhando, ela sabia...

mas não era bem assim. Naquela noite seria a diversão sem pagamento. Aquela noite seria do coração. Ela corou, ansiosa.

No momento, tentou concentrar seus pensamentos no encontro profissional.

Eram duas horas da tarde e Adam Demski chegou no horário marcado, irradiando mais confiança do que em qualquer outra ocasião anterior.

Gayle usava um roupão claro de seda, envolvendo castamente seu corpo, mas estava nua por baixo.

Após cumprimentar Demski com afeto, ajudando-o a tirar o paletó, conversando sobre o dia dele em Hillsdale, Gayle anunciou que estava pronta, e perguntou se ele também estava.

Automaticamente, Demski encaminhou-se para a sala de terapia, nos fundos do corredor. Ela seguiu-o, consciente de que o exercício daquele dia era ainda mais crucial do que o anterior. Se desse certo, seria um enorme passo para deixá-lo seguro do próprio corpo e permitir que alcançasse uma ereção.

Gayle já estendera a esteira grossa na sala de terapia, entre o sofá e o espelho. Havia um lençol branco por cima, com duas toalhas grandes de praia e dois travesseiros. No momento,

Gay le ignorou a esteira, sentou-se no sofá e ficou observando Demski despir-se, satisfeita pela descontração com que ele tirava a roupa.

Assim que ele ficou nu, Gayle levantou-se, tirou o roupão de seda e também ficou nua.

Ela sentou-se na esteira e bateu com a mão na toalha ao seu lado. Demski sentou-se na toalha.

— Quer saber o que vamos fazer hoje, Adam?

— Quero, sim. O que é?

— Uma coisa que temos a opção de usar. Gosto de fazer esse exercício. Sempre o achei agradável e eficaz. Tem o nome de "o relógio".

— "O relógio?" Não me lembro de ter ouvido falar a respeito disso. Como é?

— Não há nenhum relógio — explicou Gayle. — Ou melhor, há um relógio imaginário em minha vagina.

Demski franziu o cenho.

— Um relógio imaginário em sua vagina? Como assim? — Uma pausa e ele acrescentou: — Para quê?

Ela explicou todo o exercício do relógio, em detalhes.

— Agora que já sabe o que é, Adam, vamos começar? Primeiro, nós nos deitamos e eu acaricio suas coxas, sua barriga e seu peito.

E depois continuamos.

De modo muito suave, ela acariciou-o bem devagar.

Encorajou-o a acariciá-la, também lentamente, entre os grandes lábios e o clitóris. Depois de algum tempo, Gayle ajudou-o a se sentar e também se sentou.

— Muito bem, Adam, agora vamos começar a fazer o exercício do "relógio". Deitarei de novo, de costas, levantarei os joelhos e abrirei as pernas. Você se acomodará entre as minhas pernas e gentilmente enfiará o dedo indicador em minha vagina, pouco a pouco, primeiro um centímetro, depois dois, três e quatro. Vou orientá-lo pelo relógio imaginário e farei os comentários.

— Isso é tudo?

Gayle sorriu ironicamente.

— Pode haver mais, muito mais. Pode haver fogos de artifício.

Ele estava perplexo.

— Como assim?

— Posso reagir ao exercício. Pode me deixar excitada. E posso ter um orgasmo.

— Mas... mas o que eu faço?

— Nada, Adam, a não ser esperar que eu goze, antes de retirar o dedo. Apenas continue sentado e desfrute o que é capaz de fazer comigo.

— Quanto do meu dedo devo enfiar?

— Apenas uma parte. Muito bem, pode meter o dedo... bem devagar.

Hesitante, usando o dedo indicador da mão direita, ele se aproximou da abertura vaginal.

Gayle abriu as coxas ainda mais.

— Continue, Adam.

Ela pegou o dedo de Demski e empurrou-o. O exercício mostraria a ele que um homem não precisava ter um pênis grande para proporcionar prazer a uma mulher.

— Já chega, Adam. Qual é a sensação?

— Quente, macia...

— E espero que sinta minha vagina apertada em torno de seu dedo.

— Claro que sinto.

— Isso acontece porque o canal vaginal se dobra sobre si mesmo e envolve por completo tudo o que nele penetra. É como se fosse uma bolsa elástica. Não importa qual seja o tamanho do que está lá dentro, a vagina se contrai ou se expande, se fecha, envolve qualquer coisa, curta, estreita, comprida, larga, oferecendo um ajuste perfeito.

Gayle percebeu que ele estava finalmente absorvendo a explicação.

— Vou dizer agora o que estou sentindo — murmurou Gayle. — Há alguns terminais nervosos na entrada da vagina, mas bem poucos lá dentro. Vou contrair os músculos pélvicos e você sentirá.

Pronto. Sentiu?

— Senti — balbuciu ele, engolindo em seco.

— Muito bem, vamos começar o exercício do "relógio". Levante o dedo e pressione a parte superior do centro. Meio-dia. Desça, dando a volta, pressionando contra a parede vaginal. Mais para baixo, mais para baixo. Ei... — Ela se contraiu. — ... seis horas. E maravilhoso. Está vendo? Eu reajo de verdade. Adam, Adam...

— O que é, Gayle?

— Volte para seis horas. Esfregue a parede vaginal, comprima com mais força.

— Assim?

— Oh, Adam, não pare, pelo amor de Deus! — Os olhos de Gayle estavam fechados; o lábio inferior, contraído. — Estou... estou gozando...

O orgasmo estava no auge e foi prolongado.

— Veja o que está fazendo comigo, Adam — ela conseguiu balbuciar.

Depois que acabou e ela arriou para o travesseiro, Demski retirou o dedo.

— Fez isso comigo com o dedo, Adam.

Ele levantou-se, assumindo uma postura quase militar, e apontou para o pênis anunciando:

— E veja o que você fez comigo.

Gayle olhou. Estava tudo lá. A maravilha das maravilhas, para um homem impotente. Estava ereto, todos os dez centímetros.

— Maravilhoso, Adam, maravilhoso! Eu diria que, de um a cinco, está em quatro. Mas na próxima vez, ou na subsequente vamos chegar a cinco.

— Acha mesmo?

— Tenho certeza!

— Eu... eu espero que esteja certa!

Quando a campainha da porta tocou às cinco e dez, Gayle abriu a porta para Chet Hunter, refletindo que ele estava atrasado dez minutos, pela primeira vez.

Ele chegara até um pouco antes da hora nas sessões anteriores.

Era parte de sua ansiedade em transar logo, acabar de uma vez com as coisas. O fato de chegar atrasado indicava que ele estava relutante em apressar o processo depois de seu último fracasso ou que então abrandara seu açodamento. Cumprimentando-o, Gayle concluiu que ele não estava relutante. Apenas estava ansioso demais para ter êxito e normalizar sua vida com a namorada.

Assim, o atraso provavelmente indicava que estava fazendo um esforço consciente para adotar os conselhos de sua suplente sexual e não querer apressar nada.

Como ele estivesse com esse ânimo, Gayle resolveu mantê-lo e prolongá-lo. Iria mantê-lo sob controle.

— Eu estava fazendo um chá, Chet. Não quer me acompanhar?

— Como achar melhor.

Não restava a menor dúvida de que ele se sentia contrafeito, disposto a atender a qualquer desejo de Gayle.

— Procure relaxar. Vou buscar o chá e poderemos conversar por alguns minutos.

Hunter sentara-se numa poltrona quando ela voltou com as duas xícaras de chá. Casualmente, Gayle começou a interrogá-lo sobre seu trabalho. Ele se mostrou evasivo ao falar a respeito do trabalho como jornalista, mas disposto a falar sobre a variedade de pesquisas que realizava.

— Sua namorada costuma ajudá-lo no trabalho?

— Ela se interessa muito, mas tem seu emprego.

— Quer falar sobre ela?

— Não — respondeu Hunter, com firmeza. — Vamos conversar apenas sobre nós.

— Está bem.

— E você? — perguntou ele, inesperadamente. — Também tem um namorado?

Gayle hesitou. Será que tinha? Ela tentou ser franca.

— Talvez. Quase. Veremos.

— E se descobrir que ele tem ejaculação precoce? Pensando em Paul Brandon, ela tentou manter o rosto impassível.

— Ora, eu o trataria da mesma forma como estou tratando você.

— Acha que daria certo?

— Eu esperaria que sim.

Hunter tomou o resto do chá e largou a xícara.

— Muito bem, aqui estou. O que vamos fazer agora?

— Vamos repetir o que fizemos ontem. Conversei com o doutor Freeberg, e foi essa a sua sugestão. Vamos nos despirmos e faremos de novo a carícia no corpo, incluindo os órgãos genitais, sem retribuição. Mas com uma diferença.

— E qual será?

— Desta vez, quando me tocar, você deve ter em mente que está fazendo isso para o seu próprio prazer, não pelo desempenho. Vai me proporcionar prazer, é claro, mas estará agindo não por mim, mas sim por você mesmo. No fundo, o intercurso sexual deve ser assim. Depois que introduzir o pênis em minha vagina ou na de qualquer outra mulher, deve desfrutar o prazer por si mesmo. E eu devo ter minhas próprias sensações e desfrutar também. Ambos devemos obter prazer um do outro.

— E se você se sentir passiva?

— Isso pode acontecer e é uma possibilidade que se deve levar em consideração. Seja como for, hoje vamos nos acariciar e extrair prazer disso. Só que desta vez você não vai insistir em montar em cima de mim e querer fazer amor. Não vou permitir que o faça... ainda não.

— Está certo. Como você achar melhor, assim será feito.

— Mas eu lhe proporcionarei prazer de outra forma. Creio que chegaremos a isso.

— Chegaremos a quê?

— Quase no final do exercício, pegarei seu pênis com a mão e o levarei quase ao orgasmo — explicou Gayle, muito séria.

— Está falando numa punheta? — disse ele, demonstrando surpresa.

— Chame como quiser. Vou levar você quase ao orgasmo e instruí-lo a respeito da maneira de retardá-lo.

— Acha mesmo que pode retardá-lo?

— Creio que sim — respondeu Gayle, levantando-se. — Mas vamos descobrir se é possível.

Logo os dois ficaram nus, na sala de terapia. Hunter deitou-se na esteira e Gayle ficou de joelhos ao seu lado, iniciando a carícia frontal sem retribuição. Durante todo o tempo ela evitou o pênis, que endureceu rápido.

Por um momento, ela examinou o pênis e depois comentou: — Você está querendo ter um orgasmo agora.

— Pode apostar que sim!

— Pois vai ter, Chet... mas, primeiro, terá uma pequena preleção e o exercício que a acompanha.

— Espero que não demore muito.

— Se eu fizesse tudo depressa, Chet, você chegaria ao orgasmo depressa, antes de poder entrar em mim ou na sua namorada.

— Está bem, está bem, pode continuar como quiser. Gayle fitou-o nos olhos.

— Já ouviu falar do método do aperto?

— Como?

— A técnica do aperto para deter a inevitável ejaculação.

— Aperto? Claro, claro... já li alguma coisa a respeito em minhas pesquisas.

— E o que vamos fazer agora. A ejaculação precoce é o resultado da ansiedade. Deixe-me formular o problema de outra forma. Quando eu começar a acariciar seu pênis, você sentirá um impulso real de gozar imediatamente. Por necessidade. Vai querer consumir o ato e acabar logo. Contudo, outra parte de você está dizendo que quer demorar mais e ser um bom amante. Não é verdade?

— Acho que sim.

— Pode estar certo de que é mesmo verdade, Chet. Há dois meios tradicionais de superar a ejaculação precoce. O primeiro é chamado de método do bom senso. Você toma uma ou duas doses de uma bebida alcoólica para arrefecer a excitação erótica. Ou usa uma pomada anestésica ou um preservativo. Ou tenta reduzir a excitação erótica pelo expediente de se distrair, olhando para os móveis ou cortinas, tentando pensar nos negócios. O outro método é o de resolver o problema pela terapia da percepção, conversando a respeito com um psicanalista ou um psicólogo. Por esse método, você pode descobrir que a ejaculação precoce envolve conflitos inconscientes sobre mulheres, que começaram com problemas de infância. Os dois métodos podem dar certo, mas nenhum deles é tão imediato ou eficaz quanto a terapia da suplente sexual, que envolve, repito, a técnica do aperto. Eu sei, mas você não sabe que a ejaculação precoce é o resultado de sua incapacidade de focalizar a atenção e sentimentos na sensação do estímulo sexual antes do orgasmo. Está preocupado apenas em alcançar o próprio orgasmo. Espero que a experiência de contato e carícia mude tudo isso. Até lá, numas poucas sessões, o aperto evitará a

ejaculação inevitável. Pode estar certo de que funciona, Chet.

— Qualquer coisa que disser, professora.

— Ótimo. Explicarei agora o que faremos. Vou afagá-lo e excitá-lo, até o ponto em que estiver prestes a ejacular. E nesse momento você me avisa para eu apertar.

— Quando exatamente?

— Não um segundo antes de começar a ejacular. Talvez meio minuto antes ou por aí. Na verdade, prefiro retardá-lo antes, como margem de segurança. E, depois, aos poucos, podemos tentar chegar cada vez mais perto do orgasmo, talvez até cinco segundos antes da emissão do sêmen.

— Espero poder avisá-la a tempo.

— Isso vai acontecer — garantiu Gayle. — No instante em que me avisar, pegarei a glândula ou cabeça do pênis com o polegar e mais dois dedos e apertarei com alguma força, logo abaixo da cabeça, com dois dedos por cima e o polegar comprimindo por baixo, durante quatro segundos. Não vai doer. Geralmente o homem perde a ereção e o desejo de ter um orgasmo. Todo o mecanismo de tensão é reduzido. Vai ficar inerte. E depois recomeçamos.

Afagarei o pênis até que ele torne a ficar ereto. Não se preocupe com isso. O pênis pode ser levado à ereção uma dúzia de vezes ou mais, com a maior facilidade. Em cada vez retardarei seu orgasmo com um aperto e depois lhe proporcionarei o prazer de uma nova ereção. Hoje fixaremos um objetivo. Tentaremos conter você por cinco minutos. E depois aumentaremos para dez. O objetivo final é conseguirmos atingir quinze minutos. Você deve conter o orgasmo, dentro ou fora de uma mulher, por quinze minutos. Quer tentar?

— Claro.

Ele perdera muito da rigidez. Gayle inclinou-se e começou a acariciar sua barriga e suas coxas, chegando cada vez mais perto dos órgãos genitais. Sua mão envolveu os testículos, e no mesmo instante o pênis começou a intumescer e um momento depois estava ereto. Ela passou os dedos por toda a extensão, envolveu a haste com a mão, e iniciou os movimentos para cima e para baixo.

Hunter, de olhos fechados, bem apertados, com as nádegas tremendo, começou a gemer.

— Eu... não posso agüentar mais — balbuciou ele. No mesmo instante Gayle pôs o polegar e mais dois dedos em posição e apertou.

— Ai! — gritou ele.

Mas não gozou. O pênis amoleceu na mão de Gayle, e começou a escorregar entre os dedos.

— Pronto, Chet, você conseguiu. Houve a ereção, o excitação, mas não a ejaculação.

— Muito bem — balbuciou ele, ofegante, olhando para o membro flácido. — E agora?

— E agora eu vou fazê-lo feliz outra vez, mas sem permitir que escape ao controle.

Mais uma vez, os dedos e a mão de Gayle acariciaram o pênis, que tornou a ficar rígido.

Mais uma vez, ela começou a masturbá-

lo. Hunter fechou os olhos; logo estava gemendo.

— Estou... pronto... — sussurrou ele. Ela apertou com força.

Não houve orgasmo. E o pênis voltou a ficar inerte.

Gayle repetiu o exercício, a cada vez retardando a ejaculação.

Mas depois de cinco minutos, quando ele estava no auge de mais uma ereção, ela pegou um lenço de papel dobrado, ajeitou-o sobre a cabeça do pênis e continuou com os movimentos da

mão.

Dessa vez ela não apertou quando Hunter gemeu e permitiu que ele ejaculasse até o fim. Quando acabou, ele virou-se de lado.

— Obrigado, Gayle, Isso é tudo?

— Apenas o começo. Para ser realmente eficaz na retardação da ejaculação, você terá de fazer um dever de casa.

— Como assim?

— Terá de se tocar. Ele se sentou.

— Tocar... está falando de masturbação?

— Isso mesmo.

— Mas eu não...

— Chet, todo mundo se masturba... ou já se masturbou, em um momento ou outro da vida.

Você já deve ter feito isso.

— Claro que sim, quando era garoto. Todos os garotos se masturbam.

— Mas agora você é um homem. Quero que faça isso de novo, antes do nosso próximo exercício. É muito simples. Comece a se masturbar. E depois use a técnica do aperto em si mesmo. Faça-o por cinco minutos ou mais, antes de ejacular. Com isso, estará ganhando muito tempo para nós dois. Vai chegar aonde quer.

— Esse tipo de dever de casa não me agrada. Não na minha idade. Não posso me imaginar a me masturbar. Se fosse alguma espécie de demonstração com uma mulher, eu ainda poderia...

— Mas você ainda não é capaz de se controlar com uma mulher.

A masturbação pode levá-lo a conseguir chegar mais rápido ao fim com uma mulher. — Gayle tentou sorrir. — O dever de casa podia ser pior. E é de graça.

Ela se levantou, acrescentando, muito séria: — Vou revelar um segredo, Chet. A masturbação é realmente a chave da terapia sexual. Pode estar certo de que a regra principal do tratamento sexual é simples: faça a si mesmo com sucesso e poderá fazer com outras pessoas para sempre. — Gayle fitou-o nos olhos. — Por favor, aceite minha palavra quanto a isso.

Ele meneou a cabeça, lentamente.

— Bem que quero, mas não posso. Não me importo de você fazer, mas...

— Podemos ganhar muito tempo se você me ajudar, Chet. A masturbação não é tão horrível assim.

— Pois eu não gosto.

Ela estudou-o em silêncio, por um instante.

— Chet, um homem que se sente constrangido com a masturbação pode ter muito trabalho a fazer consigo mesmo em termos psicológicos. Se não concorda comigo, pode perguntar ao doutor Freeberg.

— É o que pretendo fazer.

— Só peço que me conte depois o que descobriu.

O doutor Freeberg escutou Chet Hunter e depois começou a balançar a cabeça.

— Basicamente, o que Gayle Miller aconselhou-o a fazer é correto. Talvez ela tenha formulado o problema de forma um tanto dramática, ao dizer que a masturbação é a chave para a terapia sexual. Posso me sentir propenso a apresentar a questão de outro ângulo. A masturbação é um exercício valioso, junto com os outros procedimentos terapêuticos. Por que

objeta a isso com tanta insistência?

— Porque ficar em casa me masturbando... não gosto disso...

— Por quê? — insistiu Freeberg.

— Prova que não posso conseguir com uma mulher.

— E aumenta seu senso de fracasso?

— Acho que sim.

— Tenho dúvidas, pois não sei se isso é tudo. Será que sua resistência à idéia não começou muito antes? Você disse que se masturbava quando era garoto. Como seus pais reagiam?

Hunter empertigou-se na cadeira.

— Ora, nunca me passaria pela cabeça contar a eles!

— Ou seja, mesmo na infância já tinha a convicção de que a masturbação era uma coisa errada, e que seu pai e sua mãe desaprovavam se descobrissem. Portanto, já devia ter conhecimento da atitude negativa deles em relação à masturbação.

— Agora que está afirmando isso... acho que eu sabia que era considerada uma coisa horrível. Devo ter ouvido meus pais comentarem em alguma ocasião que era uma coisa horrível e prejudicial à saúde. — Hunter refletiu a respeito disso por um instante. — Meus pais são batistas rígidos. Deviam ter a noção de que a masturbação podia levar a alguma espécie de doença mental, talvez mesmo à insanidade. Provavelmente essa noção se fixou em minha mente.

— Mas agora deve saber que não é esse o caso. Deve saber que não há o menor resquício de evidência científica de que a masturbação pode lhe fazer mal.

Hunter assentiu com a cabeça.

— Claro que sei disso. Já fiz muita pesquisa para os artigos que escrevo, e esse foi um dos fatos que aprendi. Mas sinto que ainda estou dominado pelos medos da infância.

— Mas os medos da infância não podem continuar a inibi-lo. O

velho Relatório Kinsey constatou que noventa e quatro por cento de todos os homens se masturbam, em uma ocasião ou outra. Um estudo mais recente indica que quase cem por cento dos homens já se masturbaram em algum momento. Não me importo de lhe dizer que eu já me masturbei.

— Quando era garoto? Freeberg sacudiu a cabeça.

— Não apenas quando era garoto. Em anos mais recentes, quando minha esposa estava ausente, eu me sentia tenso e precisava descarregar.

Hunter ficou aturdido.

— Devo reconhecer que é um homem muito franco.

— E absolutamente normal — acrescentou Freeberg. — Senhor Hunter, peça que confie em mim quando lhe digo que a masturbação não é um pecado. No seu caso, quando estamos tentando retardar a ejaculação precoce, pode ser uma virtude. A masturbação, que a senhorita Miller faz em você, ou que você faz em si mesmo, pode ser a base para ensinar um homem a se controlar. Sugiro que aceite o conselho da senhorita Miller. Em casa, masturbe-se até a ereção e use o método do aperto dez segundos antes da ejaculação.

— Eis outra coisa que não me agrada — comentou Hunter. — Posso aceitar quando uma mulher evita minha ejaculação precoce.

Mas não me agrada fazê-lo em mim mesmo.

— Há outra coisa que pode fazer e que deve ter a mesma eficácia.

— E o que é?

— As suplentes sexuais chamam de método de parar-e-começar.

Os terapeutas chamam de procedimento Semans, em razão do urologista James Semans, que começou a usá-lo em 1956.

Estimule-se quase ao ponto da ejaculação, depois pare por completo e espere a ereção desaparecer. Comece tudo de novo, pare, recomece.

— A essa altura, não sei se eu seria capaz de parar, se conseguiria me controlar — confessou Hunter, com um ar infeliz.

— Nesse caso, volte ao método do aperto. Por mais desagradável que possa achá-lo, vai descobrir que sempre é eficaz.

— Se posso deixar que ela faça comigo, acho que sou também capaz de fazê-lo.

— Essa é a melhor atitude. Experimente quando chegar em casa esta noite. Se tiver dificuldade para alcançar a ereção, procure alguma coisa que considere erótica ou pornográfica...

— Está se referindo às fotografias de nu frontal que há nas revistas?

— Isso mesmo. Olhe para elas, fantasie, até estar pronto para o orgasmo. Não se preocupe com a perda da ereção. O número delas, na sua idade, é incontável. Não vai esgotá-las. Depois de terminar uma ereção, acaricie-se até alcançar outra. Faça isso cinco ou seis vezes esta noite, e amanhã recomece com Gayle Miller. Combinado?

— Se acha que vai me ajudar a chegar ao fim com uma mulher, está certo.

— Gayle Miller prometeu que isso o levará ao intercursos sexual normal. Eu posso quase garantir. — Freeberg levantou-se e estendeu a mão. — Boa sorte, senhor Hunter.

— Não podemos fazer isso juntos? — perguntou Nan Whitcomb.

Ela estava deitada na cama de Brandon, apoiada num cotovelo, observando-o tirar as calças e depois as cuecas.

— Juntos?

— O exercício de prazer sexual sem retribuição. Nu, Brandon sentou-se na cama, aturdido.

— Para ser franco com você, Nan, não sei. Só conheço as técnicas padronizadas. Você deita de costas, fecha os olhos, relaxa, eu a acaricio da cabeça aos pés. E depois você faz a mesma coisa comigo.

— Mas fazer juntos dá no mesmo. Nunca tem permissão para fazer coisas de maneira diferente?

— Acho que sim, desde que nos mantenhamos dentro dos parâmetros do exercício. Para dizer a verdade, o doutor Freeberg quer que sejamos bem flexíveis quando há necessidade de alguma inovação.

— Pois então vamos tocar um ao outro ao mesmo tempo.

Brandon ainda estava hesitante.

— Algum motivo para isso?

— Não sei... É apenas uma coisa que pode ser boa. Quando você me toca, e depois eu o acaricio, são duas coisas separadas... não de todo, mas pelo menos em parte. Eu gostaria de ter contato simultâneo com um homem.

— Ora, por que não? — disse Brandon, de súbito. Ele ainda tinha algumas apreensões, que não expressou, mas o exercício parecia bastante razoável. — Deitarei ao seu lado. E fecharemos

os olhos.

Vou acariciá-la e você pode me acariciar também, imitando-me.

Por um momento, ela fitou-o nos olhos.

— Tem certeza de que não se importa, Paul?

— Vou gostar — murmurou ele, sorrindo.

Brandon estendeu-se ao lado dela e aproximou-se mais, até os quadris se tocarem. Viu-a fechar os olhos. Ele colocou a mão em sua cabeça, fechou os olhos também, e começou a passar os dedos pelos cabelos, em torno da orelha, descendo pelo rosto, contornando o pescoço.

Ao mesmo tempo, sentia os dedos quentes de Nan em seu rosto, imitando as carícias que fazia.

Lentamente, as mãos dele desceram para os seios, segurando-os por um instante. Eram macios, a não ser os mamilos, que estavam túmidos. Ele sentiu a ponta dos dedos de Nan em seu peito, esfregando os pêlos, acariciando seus mamilos, porque ela não esquecera que aquela podia ser uma zona erógena também para os homens.

Continuaram as carícias por cerca de quinze ou vinte minutos.

Finalmente a mão de Brandon desceu até encontrar a margem superior dos pêlos púbicos. Foi quando ela estava prestes a lhe fazer a mesma coisa que sua maior preocupação aflorou. Pois sabia que estava tendo uma crescente ereção. Depois que os dedos de Nan o encontrassem, ele não sabia se seria capaz de se controlar.

No instante em que encontrou o clitóris, ele sentiu os dedos de Nan envolverem seu pênis endurecido.

Seria preciso um esforço espartano para se conter e ele sabia que seria difícil, porque estava se aproximando de um orgasmo.

Com uma rapidez cada vez maior, os dedos de Brandon massagearam o clitóris. Um som escapou dos lábios de Nan, palavras estranguladas romperam o silêncio.

— Ah... ah... não... não pare! — A voz era trêmula. — Continue!

A massagem tornou-se mais intensa, assim como o desejo de Brandon de ter um orgasmo na mão que o segurava.

— Ah... ah... — gemia Nan.

Ela arqueou o dorso e tremeu por inteiro, os dedos apertando o pênis com toda a força.

No mesmo instante desapareceu por completo o desejo de Brandon de chegar ao orgasmo.

Sem querer, ela aplicara a técnica do aperto.

— Estou gozando... — balbuciou Nan.

Brandon balançou a cabeça, atordoado, na escuridão que se impusera.

— Isso é ótimo — ele se ouviu dizer.

Estava agradecido por ela ter evitado acidentalmente sua ejaculação. Quando os dois ficaram sentados, de olhos abertos, Nan mostrou-se contrafeita no mesmo instante.

— Desculpe, Paul. Não pude me controlar.

— Não fez nada de errado. Creio que o doutor Freeberg concordaria que foi benéfico para você, para sua terapia.

Consegui relaxar, largar-se...

— Por completo — ela interveio. — Pela primeira vez.

—... e isso só pode ser útil.

Ela baixou os olhos para observá-lo.

— Mas você não teve muito prazer.

— Tive todo o prazer de que precisava. Afinal, era um exercício sem exigência de nada.

Em sua mente, ele questionou o uso do termo sem exigência.

Podia ser tecnicamente correto. Significava que o homem não precisava consumir o ato, que podia apenas observar o prazer e proporcioná-lo também, mas sem nenhuma outra exigência sexual. Dessa vez ele quisera reagir e fora capaz de fazê-lo, num certo sentido. Era algo que deveria conversar com o doutor Freeberg. Mas, depois, ele compreendeu que não havia nada que precisasse discutir. Porque, lá no fundo, ele sabia que, enquanto a mão de Nan acariciava seu pênis, sua mente fantasiava que era Gayle Miller que o estava estimulando e excitando. Ele viu Nan pôr no pulso seu relógio de ouro.

— Um presente de Tony pelo meu aniversário, que ele esqueceu — explicou ela. — Terei de ir logo. Ele estará em casa para o jantar.

— Tão cedo?

— Ele gosta de jantar cedo, assistir à televisão e depois ir para a cama. E eu detesto deitar cedo.

— Porque detesta o que acontece quando vai para a cama. O que vai fazer esta noite?

— Vou tentar repeli-lo. — Ela hesitou. — Paul, ainda tenho dez minutos antes de me vestir e ir embora. Importa-se se ficarmos apenas deitados aqui, juntos?

— Acho uma boa idéia.

Depois que eles se deitaram de costas, a cabeça no travesseiro, ela virou-se para fitá-lo.

— Você pode me abraçar, Paul?

— Com o maior prazer.

Ele passou um braço sob as costas nuas de Nan e abraçou-a; ela virou de lado, os seios grandes se achatando contra o seu peito.

— Você é maravilhoso... o homem mais maravilhoso que já conheci — sussurrou Nan. — Não fique zangado se eu beijá-lo.

Gostaria muito de beijá-lo.

Brandon inclinou o rosto e comprimiu os lábios contra os dela, pretendendo só fazer isso. Mas a boca úmida de Nan se abriu e a língua se esticou, entrando pela sua boca à procura de sua língua.

Depois do beijo, ele a afastou gentilmente, enquanto ela murmurava:

— Eu adoro você...

Ele não pôde responder, porque estava preocupado.

Pouco depois, ela vestiu-se com rapidez. Examinando os cabelos e feições ao espelho, para certificar-se de que não havia sinais denunciadores, ela penteou-se meticulosamente e maquiou-se. Durante todo esse tempo, só falou uma vez: — O que vamos fazer em seguida, Paul? Ele engoliu em seco.

— Penetração. Primeira tentativa. Nan sorriu-lhe.

— Vai dar certo, Paul. Tenho certeza. E com isso, ela saiu do quarto.

Nan chegou em casa poucos minutos antes de Tony Zecca voltar do trabalho.

O jantar já estava na mesa quando ele deu a sua urinada ritual e lavou as mãos. Ela foi ao seu próprio banheiro e lavou as mãos antes de ir se sentar em frente a ele, no lado oposto da mesa.

Zecca estava devorando um bife cru, como um canibal.

Pegando seu prato, ela lançou-lhe um olhar furtivo, em que se misturavam aversão e medo.

— Está me dando muito trabalho, boneca — disse Zecca, mastigando ruidosamente a carne, depois parando para sufocar um soluço com um gole de cerveja.

— Como assim?

— Ficando ausente durante todo o tempo. Contratei uma caixa e acabei com a porra de uma prima-dona. Está me custando uma fortuna com todo o pessoal que estou contratando por hora para substituí-la, enquanto vai consultar a porra de um médico. A nova garota do caixa, a pele escura, é pior do que a negra.

— E quanto está lhe custando? — indagou Nan, sentindo a irritação aflorar. — Paga a elas quase nada. Está acostumado ao trabalho escravo.

Ela o odiava, entre outras coisas, por seus comentários desdenhosos sobre pretos e hispânicos.

— Elas me roubam da caixa registradora — resmungou Zecca, sem parar de mastigar. — Todas são descaradas.

Olhem só quem está falando, Nan sentiu vontade de gritar. Não entendia como ele sobrevivera ao Vietnam. E não estava pensando na sobrevivência durante os combates com os vietcongues, mas sim como ele escapara de ser morto por um dos seus companheiros de infantaria, preto ou hispânico, que sempre insultava com seus comentários racistas. Mas talvez, como todos dispunham de armas iguais, ele se mantivesse de boca fechada e guardasse suas atitudes para si mesmo.

— Nem todas são ruins — Nan conseguiu balbuciar.

— Como você pode saber? Mas não importa. Tudo isso vai acabar amanhã, graças a Deus. Cuide de voltar ao emprego amanhã às nove em ponto.

— Não posso, Tony.

— O quê?

— Tenho uma consulta com o médico.

— Essa não! — berrou Zecca, batendo na mesa com a palma da mão aberta e fazendo seu prato vazio balançar. — Eu disse que você podia ir a essa porra desse médico mais uma vez... mais uma aplicação... e isso foi hoje!

— Eu disse que ele tinha de me ver por mais uma ou duas semanas.

— De jeito nenhum! Por que esse sacana quer que você vá vê-lo todos os dias? Para poder cobrar mais?

— Pare com isso, Tony. Não admito esse tipo de conversa. Ele é um dos melhores ginecologistas da cidade. Precisa me tratar por mais uma ou duas semanas... ele vai decidir quanto tempo mais...

ainda não estou em forma...

— E isso significa que você não pode ir para a cama comigo esta noite e fazer o que uma mulher normal faz?

— Não posso fazer nada, Tony. Tenho de esperar até estar curada. Perguntarei ao médico...

— Não vai perguntar porra nenhuma! Eu é que vou perguntar a esse seu médico por que está me sacaneando, e por quanto tempo mais ele acha que pode continuar com essa besteira.

Quando você for visitar esse seu médico amanhã, irei junto. Quero descobrir qual é a do sacana. A que horas você vai?

Apanhada de surpresa, Nan respondeu a primeira coisa que lhe surgiu à cabeça.

— As dez... tenho uma consulta marcada às dez horas da manhã.

Por favor, Tony, não me deixe embaraçada. Se você for comigo...

é um médico de mulheres... talvez ele receba de vez em quando um homem com a esposa, mas nós não somos casados... você não é meu marido...

— Como ele vai saber?

— Eu... eu disse a ele quando comecei o tratamento. Está na minha ficha. Sou solteira...

Zecca se levantou.

— Amanhã você não irá sozinha. Vai com seu namorado. Eu a verei no café da manhã e iremos juntos à porra do seu médico.

Chega de conversa fiada. E agora vá se deitar e descanse. Não farei nada hoje porque vou me guardar para a noite de amanhã. E

vou foder você até seus ouvidos sangrarem.

Depois que ele saiu da mesa, Nan empurrou para o lado o prato inacabado e continuou sentada, tremendo por inteiro, pensando no que poderia fazer.

Somente quando foi para seu quarto de vestir e pôs a camisola é que a resposta lhe ocorreu.

Zecca já estava na cama quando ela se deitou. Acomodou-se a seu lado, sob as cobertas, e ficou pensando na situação. Quando ele pegava no sono, dormia como uma pedra e só acordava ao romper do dia. Ela ficou imóvel, esperando que ele dormisse.

Dez ou quinze minutos depois, ela não sabia direito quanto tempo passara, ouviu sons irritantes ao seu lado. Compreendeu que ele estava roncando e só despertaria ao amanhecer.

Mesmo assim, ela tinha de agir depressa e em silêncio. Quase sem fazer barulho, ela levantou as cobertas e saiu da cama.

Ignorou as chinelas e seguiu descalça para o banheiro; fechou a porta, deixou a luz apagada. Foi para o seu quarto de vestir e abajudou o abajur de copa verde.

Pegou sua mala, abriu-a, e ajeitou-a em cima do banco da penteadeira.

Vestiu-se, com determinação e pressa, começou a recolher seu escasso guarda-roupa — as poucas blusas, saias, vestidos, cintos, sapatos, roupas-brancas — e guardou tudo na mala. Abriu uma caixa de sapatos para verificar se o dinheiro ainda estava lá, o pouco que guardara de seu salário como caixa e as parcas economias da mesada para as despesas da casa. A soma total não daria para ir muito longe nem a sustentaria por muito tempo, mas era suficiente para sobreviver até conseguir outro emprego. Ela fechou a mala.

Restava uma coisa. Rasgando uma folha de seu bloco de rascunho, ela escreveu um bilhete apressado para Tony, agradecendo por tudo o que ele fizera, mas insistindo em que precisava levar sua vida sozinha. A decisão de Tony de interferir em suas visitas ao médico fora a última gota, uma invasão de sua privacidade que ela não podia admitir. Gostava dele e lamentava que tivesse de acontecer assim, mas era um adeus.

Com um pedaço de fita adesiva, ela prendeu o bilhete no espelho da penteadeira.

Voltou à porta do banheiro, encostou o ouvido nela e ouviu claramente os roncamentos ininterruptos de Tony.

Até ali, tudo estava correndo bem.

Pegando as chaves de seu carro e a mala, ela deixou a casa. Lá fora, descobriu que a noite estava fria, mas era de certa forma mais hospitaleira do que o interior da casa.

Entrou no seu Volvo usado e ligou o motor; preocupando-se com o barulho, saiu de marcha à ré da garagem para a rua.

Fez a manobra e afastou-se. O mais depressa possível.

Estava finalmente livre. Ou pelo menos assim esperava. A liberdade era assustadora, mas havia alguém que se importava com ela. Ou pelo menos assim esperava.

Na cozinha de sua pequena casa, Gayle Miller terminou os preparativos para o jantar íntimo com Paul Brandon.

Tinha uma posição ambivalente sobre a noite que tinham pela frente. Por um lado, sentia-se pressionada demais pela pressa e teria preferido um encontro mais descontraído. Receber Demski e Hunter na mesma tarde fora extenuante, embora o progresso alcançado fosse gratificante. Depois disso, ditar os dois relatórios para o doutor Freeberg lhe consumira muito tempo. Correria a um supermercado próximo, a fim de fazer as compras para o jantar, depois se ocupara em preparar uma refeição que gostaria que fosse mais sofisticada.

Com tudo pronto, ela olhou para o relógio de parede da cozinha. Ele deveria chegar dentro de vinte minutos. Tinha tempo suficiente para se aprontar.

Foi para o quarto e vestiu-se com todo o cuidado. Como suplente sexual, sempre era cautelosa com as roupas que usava nas sessões com os pacientes. Adotava a política de jamais usar qualquer coisa que fosse sexualmente provocante, a fim de evitar que o traje levasse os pacientes a acreditar que lhes estavam sendo feitas exigências e que teriam de apresentar um desempenho satisfatório.

Mas Paul Brandon podia ser qualquer coisa, menos um paciente. Era um ser humano integrado, um homem que tinha um bom desempenho sexual, um homem que ela queria impressionar e excitar, um homem que ela desejava e muito. Por isso, para um encontro particular e pessoal, ela podia se comportar como uma mulher que talvez estivesse apaixonada.

"Vista-se sensualmente", disse ela a si mesma. E foi o que fez.

Pôs uma blusa branca de seda bem decotada, que revelava parcialmente a parte dos seios não coberta pelo sutiã meia-taça.

Acrescentou uma saia curta, cor de tangerina, uma meia-calça transparente, porque suas pernas eram muito bem torneadas, e sapatos marrons de salto alto. Passar para os cosméticos foi fácil; talvez tivesse aplicado um pouco mais de batom do que o habitual. A campainha da porta tocou assim que ela acabou de se arrumar.

Paul Brandon trazia para ela uma dúzia de rosas vermelhas de hastes compridas.

Emocionada e satisfeita, Gayle aceitou o buquê, envolveu-o com um braço, agradecendo e dando as boas-vindas com um beijo suave. Levando-o para uma cadeira, Gayle percebeu que quase esquecera quanto ele era atraente. Paul Brandon tinha a boa aparência austera de um daqueles astros fortes e determinados do cinema mudo, os homens que conquistaram o Oeste. Usava um casaco esporte cinza, camisa esporte marrom e uma calça preta, feita sob medida.

— Vou pôr isto num vaso — disse ela, indicando as rosas. — E

depois providenciarei alguma coisa para bebermos. O que vai querer?

— Qualquer coisa que você tomar.

— Vou beber um uísque escocês com gelo.

— Está ótimo para mim.

Depois de entregar-lhe o copo, Gayle sentou-se no sofá, ao seu lado, segurando seu próprio

drinque.

— Sabe, Paul, eu sinto que somos estranhos. Já nos encontramos duas vezes ao jantar, mas ainda não sei quase nada a seu respeito.

— Não se pode dizer exatamente que jantamos juntos, Gayle.

Apenas nos encontramos para tomar café e comer qualquer coisa numa lanchonete. O que não é um clima propício para uma conversa mais profunda.

— Tem razão. Mas pelo menos esta noite estamos a sós.

Brandon tomou um gole do uísque escocês.

— Fale-me a seu respeito. Tem família? Gayle meneou a cabeça.

— Não exatamente. Meu pai morreu quando eu era pequena.

Minha mãe ainda está viva, mas encontra-se internada num asilo e está prematuramente senil. Vou visitá-la uma vez por mês, para me certificar de que está sendo bem cuidada. E tenho um irmão mais velho que vive em Toronto. Ele é uma espécie de mago dos computadores.

— Ele sabe o que você faz?

— Somos muito francos um com o outro em nossa correspondência e nos telefonemas ocasionais. Ele sabe, compreende e acha que não há nada de errado. Porque ele sabe o que me motivou a ser suplente sexual. Já lhe falei sobre isso, que o rapaz que eu namorava sofria de disfunção sexual e acabou cometendo suicídio.

— Lembro-me disso.

— Desde então, continuei sozinha. E você?

— Eu... eu também estou sozinho... deliberadamente. Tá, me casei uma vez...

— E mesmo? E o que aconteceu? Brandon deu de ombros.

— Uma jovem atriz de Los Angeles, vinda do Oregon. Preciso dizer mais? Seu verdadeiro amor era por si mesma e por seu futuro. Vou poupá-la dos sórdidos detalhes. Basta dizer que ela não gostava do sexo em geral, e eu não gostava do sexo com ela em particular.

— E você acabou se divorciando?

— Depois de um ano — respondeu Brandon. — Mas permaneci atormentado por um sentimento de culpa. Ou uma incerteza, digamos assim. Eu tivera ligações extraconjugais. Ela também.

Mas, por algum motivo, não conseguíamos fazer com que fosse bom quando estávamos juntos. Era eu quem sofria de disfunção sexual. Mas, de certa forma, o mesmo acontecia com ela. Li a notícia sobre um seminário sexual em La Jolla, dirigido por dois psicólogos. E resolvi me matricular. Foi muito esclarecedor.

Descobri que meu caso não era muito excepcional. De certa forma, eu não gostava da mulher com quem estava casado. Queria me afastar dela, e meu corpo recebeu o recado antes da mente. A experiência estimulou de novo meu interesse por educação sexual, e voltei ao Oregon para recomençar a dar aulas. Quando soube que o doutor Freeberg estava procurando um suplente sexual masculino, decidi me candidatar. E aqui estou.

— Está interessado no trabalho apenas como um meio de ganhar a vida?

— Para dizer a verdade, ainda não sei. Creio que sinto agora que há muito mais além disso.

— Fico contente por saber disso — comentou Gayle, aliviada. —

Você tem família?

— Nem irmão nem irmã. E, de certa forma, também não tenho pais. Eles ainda estão vivos,

mas se divorciaram há cerca de dez anos, tornaram a se casar, e quase não temos contato. — Ele apoiou Gayle. — Pode-se dizer que sou um solitário como você. Não que eu queira sê-lo. Obviamente, é por isso que estou aqui.

Gayle sustentou o olhar dele.

— Por que está aqui?

— Porque não gosto de ficar longe de você. Ela sorriu.

— Muito bem. — Gayle largou seu copo vazio na mesinha, levantou-se e estendeu a mão para ele. — Vamos jantar.

Brandon também se levantou. Mas em vez de deixar que Gayle o conduzisse para a sala de jantar, puxou-a firme para si. Ela não resistiu.

— O jantar não pode esperar? — ele sussurrou em seu ouvido.

— Você... você tem algo melhor para sugerir? — balbuciou Gayle.

— Isto.

Ele baixou o rosto e comprimiu os lábios contra os dela, beijando-a com desejo. E, depois, acrescentou: — Estou tentando dizer que amo você.

Ela recuou por um instante.

— Eu também amo você, Paul. Não vamos mais perder tempo...

— Eu esperava que você...

—... continuasse daqui por diante? Mal posso esperar. — Gayle passou o braço pelo dele. —

Meu quarto fica ali.

Ele seguiu-a para um quarto pequeno mas agradável, com cortinas de algodão estampado e cadeiras estofadas com o mesmo tecido, dois abajures rosa e uma cama enorme, pronta para ser usada.

Gayle ficou em silêncio enquanto ele a despia e tirava sua própria roupa. Observou quando seu membro ficou ereto e sentiu que ficara toda úmida.

Brandon agarrou-a, sufocando-a com beijos na boca; bem devagar desceu os lábios para os seios, lambendo e beijando cada um, até que os mamilos pardos ficaram intumescidos e enrijecidos.

Ela pegou-o pelo braço e levou-o para a cama, murmurando, com a respiração acelerada:

— Estive sonhando com isto durante o dia inteiro... mesmo quando trabalhava.

Enquanto ela se deitava na cama, Brandon disse: — Trabalhando? Trabalhando com quem?

— Primeiro com o paciente impotente de Chicago. Foi uma sessão muito bem-sucedida. E

acabei gozando.

— Você gozou? — Brandon arriou na cama com os olhos fixos nela. — E como isso o afetou?

— Ele teve a sua primeira ereção. Afinal, era esse o objetivo.

Brandon estava de cenho franzido.

— E o que você fez, então?

— Dei-lhe os parabéns. Você não faria a mesma coisa? —

Tocando em Brandon, ela acrescentou: — Só há uma coisa, Paul.

Se eu for muito lenta esta noite, peço que tenha um pouco de paciência.

— Por quê? Também recebeu o outro paciente hoje?

— O de ejaculação precoce? Recebi. Ele está fazendo um tratamento intensivo..

— E o que fez com ele?

— O de sempre. Ensinei-lhe a técnica do aperto.

— Como?

— Ora, Paul, apertando seu pênis antes que ele gozasse, é claro.

E deu certo.

Brandon estava estático.

— Não precisava ser tão explícita. Gayle olhava para o pênis que murchava.

— Desculpe, querido. Deixe-me ajudá-lo. Venha cá.

Ela afagou a cama ao seu lado. Abalado, Brandon obedeceu.

— O que você pretende fazer?

— Relaxá-lo. Deixe-me fazer-lhe uma carícia no rosto, talvez uma carícia nas costas...

— Espere um pouco. Pensei que nosso encontro fosse apenas social, sem nada de

profissional.

Gayle estava confusa.

— Mas é apenas social. Eu só queria...

— Não quero saber dos exercícios. Não esta noite.

— Pois então deixe-me fazer outra coisa.

Ela sentou-se e pegou o pênis inerte. Começou a baixar a cabeça em sua direção.

— Ei, o que está fazendo?

— Vou beijá-lo. Tenho certeza de que vai dar certo. Brandon agarrou-a pelos cabelos e puxou-lhe a cabeça para trás.

— Beijá-lo? Normalmente eu não me importaria, mas tenho a impressão de que é uma coisa que você faz com seus pacientes.

Você os chupa?

— Nunca tive de fazê-lo — ela balbuciou. — Nem cá, a única vez.

Gayle fez uma pausa, fitando-o nos olhos; depois acrescentou, com toda a franqueza:

— Mas se fosse necessário, creio que poderia fazê-lo. Ele sacudiu a cabeça, com repulsa.

— Mas que merda! Você é incrível. — Brandon rolou para o lado e saiu da cama. — Você está em busca de poder, e isso é tudo. Não está interessada em amor. Quer apenas mostrar como é sensacional, como pode dominar qualquer homem. E acho que isso é uma merda.

Gayle estava consternada.

— Paul, você está doido?

Ele pôs as cuecas e começou a vestir as calças.

— Louco por estar aqui, louco por acreditar que uma suplente sexual pode ser uma mulher de verdade. — Brandon enfiou os pés descalços nos sapatos, recolheu as meias, a camisa e o casaco. —

Não tem jeito. Você pode chupar seus pacientes ou fazer o que bem quiser com eles... mas não comigo. Eu deveria ter imaginado.

Com dois suplentes sexuais... nunca a coisa poderia dar certo.

Lamento, Gayle, minha jovem profissional. Não daria certo. Boa noite.

Quando ela pôs o roupão e correu para a sala de estar, para explicar tudo melhor, persuadi-lo a se acalmar, já era tarde demais.

A porta da frente acabara de ser batida. A sala estava vazia.

CAPÍTULO 7

Ao acordar pela manhã, Tony Zecca ficou surpreso ao descobrir que Nan não estava na cama, ao seu lado. Isso não costumava acontecer, pois normalmente ela ainda dormia quando ele saía para trabalhar no restaurante. É verdade que algumas vezes, ele podia se lembrar, Nan se levantara antes, a fim de fazer algumas compras para a casa.

Zecca vestiu-se rápido, sem se preocupar mais com a ausência de Nan, porque precisava chegar cedo ao escritório a fim de entrevistar mais duas candidatas ao cargo de caixa temporária.

Depois voltaria para casa a tempo de levar Nan ao médico e resolver o problema de uma vez por todas com o filho da puta.

Já vestido, Zecca dirigiu-se à sala de jantar e gritou para a empregada que se encontrava na cozinha, que estava pronto para o desjejum.

Sentado em seu lugar, ele dobrou o jornal matutino na seção de esportes, enquanto Hilda trazia o suco de laranja e o café bem quente. Ele estava acabando de tomar o suco de laranja e de ler os resultados do boxe quando Hilda trouxe os ovos com bacon e as torradas.

Atacando os ovos com bacon e concentrando-se nos resultados esportivos, ele perguntou a Hilda, distraidamente: — A que horas minha namorada tomou o café da manhã?

— Ela não tomou — respondeu Hilda, desaparecendo na cozinha.

Zecca bateu com o garfo no prato e virou-se na cadeira.

— Hilda, volte aqui!

Ele ficou esperando que a gorda empregada alemã aparecesse a porta da cozinha. Então, gritou: — Que história é essa de que ela não tomou o café da manhã?

Ela nunca sai sem comer.

— Quem disse que ela saiu? Eu não a vi sair. Ela deve estar em algum lugar por aí.

— Então é isso.

Zecca comeu o que restava dos ovos com bacon, largou o jornal e levantou-se. Pretendia seguir direto para o restaurante, mas depois lembrou que planejava voltar para casa, pegar Nan e levá-la ao médico charlatão para uma confrontação. Daria uma boa lição no velhaco, dizendo tudo o que pensava, e o faria parar de interferir na vida amorosa de Nan. Não sabia a que horas deveria se encontrar com ela para ir ao consultório e resolveu verificar antes de ir para o restaurante.

A porta do banheiro de Nan estava fechada. Zecca abriu-a bruscamente e entrou. Não encontrou ninguém. Então, com certeza a desgraçada estava no quarto de vestir. Ele não entendia por que as porras das mulheres demoravam tanto tempo para se vestir, quando tudo o que os homens queriam era que elas ficassem peladas.

Zecca abriu a porta do quarto de vestir com um puxão, gritando: — Mas que merda, Nan!

Não houve resposta. O quarto de vestir estava vazio.

Zecca virou-se. Alguma coisa estranha acontecera. As prateleiras do roupeiro de Nan estavam vazias. Ele completou o giro e avistou o bilhete, que estava pregado com fita adesiva no espelho.

Adiantou-se, arrancou-o do espelho, e tentou decifrar o que ela escrevera com a mão trêmula. Era alguma coisa sobre deixá-lo.

Deixá-lo! Ele levantou o bilhete e leu cada palavra com toda a atenção. Então começou a entender. Ela fora embora. A miserável o abandonara, algo que nenhuma mulher, desde Crystal, jamais fizera ou sequer se atrevera a pensar.

Num acesso de fúria, Zecca amassou o bilhete com a mão enorme transformando-o numa bola.

A raiva se misturava com o espanto. Por que Nan teria feito uma coisa daquela? Fora bom para ela, dera um lar e um emprego a uma pobre coitada desamparada. Mesmo assim, ela o abandonara. Como era possível? Ela não tinha para onde ir. Não conhecia ninguém, pelo que ele sabia, exceto...

Exceto a porra do médico que ela visitava quase todos os dias.

Esse conhecimento e a lembrança da conversa do dia anterior, quando ela tentara desesperadamente evitar que ele fosse falar com o médico, encaixavam-se e lhe contavam toda a história.

Nan o passara para trás, deixara-o para ir trepar com seu médico, que provavelmente a vinha comendo com freqüência, desde o primeiro dia.

"Mas nenhum dos dois vai escapar impune", disse Zecca a si mesmo. Descobriria o patife do médico e lhe daria tanta porrada que ele nunca mais esqueceria, nunca mais iria se meter com a mulher de outro. E depois agarraria Nan e a arrastaria de volta ao lugar a que ela pertencia. Era isso. Seu caminho estava bem claro.

Só havia um problema.

Quem era a porra do médico? Ele precisava saber quem merecia uma surra antes de sair ao encontro deles e arrastar Nan de volta.

Mas quem era a porra do médico?

A esperta pilantra nunca lhe dissera, pelo que podia se lembrar.

E ele bem que podia levar um chute no rabo por nunca ter se dado ao trabalho de perguntar. Pensando nisso, sua fúria aumentou de novo, por saber que ela o enganara.

Ele tentou raciocinar. Para consultar um médico, era preciso pagar. Portanto, devia haver contas. Mas ele sempre controlava as contas de Nan e as arquivava no escritório do restaurante, para seu contador e o Serviço da Receita Federal. No entanto, nunca vira nenhuma conta ou recibo do suposto médico. Ela sempre pagava em dinheiro, proveniente das pequenas economias que tinha quando fora viver com ele, de seu salário ou do que poupava da verba para as despesas domésticas.

Porém não havia nenhuma conta.

Errado. Houvera uma conta, ele se lembrava, com o timbre de um médico, logo acima. Fugira à atenção de Nan, antes que ela se tornasse esperta. E Zecca tinha essa conta.

Ele pegou o telefone do quarto dela e ligou para o restaurante.

Falou com a garçonete-chefe, que também exercia o cargo de gerente.

— Estou indo para aí, Marge, mas não tenho tempo para as entrevistas com as candidatas a caixa temporária. Cancele por hoje e deixe aquela mexicana escrota continuar nos roubando, até eu mandá-la embora. Tenho de resolver um problema de impostos. Ficarei no escritório e não quero que ninguém me incomode.

Deixando o quarto de vestir de Nan, Zecca saiu de casa, sentou-se ao volante de seu Cadillac e partiu para a doce vingança.

Meia hora depois, no cubículo que servia de escritório, nos fundos do restaurante, ele verificou quando Nan começara a trabalhar ali, sabendo que ela passara a consultar o médico logo em seguida.

Dez minutos transcorreram antes que ele encontrasse o recibo do médico, triunfante.

Doutor Stanley Lopez — ainda por cima um mexicano nojento — e a conta era do primeiro exame geral.

O único recibo. Não havia outros, porque Nan pagara em dinheiro ou talvez porque ele cobrara em trepadas. Que injeções ela estava tomando!

Tendo na mão o recibo, em que constava o endereço do doutor Lopez, Zecca voltou a seu Cadillac e seguiu para o centro de Hillsdale.

Quinze minutos depois, ele parou à frente de um prédio de consultórios de seis andares, com estacionamento subterrâneo. Ele desceu a rampa, deixou o Cadillac com um manobrista, encontrou o nome do doutor Lopez no quadro ao lado dos elevadores e subiu.

Chegou ao quarto andar.

Na porta de vidro fosco à direita do elevador, havia os dizeres: "Stanley M. Lopez M. D." Zecca empurrou a porta, com os punhos cerrados, entrando na luxuosa sala de recepção, onde uma atraente garota latina estava ocupada em algum serviço burocrático.

Ela ficou aturdida ao fitar Zecca.

Ele calculou que sua fúria devia transparecer em seu rosto e esforçou-se para se controlar.

— O que deseja? — perguntou a recepcionista.

— Quero falar com o doutor Lopez sobre... sobre minha esposa.

— Ela é cliente dele?

— E regular.

— O nome, por favor?

— Zecca — respondeu ele, automaticamente, para se corrigir logo em seguida: — Não. Ela gostava de usar o nome de solteira. Seu nome... o nome de minha esposa é Nan Whitcomb. Ela tinha consulta marcada com o doutor Lopez hoje.

A recepcionista latina franziu a testa.

— Lamento, mas isso não é possível. O doutor Lopez não tem nenhuma consulta marcada para hoje, pois está dirigindo um seminário na universidade. Tem certeza de que sua esposa vem aqui com freqüência? Não estou me lembrando do nome dela.

— Claro que tenho certeza — disse Zecca, sombriamente, enfiando a mão no bolso do paletó para tirar o recibo. — Dê uma olhada nisto. É o recibo de uma conta que ela pagou.

A recepcionista pegou-o, examinou-o com expressão perplexa, depois levantou-se devagar e foi a um arquivo no final da sala.

Agachou-se, abriu a última gaveta, verificou os indicadores e retirou uma pasta de papel pardo.

— Tem razão, senhor. Temos uma ficha em nome de "Whitcomb, Nan". Vamos dar uma olhada.

Ela voltou sem pressa para o balcão, abriu a pasta e estudou o conteúdo. Levantou a cabeça de súbito, sorrindo para Zecca.

— Creio que está tudo esclarecido agora. Eu estava certa. Sua esposa não é paciente regular do doutor Lopez. Ela procurou-o apenas uma vez, para um exame geral. Foi encaminhada pelo doutor Freeberg. Ele sempre manda seus pacientes para o doutor Lopez efetuar um exame geral, antes de começar a trabalhar. É o doutor Freeberg que deve procurar para qualquer consulta.

— Doutor Freeberg? Nan nunca falou a respeito dele. A recepcionista hesitou, percebendo a expressão irada de Zecca.

— Talvez seja porque ela é tímida. Quase todas as esposas são, em casos como o dela.

— Que casos?

— A visita a um terapeuta sexual. O doutor Arnold Freeberg é um terapeuta sexual que dirige a Clínica Freeberg, na Market Street. A cerca de cinco minutos daqui. Sua esposa deve estar se tratando lá. Tenho certeza de que o doutor Freeberg terá o maior prazer em recebê-lo.

— Também tenho — disse Zecca. — Doutor Arnold Freeberg, não é mesmo?

— Exatamente. Doutor Arnold Freeberg. Quando deixar o nosso prédio, vire à esquerda e depois à direita, no primeiro quarteirão.

E a Market Street. Pode ir a pé, em dez ou quinze minutos. Se for de carro, levará menos de cinco minutos. Escreverei o endereço da Clínica Freeberg.

Pondo o cartão no bolso, Zecca murmurou um agradecimento e se retirou. Enquanto esperava o elevador, ele fervilhava de raiva.

Então, Nan, sua pequena ordinária, estava se metendo com um terapeuta sexual, ou o que quer que isso significasse. Ele nem precisava adivinhar. Tinha certeza. O doutor Freeberg, um judeu com toda a certeza, estava trepando com ela todos os dias. E Nan estava adorando. Um tratamento e tanto.

Pois muito bem, Zecca disse a si mesmo, enquanto as portas do elevador se abriam, ele teria um tratamento mais permanente para os dois, quando os pegasse. Faria picadinho do tal doutor. E levaria Nan para casa numa coleira e a manteria lá, de costas, que era a sua posição, até que ela apreciasse o que ele tinha para lhe dar.

A primeira providência era descobrir onde o tal de Freeberg escondia a sua Nan. Tinha de surpreendê-los em flagrante. E então saberia o que fazer com os dois.

Ao sair do elevador, ele já sabia qual seria seu próximo passo.

Transformar Freeberg em picadinho era bom demais para o filho da puta. Devia comê-lo — ou mandar um de seus devedores lhe fazer isso.

Era a solução.

"Olho por olho", como dizia o livro de Deus.

O telefonema de Roger Kile, que se apresentara como advogado do doutor Arnold Freeberg, em Los Angeles, foi recebido no gabinete do promotor público de Hillsdale, Hoyt Lewis, às onze e quinze daquela manhã.

Lewis especulou durante toda a semana se o telefonema seria dado pelo próprio Freeberg ou por seu advogado, e que decisão ele tomaria. Sabia que Freeberg contratara um advogado para procurá-lo. E logo teria conhecimento da decisão de Freeberg.

— Estou ligando para falar sobre o ultimato que apresentou a meu cliente, doutor Arnold Freeberg — disse Kile. Como advogado dele, tenho poderes para discutir o assunto em seu nome.

— Não sei se há muita coisa para se discutir, senhor Kile — disse Hoyt Lewis, em tom glacial.

— Talvez não. Ao mesmo tempo, para ter certeza de que meu cliente entendeu direito o ultimato, eu agradeceria se repetisse os termos de sua proposta. Eu gostaria de ouvir, com suas próprias palavras, o que disse ao doutor Freeberg quando o visitou.

— Terei o maior prazer em atendê-lo. Presumo que tenciona registrar exatamente o que eu disse ao doutor Freeberg?

— Isso mesmo, senhor.

— Muito bem. Em meu único encontro com o doutor Arnold Freeberg, informei-o de que investigara sua prática de empregar suplentes sexuais, sobretudo femininas, para coabitar com homens mediante pagamento. Eu lhe expliquei que, pelas evidências disponíveis, seu atual trabalho como terapeuta estava incurso na lei que considera o lenocínio como crime. Disse também que suas suplentes sexuais enquadravam-se na lei que considera a prostituição como crime. É que se ele fosse processado e condenado, podia pegar uma sentença de até dez anos de prisão, enquanto a suplente sexual acusada poderia ser condenada a meio ano de prisão.

— E depois ofereceu um acordo a meu cliente — disse Kile.

— Isso mesmo, um acordo, por espírito de generosidade. O doutor Freeberg não tem antecedentes criminais, seria um réu primário... não será levada em conta a confrontação com meu colega em Tucson... e na convicção de que ele não compreendera direito a lei da Califórnia, ofereci-lhe outra oportunidade.

Informei a ele, doutor Kile, que podia evitar quaisquer acusações criminais se suspendesse o uso de suplentes sexuais e limitasse sua prática apenas às atividades de terapeuta licenciado. Por outro lado, se ele resolvesse ignorar minha oferta, insistindo em continuar operando como vem fazendo, eu pediria sua prisão preventiva e o processaria.

— Quero deixar uma coisa bem clara e ser bastante franco — declarou Kile. — Quando resolvi assumir a defesa do doutor Freeberg e suas suplentes sexuais, eu não estava muito certo sobre o seu trabalho e a lei. Sabia que o doutor Freeberg era sincero e estava orientando as suplentes, mas havia uma possibilidade que me preocupava. A de que ele pudesse estar se encobrindo com seus conselhos e orientações, e as mulheres não passassem de prostitutas disfarçadas em suplentes sexuais. Decidi fazer uma pesquisa e conversei com diversas suplentes. Logo descobri que havia uma diferença qualitativa entre elas e uma prostituta. Estou hoje convencido, em termos morais e legais, de que não resta a menor dúvida de que a suplente sexual e a prostituta são qualitativamente diferentes. Freeberg e suas suplentes dedicam-se a curar. O proxeneta e suas prostitutas não passam de exploradores. Todo promotor da Califórnia e de Nova York reconhece essa diferença, e é por isso que nunca houve, em vinte e cinco anos, uma ação judicial contra um terapeuta sexual e uma suplente sexual.

— Principalmente porque o clima moral neste país não se deteriorara tanto quanto agora — 'protestou Hoyt Lewis. — Está no momento em seu ponto mais baixo, e quero pôr um paradeiro nisso. O processo de limpeza precisa começar em algum lugar, e resolvi que será aqui. Repito: não vejo nenhuma distinção clara entre um proxeneta e suas prostitutas e um terapeuta sexual e suas suplentes sexuais. Este caso provará que estou certo. E quando eu acabar, nenhum Estado da União permitirá o uso de suplentes sexuais.

— Mas não reconhece que uma vasta diferença na motivação e comportamento separa a suplente sexual feminina da prostituta comum? — insistiu Kile.

A voz de Hoyt Lewis endureceu: — Não reconheço nada disso e devo dizer que estou a par

dos argumentos. O doutor Freeberg apresentou-os com muita eloquência. Na minha opinião, eles não são válidos e não resistirão num tribunal. A suplente sexual feminina é tão ilegal quanto a vigarista que circula pelas ruas...

— Senhor promotor público — interrompeu-o Kile —, creio que a suplente sexual é secundariamente licenciada, nos termos da lei.

Afinal, ela trabalha com a orientação permanente de um terapeuta licenciado, na qualidade de sua assistente.

— Lamento, senhor Kile, mas discordo. As suplentes sexuais do doutor Freeberg, por instigação dele, estão desempenhando atos sexuais mediante pagamento. São prostitutas disfarçadas. Não permitirei isso em Hillsdale. — Ele fez uma pausa. — Não vejo sentido em continuar esse debate. Ofereci ao doutor Freeberg uma oportunidade justa. A liberdade para continuar a exercer sua profissão em Hillsdale sem o uso de suplentes sexuais, ou uma ação judicial por lenocínio e prostituição, se ele insistir no que está fazendo. Posso presumir que me telefonou para comunicar a decisão?

— Isso mesmo.

— E qual é a decisão?

— Como advogado do doutor Arnold Freeberg, estou autorizado a declarar que ele continuará sua prática, com o uso de suplentes sexuais, pois está agindo dentro da lei.

Hoyt Lewis não esperava que fosse essa a decisão. Presumira que Roger Kile lhe apresentaria os débeis argumentos em nome de seu cliente, a fim de fazê-lo pensar duas vezes em relação ao processo, mas depois, na hora de pagar para ver, recuaria e aceitaria o acordo. Aquilo era melhor do que ele esperara.

— Está dizendo que o doutor Freeberg continuará a usar as suplentes sexuais? — Lewis sentia-se estranhamente exultante. — É essa a decisão?

— Exatamente.

Lewis sentiu vontade de dizer: "O funeral é seu", mas sabia que a conversa estava sendo gravada e por isso absteve-se do comentário, limitando-se a dizer:

— Lamento muito. Creio que não há mais nada a acrescentar, a não ser... que voltaremos a nos falar no tribunal.

— Se tiver uma base para um processo — ressaltou Kile, suavemente.

— Posso lhe assegurar, senhor Kile, que tenho muita base.

Uma hora depois, o promotor público encontrou-se com o reverendo Josh Scrafield, que havia sentado no outro lado de sua mesa.

— Detesto interromper seu dia de trabalho, senhor Scrafield, pois sei que é um homem muito ocupado. Mas como se trata do problema de Freeberg e suas suplentes sexuais...

— Não há nada que me preocupe mais do que esse problema.

Esse charlatão está contaminando nossa comunidade.

— Propus um acordo a Freeberg, como sabe. Seu advogado acaba de me telefonar para comunicar sua decisão.

— E qual foi? — indagou Scrafield, ansioso, inclinando-se para a frente.

— O doutor Freeberg decidiu ignorar minha proposta. Pretende continuar a usar as suplentes sexuais.

— Ele vai prosseguir em sua sórdida prática? — perguntou Scrafield, com uma satisfação

evidente. — Vai continuar?

— E nós também vamos continuar — declarou Lewis, com toda a calma. — Vamos iniciá-lo e processá-lo com toda a força da lei.

O reverendo Scrafield passou a língua pelos lábios.

— Lenocínio e prostituição — murmurou ele, meio para si mesmo. — Não pode perder, senhor promotor público.

Começaremos a levantar o maior clamor no momento em que nos der o sinal verde. Vai ganhar o caso e desfrutar todos os benefícios e vantagens da vitória. É a melhor coisa que poderia nos acontecer. O caso contra Freeberg é líquido e certo.

Hoyt Lewis acenou com a cabeça.

— Também penso assim e é por isso que vou processá-lo. Mas tudo vai depender da testemunha que me trouxe.

— Chet Hunter? Não se preocupe com ele. Está registrado como paciente de Freeberg e todos os dias vai à clínica ou a algum outro lugar com uma mulher chamada Gayle Miller.

— E estão transando?

— Chet Hunter me garante que sim. Não o vejo pessoalmente desde que estivemos juntos aqui, mas mantemos contato por telefone.

— Espero que ele esteja mantendo um registro de suas... há... atividades diárias.

— Está, sim. Ele mantém um diário, põe tudo no papel.

— Excelente! — exclamou Lewis. — Este é o momento de nos encontrarmos de novo com Hunter e descobrir o que ele tem para nós.

Lewis levantou-se, antes de acrescentar: — Ainda há algo que precisa ser determinado, uma verdade que devo saber: a certeza de que eles estão mesmo consumando o intercuro sexual. Isso é fundamental. Com essa informação, estamos a caminho. Indiciarei Freeberg e a senhorita Miller imediatamente. Até lá, devemos esperar. Assim que Hunter nos informar que a relação sexual ocorreu, entregando a gravação da sessão paga, vamos iniciar o processo. Ele está usando um gravador, não é mesmo?

— Claro que está. Ele sabe de tudo sobre essas coisas.

— Precisarei da confirmação gravada para apoiar o depoimento de Hunter no tribunal. — Lewis pareceu um pouco preocupado. —

Ele pode conseguir? Como está fazendo?

— Em suas pesquisas, Hunter usa um gravador em miniatura ativado pela voz. Fica escondido no bolsinho do paletó. Pode captar cada palavra, cada som.

Lewis ficou aliviado.

— Não precisarei de mais nada. Assim que Hunter registrar a sessão de intercuro sexual em seu diário e tiver a gravação, deve informá-lo, e você me avisará no mesmo instante. Providenciarei a prisão de Freeberg e da senhorita Miller, e a denúncia contra eles. Entre em contato com Chet Hunter o mais rápido possível e descubra em que estágio ele se encontra.

O reverendo Scrafield também se levantou, sorrindo.

— Se Chet estiver em casa, eu o verei imediatamente. Parabéns, senhor Lewis. Como bem disse... estamos a caminho.

Meia hora depois o reverendo Scrafield estava instalado numa poltrona surrada e desconfortável, no apartamento de Chet Hunter, contemplantando o ambiente acanhado com

evidente repulsa.

— É aqui que você se encontra com ela? — perguntou Scrafield.

— Encontro-me com ela? — repetiu Hunter, que estava sentado na poltrona em frente. — Ah, sim, está falando de Gayle Miller.

— A prostituta de Freeberg com quem está envolvido. Ela vem aqui?

— Não. Ela aluga uma casa... um chalé, na verdade... a cerca de vinte minutos daqui.

— Talvez seja melhor me dar logo o endereço, para que Hoyt Lewis o tenha disponível quando chegar o momento de prendê-la.

Relutante, Hunter anotou o endereço de Gayle Miller num pedaço de papel e entregou-o ao reverendo. Scrafield leu a anotação.

— Onde fazem a coisa? No quarto?

— Não, não é no quarto. É na sala de terapia.

— Como?

— Uma sala extra que ela preparou para demonstrar os exercícios, meio escritório, meio sala social, com um sofá grande e uma esteira grossa no chão, para se deitar.

— Já trepou com ela?

— Bom... — Hunter hesitou. — Por que não lê o que tenho feito? —

Ele pegou as folhas meticulosamente datilografadas que estavam em cima da mesa e entregou-as a Scrafield. — Venho mantendo um registro completo de todas as nossas atividades. Ao chegar em casa à noite, depois de um exercício, escrevo um relato minucioso do que aconteceu. Datilografei mais três páginas esta manhã, e por isso o que tem nas mãos é um relatório atualizado. Sugiro que dê uma lida, para poder saber...

— Tudo o que me interessa saber é que nosso promotor público está ansioso para você terminar logo o trabalho. Está tão ansioso que me encarregou de procurá-lo e descobrir qual é a situação.

— Esse registro dos meus encontros com Gayle Miller poderá dar a você e ao promotor público uma visão ampla e completa de tudo o que está acontecendo.

— Muito bem, então vou lê-lo.

— Posso fazer um café enquanto você lê.

Scrafield já começara a ler.

— Café é uma boa idéia.

Hunter dirigiu-se à pequena cozinha e demorou-se fazendo café, sentindo-se apreensivo com a leitura de Scrafield e preocupado com sua reação.

Finalmente voltou à sala com o café e pôs a xícara de Scrafield na mesinha que havia ao lado da poltrona. Scrafield ignorou o café, concentrando-se na leitura. Hunter tomou seu café, fingindo não perceber as reações do visitante.

Mas dez minutos se passaram antes que Scrafield terminasse a leitura e largasse as folhas no colo. Fitou o pesquisador com uma expressão fria.

— Chet, tenho de lhe dizer uma coisa... tudo isso não passa de um monte de besteiras.

— Como assim?

— Não dá em nada. Vou lhe explicar melhor. Li certa vez em algum livro que só um crime conta... não é roubar jóias ou desviar dinheiro dos outros... o único crime que conta é homicídio. O mesmo acontece neste caso. Quando se quer provar prostituição, as carícias não contam, mas

apenas o intercuro sexual. E não encontrei em seus registros nenhuma referência a ele.

— Tudo o que escrevi é parte disso — protestou Hunter, na defensiva.

— Para mim, nada significa, e também não significará nada para Hoyt Lewis. — Scrafield pegou de novo as folhas datilografadas e começou a folheá-las. — O que temos aqui... carícia na mão, carícia no rosto, carícia nas costas, projeção do corpo, chuveiro, carícia frontal mas sem tocar nos seios ou órgãos genitais, contato em torno dos órgãos genitais e assim por diante. O que tudo isso soma? Um monte de nada. No tribunal, haverá uma única pergunta. Você trepou com ela? E por que não trepou? Por que não trepa?

Hunter podia sentir o suor na testa.

— Como expliquei, entrei na terapia com a alegação de que tinha um problema.

— Não há problema que uma boa foda não possa resolver. Está querendo dizer que seu pau não consegue levantar com ela?

— Claro que consigo. E isso tem acontecido.

— Então o que o está impedindo?

— Apenas tento seguir as regras, senhor Scrafield. Há regras na terapia e é preciso obedecê-las.

Scrafield estava visivelmente irritado.

— Quem está preocupado com regras? Você tem essa mulher bonita... diz que ela é um espetáculo... inteiramente pelada, de costas, mas em vez de meter fica só na sacanagem. Ela está acostumada aos homens que metem, isso é mais do que evidente...

afinal, é o seu negócio... portanto, meta o seu negócio nela.

Hunter estava suando muito. Não queria dizer a Scrafield que tentara, e o resultado fora um fracasso. Também não queria discutir a técnica de aperto que Gayle julgara necessário usar com ele.

— Estamos fazendo progressos — balbuciou ele. — Espero ter uma relação sexual com ela amanhã.

— Tem certeza?

— É o próximo exercício em nossa agenda.

— Pode me prometer?

Hunter engoliu em seco.

— Claro que posso.

A expressão fria de Scrafield se desmanchou num arremedo de sorriso. Ele levantou-se.

— Assim é melhor, meu rapaz. Saia agora e tire fotocópias de tudo isso, depois entregue no gabinete do promotor. E quando o fizer, garanta a ele que terá a prova gravada a qualquer momento.

— Depois de amanhã.

— Ótimo. Assim que o promotor tiver sua declaração de que vai depor no tribunal, poderemos entrar em ação, detendo Freeberg e Gayle Miller. — Scrafield afagou o ombro de Hunter. — Já que está metido nisso, não deixe de se divertir amanhã... antes de tirarmos a mulher de circulação.

Despindo-se em seu quarto, enquanto Nan Whitcomb sentava nua na cama, contemplando-o com uma expressão de adoração, Brandon não pôde deixar de concentrar-se no que tinha pela frente, de imediato. Sua mente estava inteiramente ocupada por Gayle Miller e o

comportamento estúpido que ele tivera na noite anterior, ao deixá-la sem qualquer motivo. Sentia-se angustiado pela culpa, dominado pelo medo de haver encerrado um relacionamento florescente e perdido uma pessoa por quem estava sinceramente apaixonado. Queria apenas pegar um telefone em particular, ligar para Gayle, descobrir se ela estaria disposta a recebê-lo de novo.

Ele acabou de tirar as roupas. Sabia que Nan estava esperando por seu próximo movimento. E sabia qual deveria ser.

Penetração.

Brandon ficou imóvel, com receio de continuar. Por um lado, com os pensamentos em Gayle, preocupava-se um pouco com a possibilidade de não alcançar uma ereção com Nan. Fitando-a nos olhos, porém, ele compreendeu que não era bem isso o que temia.

Seu receio era a adoração que percebera naqueles olhos, o relaxamento que ela acabara de adquirir em sua presença. Se a relação fosse bem-sucedida e ambos desfrutassem a experiência, ele temia que Nan pudesse interpretar erroneamente como amor. E

se isso acontecesse, seria um problema e tanto.

— Está pensando em alguma coisa? — indagou Nan, jovialmente.

— Apenas no que devemos fazer em seguida.

— E o que será, Paul?

Ele deveria dizer a verdade ou recorrer a uma tática para ganhar tempo, a fim de dispor de um prazo maior para decidir aonde poderia levar o intercursos sexual com ela?

Instintivamente, Brandon queria mais tempo para pensar na maneira pela qual poderia manipulá-la.

— Para dizer a verdade, Nan, acho que seria melhor para nós dois repetir o último exercício, só mais uma vez, a fim de verificarmos como ambos nos sentimos.

Ela não foi capaz de esconder seu desapontamento.

— Vamos fazer o toque genital outra vez? Não deveria ser alguma coisa nova?

— Não necessariamente. Não foi tão ruim assim na última vez, não é mesmo?

— Foi maravilhoso, Paul — ela se apossou em declarar. — Eu não me importaria.

— Pode relaxar, até ter um orgasmo de novo. Não é nosso objetivo, mas não há nada de errado, se você sentir vontade.

— Sei que vou gostar... mas gostaria ainda mais, se você também tivesse um orgasmo. Na última vez, infelizmente, eu não lhe dei o mesmo prazer. Também gostaria de deixá-lo feliz.

— Vamos ver o que acontece — murmurou Brandon, em tom neutro, indo para a cama.

Eles se ajeitaram no meio da cama, e deitaram-se de lado, de frente um para o outro, com os olhos abertos. Pegando um vidro, Brandon aplicou óleo no corpo de Nan, evitando a saliência genital. Depois, entregou-lhe o vidro e pediu a ela que aplicasse óleo em seu corpo. Ela o fez, meticulosamente, desviando-se com extremo cuidado da área genital. Ao final, no entanto, ele reparou que os seios de Nan subiam e desciam mais depressa. Queria que aquela sessão fosse lenta e prolongada, mas o desejo evidente de Nan ser tocada dizia-lhe que não duraria tanto tempo quanto esperava.

— Muito bem, Nan, vamos continuar o exercício. Quer que proporcionemos prazer ao outro ao mesmo tempo, como fizemos na última vez, ou prefere que concentremos as sensações em separado, revezando-nos?

— Vamos nos revezar — respondeu ela no mesmo instante. — Assim posso me concentrar melhor. Você faz comigo primeiro e depois eu farei em você. Importa-se?

— Claro que não. Na verdade, é sempre preferível trabalhar em seqüência. Deite de costas, feche os olhos, entregue-se às suas sensações.

— Está bem.

Ela se estendeu de costas, os olhos fechados, bem contraídos, mas os braços e as pernas inertes.

Inclinando-se sobre ela, Brandon começou o exercício pela cabeça, passando os dedos pelos cabelos, depois acariciando cada detalhe do rosto, descendo para os ombros. Os seios arfavam quando ele os alcançou; os mamilos já estavam túmidos.

Enquanto lhe afagava a barriga, ela emitiu um som quase inaudível. Ele pensou que podia ser um gemido. Seus dedos tocaram nos pêlos pubianos e deslizaram pelo botão visível do clitóris.

Nan levantou os joelhos, e abriu as pernas. Brandon compreendeu que nunca chegaria às coxas.

— Quero gozar... — murmurou ela, suspirando.

Ele tinha a intenção de passar para as coxas, mas não seria possível. Afinal, era uma sessão de prazer genital, e Nan não merecia ser privada disso.

Os dedos de Brandon passaram do clitóris para a vagina e voltaram. Abruptamente, ela levantou os quadris acima da cama.

— Paul, Paul! — ela gritou. — Estou gozando! Ele sabia disso e ajudou-a até o final.

Depois que o prolongado orgasmo acabou, ela arriou na cama, inerte, tentando recuperar o fôlego.

Brandon passou então para as coxas, acariciando-as, desceu para as pernas. Ela se manteve imóvel durante o resto do exercício. Brandon disse a si mesmo que ela estava exausta demais para lhe proporcionar prazer da mesma forma, o que até certo ponto era um alívio. Porque ele não queria que seu corpo subvertesse a determinação que tomara de não se envolver demais com Nan. Subitamente, para sua surpresa, ela sentou-se, de olhos abertos.

— Obrigada, Paul — murmurou ela, inclinando-se e beijando-o. —

Você queria que eu tivesse sensações... pois eu as tive, e foram intensas.

Ele estava com receio de perguntar quais haviam sido, e por isso manteve-se em silêncio. Ela empurrou-o para trás.

— Agora é a minha vez, Paul. Farei tudo com você e espero que tenha as mesmas sensações.

Ele ainda evitou dizer qualquer coisa. Limitou-se a deitar, obediente, e fechou os olhos, cheio de apreensões.

E foi envolvido pelo contato das mãos de Nan, em seu rosto, pescoço, peito.

— Você é maravilhoso... doce e deslumbrante... — ele ouviu-a sussurrar.

Brandon esforçou-se para imaginar que era Gayle quem estava lhe falando. Podia ver Gayle nua e magnífica, como na noite anterior... e no instante seguinte percebeu o que estava lhe acontecendo.

O pênis intumescido estava se elevando, cada vez mais rígido.

Não havia como contê-lo. Ele não tinha a menor possibilidade de se controlar.

A mão de Nan envolveu seu pênis rijo, eficiente, experiente, perfeita, perfeita, perfeita.

Brandon não sabia quantos minutos haviam transcorrido.

Talvez cinco ou seis. Talvez mais. Mas parecia uma eternidade de prazer e ele queria apenas

a descarga suprema.

— Eu... eu... eu...

A mão de Nan deslocava-se mais depressa.

— Eu sei, querido.

A mão cobriu a glande e ele gozou e gozou e gozou.

A única coisa de que ele teve conhecimento foi a sensação do corpo flexível de Nan.

Compreendeu que ela estava deitada ao seu lado, abraçando-o.

E seus olhos o fitavam com atenção.

— Você foi maravilhoso, Paul, simplesmente maravilhoso...

— Você também.

— Eu me senti mais chegada a você do que nunca.

— Eu esperava que isso acontecesse.

Brandon olhava para o teto. E ela se manteve em silêncio por algum tempo, mas acabou murmurando: — Paul, há uma coisa que eu preciso lhe contar.

Ele não tinha certeza se queria ouvir. Especulou o que poderia ser. Acenou com a cabeça.

— Deixei Tony Zecca — disse ela, como se estivesse lhe oferecendo um presente. — Não podia mais agüentar e fugi ontem à noite, enquanto ele dormia.

Brandon estava alerta, e apoiou-se num cotovelo.

— Você o deixou? Ela soltou Brandon.

— Como você sugeriu.

— Mas eu... — Ele não sabia o que dizer. — Para onde foi?

— Telefonei para você, a fim de perguntar se podia sugerir um hotel, mas não havia ninguém em casa.

— É verdade.

Ele se lembrou de que estava com Gayle e a deixara bruscamente. Oh, Deus, que idiotice!

— Liguei para a casa do doutor Freeberg, e ele foi bastante gentil para me arrumar um quarto no Excelsior Hotel, que fica perto da clínica.

— Fico contente com sua decisão. — Ele sentou-se na cama, e Nan o imitou. — O que você vai fazer para ganhar dinheiro?

— Tenho o suficiente para viver por algumas semanas. E, depois, terei de arrumar um emprego.

— Estou certo de que vai conseguir. Ele começou a sair da cama, perturbado.

— Paul...

Ele virou-se para fitá-la.

— O que é?

—... se você quiser, posso passar a noite aqui. Gostaria?

— Claro que gosto de sua companhia — respondeu ele, sem a menor hesitação —, mas não é permitido, Nan. Eu perderia o emprego se o doutor Freeberg descobrisse. E mesmo que eu quisesse violar os regulamentos, esta noite não poderia. Tenho outro... outro compromisso.

— Hã...

O desapontamento de Nan era evidente.

— Lamento muito, voltaremos a nos encontrar amanhã à tarde, para o próximo exercício.

— Tem razão. Não vou esquecer. — Ela parecia muito animada. — Qual será?

A palavra saiu com dificuldade.

— Penetração. — Uma pausa e ele se apressou a acrescentar: — Isto é, se você achar que já está em condições.

Nan sorriu.

— Posso fazer qualquer coisa com você, Paul... qualquer coisa.

Poucos minutos depois de Nan se vestir, abraçá-lo e deixar o apartamento, Brandon estava ao telefone, torcendo para encontrar Gayle em casa.

Teve sorte, pois ela estava.

— Sou eu, Paul, com o chapéu na mão. Quero me desculpar de meu comportamento de ontem à noite, Gayle. Fui um idiota.

— Que bom que você ligou — disse ela, muito séria. — Estive pensando em nós durante o dia inteiro. Quase telefonei para você.

Acho que também não me comportei direito. Não fui muito sensível. E queria lhe dizer isso.

— Quando posso tornar a vê-la, Gayle? Quanto mais cedo, melhor.

— Também quero ver você. Acho que vou ao seu apartamento.

— Quando?

— Só posso ir depois do jantar. Prometi que comeria algo com duas outras suplentes. Posso chegar aí por volta das dez horas. É muito tarde?

— Nunca é tarde demais.

— Estarei aí. Dê-me o seu endereço. Estou ansiosa para vê-lo, Paul... juro que estou.

Chegando ao apartamento, Gayle foi recebida por Brandon com um abraço e beijos.

Recuando, ela correu os olhos pela sala, comentando: — Nada mal, para um suplente sexual masculino que luta para ganhar a vida. Gosto dessas litografias de Giacometti que você pôs nas paredes.

— Tento fazer o melhor possível.

— São autênticas?

— Quem tem condições de possuir litografias autênticas? São reproduções. Fico contente por ter você aqui, Gayle.

Ela enfiou a mão na bolsa e tirou um pacotinho.

— Trouxe um presente, uma oferenda de paz — disse ela, sorrindo. — Creio que já fizemos as pazes, mas eu gostaria que você aceitasse assim mesmo.

— O que é?

Entregando o embrulho, ela explicou: — Uma chave de minha casa. Quando marcarmos nosso próximo encontro, e você chegar antes de mim, pode entrar e se aprontar. — Gayle apontou para o roupão felpudo que ele usava. —

Estou vendo que você já se aprontou. O que tem por baixo?

— Apenas eu. Sem camuflagem.

— É melhor eu tratar de alcançá-lo. — Ela deu-lhe um beijo de leve. — Onde é o quarto?

Paul levou-a para o aposento.

— Fique à vontade. Ela estudou o quarto.

— Você costuma usá-lo?

— Como?

— Com sua paciente. Eu uso uma sala de terapia especial.

Reservo minha cama para alguém como você.

— Mas é aqui que faço os exercícios com ela. Gayle começou a desabotoar a blusa.

— Como está indo com ela... qualquer que seja seu nome?

— Nan.

— Está fazendo algum progresso com Nan?

— Espero que sim. Ela sofria de vaginismo. Tenho a impressão de que está relaxando um pouco.

Gayle tirou a blusa.

— Mas ainda não tem certeza.

— Saberei depois da próxima sessão.

— Penetração? — indagou Gayle, baixinho.

— Isso mesmo. Mas há um problema que me deixa um pouco nervoso. — Ele franziu a testa.

— Não sei como contorná-lo.

— Qual é o problema?

— Para ser franco, creio que a paciente está se apaixonando por mim. Ela largou o namorado... não foi grande coisa, pois ele era um filho da puta... e hoje se ofereceu para vir morar comigo.

— É impossível, Paul.

— Foi o que eu disse a ela. Gayle começou a tirar o sutiã.

— E o resto também. Não pode permitir que uma paciente se apaixone por você.

— Pode ter certeza de que não a estou encorajando. Ainda assim, posso perceber que está acontecendo. Isso me deixa constrangido. Ela é uma mulher simpática, e não sei como lidar com a situação.

— Será que você não está sendo suficientemente profissional?

— Estou tentando, Gayle.

— Talvez não o bastante. Talvez sinta pena dela e esteja se envolvendo demais. — Gayle fez uma pausa. — Como Nan deixou o namorado?

— Não posso dizer que objetei. Na verdade, talvez até a tenha estimulado. Pelo que ela conta, o homem é um verdadeiro animal.

E pode ser a causa de seu problema. Seja como for, ela abandonou-o.

Gayle ainda não tirara o sutiã.

— Por que você a encorajou? Paul, tenho a impressão de que você não está agindo da melhor maneira. Talvez seja melhor informar tudo ao doutor Freeberg.

— O que ele poderia fazer? Gayle respondeu com firmeza: — Tiraria você do caso.

Conhecendo o doutor Freeberg como eu conheço, sei que ele nunca permitiria que houvesse um envolvimento emocional entre suplente e paciente.

— Não sou eu quem está envolvido — disse Brandon, com calma.

— É Nan.

— Então é Nan, mas você deixou que ela se apaixonasse por você, sem tomar providências para impedir isso. O doutor Freeberg não permitiria que isso acontecesse e certamente não vai deixar que continue. Já conversou com ele a respeito disso?

— Não.

Gayle achou-se a Brandon.

— Deve contar a ele. É seu dever.
— Acha mesmo que ele me tiraria do caso?
— Levaria apenas dez segundos para tomar essa decisão.
— Mas a terapia ainda não está concluída.
— Ele arrumará outro para terminá-la.
— Sou o único suplente masculino que existe neste estábulo, Gayle.
— Posso garantir que ele arrumará outro. Brandon meneou a cabeça.
— Não gosto disso. Se eu sair do caso e outro entrar, ela poderá ficar muito magoada.
— O doutor Freeberg saberia contornar a situação. Deve a si mesmo, Paul, a Freeberg e a ela, relatar tudo o que está acontecendo.

Brandon deu de ombros.

— Acho que você tem razão. Fico um pouco triste por ter de fazer isso, mas não há outro jeito.

— Será melhor assim — disse Gayle, jovialmente. — E aqui está algo que talvez o anime.

Ela tirou o sutiã, e os seios quase saltaram em cima de Brandon. Passando um braço em torno dela, ele inclinou-se e beijou os mamilos, murmurando:

— Você é fantástica...

Ele recomeçou a beijar e lambe os seios, puxando-a contra si enquanto o fazia. Gayle comprimiu-se contra ele por um instante e depois afastou-se.

— Ei, vamos com calma! Não estou sentindo nada... de você.

Tire o roupão.

Ele obedeceu e os dois olharam para o pênis flácido.

— Qual é o problema, meu querido? — indagou Gayle. — Não está com vontade?

— Claro que estou com vontade. Acontece apenas... Gayle fitava-o nos olhos, atentamente.

— Acontece o quê, Paul?

— Não vou mentir para você. O fato é que tive um orgasmo há pouco, mas dê-me tempo...

Gayle ergueu as mãos, cobrindo os seios.

— Você teve um orgasmo... quando estava com Nan? — perguntou ela, incrédula. — Com Nan?

— Deixe-me explicar, Gayle. Estávamos fazendo o exercício do prazer genital sem demanda...

— E que prazer!

— Estávamos nos acariciando, de acordo com as regras... e escapou um pouco ao controle... ontem... ela teve um orgasmo quando estava comigo... queria que eu tivesse também... e por isso...

— E você deixou que ela fizesse o que desejava!

— Eu não queria, mas não pude evitar.

— Uma ova que não podia! O que você queria era que a mulher que o ama o fizesse feliz, talvez porque a ame também!

— Pare com isso, Gayle. Juro que você está longe da verdade.

Não me importo com ela...

Gayle pegou o sutiã e tornou a pô-lo.

— E eu não me importo com você! Deixa que outra mulher o faça gozar e agora espera que

eu entre na fila e a acompanhe. — Ela vestiu a blusa. — De jeito nenhum, meu amigo! Nem em um milhão de anos!

Brandon agarrou-a pelos braços.

— Dou-lhe a minha palavra; não há motivo para ter ciúme, Gayle.

— Quem está com ciúme? Sou apenas uma antiquada monógama. Um homem, uma mulher. E assim que pretendo levar minha vida. Não preciso de um polígamo para estragar tudo.

Quanto a você, esta noite pode se divertir consigo mesmo! Boa noite!

E com isso Gayle Miller saiu do quarto e do apartamento.

Para Gayle, fora uma noite terrível.

Voltara para casa e deitara, mas não conseguira dormir.

Fantasias sobre a ligação — só podia imaginar que fosse uma ligação amorosa, não sessões terapêuticas — que Paul estava tendo com uma mulher chamada Nan povoaram sua mente. Gayle não tinha a menor idéia de como a tal Nan era ou como se comportava, mas repetidamente conjurava uma mulher jovem, mais atraente do que ela e mais espontânea na maneira de se entregar.

Deitada na cama, tentando conciliar o sono, Gayle fora totalmente envolvida pelas fantasias. Os órgãos genitais de Nan eram lindos, perfeitos, mais adoráveis do que os seus. Paul os idolatrava. Talvez os orgasmos de Nan fossem melhores do que os seus, assim como o orgasmo que ele experimentara sob a indução eficiente dela. Não havia a menor possibilidade de Gayle competir com um amor assim.

Enquanto a noite avançava, Gayle tentou banir as fantasias e substituí-las pela razão. A tal Nan não era uma mulher normal, como ela. Nan se encontrava com Paul porque precisava ser tratada por problemas pessoais. Gayle não tinha problemas desse tipo. Paul gostava de Nan, importava-se com ela, como não podia deixar de ser, mas já declarara seu amor total por Gayle.

Suas fantasias não tinham o menor sentido, concluiu ela. Sabia que não era assim. Amor e carinho não estavam entre as pernas, mas sim no coração. Paul a amava de coração, assim como ela também o amava. O problema não estava em Nan ou em Nan e Paul, mas sim em seu ciúme. Isso mesmo, Paul significava bastante para fazê-la sentir ciúme, caso entregasse qualquer parte de seu corpo a outra mulher. Por suas sessões anteriores com o doutor Freeberg, Gayle sabia que o ciúme derivava de uma insegurança básica, era uma questão terapêutica que ela imaginava já ter superado. Era irrealista esperar um relacionamento completamente monógamo. Porque a monogamia total não podia existir. Os homens olhavam para outras mulheres, e as mulheres olhavam para outros homens. Tanto homens como mulheres flertavam e podiam até ir mais longe, mas isso não invalidava o amor predominante por um parceiro. Paul podia ter algum pequeno envolvimento com Nan, mas mantinha Gayle em seu coração, como a mulher que mais amava.

Depois de pensar em tudo isso, ela sentiu-se mais à vontade e sonolenta. E, finalmente, pouco antes do amanhecer, conseguiu adormecer.

Quando ela acordou, o sol forte brilhava por trás das cortinas; olhou para o relógio na mesinha-de-cabeceira, e compreendeu que dormira demais. Não muito, mas sempre levantara cedo. Depois que a cabeça se desanuviou, ficou contente por ter posto o sono em dia. Precisava de descanso, porque necessitava de toda a sua força.

Tinha um dia difícil pela frente. Primeiro, Adam Demski, ao final da tarde. Depois, Chet

Hunter, ao anoitecer. O exercício marcado para ambos era o de penetração inicial. Era crucial e importante.

Mas, ela lembrou a si mesma, era também importante acertar as coisas com Paul Brandon.

Gayle sabia que, de um modo geral, ele dormia até tarde.

Assim, era bem possível que ele ainda estivesse em casa.

Ela sentou-se na cama, pôs o telefone no colo e discou para Paul. Felizmente, ele atendeu, depois de uns poucos toques. A voz estava engrolada de sono.

— Paul, sou eu. Gayle. Eu o acordei?

— Acordou. Mas alegre-me por tê-lo feito. Eu...

— Quero lhe dizer logo uma coisa, Paul. Peço desculpas. Comportei-me como uma idiota ontem à noite. Posso agora admitir o motivo que me levou a isso. Eu estava mesmo com ciúme. Um ciúme incontrolável. E acho que não havia razão nenhuma. Estou certa?

— Gayle, eu amo você mais do que qualquer outra pessoa ou outra coisa no mundo.

— Eu também amo você, Paul. Pode vir aqui esta noite? Tratarei de compensar tudo.

— Mal conseguirei esperar.

— Às nove e meia, Paul. Também estou ansiosa.

Eles estavam estendidos na esteira, juntos, ambos nus. Gayle soergueu-se, apoiada num cotovelo, e decidiu ser direta com Adam Demski.

— Se está querendo saber qual é o próximo exercício, Adam, saiba que é a penetração.

Ela percebeu a preocupação se insinuar no semblante de Demski. E acrescentou, descontraída: — Não será a única tentativa, Adam. Haverá outra, talvez mais duas. Não quero que fique nervoso e comece a se encarar como alguém que está obrigado a ter ótimo desempenho.

— Acha que posso conseguir?

— Sinto que pode. É por isso que vamos fazer o exercício. Eu serei a parceira dominante, ficando por cima. O exercício é chamado de envolvimento e penetração suave.

— Envolvimento? O que é isso...?

— Vou explicar, Adam. A maioria dos homens pensa que para realizar o intercurso sexual é preciso ter uma ereção dura como pedra. Mas isso não é verdade... não é absolutamente verdade.

— Não é?

Gayle continuou, com uma expressão compenetrada: — Vou lhe revelar um segredo, Adam. O intercurso sexual pode ser consumado com um pênis quase flácido. Se você tem apenas cinco por cento de tumescência, e não cem por cento, já é suficiente. Quase todos os homens preferem a chamada posição missionária, eles por cima, porque é mais machista. Mas nesse exercício, quando eu ficar por cima, poderei orientar e controlar melhor o que vai se seguir. Nessa posição, posso aproveitar a força da gravidade, em vez de lutar contra ela. Começaremos com essa penetração suave. Na próxima vez ou depois, teremos a penetração mais dura, com você por cima e arremetendo contra mim. Mas, desta vez, eu é que fico por cima.

— Não sei...

— Eu sei, Adam. Sei que você já resolveu o problema de sua impotência, porque eu vi. Sei que pode experimentar prazer, sentir-se sensual, deixar-me satisfeita. Não vamos nos tornar solenes e sombrios. Deve ser uma coisa alegre, divertida. Pedirei a você para me beijar os seios,

passar as mãos por meu corpo.

Depois, eu vou acariciá-lo todo, inclusive seus órgãos genitais. E direi quando você estiver pronto.

A resignação desapareceu do rosto de Demski e foi substituída pelo interesse e pela curiosidade. Gayle recostou-se no travesseiro.

— Adam, acaricie meus seios, beije-os, acaricie todo o meu corpo

Ele ergueu-se um pouco e pôs-se a atender o pedido.

Depois de alguns minutos dessas preliminares, Gayle empurrou-o com delicadeza, fazendo-o deitar de costas. Começou a passar os dedos por seu rosto, peito, coxas, e finalmente alcançou os testículos, e acariciou o pênis.

Pôde sentir o pênis inchando, não para uma posição plenamente ereta, mas sem dúvida alguma estava aumentando. Já era suficiente, concluiu Gayle.

— Fique quieto, Adam, e não se mexa. Graciosamente, ela montou-o, pegando o pênis mal intumescido entre os dedos de uma das mãos e dirigindo-o para a vagina. Bem devagar, começou a enfiar o pênis na vulva. Podia sentir a pequena haste dentro de si.

— Lembra-se do relógio, Adam? Quando usou o dedo dentro de mim? Agora é seu pênis que está dentro de mim.

— Não tenho certeza se estou mesmo dentro de você.

— Vou provar que está. — Gayle contraiu os músculos internos da vagina. — Sentiu isso?

— E como!

— Não se mexa, Adam, não tente dar nenhum impulso. Este exercício visa apenas provar que você pode entrar em mim. O verdadeiro objetivo não é o desempenho, mas acostumá-lo à idéia de que é bastante potente para penetrar em mim, para enfiar o pênis na vagina de uma mulher, numa situação não-ameaçadora, não-exigente. A idéia é fazê-lo saber que pode ter ereção suficiente para entrar em uma mulher e manter essa ereção dentro dela. Como se sente?

— Muito bem.

Embora tentasse ensinar aos pacientes para não se desligarem, Gayle tentara se desligar ao máximo nesses momentos. Queria ser uma espectadora da reação do paciente.

Eles ficaram imóveis por algum tempo. Dentro da vulva, ela pôde sentir o pênis amolecer e recuar um pouco.

Para que ele não perdesse o que já conquistara, a fim de que sua confiança não fosse solapada, ela disse, suavemente: — Muito bem, Adam, você pode se movimentar um pouco, se quiser.

— Eu quero.

— Pode começar. Para a frente e para trás, algumas vezes. Isso pode fazê-lo gozar. Se isso acontecer, não se preocupe. Será natural.

Gayle fechou as coxas sobre as dele, enquanto ele começava a se mexer em sua vagina. Por um instante, sentiu o pênis tornar-se mais rígido, e Demski se mexeu mais depressa, gozando em seguida, com gemidos de prazer.

Mais tarde, depois de ele ter tomado um banho de chuveiro e vestir-se, Gayle, de roupão, acompanhou-o até a porta. Ele virou-se e beijou-a de leve no rosto.

— Acho que você conseguiu que eu fizesse. Ou consegui mais ou menos.

— Você se saiu muito bem, Adam, está aprovado. De um a cinco, chegou a quatro. — Ela

beijou-o de leve também. — Na próxima vez, tente algo mais.

— Um cinco?

— Adam, prometo que será um cinco.

Depois de se lavar e tomar um banho, Gayle pôs um roupão limpo, a tempo de receber Chet Hunter.

Ao atravessarem o corredor, a caminho da sala de terapia, ela percebeu que Hunter estava mais nervoso e tenso do que o habitual.

Acomodando-se na esteira, enquanto ele se despiá, Gayle perguntou-lhe se fizera o dever de casa.

— Exatamente como a professora mandou. — Ele tirou o paletó com todo o cuidado e colocou-o no sofá. — Não é lá muito divertido fazer sozinho.

— O objetivo não é a diversão imediata — comentou Gayle. — Apenas o de prepará-lo para a diversão.

— Espero que assim seja.

— Deu certo?

— Claro. Tive uma ereção; quando senti que ia ejacular, parei e apertei o ponto que você me ensinou. Fiz isso umas quatro ou cinco vezes.

— Ótimo.

Hunter já se despira por completo.

— O que eu quero saber é o seguinte: quando vai acontecer a coisa de verdade?

— Agora.

A expressão sombria desapareceu do rosto dele.

— Está falando sério? Está mesmo querendo dizer que vamos ter uma relação sexual?

— Penetração — corrigiu-o Gayle. — O que chamamos de penetração mole... não que você estará mole, porém que iremos devagar, para acostumá-lo a estar dentro de mim, mas se contendo.

— Sensacional!

— Enquanto você não puder evitar a ejaculação precoce, continuaremos a aplicar juntos a técnica do aperto. Vai verificar como é eficaz.

— Estou pronto quando você estiver — disse Hunter. — Podemos começar agora?

— Claro. Vamos deitar juntos e nos revezar para acariciar um ao outro, até você ter uma ereção.

— Não vai precisar muito tempo, meu bem. — Ele olhava fixo para os seios de Gayle. — Assim que eu tocar nesses peitos, vou subir até o céu.

— Ótimo. E agora deite de costas e deixe-me subir em você...

— Ei, espere um pouco! Não estou acostumado a ter uma mulher por cima de mim. Qual é a idéia?

— A idéia é facilitar seu autocontrole. Há menos chance de você se mexer e ejacular.

— Não é assim que eu vejo.

— Mas vai ver, Chet, pode estar certo. Depois que tiver sua ereção, fique deitado de costas e montarei em você. Se sentir que não pode mais se conter, avise-me no mesmo instante. Aplicarei o aperto e retardarei sua ejaculação, depois o acariciarei até que esteja pronto de novo.

— Isso não me parece muito uma penetração.

— Chegaremos ao seu tipo de penetração quando eu achar que está na hora. Mas começaremos assim. Depois que estiver dentro de mim e sentir que vai ter um orgasmo, trate de me avisar imediatamente. Aplicaremos a técnica do aperto e renovaremos a penetração, até você poder ficar cinco minutos dentro de mim. Não se esqueça: depois de entrar em mim e sentir que pode ejacular, não espere muito para me avisar. Diga logo e evitarei a ejaculação.

— Como quiser.

Gayle pegou-o pelo braço.

— E agora vamos deitar juntos e acariciar um ao outro, revezando-nos.

Assim que se acomodaram na esteira, Gayle começou a acariciá-lo; seus dedos contornaram os órgãos genitais, a fim de não excitá-lo cedo demais. Depois de algum tempo, ela deitou-se de costas e disse que Hunter podia acariciá-la.

Quando a mão de Hunter chegou aos seios, sua ereção foi quase instantânea, como ele previra. Gayle pôde senti-la.

Ela deu uma espiada. A ereção era total. Não havia problema nesse aspecto.

O problema estava no que poderia acontecer em seguida. Mas Gayle era experiente em casos assim e sentia-se confiante.

— Muito bem, Chet, deite de costas e deixe-me fazer o resto.

Obediente, ele assumiu a posição indicada. Gayle ficou de joelhos, e montou-o gentilmente. Aproximou-se devagar, até sentir que a ponta do pênis roçava os pêlos púbicos.

— Como se sente, Chet?

Ele estava com os olhos fechados, as feições distorcidas.

— Quase gozando...

No mesmo instante Gayle colocou a mão na cabeça do pênis, pegando-a com três dedos e apertando-a.

— Oh, droga! — murmurou Hunter, quando o pênis ficou inerte. — Eu poderia conseguir.

— Não, Chet, não poderia. Mas vai conseguir.

— Quando?

— Esta noite. Seja paciente. E agora vamos recomeçar.

Ainda montada nele, Gayle fez os dedos deslizarem por seu rosto, pescoço, peito. Automaticamente, Hunter levantou as mãos na direção de seus seios. E no instante seguinte o pênis começou a inchar e se tornar ereto.

Ela tornou a introduzir o pênis na vagina e outra vez ele avisou-a que estava prestes a ejacular.

Gayle pegou-o e apertou-o, retardando o orgasmo.

O processo recomeçou e se prolongou pelo menos por mais dez minutos. A cada vez ela o aproximava mais da vagina, a cada vez evitava uma ejaculação precoce.

Gayle podia sentir que ele estava relaxando, os músculos se soltando.

— Estou liquidado — murmurou Hunter. — Estou começando a pensar que jamais conseguirei...

— Vai conseguir, sim — interrompeu-o Gayle. — Vai ver como conseguirá, Chet.

Lentamente, ela tornou a acariciá-lo. Dessa vez demorou mais para ressuscitar o membro flácido. Passados dez minutos, depois de ele ter-lhe acariciado os seios, o pênis começou a crescer.

Quando ele teve uma ereção plena, Gayle baixou, deixando que o pênis entrasse todo em sua vagina. Quase que podia ouvir os segundos passando. Quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez.

— Não se mexa — murmurou ela. — Deixe que eu... Mas nesse instante ele se mexeu, e seu corpo começou a tremer sob Gayle.

Ela ficou imóvel, sentindo o orgasmo explodir em sua vagina.

Quando acabou, ele esticou-se por baixo dela, exausto. Gayle deslizou para o lado e sorriu.

— Eu diria que foi um bom começo, Chet.

— Estive todo dentro de você, não é mesmo?

— Uma penetração completa.

— Mas não por tempo suficiente. Fiquei excitado demais, não pude me conter, não tive tempo de avisar você.

— Apesar disso, fez o que antes não conseguia.

Ele fitou-a nos olhos.

— Intercurso sexual.

— Exatamente. E vai ficar melhor, vai durar mais tempo, se você continuar com seu dever de casa.

Sentando, ele perguntou: — Qual é o nosso objetivo, Gayle?

— O homem médio... o médio... em geral, mantém o intercuro sexual antes do orgasmo por um período de cinco a sete minutos. Vamos continuar até que você possa se manter excitado por dez minutos. Depois disso, você terá se graduado. E fará alguém muito feliz.

— Tem razão — murmurou Hunter, meneando a cabeça. — Alguém ficará muito feliz.

Às nove e meia daquela noite, depois de tocar a campainha por algum tempo sem que houvesse resposta, Paul Brandon usou a chave que Gayle lhe dera e entrou na casa.

Indo para o quarto, ele encontrou Gayle na cama, profundamente adormecida. Inclinou-se para ter certeza e ouviu sua respiração superficial. Ela apagara por aquela noite.

Depois de contemplar seu lindo rosto, no repouso inocente do sono, Brandon sacudiu a cabeça. Era inútil, ele disse a si mesmo, apaixonar-se por uma suplente sexual feminina. Por que ele não se apaixonara por alguma mulher comum, como uma espã, uma corredora de maratona ou a esposa de outro homem?

Por que logo uma suplente sexual?

Era encrenca na certa.

Soltando um suspiro, ele largou a caixa de bombons que trouxera e saiu para a noite escura.

CAPÍTULO 8

Foi quando Nan Whitcomb estava envolta em um roupão, aguardando seu exercício crucial — a penetração —, que Brandon foi surpreendido pela campainha do telefone, assim que entrou no quarto para se despir.

De um modo geral, Brandon desligava o telefone antes de iniciar um exercício, mas dessa vez esquecera de fazê-lo antes da chegada de Nan. Isso pode ter ocorrido porque sua mente ainda estava preocupada com o fracasso em fazer contato com Gayle na noite anterior e apreensiva com os momentos que teria com Nan a seguir.

O telefone ainda tocava, e como Nan acabara de entrar no banheiro, Brandon sentiu-se seguro para atender ao chamado. Era Gayle.

— Estou incomodando, Paul?

— Claro que não.

— Estou acordando neste momento, e minha cabeça parece uma teia de aranha... mas encontrei os bombons e tenho o pressentimento de que você esteve aqui ontem à noite. Esteve?

Brandon sorriu para si mesmo.

— Como costumam dizer, se uma árvore cai na floresta e ninguém ouve, será que realmente caiu? Pois eu caí a seus pés ontem à noite, minha querida, mas ninguém me ouviu. Quer saber se eu estive aí? Estive, sim.

Gayle parecia consternada.

— Esteve? Oh, Deus, perdoe-me! Lamento sinceramente. Eu cochilei.

— É compreensível, você estava exausta.

— Perdoe-me, Paul. Eu queria estar com você. Como posso compensá-lo?

— Encontrando-se comigo esta noite. Posso ir buscá-la para jantar fora... isto é, se não estiver muito cansada.

— Não estarei cansada hoje. Vou apenas arrumar os cabelos esta tarde.

— Irei buscá-la às sete e meia. Farei uma reserva no Lapin Agile Restauram. É francês, mas muito simples.

— Estarei pronta quando chegar.

— Mal posso esperar.

Ele desligou o aparelho, desconectou as duas extensões, depois seguiu apressado para o quarto, a fim de preparar-se para o reaparecimento de Nan Whitcomb.

Acabara de se despir quando a viu; ela ainda usava o roupão; estava parada à porta do banheiro, fitando-o com uma expressão amorosa.

Lentamente, quase de maneira provocante, ela soltou o cinto do roupão branco e deixou-o escorregar. Jogando-o para um lado, deixou que Brandon contemplasse sua nudez por um instante, e depois avançou em sua direção. Quando ela chegou perto, ele percebeu que seu corpo estava encharcado com um perfume de fragrância exótica. Nan beijou-o no rosto e dirigiu-se até a cama, onde se sentou.

— Hoje é o dia, não é mesmo?

Por um momento, Brandon sentiu-se enervado. Ela tratava aquela sessão como uma noite de núpcias há muito aguardada.

— É, sim.

— Penetração — murmurou Nan.

Ele tentou fortalecer sua determinação de lembrar a ela, depois de acabarem, que não eram amantes, mas sim mestre e paciente, e que o relacionamento terminaria depois da última sessão.

— Penetração sem demanda — ressaltou ele. — Você não deve reagir.

Ela não assumiu uma expressão amuada explícita, mas o movimento do pescoço e dos ombros teve esse efeito.

— Por quê?

— Porque o exercício visa provar que você pode ter uma relação sexual profunda e sem dor... e não é necessário provar mais nada.

Ela piscou rapidamente.

— Espero que tudo corra bem, Paul. Não gostaria de estar terrivelmente apertada para você.

Ele tentou manter um pouco de postura profissional.

— Se nossos exercícios correram bem... e creio que isso aconteceu... não haverá qualquer problema.

Nan pôs as pernas em cima da cama e recostou-se nos travesseiros que estavam na cabeceira. Brandon adiantou-se e sentou-se ao seu lado.

— O que faço agora? — indagou ela, com um ar inocente.

— Começaremos pela carícia frontal, revezando-nos, para obtermos o ânimo certo.

— Eu já estou bem animada, Paul.

— Isso ajuda.

— Estou toda molhada lá embaixo. — Ela exibiu um sorriso tímido. — Não foi difícil. Estava pensando em você.

Brandon sentiu que precisava esfriá-la um pouco.

— Ótimo. Antes de começarmos, no entanto, eu gostaria de lhe dizer algo.

— Como quiser, Paul.

— Seu único relacionamento prolongado com um homem foi com Tony Zecca. Em decorrência disso, você ainda pode ter algumas imagens negativas sobre seu corpo.

— Acho que você me ajudou a superá-las. Já me sinto mais atraente agora.

— Você é de fato atraente. Ao mesmo tempo, com Tony você não teve prazer, apenas dor... e também não teve orgasmos.

— É verdade.

Brandon continuou, inexorável:

— Você desligou todos os seus receptores físicos com Tony, não experimentou qualquer sensação física de satisfação. Meu objetivo, em nosso programa, tem sido o de pô-la em contato com sua própria sensualidade.

Ela tornou a sorrir, menos tímida.

— Tenho certeza de que você conseguiu, Paul. Nunca achei que nosso relacionamento fosse apenas artificial. Embora seja pago e conversemos com um terapeuta, senti desde o início que havia algo mais entre nós. Parei de pensar em você como um suplente sexual. — Ela hesitou. — Isso não é bom?

Brandon não tinha certeza de estar suando, mas essa era a sua sensação. Queria dizer a ela, naquele momento, que uma parte vital do relacionamento terapêutico era se separarem sem problemas, muito em breve, e poderem dar adeus a tudo o que acontecera entre os dois. Era a ocasião para explicar tudo isso, mas ele não se sentia capaz de fazê-lo, ao perceber a vulnerabilidade de Nan.

— Tem razão, isso é bom, e eu me sinto agradecido. — Ele fez uma pausa. — Muito bem, Nan, vamos deixar aflorar as sensações, relaxar e encontrar prazer em nosso relacionamento. Feche os olhos, e vamos começar.

Brandon acariciou-a primeiro e depois ela o imitou. Nan estava muito receptiva ao seu contato e se tornara muito competente para acariciá-lo.

Não haveria problema com sua ereção. Estaria pronto para ela.

Ele fitou-a.

— Muito bem, Nan, vamos tentar a penetração. Eu ficarei deitado de costas. Você ficará por cima de mim e irá abaixando, devagar, até eu penetrá-la por completo. Não vou me mexer. E você também não deve se mexer, depois que eu penetrá-la. Se sentir alguma dor, avise-me no mesmo instante.

Nan assentiu com a cabeça, ansiosa e posicionou-se. A ereção se manteve, e Brandon preparou-se para o primeiro contato.

— Não se esqueça, Nan, de que não podemos dar nenhum impulso ou fazer qualquer movimento. Mesmo que você sinta vontade, não faça nada. Apenas se acostume a ter-me dentro de você.

Ela segurava o pênis com uma das mãos, enquanto se ajeitava por cima dele. Encostou-o nos lábios vaginais e depois baixou o corpo. O pênis entrou e ela continuou até o fim, engolfando-o por completo.

— Não sentiu dor, Nan?

— É maravilhoso — balbuciu ela, ofegante. — Eu me sinto extasiada. Deixe-me mexer um pouco, Paul.

— Não.

— Por favor...

— Absolutamente não!

— Mas estou maravilhosa agora. Estou bem, Paul, querido, eu amo isto, amo mais do que qualquer outra coisa...

Segurando firme os braços de Nan, ele ergueu-a e retirou o pênis de sua vagina. Ela caiu ao seu lado, abraçando-o, aconchegando-se, beijando-o e sussurrando: — ... e amo você ainda mais. E amarei você sempre. Ele tentou responder à efusão dela, mas sem exagerar, depois encerrou o exercício tão depressa quanto pôde.

Já vestida, à porta, ela hesitou por um instante.

— A mesma hora amanhã, Paul?

— Exatamente.

— Repetiremos o que fizemos hoje?

— Isso mesmo.

— Mas de forma mais real? Poderei me mexer?

— Poderá — respondeu Brandon, a voz quase inaudível.

Ela beijou-o, murmurando:

— Eu amo você.

Observando pela janela da sala de estar, Brandon viu-a partir em seu carro. Perturbado, ele circulou pelo apartamento, tornando a ligar os telefones.

A determinação de superar seu problema — o óbvio envolvimento emocional de Nan com ele — tornava-se agora uma necessidade urgente. Ele foi para o quarto e ligou para a Clínica Freeberg. Pediu para falar com o doutor Freeberg. Foi informado de que o terapeuta saíra para uma reunião profissional, mas voltaria dentro de uma hora. Brandon deixou recado para que Freeberg lhe telefonasse o mais depressa possível.

Andando de um lado para o outro da sala de estar, fumando cachimbo, Brandon refletiu sobre o problema. Tentou definir todas as indicações do envolvimento de Nan, a determinação dela de ignorar o relacionamento profissional e considerá-lo como um namorado da vida real. A situação

não podia continuar, ele sabia, mas ainda assim sentia-se incapaz de dizer-lhe que era apenas um relacionamento profissional, que acabaria dentro de uma semana.

Por mais que detestasse, sabia que teria de permitir que o doutor Freeberg o removesse do caso e o substituísse por outro suplente sexual masculino, que concluiria a terapia de Nan.

Meia hora se passou antes de o doutor Freeberg telefonar.

— Como está, Paul?

— Muito bem.

— Recebi seu recado; queria me consultar sobre alguma coisa?

— Preciso lhe comunicar uma coisa, doutor. Eu...

E nesse instante tudo o que ele se preparara para dizer, o que tanto ensaiara, ficou preso em algum recesso de sua garganta.

Imaginou Nan sendo chamada pelo doutor Freeberg no dia seguinte, sendo informada de que Paul Brandon tinha de ser afastado de seu caso, e que providenciariam um substituto.

Imaginou a consternação de Nan por aquela reviravolta inesperada. Ela sentiria que fora rejeitada pelo homem que amava.

Ficaria assustada com a idéia de recomeçar tudo com um estranho. Isso faria sua terapia recuar por semanas, se não a concluísse por completo.

Por melhor que Freeberg manejasse a situação, Brandon compreendeu que seria um golpe brutal para Nan, um golpe tão brutal quanto qualquer coisa que lhe fora infligida por Tony Zecca. E Brandon sabia que não podia ser o responsável por lhe infligir mais sofrimento.

— Por favor, Paul, continue — ele ouviu Freeberg dizer.

— Para dizer a verdade, doutor, eu não queria consultá-lo, mas apenas dar uma informação. E uma boa notícia e achei que gostaria de saber logo.

— O que foi, Paul?

— Nan e eu tivemos hoje a penetração inicial sem demanda. Eu diria que ela está curada do vaginismo. Não houve obstruções.

Tudo correu bem. Tenho certeza de que ela está curada.

— Certeza absoluta?

— Sim.

— Mas ainda não tentou a penetração com movimento, não é mesmo?

— Ainda não.

— Pois experimente amanhã e depois me conte. Se tudo correr bem, então teremos certeza de que ela está mesmo curada, e você merece os parabéns. Boa sorte.

"Boa sorte", pensou Brandon, amargurado, enquanto desligava.

Ele estava numa situação pior do que a anterior. Não tinha a menor idéia da maneira como trataria Nan Whitcomb no dia seguinte.

Mas, naquela noite, com Gayle, pelo menos, não teria qualquer problema. Nem sequer falaria de sua conversa tímida e evasiva com o doutor Freeberg.

Gayle não precisava saber de nada.

Se uma árvore cai na floresta e ninguém ouve, será que realmente caiu?

Fora uma noite feliz para Brandon e Gayle.

Por um lado, o Lapin Agile era um restaurante aconchegante, proporcionando o cenário perfeito para uma conversa descontraída. O pianista tocava suavemente antigas canções de

Montmartre no outro lado da sala apinhada. Três das paredes estavam cobertas por pitorescos cartazes emoldurados de Toulouse-Lautrec, apresentando muitos dos amigos do pintor, de May Belfort e Jane Avril a Aristide Bruant e a trupe de Mlle Eglantine.

Acima de tudo, mantendo uma promessa que fizera a si mesmo quando fora buscar Gayle, Brandon cuidou para que não conversassem sobre suas atividades terapêuticas. Foram rigorosamente evitadas quaisquer referências a seu trabalho como suplentes sexuais ou a seus pacientes. Ele não se deixaria cair outra vez nessa armadilha. E, de modo instintivo, Gayle aderiu a essa decisão.

À mesa de madeira rústica, eles conversaram sobre seu passado e futuro, sobre música, livros, filmes, política, esportes e programas de televisão. Riram muito das aventuras de Brandon como professor substituto. Falaram apenas a respeito deles, como se sentiam em relação um ao outro, o que queriam de seu relacionamento.

Nenhum dos dois podia lembrar, ao final do jantar, o que haviam comido; sabiam apenas que estava delicioso.

Ao terminarem a sobremesa, ficaram em silêncio, de mãos dadas sob a mesa, falando apenas com os olhos.

Aquela noite, Brandon disse a si mesmo, era finalmente a noite tão adiada. Estava ansioso para tomar nos braços aquela mulher deslumbrante, fazê-la uma parte de si, assim como ele seria uma parte dela. Ele acabou rompendo o silêncio para dizer isso. Gayle assentiu com a cabeça.

— Também estou querendo isso, Paul. Vamos voltar para minha casa.

Em seu carro, Brandon puxou-a para perto de si e partiu. Os dois se mantiveram em silêncio durante o percurso. Brandon podia sentir seu coração se acelerar ante a expectativa, como o de um excitado colegial.

Estacionando na frente do bangalô, Brandon puxou-a, beijou-a com ardor, e sussurrou ao seu ouvido: — Vamos entrar.

Enquanto Gayle alisava o vestido e ajeitava os cabelos, Brandon deu a volta para abrir-lhe a porta e ajudá-la a saltar. Ao sair, Gayle disse, casualmente:

— Tinha uma coisa que eu queria lhe perguntar. Aquela paciente... a que estava apaixonada por você... não consigo me lembrar de seu nome...

Brandon ficou nervoso, pegou Gayle pelo braço, e começou a subir o caminho junto com ela.

— Nan — murmurou ele, a voz quase inaudível.

— Você disse Nan?

— Isso mesmo.

— Eu queria perguntar como você se saiu com ela. Foi difícil dar a notícia de que terminaria tudo?

Bancando o estúpido, Brandon subiu com Gayle os três degraus que levavam à varanda. Ela parou diante da porta e abriu a bolsa para procurar a chave.

— Ela ficou muito desesperada? — insistiu Gayle. Brandon concluiu que teria de enfrentar o inevitável e admitir a verdade.

— Gayle, simplesmente não pude dizer a ela que estávamos terminando.

— Não?

— Seria como executar alguém, Gayle. Não fui capaz de fazê-lo e por isso...

Gayle estava ominosamente imóvel, com a chave na mão.

— E por isso comunicou ao doutor Freeberg o que estava acontecendo?

— Comecei a fazê-lo. Liguei para ele, a fim de discutir o assunto.

— E o que ele disse?

Brandon estava descobrindo que era ainda mais difícil do que previra.

— Ele não disse nada, porque eu não lhe contei nada. A expressão de Gayle era de incredulidade.

— Não contou ao doutor Freeberg que sua paciente apaixonou-se por você e espera ter um romance na vida real?

— Eu não podia, Gayle. Seria desumano. Depois de chegar ao ponto em que nos encontramos, seria impossível para mim recuar e deixar que o doutor Freeberg lhe comunicasse que outro homem tomaria meu lugar.

Gayle estava aturdida por completa.

— E a que ponto você chegou com Nan exatamente?

— Eu... eu... acho que superamos seu vaginismo.

— Está fodendo com ela?

— Não é bem assim. Foi apenas uma penetração sem demanda.

— Está fodendo com ela e está adorando; ela também está adorando e continua apaixonada por você — insistiu Gayle, com uma ira crescente. — E você não toma nenhuma providência.

— Não estou adorando e não a amo — protestou Brandon, com veemência. — Apenas tento ser decente.

— Chama a isso ser decente? Iludindo-a, quando me diz que não a ama. Se é isso o que está fazendo, eu acho que é nojento. Mas tenho a impressão de que não é isso o que você está fazendo.

Creio que gosta do que recebe de Nan e não quer renunciar a isso.

— Pelo amor de Deus, Gayle, então o que estou fazendo aqui?

— É isso o que eu gostaria de saber. O que está fazendo aqui, e o que estou fazendo aqui com você?

Ela enfiou a chave na fechadura e virou-a. Brandon estendeu a mão e agarrou-lhe o braço.

— Gayle, pare com essa bobagem e seja razoável. Posso compreender uma pessoa ciumenta, mas quando o ciúme não tem qualquer motivo...

Gayle desvencilhou o braço bruscamente.

— Eu estou mesmo com ciúme! E com bons motivos! Não é justo...

— Gayle, por favor, deixe-me entrar e...

— E o quê? Deixar que você me foda como está fodendo ela?

De jeito nenhum!

— Gayle, dê-me uma chance de conversar com você.

— Não voltarei a falar com você enquanto não romper com sua pequena Nan ou deixar que Freeberg lhe dê a ordem. Até lá... — Ela abriu a porta. — ... vá se foder!

Com isso, ela correu para dentro da casa, batendo a porta.

Brandon sentou-se ao volante de seu carro, desolado, em frente à casa de Gayle, tentando decidir o que devia fazer.

Por alguns minutos ele tentou focalizar seu ressentimento em Gayle. Ela estava bancando a

idiota, infantil, disse ele a si mesmo várias vezes, deixando que um ciúme imaturo interferisse no relacionamento. O ciúme de Gayle era injustificável, além de inacreditável.

Mas para Gayle era algo viável. Por mais alguns minutos, ele tentou analisar seu envolvimento com Nan do ponto de vista de Gayle. Podia compreender que Gayle era uma parceira sexual profissional, mas não era uma fêmea profissional. Talvez ela soubesse mais sobre o mecanismo do sexo do que sobre a mulher comum, assim como um médico sabia mais sobre o mecanismo da saúde do que o leigo — mas um médico não podia curar a si mesmo, assim como Gayle não podia superar as inseguranças de uma mulher comum.

Analisando a ira de Gayle, Brandon chegou a considerar a possível validade do sentimento que ela expressara. Ele gostava de fazer amor com sua paciente e ser amado por ela em troca?

Gayle poderia intuitivamente ter percebido a verdade nesse ponto?

Ele avaliou e reavaliou essa possibilidade e saiu com dois fatos incontestáveis. O primeiro era que sentia pena de Nan e queria ajudá-la, mas não estava nem um pouco apaixonado por ela. O outro era que estava profundamente apaixonado por Gayle e corria o risco de perdê-la, naquele instante e para sempre.

Só havia um meio de provar a Gayle que ela — e não uma paciente chamada Nan Whitcomb — era seu verdadeiro amor.

Gayle se referira a uma prova que aceitaria. Ele devia ser franco com Nan e lembrá-la de que o relacionamento entre os dois era apenas profissional e acabaria com a sessão seguinte. Ou devia, com toda a franqueza, comunicar o problema ao doutor Freeberg e pedir sua orientação para encontrar uma solução.

Como um suposto profissional, ele vinha realizando seu trabalho como um amator. Devia falar imediatamente com o doutor Freeberg e ser franco com ele.

Brandon acendeu a luz do painel, aproximou o pulso e verificou a hora.

Faltavam quinze minutos para as onze horas. Ele se lembrou de um comentário de que o doutor Freeberg costumava dormir tarde, pois ficava escrevendo e lendo pelo menos até meia-noite. Se fosse verdade, o doutor Freeberg ainda estaria acordado. Brandon tinha de correr o risco. Quanto mais cedo, melhor.

Determinado, Brandon ligou o carro e começou a circular pelo bairro, até encontrar uma área comercial. Avistou então um posto de gasolina, a um quarteirão de distância, com as luzes acesas.

Seguiu naquela direção, e descobriu que o solitário atendente estava fechando o posto, mas a porta da cabine telefônica envidraçada encontrava-se aberta.

Brandon passou pelas bombas, e estacionou numa vaga que havia ao lado da cabine telefônica. Saindo do carro, ele tateou nos bolsos à procura de moedas e do caderninho de endereços, enquanto se encaminhava para a cabine.

Entrou e fechou a porta; a luz se acendeu. Encontrando o telefone da casa do doutor Freeberg, Brandon pegou as moedas, pôs as necessárias na fenda e discou. A campainha tocou apenas duas vezes antes que Freeberg atendesse.

— Doutor Freeberg? Aqui é Paul Brandon. Espero não tê-lo acordado.

— Não acordou. Eu estava estudando algumas pesquisas para um ensaio que planejo escrever. O que deseja, Paul?

— É um assunto que considero importante, e que envolve meu relacionamento com a

paciente Nan Whitcomb. Preciso de seu conselho.

Houve uma pausa.

— É o assunto que pretendia discutir quando me telefonou hoje?

— É, sim — respondeu Brandon, surpreso. — Como soube?

Freeberg soltou uma risadinha.

— Porque seu telefonema esta tarde foi insólito. Era evidente que havia algo importante em sua cabeça, mas você foi incapaz de falar. Fico satisfeito por ter resolvido discutir o problema agora.

Quer me contar qual é o problema?

— Minha paciente, Nan Whitcomb, apaixonou-se por mim.

— Ah, então é isso... Está fazendo o que é certo ao me contar.

Sugiro que relate tudo, sem omitir nada. Quer dizer que a senhorita Whitcomb está apaixonada por você? E melhor me dar todos os detalhes.

Por mais de dez minutos Brandon relatou todos os detalhes de suas sessões com Nan. Deu uma ênfase especial aos momentos em que percebeu que Nan estava se apaixonando por ele — de sua oferta de passar a noite no apartamento à declaração de amor naquela tarde.

— Eu deveria ter discutido o assunto esta tarde, doutor Freeberg, mas fiquei com receio de que me tirasse do caso e me substituísse por outro. Essa possibilidade me preocupou, pois poderia deixar Nan muito magoada e retardar o tratamento, após termos feito tanto progresso.

— Posso compreender sua preocupação, Paul. Quantas sessões ainda restam com ela?

— Duas, no máximo. Se tudo continuar a correr bem, posso encerrar com o exercício que marcamos para a tarde de amanhã.

Houve silêncio no outro lado da linha. Brandon sabia que o doutor Freeberg estava pensando numa solução e aguardou sua resposta com ansiedade.

— Muito bem, Paul, creio que já sei o que devemos fazer.

Ligarei para Nan Whitcomb agora mesmo. Amanhã conversarei com ela, transferindo a sessão para depois de amanhã.

— Conversará sobre o quê?

— Em circunstância nenhuma, a esta altura da terapia, eu julgaria conveniente retirá-lo do caso, Paul. Você tem razão, pode ser um choque brutal para ela, e provocar um retrocesso; talvez leve um longo tempo para que consiga estabelecer um vínculo com outro, mesmo que eu pudesse arrumar logo outro suplente masculino. Portanto, essa possibilidade está excluída. Direi à senhorita Whitcomb que preciso discutir seu caso. E depois... — Ele fez uma pausa. — ... estou dando uma olhada em minha agenda e pelo visto ficarei ocupado até o final da tarde. Marcarei o encontro com Nan Whitcomb nesse período. E terei com ela uma boa conversa paternal.

— Mas o que poderá dizer?

— Basicamente, tentarei fazê-la compreender que o relacionamento com seu suplente sexual não é pessoal, mas apenas profissional. Creio que posso conseguir isso, sem deixá-la abalada. E, depois, tenho certeza de que será mais fácil para você encerrar o último exercício sem qualquer envolvimento adicional.

— Obrigado, doutor Freeberg... muito obrigado. Estou cruzando os dedos. Espero que dê certo.

Após desligar, Brandon continuou por mais algum tempo na cabine telefônica. Acabou

enfiaando a mão no bolso para pegar mais moedas. E, com satisfação, começou a discar para Gay le Miller...

Ao final da tarde seguinte, Tony Zecca estava sentado ao volante de seu Cadillac, tenso e atento, a menos de meio quarteirão da Clínica Freeberg. Os olhos estavam fixos na entrada da clínica, como já acontecia há três dias, e observavam cada pessoa que entrava ou saía.

Ainda fervilhando de raiva em razão da atitude de Nan, Zecca dirigia seu rancor contra o homem que a seduzira e a levava.

Estava obcecado pela necessidade de descobrir o sedutor e amante de Nan, pois queria fazer o filho da puta pagar caro por isso. Até aquele momento, Zecca não conseguira descobrir com certeza a identidade do miserável. Desconfiava desde o início que o doutor Arnold Freeberg, a quem ela estava sempre visitando, era o culpado, mas ainda não fora capaz de prová-lo.

No primeiro dia de vigília, Zecca acreditou que pegara Freeberg em flagrante. Estacionando no lado oposto da rua e não muito longe da clínica, ele resolvera entrar na espelunca. Por sorte, encontrara na mesa da recepcionista uma pilha de folhetos que descreviam a função da clínica, e até havia uma biografia e uma fotografia do eminente doutor Arnold Freeberg.

Depois de saber acerca da aparência de Freeberg e o que ele fazia para ganhar a sua vida suja, Zecca voltara ao carro estacionado, para vigiá-lo. Fora uma espera longa e torturante, mas pouco antes do cair da noite daquele primeiro dia, a paciência de Zecca fora recompensada.

Ele vira e reconhecera Freeberg, que saía da clínica, trancara a porta da frente, pegara seu carro no estacionamento próximo e seguira para o lugar em que instalara Nan. Em seu Cadillac, Zecca seguira o porra do doutor, tentando decidir o que fazer com o desgraçado, assim que encontrasse sua Nan. Freeberg fora para sua casa nova, na periferia da cidade, entrara na garagem e fora recebido à porta da frente por uma mulher feia e gorducha, obviamente sua esposa, a quem ele estava corneando, até onde Zecca podia saber. Isso significava que Freeberg escondera Nan em algum ninho de amor.

No dia anterior, Zecca tornara a esperar, sombriamente, que Freeberg fechasse a clínica, e seguira-o outra vez. E pela segunda vez observara o filho da puta traidor ir para casa e ser recebido pela esposa.

Um tanto desanimado, Zecca persistira em sua vigília por toda a tarde daquele terceiro dia.

De repente, pela janela do carro, ele reconheceu um vulto familiar que se encaminhava para a entrada da clínica. Observava-a por trás quando ela passou pela porta.

Nan, em pessoa, ia ao encontro de seu amante e da aplicação diária. A pilantra. Mas ela que se danasse. Era o filho da puta do doutor que ele queria acertar.

Ao ver Nan, o impulso imediato de Zecca foi o de saltar do carro e encará-la. Ele começou a abrir a porta, mas depois mudou de idéia. Seria inútil pôr as mãos em Nan naquele momento. Ele seria mais esperto se esperasse para ver se ela saía da clínica e com um homem, Freeberg.

Zecca encolheu-se ao volante do Cadillac, observando com toda a atenção e esperando pelos acontecimentos.

Passaram-se mais de vinte minutos; já estava escurecendo quando a paciência de Zecca finalmente foi compensada.

Ele viu Nan sair da clínica, e alguém abrir a porta para deixá-la passar. E depois a pessoa que segurara a porta também saiu. Era mesmo um homem, o homem, o velho miserável que era o seu médico, nada menos que Arnold Freeberg, o homem de quem Zecca desconfiava desde o

início, o filho da puta que roubara sua mulher.

Trancando a porta da clínica, Freeberg juntou-se a Nan, pegou seu braço e os dois começaram a descer a Market Street, na direção oposta à do carro de Zecca.

Ele esforçou-se para se controlar. Quando teve certeza de que havia uma distância segura para o casal de desgraçados, e que poderia mantê-los à vista, mas sem que o percebessem, Zecca saltou do carro.

Mantendo-se nas áreas mais escuras junto aos prédios de escritórios e lojas que estavam fechando, Zecca pôs-se a segui-los.

Eles percorreram uma curta distância, depois atravessaram a rua e entraram num prédio alto. Assim que Nan e seu doutor desapareceram, Zecca acelerou o passo para descobrir o lugar dos encontros secretos.

Ele parou diante do prédio. Era um hotel. O Excelsior. Então era ali que Nan se escondia, e o seu doutor ia procurá-la todos os dias para uma trepada.

A primeira tentação de Zecca foi a de entrar também, descobrir o quarto de Nan, arrombar a porta para encontrar os dois na cama e encher de porrada o velho Freeberg, até que não restasse um só osso intato em seu corpo, depois agarrar Nan pelos cabelos e arrastá-la de volta para sua casa, que era o lugar a que ela pertencia.

No entanto, por mais ansioso que estivesse para pegá-los, algum instinto de sobrevivência levou-o a se controlar.

Se arrombasse a porta e surrassse Freeberg, poderia haver alguma encrenca. Zecca talvez fosse preso, seria a manchete dos jornais no dia seguinte. Era o último lugar em que o pessoal da cúpula do sindicato gostaria de vê-lo. Zecca estava apenas na margem do sindicato, uma luz menor que contava com seu financiamento, prestando favores ocasionais, mas ainda assim um deles. O sindicato não gostava que seus homens fossem agarrados pela polícia ou aparecessem na primeira página dos jornais.

Ele decidiu que a vingança deveria ser consumada num lugar mais discreto e seguro. E seria efetuada por um dos pistoleiros do sindicato, mais experiente nessas coisas.

Talvez.

Ele começou a voltar para seu Cadillac. Pensaria muito a esse respeito.

Havia duas poltronas no quarto de hotel de Nan Whitcomb, e o doutor Freeberg esperou que ela ocupasse uma, antes de se instalar na outra. Depois de recusar a oferta de vinho branco e pedir permissão para fumar, ele acendeu uma de suas cigarrilhas e recostou-se na poltrona.

— Eu queria conversar com você e pretendia fazê-lo na clínica — começou o doutor Freeberg. — Mas depois pensei que a conversa seria mais fácil na privacidade de seu quarto de hotel, em vez de falarmos na clínica ou no bar lá embaixo. Não se importa, não é mesmo?

— Claro que não — respondeu Nan, evidentemente cheia de curiosidade.

O doutor Freeberg gesticulou, indicando o quarto.

— Espero que o ache confortável. Foi o melhor que pude conseguir quando me telefonou.

— Fico agradecida por ter me arrumado alguma coisa.

— O senhor Zecca sabe que você está aqui?

— Claro que não. Ele seria a última pessoa a quem eu contaria.

— Acha que ele tentará descobrir? Nan deu de ombros.

— Não tenho certeza. Ao encontrar meu bilhete, ele pode ter pensado que era melhor assim,

que eu já ia tarde. Mas conhecendo seu ego, desconfio que ele tentará me descobrir e me levar de volta. Mesmo que ele me encontrasse, eu não voltaria. Nunca mais. Não depois de tudo o que aprendi.

O doutor Freeberg assentiu com a cabeça, com uma expressão compreensiva.

— Não posso dizer que a culpo por isso. Sofreu uma experiência particularmente brutal. Mas não pense que foi a única. Sua experiência não foi muito diferente da que muitas mulheres enfrentaram, com seus maridos ou amantes.

Nan parecia surpresa.

— É mesmo?

— Em geral, as mulheres que têm um parceiro incompatível com elas não sofrem a brutalidade física, mas suportam a brutalidade emocional. É provável que isso aconteça porque muitos homens se acostumam a suas mulheres e começam a encará-las como uma coisa corriqueira. Pouco a pouco, esses homens passam a considerar suas mulheres não apenas como criadas, mas também como alguém para servi-los sexualmente... alguém com quem se relacionar sexualmente... sem qualquer troca de amor e carinho, sem tempo para as carícias preliminares. Esses homens querem apenas ter seu orgasmo e se sentir melhor. Não vêem as mulheres como pessoas com sentimentos próprios. Estão fora de contato com suas companheiras como seres humanos sensíveis que devem ser bem tratados e amados.

— Pode dizer tudo isso e mais alguma coisa quando falar de alguém como Tony Zecca.

— O senhor Zecca é um exemplo extremo. Eu queria apenas tranquilizá-la, para que soubesse que não está sozinha. Numa escala mais civilizada, o comportamento dele está ocorrendo o tempo todo, em toda parte. Mas logo vai descobrir que existem homens mais atenciosos e sensíveis com quem poderá se relacionar...

— Já descobri isso, doutor Freeberg, desde que conheci Paul Brandon.

— Claro, claro, Paul Brandon... — murmurou Freeberg, soltando uma baforada da cigarrilha. — Para ser franco, é sobre Paul que desejo lhe falar.

Nan demonstrou um espanto genuíno.

— Falar sobre o quê? Já lhe contei tudo sobre ele, sobre o nosso relacionamento. Falta alguma coisa?

— Falta, Nan, falta. — O doutor Freeberg apagou a cigarrilha e inclinou-se para a frente. — Recorda-se de nosso primeiro encontro depois de você ter se tornado minha paciente, Nan? Você, eu e Paul, os três juntos? Na ocasião, firmamos um contrato verbal, um acordo. Você tinha um problema, e fixamos um objetivo.

Mediante a terapia e os exercícios, elaboramos um programa para ajudá-la a alcançar esse objetivo, que era o de desfrutar o prazer sexual completo. Não escondemos nada de você. Esclarecemos todos os aspectos do tratamento e dos exercícios. Não é verdade?

— E, sim.

— Eu lhe disse algo com absoluta franqueza. Sob a minha orientação, Paul Brandon a ajudaria de modo profissional, como um parceiro substituto, ensinando-a e guiando-a. Você estava pagando pela competência de Paul, não pelo desvelo emocional que ele podia demonstrar. Desde o começo você sabia que o seu relacionamento com Paul, embora se tornasse cada vez mais íntimo, era um relacionamento profissional, uma parceria temporária, por um número limitado de semanas. Explicamos que depois de o suplente sexual resolver seu problema, o

trabalho estaria concluído, e ele voltaria à sua vida particular e aos relacionamentos pessoais. E você, concluída a terapia, continuaria com sua vida particular e com seus próprios relacionamentos.

O doutor Freeberg percebeu que Nan o fitava com uma expressão angustiada. Ele fez uma pausa, e ficou esperando que ela falasse.

— Creio que sei o que está tentando me explicar — disse ela, falando bem devagar. — Tenta me dizer que acha que me apaixonei por Paul, e que isso não deveria acontecer.

— É o que penso, Nan, analisando os relatórios de Paul.

— E acha que cometi um erro?

— Isso mesmo, é um erro — confirmou o doutor Freeberg, em tom incisivo. — Como seu parceiro substituto, Paul gosta muito de você, desenvolveu um vínculo com você. Esse é o relacionamento que esperávamos que surgisse. Mas também há um princípio e um fim. Paul é, na verdade, um trampolim para o que aguarda você no mundo exterior. Agora, os dois devem romper esse vínculo; Paul seguirá seu caminho, e você, o seu. Ele tem uma vida particular, e o relacionamento com você foi apenas profissional. Repito, você está pagando pela competência de Paul, não por seu carinho. Seria errado esperar qualquer coisa mais. Quer conversar mais um pouco a esse respeito, Nan?

Ela parecia à beira das lágrimas.

— Não creio que seja necessário.

— Minha cara Nan, a realidade de uma situação é às vezes difícil de enfrentar. Mas tenho certeza de que você será capaz de enfrentá-la e voltará a ser feliz. — Ele fez uma pausa. — E agora, que tal aquele copo de vinho? Posso servir para nós dois?

Em seu gabinete, o promotor público Hoyt Lewis, consciente da presença tensa do reverendo Scrafield que se achava no lado oposto da mesa, ainda se esforçava para examinar a fotocópia do relatório de Hunter pela segunda vez.

O diário que Hunter mantivera a respeito de seus exercícios com Gayle Miller era meticuloso em todos os detalhes. Ao terminar a segunda leitura apressada, Lewis estava basicamente satisfeito com o relatório. Mesmo assim, ele se concedeu meio minuto para ponderar sobre cada aspecto do depoimento.

Mas Scrafield, que se encontrava à sua frente, estava tendo muita dificuldade em controlar a sua ansiedade para seguir adiante.

— Hoyt, diga-me logo: o que acha? Está tudo aí, como eu lhe falei, não é mesmo?

— Acho que sim.

— Algo o incomoda?

— Talvez uma coisa. — Lewis largou a fotocópia do diário de Hunter na mesa. — O que Hunter chama de penetração. Ainda não ocorreu. Quando se depende de uma testemunha, é preciso ter tudo tão explícito quanto possível.

Scrafield estava impaciente.

— Eu lhe disse que não precisa se preocupar. Chet Hunter me garantiu que vai trepar com Gayle amanhã. E vai nos comunicar pessoalmente assim que acontecer.

O promotor cocou o nariz, imerso em seus pensamentos, depois assentiu com a cabeça.

— Hunter parece merecer toda a confiança. Investiguei-o de novo. Sua ficha como membro da reserva da polícia é absolutamente limpa, e ele está ansioso para concluir o trabalho, segundo

Ferguson, do Chronicle. Mas o que o está impedindo de trepar com a mulher? Afinal, não é a pior missão do mundo.

— Tudo no seu devido tempo, Hoyt. Ele tem de seguir as regras, mais nada. Não se preocupe. Ele conseguirá. Pode apostar.

Hoyt Lewis empertigou-se na cadeira.

— E isso o que vou fazer, apostar nele.

— Qual é o próximo passo? — indagou Scrafield. — O que vai fazer agora?

— O de sempre. Começarei com um comunicado à imprensa... avisarei a Ferguson o que meu gabinete planeja fazer... que estou aprontando uma ação criminal contra o doutor Arnold Freeberg, por lenocínio.

— E Gayle Miller?

— Não poderei fazer nada contra ela, enquanto não cometer realmente o ato de prostituição. Mas já dispomos de provas suficientes para anunciar o processo iminente contra Freeberg, sob a acusação de lenocínio. Assim o primeiro comunicado à imprensa só será referente a Freeberg.

— Posso comentar o assunto em meu programa de televisão, amanhã à noite? — perguntou o reverendo Scrafield, ansioso.

— Não faço qualquer objeção, desde que limite seu fogo ao teor de meu comunicado.

— Quando poderei mencionar a prostituta?

— Assim que Hunter acertar as contas com ela — prometeu Lewis. — Ou seja, depois de amanhã. Começarei então a agir contra os dois, emitindo mandados de prisão contra Freeberg por lenocínio, e contra Gayle Miller por prostituição. Os dois serão levados à delegacia, fichados e soltos sob fiança. Pedirei então a um juiz que decrete a prisão preventiva dos dois, em quarenta e oito horas.

Scrafield estava sorrindo.

— E depois?

Hoyt Lewis também sorriu.

— Eles serão levados a julgamento e condenados, acabarão na cadeia.

— E você estará na primeira página de todos os jornais — comentou Scrafield, ainda sorrindo.

— E você também, meu amigo — disse Lewis, levantando-se. — Se Freeberg e Gayle Miller fizerem sua parte, também faremos a nossa. Posso lhe garantir que o caso é líquido e certo.

CAPÍTULO 9

— Gayle, este exercício é a minha graduação? — perguntou ele.

Adam Demski e Gayle estavam nus na sala de terapia, sentados ao lado um do outro, na esteira estendida no chão.

— Pode ser — respondeu ela. — Espero que seja.

— Se eu tiver uma ereção à altura da ocasião — comentou Demski, jovial.

— Vai tê-la.

Observando-o, Gayle refletiu que gostava do que via, contrastando com o comportamento tenso e assustado que apresentara no primeiro encontro, poucas semanas antes. A seu lado estava um jovem que parecia confiante e bastante relaxado para dizer coisas engraçadas e sorrir. A atitude de Demski lhe agradava, e não podia admitir que ele sofresse uma recaída, voltando à antiga impotência.

— Gayle — disse ele, pegando-lhe a mão —, quando fizermos a penetração...

— O que é?

— Eu gostaria de estar por cima.

Gayle considerou o pedido, mas apenas por um instante.

Concluiu que Demski estava pronto para a posição mais comum.

Ele nunca se consideraria um sucesso enquanto não pudesse consumir o intercurso sexual na posição masculina superior. A posição missionária era a essencial para a maioria dos homens, o que acreditavam que se esperava deles.

Adam Demski queria provar para si mesmo que estava preparado para ter um encontro real, no mundo real. O que significava a penetração por cima. O sucesso nessa posição reforçaria plenamente o seu novo sentimento de potência.

— Claro — Gayle ouviu-se respondendo. — Não vejo qualquer problema.

Ela queria acrescentar que havia muitas outras posições que podiam ser melhores para ele, mais confortáveis, ainda mais eficazes, com alguma futura parceira, mas achou melhor não confundir-lo naquele momento. Haveria tempo para discutir as variações quando os dois se encontrassem com o doutor Freeberg para a conversa final.

Demski queria provar que era capaz de consumir o ato na posição masculina mais popular, e ela resolvera fazer tudo o que era possível para que desse certo.

— Vamos começar, Adam?

— É o que mais estou querendo.

Gayle estendeu-se na esteira, e Demski seguiu seu exemplo.

De costas, ela estendeu as pernas e abriu-as, Demski ajoelhou-se na esteira, pairando por cima dela.

— Não tão depressa, Adam. Creio que podemos desfrutar algumas preliminares. Quero ficar lubrificada naturalmente e que você alcance uma ereção completa antes de me penetrar.

— Está bem — murmurou ele. — Acho que fiquei um pouco ansioso.

— Não há pressa. Vamos aproveitar cada minuto, desde as preliminares até o clímax.

— Concordo com você.

Demski estendeu-se ao lado de Gayle e indagou: — Podemos ficar de olhos abertos?

— Como você quiser.

— Eu quero que seja assim.

Ele aconchegou-se contra Gayle e começou a passar a ponta dos dedos da mão direita pela testa dela, desceu para o nariz, contornou a boca.

Logo alcançou os seios, acariciou-os, inclinou-se para beijar os mamilos.

Ela pôde sentir a eficácia. De forma incontrolável, os mamilos enrijeceram, e começou a ficar úmida entre as coxas.

E depois sentiu algo mais contra sua coxa.

Deu uma olhada e constatou que o pênis flácido estava se erguendo até chegar a uma verdadeira ereção.

Estendeu a mão e pegou-o enquanto massageava os ombros e as costas de Demski com a outra mão.

De repente, sem dizer nada, Demski ficou de joelhos por cima dela.

A sensação foi de prazer misturado com triunfo, enquanto a cabeça do pênis sondava por um instante e depois começava a penetrá-la.

Gayle podia ouvir o coração de Demski bater forte, enquanto ele se movimentava para a frente e para trás. Esperava que ele não chegasse a um orgasmo rápido, mas depois compreendeu que o estava confundindo com Chet Hunter. Aquele não era o problema de Demski.

Lançando um olhar para o relógio da mesinha, ela verificou que haviam transcorrido sete ou oito minutos desde o começo da relação sexual.

Apesar disso, Demski continuava, firme. Ela descobriu-se a levantar e baixar as nádegas, acompanhando seu ritmo.

Continuava interminavelmente, e Gayle começou a pensar que ele podia ser um ejaculador retardado, que talvez nunca gozasse — ou que ela podia gozar antes.

E foi nesse instante que ela ouviu um grito rouco, e Demski se soltou. Ele estava gozando.

Quando ele parou, ainda apoiado sobre os cotovelos, ofegante, Gayle tornou a olhar para o relógio. Doze minutos.

Nada mal. Na verdade, muito bom.

Ao se retirar, Demski entreabriu os lábios num sorriso.

Ela estendeu a mão, puxou seu rosto e beijou-o na boca. E depois abraçou-o com força, desfrutando o suor que brotava em seu rosto e em seu corpo. Feliz, ele sussurrou ao seu ouvido:

— E então, professora, consegui me formar?

— Adam — sussurrou Gayle em resposta —, hoje você é um homem, pronto para sair por aí e fazer a alegria de uma porção de mulheres receptivas. Isso mesmo, você se formou com distinção.

— Com distinção?

— Assinarei seu boletim. Olhe bem para o meu rosto e veja a nota que lhe dou.

— E qual é a nota, professora?

— Cinco. A melhor nota. Você terá o mundo a seus pés. Meus parabéns!

Eles estavam no quarto do apartamento de Paul Brandon.

— Bem, acho que esta é a última vez — murmurou Nan Whitcomb, suspirando.

Ela vestia apenas uma calcinha de náilon. Baixou-a e tirou-a.

Por um momento, ficou olhando para o púbis. Distraidamente, começou a alisar os pêlos púbicos crespos, perdida em seus pensamentos.

Ela levantou a cabeça para fitar Brandon, que ainda estava se despindo.

— Quero lhe dizer uma coisa, Paul, antes de começarmos, pela última vez.

— Talvez não seja a última vez, se verificarmos que você ainda tem um problema.

— Não espero ter problema algum, Paul. Tenho certeza de que tudo correrá bem. Mas quero lhe dizer outra coisa. Eu... eu me sinto envergonhada por ter lhe causado tantos problemas.

— Que problemas? Você não me causou nenhum.

— Causei, sim. Está sendo muito gentil, mas sei que lhe causei problemas. O doutor Freeberg foi muito franco a respeito disso.

Bastante aberto, graças a Deus. — Ela fez uma pausa. — Já deve saber que ele conversou comigo sobre o nosso relacionamento.

Brandon assentiu com a cabeça, enquanto tirava as calças. Nan continuou:

— O doutor Freeberg estava certo ao me falar sobre o que acontecia, como eu deixava você numa situação difícil. Ele me fez recuperar o bom senso. — Ela contemplou ansiosamente o corpo nu de Brandon. — É verdade que fui uma tola. Acabei me apaixonando por você. Não pude evitar. Fiz você passar por momentos terríveis, quando estava apenas realizando seu trabalho, cumprindo o seu dever profissional, para me curar.

— Não seja tão rigorosa consigo mesma, Nan. Não foi uma rua de mão única. Posso perceber agora que também me envolvi emocionalmente com você, talvez tenha encorajado o seu amor, sem pretender. Não deveria ter feito isso. Não foi um comportamento profissional. — Ele pegou a mão de Nan. — Quero que saiba que realmente gostei de você... e gosto... mesmo enquanto tentava orientá-la.

Ela abraçou-o.

— Você é o homem mais gentil que já conheci. — Ela sorriu, com ironia. — É verdade que não conheci muitos, mas todos foram horríveis, até que encontrei você.

Nan pegou o rosto de Brandon entre as mãos, beijou-o e depois murmurou:

— Não vou dizer que não o amo mais, porque eu o amo. Só que tenho de enfrentar o fato de que nosso relacionamento vai acabar.

Ele retribuiu o beijo, passando os dedos pelo rosto de Nan.

— Você conseguirá algo melhor daqui por diante... muito melhor.

— Pelo menos saberei o que procurar... alguém gentil, carinhoso e inteligente... assim como você. — Nan esfregou o corpo contra o dele. — Mas já que tenho você aqui, agora, por que não vamos em frente e aproveitamos ao máximo esta última vez?

Ela apertou com mais força a mão de Brandon, antes de acrescentar:

— Quero provar a você que estou pronta. — Com a mão livre, ela tocou no pênis rígido de Brandon. — Sei que você está.

— E como estou!

Nan levantou os joelhos. Suas pernas estavam abertas.

Brandon se colocou entre suas pernas e devagar, bem devagar, penetrou-a.

Não precisou perguntar se ela sentia alguma dor. A expressão agradecida de Nan dizia tudo o que ele queria saber. Não havia mais qualquer dor. Apenas prazer.

— Ah... ah... — ela gemia, enquanto Brandon continuava a arremeter contra ela.

Finalmente ela estendeu as mãos para agarrá-lo, o rosto contorcido. Brandon pôde sentir que ela estava no meio do orgasmo e se largou também.

Após um intervalo, ele se acomodou na cama ao seu lado. Pelo movimento dos quadris de Nan, percebeu que ela queria mais. Ele pôs-se a passar a ponta dos dedos pelo clitóris, para a frente e para trás. Num instante ela teve o segundo orgasmo e logo o terceiro; depois ficou inerte, exausta. Algum tempo se passou antes que ela virasse a cabeça e perguntasse:

— Eu fui boa?

— Perfeita.

— Você foi delicioso. Obrigada por me tornar capaz de dizer isso.

Eles ficaram em silêncio, mas Brandon acabou indagando, porque sentia uma preocupação sincera em relação a ela: — O que vai fazer agora, Nan? Ela pensou por um instante.

— Acho que deixarei a cidade. Não quero ficar aqui e correr o risco de tornar a me encontrar com Tony Zecca. Talvez vá para o Meio-Oeste. Tenho uma prima em Des Moines. E outra em Chicago. Aonde quer que eu vá, porém, tenho certeza de que encontrarei um meio de me sustentar, algum emprego. Usarei o dinheiro extra de que disponho para fazer um curso de secretariado. Isso deve me ajudar a conseguir um emprego melhor e talvez encontrar alguém tão bom quanto você. O que acha, Paul?

— É uma boa idéia. Mas não parta já. O doutor Freeberg gostaria que jantássemos com ele depois de amanhã. É costume seu, sempre que pacientes e suplentes concluem com sucesso os exercícios. Você vai aceitar?

— Claro, Paul. O doutor Freeberg me disse que você tinha a sua vida pessoal. Eu gostaria de conhecê-la.

A noite começava a cair na sala de terapia de Gayle. Nua, ela estendeu-se de costas no sofá, esperando por Chet Hunter, observando-o acabar de se despir.

— Fez seu dever de casa? — perguntou ela.

— Com dedicação.

— Como se sente?

— Com a sensação de que posso conseguir.

— Consegui da última vez, Chet. Tivemos a penetração.

— Não pelas minhas regras, meu bem. Você ficou por cima, tratando-me como uma coisa frágil. Consegui fazer com que eu entrasse em você, é verdade, mas não por muito tempo... talvez menos de um minuto...

— Mais do que isso.

— Não importa. Ainda fui precoce. Você queria que eu ficasse por cinco minutos...

— Dez, Chet. Falei em dez minutos.

— Não sei... Talvez seja possível... — Ele aproximou-se do sofá, com o rosto sério e contraído. — Gayle, tenho de fazer dar certo.

Há muita coisa em jogo para mim. Sabe que tenho uma namorada.

Sou louco por ela. Quero me casar com ela. E não posso fazê-lo enquanto não estiver curado. Acredita que já estou curado?

Gayle assentiu com a cabeça.

— Acho que estará depois desta noite.

— O que vai acontecer esta noite?
— Será a sua festa de formatura, o desempenho final.
— Pensei que não devia ter um desempenho.
— E não terá, Chet. Apenas terá um momento dos mais agradáveis, talvez memorável.
— Fazendo o quê?
— Você sabe. A penetração da maneira como sempre desejou. A posição masculina superior, e você se empenhando num intercurso sexual completo. Talvez eu tenha de contê-lo uma ou duas vezes, usando a técnica do aperto, mas vamos continuar até que ambos estejamos satisfeitos.

Enquanto falava, Gayle pôde perceber que ele sentia uma excitação crescente.

— Já começo a sentir vontade, Gayle. Ela deitou-se na esteira.

— Venha para cá, Chet. Deite-se ao meu lado.

— Mas estou pronto. Pode ver.

— Não tão depressa, Chet. Não vamos ser precipitados. Vamos levar todo o tempo que for necessário, acumular o prazer pouco a pouco. Eu lhe direi quando ambos estivermos prontos. E agora deite-se ao meu lado, e vamos relaxar com algumas carícias preliminares.

— Se você quer assim... — murmurou ele, em tom queixoso, acomodando-se na esteira.

— É assim que quero. Pode deixar que sua parceira sabe como essas coisas funcionam.

— Olá, parceira. Como pode observar, estou realmente pronto para começar.

— Sei disso, mas não vamos começar agora. Tire os pensamentos do pênis e concentre-se na sensualidade que há por todo o corpo. Acaricie-me. Depois, vou acariciá-lo.

Hunter soltou um grunhido, mas começou a passar os dedos por todo o corpo de Gayle. Logo estava absorto em acariciá-la, encontrando um intenso prazer nas reações dela.

— Você é sensacional — murmurou ele. — Uma coisa espetacular.

Só que não posso ficar maior lá embaixo.

— Nem precisa. Por favor, esqueça o pênis. Agora, deixe-me acariciá-lo.

Enquanto Gayle passava as mãos por seu rosto e por sua barriga, ele se tornou menos ansioso e começou a soltar pequenos suspiros de prazer.

— Preciso de você, Gayle — sussurrou ele, tentando controlar a respiração.

— O que está esperando? Ele colocou-se por cima dela.

Houve um momento de hesitação enquanto o pênis penetrava a sua vagina — não houve ejaculação.

Automaticamente, ele começou a se movimentar para cima e para baixo.

— Devagar — disse Gayle. — Bem devagar. Está ótimo, Chet.

Sente vontade de gozar?

— Não... ainda não.

Ela sentia vontade de agarrá-lo pelas nádegas e ajudá-lo, mas não queria excitá-lo demais.

Pôs as mãos em seus ombros e repetiu:

— Está ótimo...

— Está muito mais do que isso... está sensacional!

Ele pôs-se a arremeter contra ela mais rápido e com mais força.

Pouco a pouco, ela percebeu que seu rosto se contraía.

— O que é, Chet?

— Acho que vou...

Ela desvencilhou-se, agarrou a cabeça úmida do pênis com três dedos e apertou com força.

— Oh, Deus, eu quero...

— Não se preocupe. Vai acabar acontecendo. Gayle apertou outra vez, até que ele ficou inerte. Olhando para o relógio, ela tornou a se concentrar em Hunter, fazendo-o se recostar e passando os dedos por seu corpo. O pênis começou a subir e intumescer quase no mesmo instante. E logo a ereção tornou-se completa.

— Entre em mim agora, Chet.

Ele assim o fez e começou a se mexer dentro dela, firmemente, profundamente.

— Continue, Chet. Ele continuou.

— Gayle... eu... eu...

— Pode ir — disse ela alegremente.

Foi um orgasmo ruidoso e prolongado. Depois, ele caiu para o lado, como se tivesse levado um tiro. E murmurou, ofegante: — Foi maravilhoso... Ela sorriu.

— E o que chamamos de uma ejaculação normal. E, agora, vamos descansar.

Após algum tempo, Gayle levantou-se e pôs o roupão.

— Vou me lavar e depois irei à cozinha para fazer um chá, que vai nos revigorar. Você aceita?

— Qualquer coisa serve, meu bem.

Quando ela voltou com o chá, Hunter sentou-se no sofá para tomá-lo. Gayle sentou-se ao seu lado. Ele transbordava de entusiasmo.

— Para dizer a verdade, não preciso de nada para me revigorar.

Já tive tudo de que preciso. Você é sensacional, Gayle. Conseguiu me levar até o fim. Quanto tempo passou antes que eu gozasse?

— Sete minutos.

— Pense só nisso! Fantástico! — Abruptamente, a expressão de Hunter tornou-se sombria. — Mas eu gostaria de chegar a isso sem o aperto.

— Vai chegar, meu amigo — garantiu Gayle, com um sorriso, largando a xícara de chá e levantando-se para tirar o roupão. — Desta vez vamos conseguir... sem nenhum aperto, do princípio ao fim.

— Não está satisfeita com sete minutos?

— Claro que estou. Mas não deixarei você sair daqui, aventurando-se pelo cruel mundo exterior, enquanto não me penetrar pelo menos por dez minutos. Pode estar certo de que isso acontecerá. Só então o deixarei ir embora, para meu lamento.

Vamos começar, Chet.

Prestes a abrir o chuveiro, ainda inebriada com os dois triunfos que tivera naquele dia, Gayle teve a impressão de ouvir a campainha da porta. Constatou que eram quase dez horas, a hora em que Paul Brandon deveria chegar.

Abandonando o chuveiro por um instante, Gayle pôs o roupão de seda e saiu do banheiro.

Estava ansiosa. Havia dias em que o relacionamento entre os dois não se harmonizava. Até aquele momento, cada um estivera muito ocupado e preocupado com as necessidades dos outros.

E

os outros haviam sido devidamente auxiliados. Naquela noite, libertos, haveriam de se

satisfazer.

Fora do banheiro, Gayle pôde ouvir o barulho da chave girando na fechadura.

Viu Brandon entrar na sala de estar, e sua excitação aumentou ainda mais. Esperou por ele, que avançou em sua direção. Os dois abraçaram-se com ternura.

— Como está, meu querido? — perguntou Gayle, enquanto o levava para o quarto e o ajudava a tirar o casaco.

— Emocionado por conseguir ficar a sós com você. — Enquanto ele desabotoava a camisa, Gayle abria o cinto e puxava o zíper das calças. — Mas talvez um pouco cansado. Foi um longo dia.

— Para mim também, Paul. Como foi com Nan? O doutor Freeberg tornou tudo mais fácil para você?

— Claro que sim. Ela não chegou a ser um problema de verdade.

— Ele sentou-se à beira da cama, tirando os sapatos e depois as meias. — Nan foi até bastante razoável.

— E você?

— Fui totalmente profissional, do princípio ao fim — respondeu Brandon, tirando as calças. — E como você se saiu? Acabou com os dois pacientes ou apenas com um?

— Com os dois.

— Eles conseguiram, afinal?

— Conseguiram, graças a Deus. Brandon tirou as cuecas.

— Deve estar cansada agora... — Estou bem...

— Depois de quatro horas com eles? Estou surpreso de que ainda consiga ficar de pé.

— Não foi tão cansativo assim. Lembre-se de que eles são pacientes. Na melhor das hipóteses, não têm muita resistência. Se estou cansada, é apenas devido à tensão. Depois de tantas sessões, quando se chega à última, não se pode deixar de ficar preocupada a respeito do resultado do trabalho desenvolvido. É o que me deixa tensa.

— Mas teve sucesso, não é mesmo? Você não acabou com eles?

— Completamente. — Gayle fez uma pausa, estudando-o. — Você é que está cansado. Só com uma paciente?

— Não se esqueça de que Nan foi a minha primeira paciente. E, como você disse, há muita tensão. Mas vamos esquecer os outros. Já acabamos com eles. Vamos nos concentrar apenas em nós.

— Tem razão.

Ele estendeu os braços para abraçá-la. Gayle recuou.

— Deite-se na cama, Paul, e fique esperando por mim. Tenho de voltar ao banheiro para tomar um banho. Estarei aqui num instante. — Ela virou-se. — Espere por mim, Paul.

— Com a maior ansiedade. Não demore. Ela sorriu.

— Não vou demorar, e pode estar certo de que valerá a pena. Ela viu-o esticando-se na cama, enquanto entrava no banheiro.

O chuveiro foi maravilhoso, como o início ritual de uma vida nova. Quando terminou, enxugou-se, passou colônia pelo corpo e um perfume que combinava atrás das orelhas e entre os seios.

Deixando o roupão no banheiro, ela voltou ao quarto. O corpo esguio de Brandon ainda estava

estendido na cama.

Gayle estava ansiosa para abraçá-lo, acariciá-lo, finalmente amá-lo.

Avançou apressada para a cama, e estendeu-se ao lado de Brandon.

Ele não se moveu.

Ela soergueu-se para observá-lo. Brandon tinha os olhos fechados; havia adormecido. Seu ronco era queritente, os sons eram quase inaudíveis... mas existiam.

"Pobre querido", pensou Gayle, "ele caiu num sono profundo."

Mas ela não se importava, porque podia compreender. Ele tivera um dia exaustivo e inebriante, e o mesmo lhe acontecera; queria também descansar e dormir.

Ela aconchegou-se contra Brandon, desfrutando o calor e o contato de sua pele macia.

Bocejou e sentiu que mergulhava no sono.

Haveria tempo suficiente para eles fazerem amor pela manhã.

Estariam revigorados. Estariam prontos. Tinham todo o dia seguinte. E o outro dia. Dias incontáveis.

Ela sabia que seria o amor mais memorável de sua vida. Queria apenas fazê-lo feliz. Queria apenas...

Naquele momento ela queria apenas dormir e foi o que fez.

Voltando ao seu apartamento, depois da sessão final com a suplente sexual, Chet Hunter tinha a sensação de que andava nas nuvens.

Tinha vontade de ligar para Suzy e contar tudo o que acontecera, mas sabia que estava muito cansado para assumir tal excitação e a possibilidade de que ela quisesse vê-lo. Em seu estado, a excitação aumentada pela exultação, ele queria apenas coroar seu sucesso com um drinque forte, saboreado sozinho.

Mas antes mesmo de ir à cozinha para pegar a garrafa, ele compreendeu que havia outra coisa que precisava fazer primeiro.

Havia um telefonema que tinha de dar. O reverendo Josh Scrafield estaria esperando, impaciente, pelos resultados da última sessão, para saber se a penetração com Gayle fora consumada. Scrafield certamente estava ansioso para descobrir se Hunter cumprira sua parte do acordo, e poderiam finalmente entrar em ação.

Ele sentou-se ao lado do telefone da sala de estar e discou para Scrafield. Uma voz de mulher atendeu, e segundos depois o reverendo estava ao telefone.

— E você, Chet? — indagou Scrafield, tenso.

— Isso mesmo.

— E então?

Hunter aproximou a boca do fone ainda mais e disse em tom confidencial:

— Eu consegui, reverendo. Acabei de conseguir.

— Meteu nela?

— Duas vezes. Positivamente.

Scrafield parecia incapaz de acreditar na boa notícia.

— Conseguiu mesmo trepar com a mulher em troca de pagamento?

— Claro.

Hunter ouviu Scrafield deixar escapar um suspiro pelo telefone.

— Como membro da reserva da polícia, você jura que está me dizendo a verdade?

— Juro por uma pilha de Bíblias. Tenho até a gravação.

— Sensacional!

— Ainda não fiz um relatório por escrito porque estou muito cansado...

— Ela obrigou-o a um esforço e tanto, hem?

— E como! Escreverei tudo pela manhã, assim que acordar.

Acho que devo agora telefonar para Hoyt Lewis e Ferguson...

— Não se preocupe com isso — interrompeu-o Scrafield. — Pode deixar que eu cuido deles.

Ligarei primeiro para Ferguson e depois falarei com o promotor público em casa, mesmo que tenha de acordá-lo. Informarei que você conseguiu, que tem a prova, que podemos entrar em ação.

— Deve ser o suficiente para Hoyt Lewis, não é mesmo?

— Não haverá mais como detê-lo agora. Escreva o relatório amanhã, assim que levantar.

Conte tudo, cada detalhe saboroso, complete o seu diário sobre Freeberg e a senhorita Miller e leve para Hoyt Lewis, o mais depressa possível. Fez um bom trabalho, Chet. Fico contente por você ter se mostrado à altura. Vamos pôr aquele proxeneta do Freeberg e sua pequena vigarista atrás das grades. Maravilhoso!

Ao desligar, Hunter compreendeu que tivera uma pontada de remorso. Quando Scrafield se referira a Gayle como uma vigarista, o rancor do comentário deixara-o contrafeito por um momento. Mas, afinal, negócios eram negócios.

Ele mal podia esperar pela manhã seguinte, quando concluiria sua história e contaria a Suzy o que acontecera; depois entregaria as provas a Lewis.

Muito animado, ele levantou-se da poltrona e foi à cozinha, a fim de servir-se de uma dose dupla de uísque escocês com soda.

Brandon acordou primeiro, tentando desanuviar a cabeça e recordar o que acontecera na noite anterior. Percebeu então que não estava sozinho. Gayle se achava a seu lado, na cama, despertando também. Ele abraçou-a, murmurando: — Finalmente...

O telefone, por trás dela, começou a tocar.

— Deixe tocar... — sussurrou Brandon.

Ela esticou-se para espiar o relógio da mesinha-de-cabeceira, por cima de seu ombro. E disse, pesarosa: — Não posso. São oito e meia. Apenas o doutor Freeberg ligaria tão cedo. Tenho de atender, Paul.

Ela pegou o fone. Era mesmo o doutor Freeberg.

— Gayle, preciso conversar com você...

— Quer que eu vá até a clínica?

— Não. Preciso lhe falar agora mesmo. Pode conversar? — Ele fez uma pausa. — Está sozinha?

Ela olhou para Brandon, que estava de cenho franzido, e disse, hesitante:

— Não... não estou, doutor Freeberg. Estou com Paul... Paul Brandon.

— Não há problema. Ele é da família. Há uma coisa muito importante que preciso lhe dizer.

— Parece transtornado — disse Gayle, sentando-se na cama e cobrindo os seios com o lençol. — O que aconteceu?

— Estou muito transtornado e tenho bons motivos para isso.

Quero que ouça com toda a atenção. Acabo de ser preso. A polícia está esperando lá fora

para...

Gayle ficou atordoada.

— Como? Disse que foi preso?

— Isso mesmo. Sob a acusação de lenocínio. Era uma possibilidade sobre a qual eu deveria ter lhe falado, mas não o fiz porque me garantiram que não se consumaria. Não queria alarmá-la sem motivo. Mas acaba de acontecer, e achei melhor lhe dizer antes...

— Vão levá-lo para a delegacia?

— Isso mesmo. Serei fichado.

Brandon sacudiu o braço de Gayle, indagando: — O que está acontecendo?

Ela cobriu o fone com a mão e informou a Brandon: — O doutor Freeberg foi preso por lenocínio. — Retirando a mão, ela perguntou ao doutor Freeberg: — Mas quem está fazendo isso?

— O promotor público, Hoyt Lewis. Vou explicar. Tudo começou há alguns dias. Lewis me procurou aqui na clínica para dizer que o uso de suplentes sexuais era lenocínio, contra as leis da Califórnia. Ameaçou me levar a julgamento, se eu não renunciasse ao uso de suplentes. Entrei em contato com meu advogado, Roger Kile... você já o conhece... e depois de pesquisar as leis estaduais, ele me garantiu que Lewis não tinha nenhuma base para um processo. Kile me disse que continuasse a trabalhar como antes... lamento muito... eu deveria tê-la avisado...

Gayle se empertigou.

— Está me avisando? Mas por quê?

— Gayle, você também vai ser presa.

— Eu? Mas por quê?

— Prostituição. Eu, por lenocínio; e você, por prostituição, porque está trabalhando para mim.

— Não é possível, doutor Freeberg. E os outros... as outras mulheres e Paul...

— Só nós dois seremos acusados. Mas se eles ganharem o caso contra nós, é evidente que podem acusar os outros...

— Mas por que eu?

— Tentei descobrir. O máximo que consegui saber, até agora, é que a principal testemunha de acusação foi um dos seus pacientes.

— Um dos meus pacientes? — repetiu Gayle, aturdida. — É impossível. Conhece muito bem os dois. Adam Demski já deixou a cidade. Era um estranho aqui. Além do mais, não faria mal a uma mosca. E Chet... Chet Hunter... ele não diria que sou prostituta em hipótese alguma. Eu o salvei, doutor Freeberg, fiz com que se tornasse um homem são.

A voz do doutor Freeberg foi implacável ao afirmar: — Um dos dois nos denunciou e vai depor contra nós no tribunal.

Gayle meneou a cabeça.

— Não tem o menor sentido. O que... o que vai acontecer conosco?

— Há mandados de prisão contra nós, mas vão nos acusar de crimes diferentes. Seremos levados à delegacia para sermos fichados... impressões digitais, fotografias de frente e de perfil...

— Oh, não!

— ... e fixarão fianças para nós. Já avisei Roger Kile, e ele está vindo de Los Angeles a fim de providenciar a fiança. Portanto, seremos soltos de imediato.

— Por quanto tempo?

— As situações são diferentes. Terei uma audiência preliminar dentro de dez dias, e o juiz vai

decidir se houve ou não probabilidade de um crime ter sido cometido. Se ele decidir que houve, serei encaminhado ao tribunal superior, detido outra vez e depois levado a julgamento, em dois meses, aproximadamente.

— E o que acontecerá comigo? — indagou Gayle, com a voz trêmula.

— Seu caso é mais simples. Comparecerá à presença de um juiz em companhia de Roger Kile, e apresentaremos uma alegação de inocência. Depois, você pode ou não ser levada a julgamento.

— Tudo isso vai sair nos jornais e na televisão?

— Infelizmente, Gayle, creio que sim. Mas não precisa se assustar. Roger estará nos defendendo...

— Não me assustar? Ora, doutor Freeberg, eu estou apavorada!

Quando a polícia virá me prender?

— Dentro de dez minutos. Tenho de desligar agora. Gayle bateu o fone e virou-se para Brandon.

— Paul, a polícia estará aqui a qualquer momento.

Ele abraçou-a, tentando acalmá-la e confortá-la. Com os olhos rasos d'água, ela acrescentou:

— Lá se vai tudo por água abaixo. Tudo se tornará público. Pode imaginar uma mulher presa por prostituição ganhando uma bolsa de estudos da Universidade da Califórnia? Está tudo perdido...

— Nem tudo, Gayle. Ainda temos um ao outro.

— Só que um de nós estará na cadeia... E ela desatou a chorar.

CAPÍTULO 10

Quando Chet Hunter acordou pela manhã, a primeira coisa que surgiu em sua mente foi telefonar para Suzy Edwards e lhe transmitir a notícia fantástica.

Ainda de pijama, ele ligou para a Clínica Freeberg, onde Suzy se encontrava. Foi logo dizendo, muito excitado: — Suzy, preciso falar com você hoje. Quando pode dar um pulo até aqui?

— Assim que acabar o expediente. Posso chegar aí logo depois das seis.

— Tem de ser antes. Preciso me encontrar com você o mais depressa possível.

— Fala como se fosse algo muito importante — comentou Suzy, surpresa. — O que é?

— Não dá para falar por telefone. Há uma coisa que quero lhe mostrar. E pode estar certa de que é mesmo muito importante.

— Acho que eu poderia aproveitar a hora do almoço...

— A hora do almoço? Está ótimo! Poderá comer um sanduíche aqui, enquanto conversamos.

— Sobre o quê, Chet? Não pode ao menos me adiantar algo?

— Vai descobrir o que é assim que chegar aqui. Estarei esperando você ao meio-dia e quinze.

Assim que desligou, Hunter pensou na outra ligação que precisava fazer. Tornou a tirar o fone do gancho e ligou para o prédio municipal. — Pediu à telefonista que o contatasse com o gabinete do promotor público.

Hunter foi informado de que Hoyt Lewis saíra, mas a secretária acrescentou:

— Sei que ele estava esperando uma notícia sua. Também disse que os dois deveriam se encontrar ainda hoje.

— É por isso que estou ligando — explicou Hunter. — Gostaria que lhe transmitisse um recado. Avise-o que é sobre a conversa que teve com o reverendo Scrafield na noite passada. Diga que estou escrevendo um relatório detalhado e lhe mandarei algumas cópias antes do meio-dia. Passarei por aí, para falar com ele pessoalmente, entre duas e três horas da tarde, se não houver qualquer problema. Pode dar o recado?

— Claro, senhor Hunter. — A secretária soltou uma risadinha. — Aposto que consegui tudo ontem.

— Ei... como descobriu...? Ela tornou a rir.

— Está esquecendo que sou a secretária particular do senhor Lewis. Datilografei as petições há cerca de duas horas.

— Então é isso. — Hunter sorriu para si mesmo. — Isso mesmo, minha cara, eu consegui.

Depois de desligar, o bom humor de Hunter persistiu. Tinha quase duas horas para se preparar para aquele dia tão importante.

Tomaria um banho de chuveiro, faria a barba, se vestiria, faria um bom desjejum e ainda teria tempo suficiente para escrever o relatório para Hoyt Lewis.

Ele cumpriu tudo o que tinha de fazer naquela manhã com muita animação e pontualidade. Mais do que isso, até se antecipou, pois queria concluir o diário com todo o cuidado — para impressionar Suzy, quando ela o lesse, depois o promotor público e, por último, o editor do Chronicle.

Sentando diante da máquina de escrever elétrica portátil, Hunter tentou recordar tão nitidamente quanto possível, com os detalhes mais acurados, o que acontecera na noite anterior, em sua última sessão com Gayle. O diálogo podia estar gravado, mas apenas sua mente era capaz de reconstituir os acontecimentos e o clima.

Ela estava sentada no sofá, completamente nua, esperando que ele acabasse de se despir.

Perguntara como ele se sentia.

Ele respondera que achava que conseguiria consumir o ato.

Gayle admitira que haviam conseguido na vez anterior, que a penetração ocorrera.

Hunter começou a datilografar tudo. Resolveu omitir a parte sobre o seu medo de ejacular precocemente. Tais detalhes não eram necessários. Afinal, não estava tentando ser James Joyce ou Henry Miller. Decidiu se concentrar apenas no que era relevante e verdadeiro.

— Você disse que o objetivo era me levar a cinco minutos — comentara ele.

— Dez minutos, Chet, dez minutos — respondera Gayle. Hunter recomeçou a datilografar.

Escrevera mais depressa ao se aproximar das melhores partes, omitindo apenas umas poucas linhas do que acontecera.

— Você vai se divertir muito, Chet — prometera Gayle. — Terá a penetração como sempre desejou. A posição masculina superior, com o intercuro sexual completo.

Ele escrevia ainda mais depressa.

— O que estamos esperando? — indagara Gayle.

Ela demonstrara algum tesão, refletiu Hunter, talvez não tanto quanto Suzy, mas ainda assim, era muito bom, para uma parceira sexual paga.

Recordando a penetração, ele engoliu em seco e transcreveu os detalhes da cópula. Recordou o que acontecera depois.

— Quanto tempo passou até eu gozar?

— Sete minutos. — Depois, Gayle acrescentara: — Mas não vou deixá-lo sair enquanto não tiver me penetrado por dez minutos. E isso vai acontecer.

Na segunda vez, ele tivera um desempenho melhor do que na primeira. Escreveu tudo.

Chet tirou a última folha da máquina de escrever e releu o texto. Era um datilografo metuculoso e só precisou fazer três correções.

Recostou-se, exultante, quando acabou de ler.

O relato não deixaria o promotor público muito alegre? E Scrafield? E, o que era mais importante, Otto Ferguson?

Mas, acima de tudo, haveria a reação emocionada de Suzy Edwards.

Pegando as folhas datilografadas, Hunter desceu apressado para fazer duas coisas. Primeiro, foi a uma loja e mandou tirar três fotocópias do relatório. Depois, foi ao serviço de mensageiros que havia no lado oposto da rua e despachou as cópias; uma para Hoyt Lewis, outra para o reverendo Scrafield, e a terceira para Otto Ferguson, do Chronicle de Hillsdale.

Era exatamente meio-dia quando ele concluiu o que tinha de fazer e voltou ao apartamento com o texto original, para esperar Suzy.

Ela chegou catorze minutos depois, beijou Hunter e o manteve a distância, tentando encontrar em seu rosto algo que satisfizesse sua curiosidade.

— Mas, afinal, o que está acontecendo, Chet?

— Isto. — Ele entregou o texto original e levou-a para sua poltrona. — Sente-se e leia o

relatório de minha última sessão de terapia.

Haviam se encontrado com freqüência durante as duas últimas semanas, mas Hunter evitara duas coisas: qualquer tentativa de fazer sexo com ela; era uma advertência que o doutor Freeberg fazia a todos os pacientes: nada de sexo fora da terapia (além do mais, Hunter tinha medo de outro fracasso com Suzy); e discussões sobre suas atividades com a suplente sexual e seu progresso, porque não sabia se o resultado final seria favorável.

Finalmente, Suzy saberia de tudo.

Hunter ficou perto de Suzy que, cada vez mais curiosa, começava a ler, a princípio devagar, e depois cada vez mais depressa. Quase ao final, ela passou a murmurar, várias vezes: — Maravilhoso... maravilhoso... maravilhoso... — Subitamente, ela acabou a leitura e se levantou, abraçando Hunter, extasiada.

— Meu bem, você conseguiu! — exclamou Suzy. — Oh, meu bem, deu certo, e agora você não tem mais nenhum problema!

O entusiasmo de Suzy deixou-o um pouco nervoso.

— Acho que sim, querida. Deu certo, mais ou menos... Ela não o deixou continuar.

— Mais ou menos? O que está querendo dizer com isso?

Consegui transar com aquela mulher maravilhosa não apenas uma vez, mas duas... ou melhor, três vezes. Por que está tão hesitante?

— Porque não tenho certeza de que os efeitos da terapia sejam duradouros. Gayle provou que eu podia conseguir com ela. Deu certo. Mas agora que ela me largou no mundo, como posso saber que dará certo com qualquer uma? Talvez não dê certo com outra mulher.

Suzy agarrou-o pelos braços e fitou-o nos olhos.

— Você está apaixonado por ela, Chet? Está?

— Claro que não! Estou apaixonado por você. Ela foi apenas uma professora. É você a mulher que eu amo.

Ela abraçou-o.

— Pois então mostre-me, Chet. Prove que ela o curou o bastante para transar comigo. Afinal, isso é tudo o que você deseja saber.

Vamos para a cama agora.

Ele parecia surpreso.

— Agora? Eu... eu preciso sair daqui a pouco. E você tem de voltar ao trabalho. — Uma pausa e ele acrescentou, contrafeito: — E o almoço?

— Ora, Chet, tudo isso não tem a menor importância. Há tempo suficiente para provar a si mesmo... e a mim...

Ele lhe deu um abraço apertado.

— Ei, não me leve a mal. Quero ir para a cama com você a qualquer momento, durante todo o tempo...

— Pois então este é o momento.

— Mas claro! — exclamou Hunter, começando a tirar a gravata.

Ela tirou a blusa, largou-a no chão, e encaminhou-se para o quarto.

— Venha comigo, Chet.

— Ei, menina, você está me deixando com o pau mais duro do que pedra!

Ele estava tentando tirar as calças quando Suzy o pegou pelo braço e disse: — Pois guarde

tudo para mim.

Um instante depois os dois estavam na cama, e ela murmurou: — Há muito e muito tempo que eu estava esperando por isso, querido.

Hunter teve alguma dificuldade para se controlar, mas todos os exercícios que fizera durante dias afloraram à sua mente. Devagar.

Toque, afague, acaricie. Devagar, bem devagar, vá despertando as sensações e o prazer, não tente provar coisa alguma.

Depois de uns cinco minutos de carícias preliminares, ele achou que já era o suficiente e concluiu que Suzy também concordava com ele, em razão dos gemidos que ela emitia.

Ela estava com as coxas abertas para recebê-lo, e ele se colocou por cima dela.

Nenhum pensamento de ejaculação precoce ou possível fracasso passou pela cabeça de Hunter. Ele penetrara na suplente sexual até o final, na noite anterior, não apenas uma, mas duas vezes; mantivera as ereções e controlara os orgasmos, pelo que lhe pareciam eternidades.

Não havia a menor possibilidade de não conseguir também com Suzy, a sua deslumbrante Suzy.

Seu pênis estava encostado na macia abertura vaginal.

E nada de espasmo, nada de esperma, apenas a ânsia de penetrá-la, unir-se a ela.

Sem a menor hesitação, ele seguiu em frente, foi até o fundo, sentindo apenas o calor dos dois corpos, enlaçados na primeira cópula.

Era finalmente o sonho da consumação, o momento de maior exultação que já experimentara em toda a sua vida.

Eles continuaram juntos. Nenhum dos dois tinha noção do tempo. Estavam conscientes apenas de que não ocorrera uma ejaculação precoce para lhes frustrar o prazer.

Quando a ejaculação ocorreu, foi no auge do prazer mútuo e normal pela primeira vez.

Depois, eles ficaram abraçados, aliviados, celebrando o que o futuro lhes reservava.

Descansaram um pouco, foram para o banheiro e tomaram um banho de chuveiro juntos; depois se vestiram.

— Vou fazer agora uns sanduíches para nós — anunciou Suzy.

— Faça apenas para você — disse Hunter. — Eu comerei depois.

Tenho um encontro marcado agora.

Ele se encaminhou apressado para a sala de estar, e Suzy seguiu-o.

— Qual é a pressa, Chet? Não quer relaxar e...

— Não posso — disse ele, pegando as últimas páginas do diário. — Vou me encontrar com o promotor.

— O promotor público? Está fazendo alguma pesquisa para ele?

— Já fiz — Hunter acenou com as folhas. — Ele vai prender Freeberg por lenocínio e Gayle Miller por prostituição... e precisa desta prova. Por isso, eu...

A expressão de Suzy era de intensa consternação. Ela correu para postar-se à frente de Hunter, bloqueando-lhe a passagem.

— Espere um instante, Chet. Quer dizer que ainda não sabe...

— Não sei o quê?

— Freeberg e Gayle foram presos esta manhã. Freeberg não estava muito preocupado depois que seu advogado, Kile, convenceu-o de que nenhum paciente testemunharia contra eles. Mas...

— Ela fitava Hunter nos olhos. — Está querendo dizer que é você quem vai prestar depoimento contra Freeberg, afirmando que ele é cafetão e Gayle, vigarista?

— É apenas um trabalho, Suzy. Alguém tem de ser testemunha, por isso eu providenciei as provas.

Ela estava atordoada.

— Você fez o quê? Não posso acreditar! — A fúria de Suzy estava começando a aumentar.

— Você deveria ser o homem que eu amo, mas descobri agora que não passa de um miserável.

— Ela respirou fundo. — Eu o encaminhei a Freeberg e a Gayle para que superasse seu problema. Em vez disso, aproveitou a oportunidade para investigá-los, para montar uma operação nojenta...

— Isso foi uma coisa secundária — explicou Hunter, constrangido. — Claro que meu verdadeiro objetivo era obter alguma ajuda e normalizar nosso relacionamento. Mas, no processo, obtive esta prova. — Ele tornou a acenar com os papéis que tinha na mão. — Sabe o que isso representa para nós? Significa que é agora uma questão política, e que tenho um emprego garantido no jornal de Ferguson. Nossa vida vai melhorar.

Ele tentou passar por Suzy, mas ela não saiu de sua frente.

— Você não vai a lugar nenhum. Se tentar, não precisa voltar.

Nunca mais vou querer vê-lo. Eu o considerarei a coisa mais repulsiva do universo. Pior do que um verme. Chet, você sabe o que está fazendo com eles... com o doutor Freeberg... com Gayle Miller... depois do que eles fizeram por você? Seu depoimento pode pôr os dois na cadeia, fazer com que Freeberg tenha sua licença cassada, arruinar a carreira de Gayle.

— Escute, por favor — suplicou Hunter. — As leis não são feitas por mim...

— Mas é você quem vai tentar provar que eles violaram a lei.

Você é a única testemunha. Como pode se virar contra eles?

Como pode destruir Gayle Miller, aquela mulher maravilhosa?

Acabei de ler o que ela fez por você. Pude também comprovar lá no quarto o que ela conseguiu. E, agora, você tentará provar que ela não passa de uma criminosa.

— Você sabe muito bem que nunca foi essa a minha intenção.

— Mas é o que conta agora. Chet... — Suzy o segurava pelos ombros. — ... você não pode... não pode fazer isso.

— Sinto muito, Suzy, mas já estou comprometido.

— Pois então trate de ficar descomprometido. — Ela arrancou as páginas de sua mão. — Chet, foi uma prostituta desclassificada que fez isso com você? Ou foi uma suplente sexual legítima, orientada por um terapeuta licenciado?

— Por favor, Suzy, não me prejudique. O tribunal irá decidir o que é certo ou errado. Tudo o que sei é que é certo para mim, para nós. Quero ser alguém, chegar a algum lugar.

— Não vai chegar a lugar nenhum, Chet! Como ser humano, você não é nada! Está se comportando como um rato!

— Suzy, pare com isso...

— Pode continuar o que está fazendo. Vai acabar surgindo uma oportunidade decente e você poderá progredir. Mas não assim.

Neste momento, você tem de viver consigo mesmo e comigo.

Como pode sequer pensar em denunciar as pessoas que fizeram tanto por você? Por favor,

Chet, pense a respeito disso. Pense muito!

Tony Zecca estava sentado à sua escrivaninha, na sala dos fundos do restaurante, aguardando que o telefone tocasse.

Fizera a chamada para Big Manny Martin, em Las Vegas, havia quase meia hora. Fora informado de que Manny deixaria sua suíte, mas voltaria em breve e ligaria para ele. Fora aconselhado a ficar sentado ao lado do telefone, esperando.

E ali permanecera ele, durante todo o tempo, especulando se fazia o que era certo, imaginando o que deveria dizer a Manny.

Não havia qualquer dúvida na mente de Zecca de que Manny faria qualquer coisa que ele pedisse. Zecca sempre mantivera o melhor relacionamento profissional com Manny e o sindicato.

Com sua cadeia de restaurantes, Zecca proporcionava uma cobertura perfeita para que eles lavassem o dinheiro ilícito e adquirissem uma legitimidade aceitável aos olhos do Serviço da Receita Federal. Em troca, o sindicato também o ajudara a crescer. Mas ele os ajudara ainda mais e em coisas mais cruciais.

Além dos negócios, prestara muitos outros favores ao sindicato, deixando que a cadeia de restaurantes funcionasse como um conduto para o tráfico de entorpecentes que vinham da América do Sul. Zecca não tinha a menor dúvida de que o sindicato lhe devia um favor, e que Manny era a pessoa a quem devia pedir a retribuição.

O que confundia Zecca era qual a retribuição que deveria pedir quando Manny ligasse.

Mas ele estava certo do seu objetivo final. Isso estava bem claro. Queria livrar-se do miserável doutor Freeberg, de um jeito ou de outro. Freeberg seduzira Nan e a estava mantendo escondida para umas trepadas seguras. Depois que Freeberg fosse eliminado, Nan estaria sozinha e perdida. Zecca não teria qualquer dificuldade para trazê-la de volta a seu controle.

O primeiro impulso de Zecca fora o de cuidar pessoalmente de Freeberg. Sempre andava com uma pistola 45, aonde quer que fosse; seria fácil transformar o doutor num cadáver. Alguma coisa, porém, levava Zecca a hesitar em cuidar sozinho de Freeberg. Não que ele fosse avesso a matar alguém que o prejudicava ou que se interpunha em seu caminho. Mas o fato é que não matava ninguém desde a época do Vietnam, porque sua fachada e o valor que tinha para o sindicato eram sua respeitabilidade. Caso provocasse alguma encrenca e se envolvesse com a polícia, perderia a utilidade para o sindicato, e talvez mesmo sua vida corresse perigo.

Chegara à conclusão de que era melhor que seu desejo fosse consumado pelo anônimo sindicato. Eles eram especialistas em casos assim e não deixariam qualquer pista para a polícia. Ele próprio permaneceria a salvo — com as mãos limpas —, livre para trazer Nan de volta à sua vida.

Por isso é que telefonara para Manny, em Las Vegas.

Agora, enquanto esperava pela chamada em resposta, só havia uma dúvida. O que exatamente ele queria pedir a Manny? Queria que Manny designasse um pistoleiro para liquidar a porra do doutor e dar sumiço no corpo? Ou queria que Manny mandasse um ou dois capangas bem fortes para dar uma surra em Freeberg, deixá-lo todo arrebitado, dizendo-lhe que saísse da cidade o mais depressa possível, se quisesse continuar vivo?

Tentando determinar o que deveria dizer a Manny, Zecca lançou um olhar furioso para o telefone e estendeu a mão para o exemplar do Chronicle que estava em sua mesa.

Quando ia abrir na seção de esportes, um título na base da primeira página atraiu sua atenção. Na verdade, o que chamou sua atenção foi o nome do doutor Arnold Freeberg, que aparecia no primeiro parágrafo da matéria.

Curioso, apressou-se em ler a notícia.

Ao terminar, recostou-se na cadeira giratória, com um sorriso de satisfação. O promotor público, Hoyt Lewis, estava processando um terapeuta sexual local, o doutor Arnold Freeberg, por usar suplentes sexuais femininas para curar seus pacientes.

Lewis prendera e fichara Freeberg e uma suplente sexual, cujo nome não fora revelado, por lenocínio e prostituição. Lewis levaria Freeberg a julgamento e acabaria com suas atividades em Hillsdale.

No dia seguinte o promotor público daria uma entrevista coletiva, apresentando detalhes do processo contra Freeberg.

O sorriso de Zecca se alargou.

Seu dilema acabara. A lei providenciara um meio perfeito de se livrar de Freeberg. O promotor faria o serviço por ele. Liquidaria a porra do doutor, e Zecca teria Nan de volta à sua cama, pelo tempo que quisesse.

Nesse instante o telefone tocou.

Era Big Manny Martin em pessoa, telefonando de Las Vegas.

— Olá, companheiro — disse Manny. — Tem alguma coisa importante para me falar?

Zecca engoliu em seco.

— Nada de muito importante, chefe. Talvez eu tenha exagerado no meu entusiasmo. Na verdade, não passa de rotina.

— Mas o que é, Tony?

— Hã... o embarque... a carga da Colômbia... chegou uma semana antes do prazo. Pensei que gostaria de saber para providenciar o recolhimento.

— Isso é tudo? Pegaremos a carga durante o recolhimento regular. Obrigado por ficar atento, Tony. Até a próxima.

Depois de desligar, Zecca tornou a se recostar na cadeira, aliviado.

Ainda bem que o promotor público faria o trabalho de Manny.

No dia seguinte, decidiu Zecca, ele acompanharia a entrevista coletiva de Hoyt Lewis.

Apenas um segundo antes de ser encaminhado à sala do promotor público, Chet Hunter sentiu alguma fraqueza nas pernas.

Tinha certeza de que não era de nervosismo pelo passo tão importante que estava dando, mas sim em virtude da exaustão provocada pela segunda ida para a cama com Suzy Edwards. Fora melhor do que na primeira vez, muito melhor, muito mais intensa.

Com os ombros empinados, sentindo-se forte e seguro, ele entrou no gabinete de Hoyt Lewis.

O reverendo Josh Scrafield, como era de esperar, estava ali, com uma expressão radiante. Hunter desviou-se para apertar a mão de Scrafield e depois continuou até a mesa de Hoyt Lewis.

O promotor estava de pé, com a mão estendida. Hunter apertou-a rapidamente.

— Meus parabéns! — Lewis bateu com a mão na cópia do último relatório de Hunter que estava em cima de sua mesa. — Um trabalho excepcional, perfeito.

— Obrigado — agradeceu Hunter.

— Eu estava ansioso para vê-lo, Chet — continuou o promotor. — Quero determinar nossa

estratégia, antes da entrevista coletiva de amanhã. Sente-se, sente-se. Temos muito que conversar.

Hunter permaneceu de pé, em silêncio. Lewis acomodou-se em sua cadeira.

— O mais importante é que você preste depoimento no tribunal, repetindo tudo o que escreveu no seu relatório. Não podemos perder esse caso. Você será uma excelente testemunha de acusação, uma testemunha incontestável. Hunter limpou a garganta.

— Infelizmente, não poderei sê-lo.

Hoyt Lewis ergueu a cabeça abruptamente, como se não tivesse ouvido direito.

— Como?

— Não vou me apresentar como testemunha de acusação.

Cheguei à conclusão de que o doutor Freeberg não é culpado de lenocínio, e Gayle Miller não está empenhada em prostituição.

Eles não devem ser processados. Estão realizando uma terapia legítima. São pessoas de bem e merecem que a sociedade lhes permita continuar em seu trabalho.

Hoyt Lewis sacudiu a cabeça com uma expressão de incredulidade.

— Perdeu o juízo, Chet? É impossível que eu tenha ouvido direito.

Hunter ouviu às suas costas o grito furioso do reverendo Scrafield.

— Você está louco ou o quê? — Scrafield avançou pela sala. — Freeberg pagou a você para fazer isso?

Hunter permaneceu calmo.

— Ao contrário. Eu paguei a Freeberg para me curar, e ele conseguiu.

Scrafield segurou as lapelas do paletó de Hunter.

— Volte atrás, seu traidor, e eu juro que torcerei seu pescoço!

— Largue-o — ordenou Lewis, estudando Hunter por um momento. — Talvez essa atitude seja uma aberração momentânea de sua parte, Chet. Não sei o que há por trás disso, mas você merece outra chance. Vai se ater ao que combinamos e ser minha testemunha principal?

— Não — respondeu Hunter. — Eu me recuso terminantemente a depor contra o doutor Freeberg e Gayle Miller.

— Não pode se recusar a testemunhar — insistiu Lewis, calmamente. — Isso é crime. Se não se apresentar para depor por livre vontade, então terei de intimá-lo.

— Pode fazer isso, e cumprirei a intimação. Mas não pode fazer com que eu seja uma testemunha favorável à acusação. A defesa ficaria feliz em me ver no banco das testemunhas. Preciso dizer mais alguma coisa?

O promotor ficou em silêncio, visivelmente furioso, enquanto Hunter arrematava:

— Creio que isso é tudo o que há para dizer. É melhor eu ir agora. Espero tornar a vê-lo um dia desses... mas que não seja no tribunal.

Ele virou-se e saiu da sala.

Avançando pelo corredor do prédio, Hunter experimentava uma profunda sensação de alívio. Não sabia como resistiria à pressão de Hoyt Lewis e do reverendo Josh Scrafield, mas descobrira que fora capaz de enfrentá-los. Não se acovardara.

Demonstrara coragem. Desconfiava, como Suzy sugerira, que devia a Gayle mais do que a restauração de sua sexualidade. Ao fazer isso, Gayle levava-o a recuperar a moralidade e a confiança em seu futuro. Estava satisfeito por não tê-la traído.

Teve a impressão de ouvir alguém gritar seu nome. Parou e virou-se, pensando que ia se deparar com Lewis ou Scrafield.

A pessoa que deixava o banheiro dos homens e o chamava não era Lewis nem Scrafield, mas alguém que ele esperara não tornar a ver.

— Chet — disse Otto Ferguson, adiantando-se —, eu precisava conversar com você. Tentei encontrá-lo em casa, mas depois presumi que você estaria aqui. A secretária de Lewis confirmou sua presença, e vim para cá o mais depressa possível, a fim de esperar sua saída. Pelo visto, teve uma reunião das mais difíceis.

— Tem toda a razão — respondeu Hunter, confuso pela presença do editor. — Foi uma reunião das mais difíceis.

— O que aconteceu? — indagou Ferguson, fitando Hunter nos olhos. — Disse a eles que seria a principal testemunha ou mudou de idéia?

Hunter ficou aturdido.

— Mudei de idéia. Recusei-me a cooperar com eles.

— Fico contente por isso. Se não o tivesse feito, nossa conversa não continuaria.

Hunter ficou completamente atordoado.

— Mas do que está falando, senhor Ferguson? Foi a sua sugestão que me meteu nessa confusão.

— Isso foi antes de eu conhecer o trabalho que o doutor Freeberg e suas suplentes sexuais estão realizando. — Ferguson tirou um maço de folhas de papel do bolso do paletó e acenou com elas para Hunter. — Agora eu sei.

— O que é isso?

— Seu relatório. O diário que me enviou esta manhã. Quando tudo começou, Chet, eu ainda estava desconfiado da operação de Freeberg, achava que a história poderia ser obscena demais para os nossos leitores. Foi por isso que o aconselhei a transformá-la numa questão política. Assim, seria válido publicar toda a parte sexual, ainda mais se o promotor público apresentasse acusações de lenocínio e prostituição. Mas eu estava enganado. Deixei-me equivocar pela ausência de informações. O espanto de Hunter era total.

— Não estou entendendo.

Ferguson sacudiu as folhas de papel à sua frente.

— Estou falando disto. Li com toda a atenção e fiquei impressionado. Você aparece como um sujeito decente, que precisa desesperadamente de ajuda, enquanto Gayle emerge como um anjo de misericórdia.

Hunter estava cada vez mais incrédulo.

— Mas... gostou da maneira como apresentei o tratamento das suplentes sexuais?

— Adorei! Tem todos os elementos para uma história perfeita...

um herói sofredor, dominado por conflitos interiores e pelo senso de derrota; uma linda heroína, capaz de fazer qualquer coisa para salvá-lo; depois o homem se encontra com a mulher, há algumas semanas de suspense, o homem é salvo, e tem-se um final feliz —

Ferguson fez uma pausa. — É tudo verdade, não é mesmo?

— Até a última palavra, senhor Ferguson.

— Há milhares e milhares de pessoas por aí sofrendo de disfunções sexuais, em silêncio, secretamente. Seu relato pessoal pode lhes oferecer uma chance de felicidade.

Hunter sentia a boca muito seca. Tinha dificuldade para respirar.

— O que está querendo dizer, senhor Ferguson?

— Que vou publicar sua história quase na íntegra, como uma série de artigos, com a sua assinatura. Posso lhe pedir que edite alguma coisa dos atos sexuais mais explícitos... usando alguns cortes criteriosos, uns poucos eufemismos, para tornar a matéria mais aceitável, mas sem distorcer nem comprometer a honestidade de sua narrativa.

— Vai me deixar editar?

— Claro que vou, depois que você estiver sentado à sua mesa no Chronicle. — Ele pegou a mão de Hunter e apertou-a. — Meus parabéns, Chet.

— Não posso acreditar...

Ferguson piscou-lhe um olho.

— À medida que ficar mais velho, meu filho, vai descobrir que a virtude às vezes compensa. Esteja em minha sala às dez horas, amanhã de manhã. Vamos discutir o seu salário. — Ele começou a se afastar, depois parou e virou-se. — Espero que tenha alguém que vá se beneficiar de sua sabedoria sexual recém-adquirida.

— Claro que tenho. Vamos nos casar.

— Espero que Gayle pegue o buquê jogado pela noiva. Depois que Ferguson saiu, Hunter continuou parado no corredor, atordoado pelo desenrolar dos acontecimentos.

Então ele começou a correr, à procura de um telefone, para avisar Suzy Edwards que agora poderiam se casar o mais depressa possível.

Hoyt Lewis estava sentado em sua sala, os cotovelos em cima da mesa, as mãos segurando a cabeça dolorida, a imagem da extrema desolação.

Uma hora antes ele era o homem mais feliz do mundo. Depois de ler o que Hunter descobrira e saber que ele estava disposto a ser a principal testemunha de acusação, seus sonhos mais delirantes de um futuro glorioso pareciam próximos da realidade.

Mas suas ambições haviam se dissipado como fumaça, por causa de uma testemunha sentimental, que se recusava a depor em seu favor.

— Repulsivo, absolutamente repulsivo — murmurou ele. O reverendo Scrafield, que continuava a andar de um lado para o outro, à frente da mesa de Lewis, furioso, assentiu com a cabeça.

— Tenho vontade de matar aquele filho da puta estúpido — resmungou Scrafield.

Lewis ergueu a cabeça, e se esforçou para se empertigar.

— Não há nada que possamos fazer agora. Hunter nos agarrou pelos colhões, por assim dizer. Devemos dar o caso por encerrado.

— E a entrevista coletiva que convocou?

— Terei de concedê-la, mas farei apenas um breve comunicado, declarando que estávamos desinformados sobre as atividades do doutor Freeberg e que retiramos as acusações. Terei de dizer que foi um equívoco, e que já providenciamos para que Freeberg e Gayle Miller sejam liberados.

Hoyt Lewis percebeu que Scrafield parará abruptamente à sua frente, e o fitava.

— Espere um instante — disse o reverendo, falando bem devagar.

— Creio que tenho uma idéia que pode ressuscitar nosso caso.

— E o que é?

— Você me lembrou de uma coisa. Essa Gayle Miller ainda está presa sob a acusação de prostituição, não é mesmo?

— Claro que está, embora isso ainda não tenha sido anunciado.

Mas não podemos fazer nada contra ela. Sem uma testemunha, não temos qualquer base para o processo.

— Eu disse que tive uma idéia — murmurou Scrafield. — E se eu apresentasse uma testemunha... uma testemunha duas vezes melhor do que Hunter?

Lewis estava alerta.

— Quem poderia ser essa testemunha?

— Nada menos do que a própria prostituta, Gayle Miller.

— Gayle Miller? Não estou entendendo.

— Disse que ela está indiciada por prostituição. E que ela ainda não sabe que não será levada a julgamento.

— Ela saberá amanhã, depois de minha entrevista coletiva, quando retirarmos as acusações.

— Mas ainda estamos no dia de hoje, e ela não sabe de nada. Vi sua ficha e me lembro de um detalhe. Ela solicitou uma bolsa de estudos da Universidade da Califórnia. Se por acaso se espalhar a notícia de que está sendo julgada por prostituição, ela perderá toda e qualquer possibilidade de conseguir a bolsa. A garota tem muita coisa em jogo.

— Aonde está querendo chegar, senhor Scrafield?

O reverendo contornou a mesa e parou ao lado do promotor.

— Hoyt, a tal Gayle sabe apenas que foi indiciada e será julgada como vigarista. Deve estar tremendo de medo. Aposto que ela daria qualquer coisa para escapar à prisão, ser inocentada, solta. E se eu procurá-la e lhe apresentar uma proposta? E se eu lhe oferecer uma oportunidade de recuperar a liberdade?

— Como conseguiria isso?

— Procurando Gayle esta noite e fazendo a seguinte proposta: "Você está indiciada, prestes a ser condenada, e ficará com a reputação arruinada. Mas há uma maneira de se salvar e sair dessa confusão como Miss Pureza. Torne-se testemunha de acusação, Gayle, venha para o nosso lado, preste depoimento contra Freeberg e suas prostitutas. Alegue que a convenceram a assumir esse tipo de vida, que Freeberg é culpado de lenocínio, e que as outras mulheres se comportam como prostitutas, e que você não quer mais saber disso. Seja nossa testemunha principal, Gayle, e o promotor vai retirar todas as acusações que existem contra você". O que acha disso, Hoyt? Faria um acordo desse com a mulher?

— Claro que faria. Tê-la como testemunha resolveria nosso problema. Pode conversar com ela antes da entrevista coletiva que darei amanhã?

— Esta noite mesmo — declarou Scrafield. — Conversarei com a nossa amiga Gayle esta noite.

— Acha que ela vai aceitar o acordo? — indagou Lewis, ansioso.

— Vai, sim — afirmou o reverendo, com uma expressão determinada. — Cuidarei para que ela o aceite.

CAPÍTULO 11

Ainda não eram oito e meia da noite quando o reverendo Josh Scrafield, que havia trocado o colarinho clerical por uma gravata azul de tricô, camisa branca e terno azul-marinho conservador, chegou à porta da casa de Gayle Miller. Ele notou que a luz acima da porta estava acesa.

Por um momento, Scrafield permaneceu imóvel, analisando com todo o cuidado como deveria abordar Gayle Miller.

Conseguir entrar para vê-la era a grande barreira. Depois que estivesse em sua sala de estar, ele tinha certeza de que não haveria problema. Seu esquema tinha de ser flexível, é claro. Dependia muito do tipo de mulher que ela era. Ele nunca a vira e, tirando o que estava no relatório de Hunter e no dossiê de Lewis, nada sabia a seu respeito. Houvera algumas indicações, no relatório de Hunter, de que se tratava de uma mulher atraente e franca. Mas também, Scrafield presumia, todas as mulheres que se dedicavam àquele ofício deviam ser atraentes e francas... ou pelo menos atraentes.

Entrar na casa era o passo principal, e Scrafield começou a sentir mais certeza de que tinha o meio para conseguir isso.

Ele apertou três vezes a campainha e esperou. Teve a impressão de ouvir alguém se aproximando da porta, e um instante depois uma voz abafada indagou: — Quem é?

O reverendo Scrafield chegou mais perto da porta.

— Estou aqui para falar com a senhorita Gayle Miller sobre uma questão profissional. É a senhorita Miller?

A porta entreabriu-se apenas o suficiente para deixar visível uma parte de Gayle.

— Sou Gayle Miller. Sobre o que deseja falar?

Por um instante, ao vê-la, Scrafield ficou surpreso demais para falar. Esperava encontrar uma mulher atraente, é claro, mas, pela natureza de seu ofício e pelo fato de ela ter sido presa por prostituição, julgava que depararia com alguém de beleza vulgar e rude. Em vez disso, o que ele via era uma jovem viçosa e adorável, exuberante e bela, que usava um roupão de seda verde-claro, que insinuava estar o corpo à altura do rosto.

— Tenho um assunto importante a tratar, senhorita Miller.

— Não posso imaginar que assunto... mas o que quer que seja, não pode esperar até amanhã? Tenho um encontro e preciso me vestir.

— Lamento, mas é um problema que precisa ser resolvido esta noite.

Gayle abriu a porta mais um pouco e olhou Scrafield com atenção. Tinha a impressão de conhecê-lo, mas não podia determinar de onde.

— Quem é você? — perguntou ela. — E que tipo de assunto...?

— Sou o reverendo Josh Scrafield.

— O evangelista? Eu o tenho visto na televisão. Achei que me parecia familiar. — Gayle fez uma pausa. — Sobre o que deseja falar?

— Sobre sua prisão esta manhã. Ela ficou surpresa.

— Como sabe disso? E por que acha que é da sua conta?

Scrafield sentia-se mais confiante.

— Fui convidado a servir como intermediário entre o promotor Hoyt Lewis e você. Para conversar sobre o processo que o promotor move contra você. Ele me pediu que viesse aqui esta noite para lhe apresentar uma proposta. Posso entrar?

Gayle abriu a porta.

— Muito bem, acho que devo ouvir a proposta. Entre. Com um sorriso satisfeito e agradecido, Scrafield entrou na modesta sala de estar.

Gayle indicou-lhe o sofá, mas Scrafield ficou parado onde estava por um momento, incapaz de desviar os olhos dela. A delicadeza de suas feições, as curvas do corpo jovem, tudo nela contradizia por completo o que lera a seu respeito no relatório erótico de Hunter. Aquela moça parecia uma virgem vestal, não a chocante e experiente suplente sexual que ele imaginara pela descrição de Hunter.

Ela puxara o roupão na frente, mas não pôde esconder do olhar de Scrafield o sutiã decotado e a calcinha sumária que usava.

— Eu estava começando a me vestir — disse ela. — Tenho um encontro daqui a pouco. Por favor, seja breve. Sente-se e me diga o que deseja.

— Obrigado, senhorita Miller.

Scrafield sentou-se à beira do sofá, especulando sobre o que teria acontecido ali. Observou-a puxar uma cadeira dobrável para se sentar à sua frente, cruzando as pernas bem torneadas por baixo do roupão de seda, tomando cuidado para não deixar os joelhos à mostra.

— Quer dizer que o promotor pediu que viesse me procurar? Ele tem alguma proposta?

Scrafield limpou a garganta.

— Exatamente.

— Quer me contar logo do que se trata?

— Claro. O promotor investigou seus antecedentes e atividades, o que é o procedimento normal, como deve compreender. Ele sabe, por exemplo, que você trabalhou como suplente sexual para o doutor Arnold Freeberg no Arizona, quando isso era ilegal. Os dois foram forçados a deixar aquele estado.

Gayle ficou irritada.

— O que ocorreu não foi bem assim, senhor Scrafield.

Ofereceram ao doutor Freeberg a oportunidade de continuar a praticar a terapia sexual sem a ajuda de suplentes. Ele achou que isso seria ineficaz e preferiu deixar o estado. Eu me propus a acompanhá-lo. Vimos para a Califórnia, onde pensávamos que as atitudes fossem mais liberais.

— Ela deu de ombros. — Obviamente, estávamos enganados.

Gayle fez uma pausa, fitando Scrafield nos olhos, antes de acrescentar: — Seja como for, o que isso tem a ver com o caso?

— Talvez não seja exatamente relevante para o seu caso atual, mas quero que tenha uma idéia do tipo de informações que o promotor conseguiu obter a seu respeito. Mais relevantes são sua situação atual e suas atividades no momento. Por exemplo, sabemos o que tem feito aqui em Hillsdale.

— Não é segredo. Os procedimentos de suplentes sexuais têm sido amplamente divulgados.

— Ela estudou o reverendo, cada vez mais furiosa. — A meu respeito, sobre o que estou fazendo... quem lhe contou?

Scrafield meneou a cabeça.

— Não me cabe revelar essa informação. O fato se tornará público quando for submetida a julgamento. Mas há outra informação de que o promotor dispõe e que pode ser ainda mais interessante para você.

— E qual é essa informação?

— Deseja fazer um curso de pós-graduação na Universidade da Califórnia. Não tem condições de fazê-lo sem uma bolsa de estudos. E solicitou-a há pouco tempo.

— Há alguma coisa de errado nisso? — indagou Gayle, com expressão beligerante.

— Não do ponto de vista do promotor. Apenas do seu. Porque assim que for divulgada a sua prisão por prostituição e for levada a julgamento, parece improvável que possa obter uma bolsa de estudos. — Scrafield fez uma pausa. — Isso pode prejudicar seu futuro. E o promotor Lewis deixou bem claro na conversa que teve comigo que não deseja prejudicar seu futuro.

Gayle parecia abatida.

— Aonde está querendo chegar?

Ela arriou na cadeira, os seios se mexendo e deixando Scrafield fascinado. Eram seios cheios, firmes, os melhores que já vira em muitos anos. Não era de admirar que Hunter fosse capaz de ter ereções com seios assim, pensou Scrafield, como também não era de admirar que Hunter não quisesse testemunhar contra ela.

Talvez ele estivesse esperando um bis com aquela criatura deslumbrante.

Scrafield não prestara atenção ao que Gayle estava dizendo.

Distraído, ele murmurou: — Hã... tem alguma coisa para beber, senhorita Miller? Estou achando a incumbência muito difícil e um drinque poderia torná-la mais fácil.

— Tenho uma garrafa de uísque escocês, mas não disponho de muito tempo. — Relutante, ela se levantou. — Está certo, vou lhe servir uma dose.

Ela começou a se encaminhar para a cozinha. As nádegas ondulavam. Scrafield sentiu uma comichão entre as pernas. Era inadmissível, e ele tentou ignorar sua reação.

— Sirva-me uma dose dupla, se não se importa, senhorita Miller.

— Está bem.

Ela voltou com o uísque sem gelo, entregou-lhe o copo e tornou a sentar. Enquanto Scrafield tomava o drinque em dois goles, Gayle disse, resoluta: — Aonde está querendo chegar? Diz que o promotor não quer me prejudicar. O que ele espera então ao determinar minha prisão?

Scrafield saboreou os efeitos da bebida.

— Assim está melhor. Obrigado. O que o promotor deseja? Ele determinou sua prisão para assustá-la, para fazê-la recuperar o bom senso. Mas não quer levá-la a julgamento, nem transformá-la num espetáculo público. Em vez disso, prefere convertê-la numa integrante útil da comunidade.

— Como? — indagou Gayle, desconfiada.

— Oferecendo um acordo que lhe permitiria retirar as acusações contra você, sem revelar seu nome.

A desconfiança de Gayle era cada vez maior.

— Que tipo de acordo?

— Ele me autorizou a informá-la de que todas as acusações contra você serão imediatamente retiradas se concordar em se tornar testemunha do Estado.

O rosto de Gayle exibiu um brilho de esperança. Mas ela permaneceu cautelosa.

— Testemunha do Estado? O que isso significa?

Através do roupão fino, Scrafield podia discernir os contornos das coxas, as linhas da calcinha. Ele fez um esforço desesperado para se concentrar.

— Ser testemunha do Estado é uma grande oportunidade de se juntar à acusação como testemunha do promotor.

Gayle se empertigou.

— Testemunha contra quem?

— Contra o réu, é claro — explicou Scrafield, suavemente. — Precisa apenas subir ao banco das testemunhas e admitir que cometeu todos os seus atos sob a orientação do outro réu.

Gayle estava furiosa.

— O outro réu é o doutor Freeberg?

— Isso mesmo. Ela se levantou.

— Quer que eu testemunhe contra o doutor Freeberg? Está louco?

— Estou apenas tentando ajudá-la — disse Scrafield, com ar inocente. — Só desejo livrá-la de uma situação difícil.

— Pondo na cadeira um homem maravilhoso e decente, um homem que nunca fez nada errado? Quer que eu me volte contra o homem que ajudou tantas pessoas, inclusive a mim?

Scrafield também se levantou, suplicante.

— Senhorita Miller... Gayle... seja razoável. O promotor e eu estamos lhe oferecendo uma oportunidade de permanecer livre.

Não teria de acusar Freeberg de coisa alguma no tribunal...

bastaria relatar, sob juramento, como ele lhe pagava para ter atos sexuais com estranhos.

— Espera mesmo que eu crucifique o doutor Freeberg... que o leve a ser condenado como cafetão...

— Por lenocínio — Scrafield tentou corrigi-la.

— Quer que eu me volte contra um dos melhores seres humanos que já conheci em toda a minha vida? Parece que perdeu completamente o juízo. Eu jamais faria isso. Prefiro passar o resto da vida na cadeia do que testemunhar contra ele.

— Ele é um proxeneta, Gayle — insistiu Scrafield, ainda controlado. — Não se sacrifique por um...

— E você não passa de uma porra de um santarrão hipócrita! — interrompeu-o Gayle, furiosa. — Agora, saia de minha casa com suas propostas nojentas! Não quero vê-lo nem ouvi-lo nunca mais! Seu filho da puta miserável, suma da minha frente!

Scrafield tremia, excitado por aquela linguagem vulgar. Por trás da fachada virginal, ela era uma vigarista rematada que se entregara por dinheiro e até mesmo de graça a dezenas e dezenas de homens.

— Você me ouviu! — berrou Gayle. — Saia daqui e me deixe em paz!

Scrafield encaminhou-se devagar para a porta, com Gayle em seus calcanhares.

— Por favor, reconsidere — murmurou ele.

— Suma da minha frente!

Enquanto ele estendia a mão para a maçaneta, Gayle virou-se, furiosa, e dirigiu-se para o quarto.

Scrafield abriu a porta para sair e olhou para trás. O que ele viu no quarto levou-o a bater a porta e permanecer na sala de estar.

Podia vê-la no quarto, tirando o roupão e jogando-o para o lado. Entre o sutiã e a calcinha sumária e transparente, seu corpo era mais sedoso do que o roupão. Ela ficou de frente para um espelho, e Scrafield teve uma visão geral; mesmo a distância, achou que podia divisar o triângulo escuro de pêlos púbicos.

Ele sentiu o coração disparar. Já tivera mulheres ao longo dos anos, muitas mulheres, inclusive paroquianas com casamentos infelizes, que idolatravam sua voz sonora e virilidade óbvia.

Também desfrutava com frequência, há vários anos, os favores de Darlene Young. Aceitava os serviços dela, embora ultimamente começasse a julgá-la um tanto gorda e velha para lhe proporcionar uma excitação autêntica.

Mas aquela vagabunda sensual era a mulher mais desejável que ele já conhecera. Não podia ir embora. Tinha de possuí-la. Ao final das contas, nada significaria para ela. Era uma mulher que já conhecera mil homens. Ele seria apenas o milésimo primeiro.

Quase às cegas, Scrafield avançou para o quarto.

Ele entrou, estava a poucos passos dela. Gayle se virará, exibiu-lhe as costas nuas. Ela se encaminhou para a cadeira, a fim de pegar uma saia.

— Gayle...

Sobressaltada, ela ficou imóvel; depois virou-se, os olhos arregalados.

— Você! — exclamou ela. — O que está fazendo aqui?

— Tentando argumentar contra você pela última vez. Por favor, Gayle, reconsidere... concorde em trabalhar comigo...

— Eu não o ajudaria por nada deste mundo! E agora suma daqui!

Ele estava hipnotizado pelo triângulo escuro que a calcinha mal escondia.

— Gayle... — Scrafield tinha dificuldade para falar. — Gayle, esqueça tudo o que eu disse antes... é outra coisa agora... jamais conheci alguém como você... posso cuidar de você agora, como nenhum homem jamais cuidou antes. — Ele estava se aproximando.

— Eu a tratarei como uma rainha, Gayle. Você será uma rainha... não terá de ser uma puta comigo...

— Não sou uma puta! — berrou ela. — E fique longe de mim!

Mas Scrafield estava em cima dela, com os braços levantados.

Gayle desferiu um golpe com a mão aberta, tentando acertá-lo no rosto. Mas ele segurou-a pelos pulsos, baixando suas mãos para os lados do corpo. Manteve-as comprimidas contra as coxas, respirando em cima de sua boca contorcida.

— Sabia que você não passa de uma putinha? Trepou com todos os homens que seu cafetão lhe mandou. Posso provar isso. Posso provar que trepava todos os dias. E agora vou lhe dar a oportunidade de trepar com um homem de verdade, que sabe como tratar uma puta...

Ele soltou-lhe os pulsos. Antes que ela pudesse se desvencilhar, ele agarrou-a pelos ombros. Arrastou-a para o lado da cama e empurrou-a para baixo, de costas. Desesperada, ela tentou escapar, mas Scrafield golpeou-a com os punhos cerrados, deixando-a semi-inconsciente, gemendo.

Jamais desviando os olhos dela, ele tirou o paletó, as calças e as cuecas. Seu pênis ereto, que

Gayle contemplou horrorizada, saltou para a frente.

Os dedos de Scrafield engancharam-se no sutiã, e o arrancaram. As mãos enormes desceram para o elástico da calcinha.

— Não, não, não... — suplicou ela.

Gayle tentou se levantar e resistir, mas ele acertou-a na cabeça com um murro, tornando a derrubá-la na cama.

Ela tentou manter as coxas fechadas, mas não adiantou.

Scrafield segurou suas pernas e abriu-as com as mãos fortes. Ela tentou resistir, mas a força descontrolada do reverendo era muito superior à sua.

Por um instante, ele saboreou a extensão dos pelos que cobriam o púbis.

Pegou o pênis rijo com uma das mãos, preparando-se para penetrá-la... e foi nesse instante que os dois ouviram um estalido metálico na sala de estar.

Não podia haver qualquer dúvida: era o som de uma chave girando na fechadura, a porta da frente sendo aberta.

— Paul! — berrou Gayle, com toda a força de que era capaz. — Socorro, Paul!

Ao som de passos, Scrafield empertigou-se e virou-se, enquanto Brandon entrava correndo no quarto. Num segundo, Brandon percebeu o que estava acontecendo, e se jogou em cima de Scrafield.

Agarrou o reverendo pela garganta, mas ele desvencilhou-se com suas mãos poderosas.

— Seu filho da puta nojentto! — berrou Brandon, segurando o reverendo pela camisa, empurrando-o para a sala, acertando-lhe um soco na cabeça e jogando-o no chão.

Gayle rolou na cama, pegou o telefone, e ligou para a Central de Polícia, gritando pelo fone:

— Emergência! Estupro! Ele ainda está aqui! Chame a polícia!

Chame a polícia!

Ela estava gritando seu endereço, enquanto Brandon desaparecia na sala de estar, atrás de Scrafield.

Ali, levantando-se, meio nu, Scrafield esperava pela investida de Brandon.

Os dois se atacaram, esmurrando-se pela sala, derrubando mesinhas e abajures, grunhindo e gritando.

Eles circularam pela sala, interminavelmente, golpeando um ao outro com toda a força, às vezes acertando, outras errando, mas lutando o tempo todo.

Embora ofegante, Scrafield, mais bem treinado, mais forte, começou a recuperar o controle.

Viu o homem mais jovem atacá-lo mais uma vez, esquivou-se, aparou o golpe, depois acertou um direto, com toda a sua força, no queixo de Brandon, que baixou os braços e cambaleou para trás.

Scrafield atacou, martelando com os punhos o rosto já sangrento de Brandon.

Brandon caiu de joelhos, atordoado.

Scrafield acertou um chute em sua cabeça, derrubando-o no chão.

Sem perder mais tempo, o reverendo levantou as calças, enquanto cambaleava na direção da porta.

Abriu-a no instante em que dois homens de uniforme azul saltavam de uma radiopatrulha e subiam correndo pelo caminho.

Os dois guardas o agarraram pelos braços.

— Espere um instante, companheiro! — gritou-lhe o guarda mais alto. — Aonde pensa que vai?

— Eu... eu...

Scrafield descobriu que não conseguia falar.

— Recebemos a informação de que houve um estupro aqui — disse o outro guarda.

— O estuprador está lá dentro — balbuciou Scrafield.

— Pois então vamos entrar e ver...

— Não! — berrou Scrafield, tentando se desvencilhar.

—... e se você não quiser, vai direto para a delegacia — arrematou o guarda mais alto.

Nesse instante, Scrafield percebeu que o outro guarda puxara suas mãos para trás e o algemara.

Ele ficou inerte, desistindo de qualquer resistência.

No início da manhã seguinte, quando o promotor público Hoyt Lewis entrou na sala de recepção de seu gabinete, encontrou o doutor Freeberg, assim como Gayle Miller e um jovem que ele não conhecia, à sua espera. Lewis parou, formulando um pedido de desculpas.

— Desculpem-me, não devia acordá-los tão cedo, mas achei que era importante que nos reuníssemos antes que o dia se torne muito ocupado. Por favor, vamos para a minha sala.

Eles se levantaram, e Gayle, que estava segurando a mão do jovem, disse: — Senhor Lewis, este é meu namorado, Paul Brandon. Importa-se se ele entrar conosco?

— Claro que não — respondeu Lewis, muito afável.

Depois que todos estavam em sua sala, ele gesticulou para que se sentassem e instalou-se em sua cadeira giratória. Olhou para Gayle e disse:

— Lamento muito o que aconteceu ontem à noite, senhorita Miller. Deve ter sido terrível.

— E foi mesmo — afirmou Gayle, em tom brusco. — Tive sorte, pois Paul... Paul Brandon... chegou na hora exata. O que vai acontecer com aquele horrível pregador?

— Falaremos sobre isso daqui a pouco. Antes, tenho outro assunto a tratar.

Lewis pegou sua pasta, ajeitou-a nos joelhos, abriu-a e tirou dois manuscritos.

— Sabe o que é isto? — perguntou ele a Freeberg. — É um diário, duas cópias de um diário, feito por um paciente durante a terapia.

Foi a base para que eu processasse o senhor e a senhorita Miller.

Quer saber quem escreveu e nos entregou este diário?

— Quem foi? — indagou Freeberg.

— Um paciente da senhorita Miller, Chet Hunter.

— Chet Hunter? — repetiu Gayle, incrédula. — Mas ele não podia, não faria...

— Ele o fez — declarou Lewis.

— Filho da mãe! — murmurou Brandon. Lewis levantou a mão, num gesto apaziguador.

— Ele não é o único culpado. Teve a idéia, é verdade, mas fui eu... com o apoio do reverendo Scrafield... quem lhe deu o sinal para ir em frente e executar a operação traiçoeira. Com esta prova nas mãos, determinei a prisão de vocês.

Gayle estava furiosa.

— O que vai acontecer conosco agora? Vai mesmo nos levar a julgamento?

— Isso também pode esperar um pouco, se não se importa — disse Lewis. — Antes de responder, preciso saber de uma coisa.

Ele inclinou-se por cima da mesa, entregou uma cópia do relato de Hunter ao doutor Freeberg e outra a Gayle Miller, antes de acrescentar: — Gostaria que os dois lessem o diário de Chet Hunter e me informassem se sua descrição da terapia de suplente sexual é acurada.

— Um momento, por favor — protestou Freeberg. — Se esta é a prova contra nós e deseja que a confirmemos, eu quero que meu advogado esteja presente.

— Não vai precisar de seu advogado, doutor Freeberg. Tem a minha palavra de que qualquer coisa que diga não será usada contra o senhor. Tudo o que quero é que leia e me diga se o relato é acurado. — Lewis levantou-se. — Darei alguns telefonemas da sala de minha secretária. Estarei de volta dentro de meia hora.

Hoyt Lewis saiu e só retornou à sala meia hora depois, indo sentar-se de novo atrás de sua escrivaninha.

— E então? — perguntou ele.

— A parte que se refere a mim, à minha participação, é perfeitamente acurada — respondeu Freeberg.

Gayle pôs sua cópia em cima da mesa.

— Ele também reproduziu com precisão tudo a meu respeito.

— Obrigado — agradeceu Lewis. — Agora vou explicar por que os chamei aqui. Quando li pela primeira vez o relatório de Hunter, foi de maneira apressada e com muito preconceito. Estava apenas procurando a prova para um caso sensacional, não a verdade.

Ontem à noite, antes de o chefe de polícia me telefonar para comunicar o violento ataque do reverendo Scrafield à senhorita Miller, comecei a mudar de idéia sobre a narrativa de Hunter.

— Como assim, senhor Lewis? — perguntou Freeberg.

— Para ser franco, senti-me envergonhado de mim mesmo, de meu papel em toda essa história. Hunter deveria ser nossa principal testemunha contra vocês. Mas ele ficou tão comovido pelo que a senhorita Miller fez para ajudá-lo que recuou e saiu do caso. Eu estava disposto a recuar também. Mas quando Scrafield sugeriu procurar pessoalmente a senhorita Miller, apresentando-lhe uma proposta estapafúrdia, eu concordei com o plano. Depois de Scrafield ter se retirado comecei a me sentir apreensivo com toda a história. Foi quando reli o relato de Hunter sobre a terapia... e dessa vez o fiz com toda a atenção. Tive uma percepção melhor do trabalho de vocês, uma compreensão maior daquilo que estão fazendo. Desejei muito chamar Scrafield de volta, mas era tarde demais. Ele já estava em sua casa, senhorita Miller.

Hoyt Lewis fez uma pausa.

— Mais uma vez, quero dizer que lamento muito o que aconteceu ontem à noite. Assumirei minha parte da culpa. Por isso, creio que devem dar sua opinião sobre o que se deve fazer com o reverendo Scrafield. Depois que isso estiver acertado, passaremos a falar sobre o futuro de vocês. Mas, antes, como vou me encontrar com Scrafield dentro de meia hora, o que querem que eu faça com ele, doutor Freeberg, senhorita Miller, senhor Brandon? O que se deve fazer com o reverendo Scrafield?

Durante dez minutos, depois de o doutor Freeberg, Gayle Miller e Paul Brandon saírem, o promotor público Hoyt Lewis permaneceu sentado em sua sala, sozinho, esperando pelo próximo visitante. Olhou para a porta no instante em que foi aberta, e o reverendo Josh Scrafield entrou.

Lewis esperava que o reverendo assumisse uma atitude empertigada e um comportamento agressivo, como o de uma vítima inocente. Não ficou surpreso ao constatar que a postura de

Scrafield era exatamente a que previra.

— Estou contente por você me receber — disse Scrafield, atravessando a sala com movimentos vigorosos.

Lewis não se levantou para cumprimentá-lo e não lhe ofereceu a mão para um aperto. Limitou-se a acenar com a cabeça para a cadeira vazia que se achava ao lado da mesa e esperou que Scrafield se instalasse, antes de falar: — Eu queria ser o primeiro a lhe dizer isto: Scrafield, você não passa de um estúpido idiota.

O reverendo não perdeu a compostura.

— Escute aqui, Hoyt, a história é muito diferente.

— Li o registro da ocorrência. Tive uma longa conversa com as duas testemunhas, a senhorita Miller e o senhor Brandon...

— Não acredita realmente que tentei estuprá-la, não é mesmo?

— Claro que não. Você estava apenas querendo dizer que lamentava atormentá-la.

— Tem de ouvir o meu lado da história.

Hoyt Lewis assentiu com a cabeça.

— E por isso que você está aqui, Scrafield. Para que eu possa ouvir a sua versão antes de prendê-lo.

Ignorando a ameaça, Scrafield empertigou-se e, com a ansiedade tão bem conhecida dos espectadores de seu programa de televisão, começou a apresentar sua defesa numa voz cativante e melodiosa:

— Hoyt, quero que me ouça com toda a atenção e imparcialidade. Você pode não acreditar, mas fui procurar Gayle Miller com a única intenção de cumprir a missão que combináramos. No instante em que apresentei a proposta, a senhorita Miller perdeu a cabeça, reverteu a seu tipo vulgar. Não apenas recusou a veemência, mas também passou a nos insultar, com as invectivas mais sórdidas que já ouvi. Imagino que eu não deveria esperar nada melhor da parte dela, mas a verdade é que esperava e fiquei consternado, para dizer o mínimo.

Scrafield fez uma pausa, observando o promotor, para avaliar o efeito de seu relato. Mas o rosto de Hoyt Lewis não deixava transparecer qualquer reação. Scrafield apressou-se em continuar: — Quando compreendi que não conseguiria coisa alguma com ela, resolvi ir embora. Estava me preparando para sair quando a vagabunda mudou de tática. Começou a se comportar de maneira provocante. Estava quase nua e se oferecendo para mim. Eu lhe disse que se comportava como uma prostituta, e que isso de nada adiantaria. Ela se aproximou e murmurou: "Tenho uma idéia melhor, se você quiser conversar". Ela me levou para o quarto...

claro que eu deveria prever o que aconteceria a seguir... e disse que não seria testemunha do Estado contra Freeberg, mas poderia fazer outra coisa. Disse que tinha uma contraproposta. Se eu pudesse convencer você a livrá-la, ela me daria uma trepada grátis, por conta da casa. Pode estar certo de que fiquei atordoado...

Hoyt Lewis interrompeu-o: — Não acredito em você, Scrafield. Não acredito em nada do que está me dizendo. Se ela estava lhe oferecendo uma trepada por conta da casa, por que brigava com você quando o namorado apareceu? Por que chamou a polícia? E por que a polícia encontrou você saindo de lá às corridas, ainda fechando as calças?

O reverendo Scrafield ficou um pouco abalado.

— Hoyt, estou lhe dizendo que Gayle não passa de uma vagabunda mentirosa, e seu

namorado está de conluio com ela.

Hoyt Lewis avaliou Scrafield com frieza.

— Em suma, quatro pessoas mentiram, enquanto apenas você está dizendo a verdade.

— Pelo amor de Deus, Hoyt, não vai aceitar a palavra dessa sem-vergonha contra a minha, não é mesmo? Você mesmo concordou que ela era uma prostituta...

— E estava enganado, redondamente enganado, desde o início, admito isso agora — declarou Hoyt Lewis. — Reconheço que você fala muito bem, é envolvente com as pessoas. Desde o começo foi bastante insinuante para se aproveitar da minha única fraqueza... a ambição. Isso mesmo, eu me deixei ser atraído por você para esta confusão. E comecei a lamentar plenamente quando o mandei falar com Gayle Miller ontem à noite. Tenho lamentado cada vez mais, desde então. Você pode não gostar do que ela faz com os homens, para curá-los... talvez isso me deixe também um pouco contrafeito... mas é um problema meu, não de Gayle. Ela é treinada. É honesta. Acredita no que está fazendo. O que ela faz é útil para muitas pessoas que precisam de ajuda. Não é absolutamente uma prostituta, e admitirei isso para a imprensa, durante a entrevista coletiva que darei esta tarde. — Lewis fez uma breve pausa para respirar. — Você e eu é que agimos como prostitutas, tentando usar o corpo de Gayle para promover nossas ambições. Estou disposto a confessar isso em público. Você também está disposto a isso?

— Não há nada para confessar.

A obstinação de Scrafield deixou Lewis ainda mais irritado.

— Scrafield, você não passa de um hipócrita nojentoso e foi apanhado com as calças na mão. Provarei isso no tribunal.

Mais uma vez, Scrafield assumiu seu tom persuasivo.

— Não quero ir a julgamento, Hoyt. Mesmo que eu vencesse, estaria destruído pelo resto da vida.

Lewis meneou a cabeça.

— Nunca pensei que diria isto para um clérigo: Scrafield, estou cagando para o que você queira ou deixe de querer.

O tom persuasivo de Scrafield não se alterou.

— Hoyt, você tem de demonstrar alguma bondade. Confessou uma fraqueza. Muito bem, estou disposto a confessar a minha. Às vezes, como todos os seres humanos, eu sofro de luxúria. — Ele se inclinou para a frente. — Hoyt, não se esqueça de que estávamos juntos nisso. Você me deve alguma coisa.

— Não lhe devo absolutamente nada. Mas se acha que devo... pode dizer o que deseja.

— Quero apenas que não me obrigue a ir a julgamento. Lewis fitou-o nos olhos.

— Você quer que eu deixe um estuprador em potencial à solta em Hillsdale?

— Você sabe muito bem que não sou um estuprador. Foi uma aberração fugaz, mas não sou um estuprador.

— Duvido muito de que algum júri concordasse com você.

— Hoyt, farei qualquer coisa para evitar o julgamento. Lewis ficou em silêncio por um momento, com uma expressão pensativa.

— Qualquer coisa?

— Isso mesmo, qualquer coisa.

— Talvez então haja uma alternativa, que estou considerando apenas para poupar a cidade de um julgamento dispendioso e evitar a desilusão de seu rebanho. — Lewis tornou a ficar em silêncio por um momento, imerso em seus pensamentos. — Estou disposto a retirar a acusação contra você se deixar Hillsdale e o estado da Califórnia para sempre.

— Ora, Hoyt, isso equivale a me dizer que a alternativa é a guilhotina. Minha vida é aqui. Tudo o que tenho está aqui.

— Como quiser. Pode designar alguém para cuidar de seus bens até sair da cadeia.

Scrafield baixou os olhos para o tapete. Assim ficou por algum tempo. Quando ergueu a cabeça, disse sem rodeios: — Vai retirar a acusação de estupro se eu deixar a cidade?

— E esse o conselho que lhe dou.

— Não tentará me trazer de volta?

— Para ser franco, não quero vê-lo nunca mais. Você poderá reconstruir sua vida em qualquer outro lugar, desde que não seja na minha jurisdição. Devo dizer que essa alternativa não é idéia minha. Chamei as duas testemunhas, junto com o doutor Freeberg, para ouvir sua história. Depois, perguntei o que achavam que eu deveria fazer com você. Eu era favorável a metê-lo na cadeia. O

doutor Freeberg achou que isso era o melhor. O namorado de Gayle, Brandon, era de opinião de que você deveria ser pendurado pelos colhões. Gayle foi mais caridosa. Sugeriu que você fosse exilado. Achava que seria punição suficiente. Demonstrou alguma compaixão. Disse que conhecia os homens. Sabia que muitos estariam dispostos a vender a própria alma, a renunciar a qualquer coisa, para ter sexo com uma mulher cobiçada. Compreendendo isso, Gayle estava disposta a perdoar e esquecer. Ela é uma verdadeira cristã, enquanto você não passa de uma fraude. Por isso, atenderei à sugestão dela.

Scrafield suspirou. Parecia mais um grasnido.

— Bem... acho que não tenho opção, a não ser aceitar.

— Não tem mesmo opção... e só dispõe de quarenta e oito horas para arrumar suas coisas e deixar a cidade.

— Está certo, Hoyt. — Scrafield balançou a cabeça. — Farei isso.

Não adiantava resistir.

Tinha de fazer o que lhe era ordenado, sair da frente de Hoyt Lewis. Mas, ao se levantar, Scrafield sabia que a história ainda não chegara ao fim. Ainda não estava disposto a deixar a cidade.

Tinha um problema inacabado para resolver. Uma raiva intensa o agitava. Gayle Miller e Paul Brandon, os dois haviam-no liquidado. Scrafield não acabara com eles. Um dos dois teria de pagar.

E pagaria.

Essa era sua obsessão quando virou as costas ao promotor e saiu da sala, em busca de sua vingança.

Como era uma tarde quente e ensolarada, e como o jornal da manhã anunciara a iminente entrevista coletiva do promotor público Hoyt Lewis, que prometia ser um tremendo escândalo, uma considerável multidão reuniu-se no prédio municipal de Hillsdale.

As portas de vidro do prédio davam acesso a um terraço de concreto largo, com dois semicírculos de sebes nas laterais; chegava-se a esse local descendo-se seis degraus largos. No

centro do terraço havia um pequeno palanque, com um microfone, ligado ao sistema de alto-falantes. A esquerda, havia quatro fileiras de cadeiras dobráveis, já ocupadas por repórteres, de toda a Califórnia e de outros estados do oeste. Por trás deles havia câmaras de televisão e representantes de emissoras de rádio, que carregavam seus microfones e gravadores portáteis.

Descendo do terraço, mais doze degraus largos iam até a calçada e a rua. Ali estavam pelo menos uns duzentos cidadãos curiosos, espalhados pela rua, mantidos em ordem por meia dúzia de guardas uniformizados, postados à sua frente.

A entrevista coletiva fora marcada para as duas horas da tarde.

Exatamente um minuto antes das duas horas, o promotor público Hoyt Lewis emergiu do saguão do prédio e desceu bem devagar para o terraço.

Observando-o, Tony Zecca deslocou o peso do corpo de um pé para o outro, inquieto, na segunda fileira de espectadores. Era o momento que Zecca aguardava com uma sombria satisfação. Era evidente que a entrevista coletiva fora convocada para anunciar que o miserável do doutor Freeberg seria levado a julgamento por uma acusação criminal. Muito em breve Freeberg estaria fora do caminho e, depois de passar uma temporada na cadeia, provavelmente seria forçado a deixar Hillsdale. Zecca teria então Nan Whitcomb de volta, só para si. Ele pensou no reencontro e na reconciliação. Especulou se primeiro deveria punir Nan de alguma forma, antes de aceitá-la de volta, como uma lição, ou se deveria ser magnânimo e perdôá-la por seu capricho. Por enquanto, ele tendia para a segunda alternativa. Significaria uma trepada melhor na primeira noite em que ela voltasse à sua cama.

Mais uma vez, Zecca concentrou sua atenção no promotor, que chegara ao palanque e estava ajustando o microfone.

Antes de começar a declaração, Hoyt Lewis olhou ao redor e teve a impressão de reconhecer várias pessoas.

Distraído por um instante, Zecca perscrutou a multidão, procurando Nan. Até onde podia ver, não a encontrou.

Ouvindo as pequenas reverberações do microfone, Zecca tornou a concentrar sua atenção no promotor. Hoyt Lewis finalmente começou a falar: — Convoquei esta entrevista coletiva com uma intenção diferente. Desde então, diversos fatos chegaram ao meu conhecimento e me obrigaram a alterar o conteúdo de meu pronunciamento. Pensei em cancelar a entrevista, mas depois resolvi realizá-la para esclarecer o assunto e não permitir que falsos rumores circulem.

"Como muitos de vocês já sabem, os meios de comunicação divulgaram a notícia de que meu gabinete iniciou uma investigação de um novo estabelecimento médico que foi inaugurado em nossa cidade. Trata-se da Clínica Freeberg. O fundador e diretor é um psicólogo licenciado, especialista em problemas sexuais, o doutor Arnold Freeberg. Ele usa parceiros substitutos ou suplentes sexuais... principalmente do sexo feminino... para orientar e dar instruções pessoais a seus infelizes pacientes.

"Depois de uma investigação preliminar de suas atividades, cheguei à conclusão de que o doutor Freeberg e suas suplentes sexuais haviam violado as leis do Estado sobre lenocínio e prostituição.

"Como alguns dos presentes já sabem, anteontem determinei a detenção do doutor Arnold Freeberg e de uma de suas suplentes sexuais.

"Desde ontem, porém, outros fatos que antes eu ignorava chegaram ao meu conhecimento.

Em decorrência disso, compreendi que as prisões haviam sido um erro lamentável. Um erro meu. Talvez eu tenha agido contra os acusados de maneira precipitada, em meu empenho de manter esta cidade limpa e em ordem.

"Seja como for, estou agora convencido de que o doutor Freeberg e suas assistentes realizam um trabalho dos mais valiosos para nossa comunidade. Por isso, desejo declarar que nem as atividades do doutor Freeberg nem as de suas suplentes sexuais se enquadram em nossas leis contra o lenocínio e prostituição. Assim, as acusações contra eles foram retiradas.

"Não posso encerrar esta entrevista coletiva sem apresentar um pedido de desculpas público ao doutor Arnold Freeberg."

O promotor virou-se e levantou a mão para chamar alguém que estava parado à entrada do prédio. O doutor Freeberg desceu para juntar-se a Lewis. Sorrindo, o promotor apertou a mão do terapeuta.

— Doutor Freeberg, quero reconhecer em público o desserviço que lhe fiz e, neste momento, pedir desculpas ao senhor e à sua equipe.

O doutor Freeberg retribuiu o sorriso.

— Quero lhe agradecer do fundo de meu coração por seu esforço generoso para reparar um erro. Muito obrigado.

Acenando para a multidão, entre alguns aplausos, o doutor Freeberg começou a descer os degraus, para se juntar aos espectadores.

Depois de ouvir e ver o que acontecera, Tony Zecca permaneceu imóvel, com o rosto vermelho de raiva.

O que ocorria diante de seus olhos era o maior crime que já testemunhara.

Furioso, quase fora de si de tanto ódio, Tony Zecca só sabia de uma coisa.

Justiça... era preciso fazer justiça.

A mão direita de Zecca estendeu-se para o volume que havia no bolso do paletó.

E a justiça deveria ser feita.

Foi Paul Brandon, que se encontrava na primeira fila da multidão, quem primeiro percebeu que havia alguma alteração ocorrendo à sua esquerda.

No momento em que o doutor Freeberg se aproximava do último degrau, um homem baixo, forte, atarracado, visivelmente frenético, empurrou para o lado dois espectadores da fila da frente e se adiantou, levantando a mão direita.

Brandon ficou horrorizado ao perceber que a mão empunhava um revólver preto.

Talvez outras pessoas também tivessem visto o que estava acontecendo, porque soaram alguns gritos, e depois uma mulher berrou, em voz estridente:

— Não! Não faça isso, Tony!

A mão estava apontando a arma, o dedo puxava o gatilho. A arma disparou, uma, duas, três vezes. Aparentemente, foi o primeiro tiro que atingiu o doutor Freeberg. Ele levou as mãos ao peito, cambaleou, as pernas vergaram e ele caiu na beirada de um degrau de concreto; tentou se levantar e depois rolou pelos três degraus restantes até a calçada.

Antes que Brandon pudesse se juntar aos que já cercavam o doutor Freeberg, uma mulher atordoada emergiu da multidão, avistou-o e cambaleou em sua direção, agarrando-o pelo braço.

— Paul, detenha-o! — gritou ela. — É Tony! Foi ele! — Enquanto Paul virava a cabeça para olhar na direção indicada, Nan acrescentou: — Tome cuidado! Ele está louco!

Brandon foi abrindo caminho pela massa de espectadores chocados, empurrando as pessoas para os lados, até chegar a uma área aberta. Avistou Zecca.

Ele estava vinte metros à sua frente, fugindo pelo meio da rua.

— Lá está ele! — gritou Brandon para o guarda mais próximo, apontando em sua direção.

Mas Brandon percebeu nesse instante que dois outros guardas já estavam correndo atrás de Zecca.

Olhando para trás, Zecca viu que estava sendo perseguido.

Parou abruptamente, virou-se, levantou a arma e atirou contra os guardas.

Em sua precipitação, Zecca errou os tiros.

Os dois guardas, agachando-se, responderam ao fogo com mais cuidado e uma precisão mortífera. Um, dois, três, quatro tiros foram disparados contra Zecca. O impacto das balas levantou-o no ar; seus braços se agitaram, depois ele caiu como uma boneca de trapos e ficou estirado no meio da rua.

Quando Brandon alcançou-o, os dois guardas estavam inclinados sobre o corpo, examinando-o. Eles sacudiram a cabeça.

— Como está ele? — perguntou Brandon.

— Morto — respondeu o primeiro guarda, empertigando-se. — Um cara maluco, não é mesmo?

— Completamente doído — concordou Brandon.

Dez minutos se passaram antes que Brandon voltasse à base da escadaria, onde a multidão se abriu para dar passagem à ambulância.

Médicos haviam colocado o doutor Freeberg numa maca, levando-o para a ambulância.

Brandon compreendeu que Gayle o encontrara de alguma forma, e abraçando-o, chorava descontrolada. Ele apertou-a contra si e tentou descobrir o estado de Freeberg.

— Como está ele, Gayle? Vai viver?

— Não sei... Ele parece estar muito mal.

CAPÍTULO 12

A sala de reunião dos médicos, que se localizava no terceiro andar do Hospital Central de Hillsdale, estava ocupada pelos jornalistas, que esperavam o primeiro boletim a respeito do estado do doutor Arnold Freeberg, que fora levado para a sala de cirurgia, depois de ter sido baleado por Zecca.

Após circular entre seus novos colegas por algum tempo, Chet Hunter decidiu deixar a vigília da imprensa e voltar à sala de espera dos visitantes, que ficava na outra extremidade do corredor. Já estivera ali anteriormente e fora apresentado aos outros por Suzy e Gayle. Sentindo que tinha um relacionamento com o pessoal mais chegado ao doutor Freeberg, ele estava voltando à sala de espera.

Aproximando-se do centro cirúrgico, em cuja porta havia o aviso de PROIBIDA A ENTRADA, ele viu três pessoas sentadas em cadeiras dobráveis, no lado oposto. Reconheceu duas delas: a esposa do doutor Freeberg, Miriam, e o filho, Jonny. Havia também um homem de meia-idade, bem vestido. Hunter presumiu que fosse o antigo colega e atual advogado do doutor Freeberg, Roger Kile. Ao passar, Hunter sentiu-se tentado a interrompê-los para saber se já havia alguma notícia. Kile conversava em voz baixa com a senhora Freeberg, e, por suas expressões angustiadas, Hunter compreendeu que aquele não era o momento de abordá-los. Receberiam as notícias primeiro, e depois informariam as pessoas que estavam na sala de espera.

A entrada da espaçosa sala de espera, Hunter parou por um instante, esquadrinhando-a. Todas as cadeiras de vime e os dois sofás estavam ocupados, e o aparelho de televisão se achava desligado. Despercebidamente, Hunter analisou os seus ocupantes. Sentados em cadeiras, ao lado de um sofá, um homem e uma mulher estavam absortos em conversa. Ele sabia que eram Adam Demski e Nan Whitcomb. Junto deles, no sofá, estavam Paul.

Brandon, Gayle e Suzy Edwards. Por um instante, Hunter concentrou sua atenção em Brandon, Gayle. Brandon também era suplente sexual, como Gayle. E os dois eram muito chegados, segundo Suzy. Era estranho que dois suplentes namorassem firme, pensou Hunter. Como seria possível? Será que antes faziam todos os exercícios e carícias? É provável. Ou talvez não. "De qualquer forma", refletiu Hunter, "eu poderia escrever outros fascinantes artigos envolvendo os dois, dando seqüência a esse caso para o Chronicle, algum dia."

Os olhos de Hunter continuaram a examinar a sala. Lá estavam as outras suplentes sexuais, que já conhecera. Com sua excelente memória, pôde recordar os nomes: Beth Brant, Lila Van Patten, Elaine Oakes e Janet Schneider. Todos pareciam angustiados e muito preocupados com o destino do doutor Freeberg.

Hunter resolveu ir falar com Suzy.

Ele cruzou a sala de espera e foi postar-se à sua frente.

Inclinou-se para beijá-la e fitou-a com uma expressão inquiridora.

— Alguma notícia?

— Ainda não — respondeu Suzy. — Ouvi uma enfermeira comentar que pode demorar ainda mais meia hora. Depende do lugar em que a bala está alojada.

— Vamos cruzar os dedos — murmurou Hunter.

— Tenho certeza de que eles o salvarão, Chet. Deus não permitiria que um homem assim morresse.

— Que Deus ouça suas palavras — disse Hunter. — Acho que ficarei por aqui mais algum tempo. Quero ter uma conversa em particular com Gayle, se você não se incomodar.

— Sabe que não me incomoda.

Hunter deu dois passos para o lado e ficou à frente de Gayle Miller, que se achava sentada no sofá. Ela interrompeu a conversa com Brandon.

— Importa-se com a minha intromissão? — perguntou Hunter, dirigindo-se a Brandon. — Posso levar Gayle por alguns minutos?

Eu gostaria de ter uma conversa em particular com ela.

— Não se esqueça de que a está levando apenas por empréstimo — comentou Brandon, em tom jovial.

Hunter estendeu a mão e ajudou Gayle a se levantar.

— É sobre nós dois — murmurou Hunter. — Há um laboratório vazio, aqui ao lado. Parece um lugar seguro para conversarmos.

— Está bem.

Hunter levou Gayle para o corredor, depois abriu a porta do laboratório vazio e gesticulou para que ela entrasse primeiro.

Ele puxou dois bancos que estavam sob um balcão de fórmica próximo, ajudou Gayle a sentar-se num e instalou-se no outro, em frente a ela.

— Eu queria trocar algumas palavras com você, Gayle, antes que aconteça qualquer coisa.

— Pode falar, Chet.

— Sabe que Suzy é minha namorada, a pessoa que me encaminhou ao doutor Freeberg.

— Foi uma surpresa e tanto — comentou Gayle. — Você é um cara de sorte. Todos nós adoramos Suzy.

— Eu também a adoro. Mas não é sobre isso que eu queria lhe falar. Se não fosse por ela, eu continuaria a ser o desastre que sempre fui. O amor que sentimos um pelo outro é muito forte, e foi ela quem me encorajou a procurar o doutor Freeberg. Quando Suzy me falou sobre a clínica e o que estava acontecendo por lá, sobre você e as outras suplentes sexuais, esqueci qual era o seu verdadeiro propósito ao me confidenciar tudo. Foi quando fiquei completamente transtornado.

— Aonde está querendo chegar, Chet? Ele engoliu em seco.

— Sou o responsável por sua prisão e pela do doutor Freeberg.

— Eu já sabia disso. O promotor nos mostrou seu diário. Hunter balançou a cabeça.

— Lamento muito, Gayle. Sinto sinceramente. Não pretendia fazer mal a você ou ao doutor Freeberg. Não estava pensando no que poderia acontecer. Não era capaz de imaginar aonde minhas maquinações poderiam levar. Só pensava em mim mesmo e no meu futuro imediato. Fui vítima de uma ambição desmedida. Só podia ver a oportunidade de ter uma visão interna da clínica e de sua operação, de investigar o doutor Freeberg e suas suplentes sexuais, porque sabia que a reportagem me daria o emprego de repórter no Chronicle de Hillsdale. — Ele fez uma pausa. — Eu estava absorto demais em subir na vida.

Gayle meneou a cabeça.

— Às vezes isso acontece com todo mundo.

— Depois de ler o relatório, Suzy ficou furiosa e incutiu um pouco de bom senso em minha cabeça-dura. Por sorte, ela encontrou algumas células do cérebro que ainda continham um pouco de decência e moral. Ela me fez compreender o trabalho sério que vocês estão desenvolvendo... e eu queria lhe dizer isso e pedir o seu perdão.

— Tudo já foi perdoado há muito tempo. — Gayle sorriu para Hunter. — Você me viu como eu realmente sou... e o que eu sou, Chet?

— Um anjo da guarda.

— Ora, pare com isso. — Gayle levantou-se. — Sabe o que realmente sou? — Ela abriu a porta do laboratório. — Sou alguém que sabe usar o método do aperto.

Hunter soltou uma risada.

— O anjo do aperto.

— Isso mesmo — disse Gayle, deixando o laboratório.

Paul Brandon estava sentado no sofá, com o cachimbo apagado na mão, desejando poder fumar, quando viu Gayle retornar à sala de espera. Observando-a, ele admirou mais uma vez sua graça felina e tornou a desejá-la.

Levantou-se de um pulo quando ela chegou perto, e voltou a sentar-se no sofá junto com ela.

— Alguma notícia? — perguntou Gayle. — Ainda não.

— Oh, Deus, faça-o ficar bom!

Brandon acenou com a cabeça na direção do corredor.

— Sobre o que Chet Hunter queria lhe falar?

— Confissão. Expição. Purificação da alma. Chet queria apenas que eu soubesse que ele está arrependido. E agradecido a mim, você sabe por quê. — Ela fitou Brandon nos olhos. — O que você ficou fazendo na minha ausência? Observando as outras suplentes, à procura de alguma mais bonita?

— Como soube? Para dizer a verdade, era justamente o que eu estava fazendo. Olhe só para as pernas de Lila. Mas, para ser franco, prefiro mulher de pernas mais cheias, como as suas.

— Seu animal... Brandon ficou sério.

— No fundo, eu estava ouvindo a conversa. — Ele sentara-se de costas para Nan e Demski, que ocupavam as cadeiras que ladeavam o sofá. Indicou-os com um movimento de cabeça, baixando a voz ao acrescentar: — Especulava se eles seriam muito tímidos para fazerem contato depois de serem apresentados.

Gayle olhou além de Brandon.

— É evidente que eles não são tão tímidos assim.

— Observou-os durante a primeira meia hora, quando ficaram sentados lado a lado como dois índios de madeira? Eu estava perto quando Nan se tornou mais comunicativa. Ela fez algum comentário sobre o tempo.

Gayle continuou a observar os dois.

— Agora eles estão falando sem parar. Sobre o que estarão conversando?

— Talvez sobre nós.

— Talvez sobre si mesmos — sugeriu Gayle. — Seria bom se pudéssemos escutar.

Nan Whitcomb aproximara sua cadeira de vime da de Adam Demski, a fim de poder falar sem que os outros escutassem.

— Não — ela estava dizendo, em voz baixa —, não me importo de lhe contar como cheguei

ao doutor Freeberg. Tive um problema, e um médico recomendou-o. Eu tinha o que eles chamam de vaginismo.

Demski, aturdido, repetiu em silêncio a palavra.

— O que é isso?

— Espasmos musculares na área vaginal que tornam o intercurso sexual difícil e doloroso.

Demski corou.

— Eu... hã... eu acho que nunca ouvi falar a respeito disso.

Como... hã... aconteceu?

— Pode ter muitas causas, segundo o doutor Freeberg — explicou Nan. — Uma delas pode ser devido a experiências ruins com homens. No meu caso, foi uma experiência horrível com um homem chamado Tony Zecca.

Demski manteve-se impassível por um momento e depois pareceu se lembrar do nome.

— Não é o sujeito que atirou no doutor Freeberg? Lamento que ele tenha sido morto.

— Pois eu não lamento. Zecca era um animal, e muito perigoso.

— Por que ele fez uma coisa tão terrível? Nan ficou em silêncio por um momento.

— Posso explicar o motivo. Talvez eu não devesse, mas...

— Pode me contar.

— Vivi com Tony por algum tempo, não muito. Foi horrível. Ele me causava uma dor física tão grande, que fui procurar um médico. Assim é que fui encaminhada ao doutor Freeberg.

Consegui então compreender que há homens decentes no mundo e resolvi abandonar Tony. Simplesmente deixei-o. Talvez ele tenha pensado que eu havia fugido com algum amante. E, não sei como, descobriu minha ligação com o doutor Freeberg. Deve ter deduzido que ele era meu amante... ou pelo menos que foi o responsável por eu tê-lo abandonado. Tony não estava acostumado a isso. Era muito possessivo. Não sei o que aconteceu em seguida, mas acho que Tony decidiu matar o doutor Freeberg para se vingar. — Nan deixou escapar um suspiro. — Sinto-me responsável pelo que aconteceu ao pobre médico.

Espontaneamente, Demski afagou o antebraço de Nan, mas retirou a mão de modo brusco.

— Não foi culpa sua — garantiu ele. — Se o doutor Freeberg pudesse, seria o primeiro a lhe dizer isso.

Nan tornou a suspirar.

— Talvez você tenha razão. O doutor Freeberg é um homem maravilhoso. — Ela fitou Demski nos olhos. — O que o levou a ele?

Ou não devo perguntar?

— Você foi franca comigo, e não me importo de contar. — O pomo-de-adão de Demski se mexeu. — Eu... eu sou de Chicago... sou contador... e eu sou... estava...

Nan tocou sua mão.

— Não precisa me contar...

— Impotente — concluiu Demski, para logo depois acrescentar, apressado: — Mas estou curado agora. Graças à minha suplente.

— Isso é maravilhoso. Quem foi sua suplente?

Num gesto discreto, Demski apontou para Gayle, que estava sentada no sofá.

— Gayle Miller? — Nan olhou para a atraente morena. — Não é de admirar que você esteja curado. Eu daria qualquer coisa para ser bonita como ela.

— E você é — balbuciou Demski, engolindo em seco. — É... até mais bonita.

— Sabe como lisonjear uma mulher.

— Estou falando sério. Quem foi seu suplente?

Nan levou um dedo aos lábios e depois, com o polegar, indicou Brandon, que também estava no sofá. Demski observou Brandon e sussurrou: — Ele parece um ator de cinema.

— Ele é muito simpático, mas acho que é muito mais fácil conversar com um contador do que com um homem que parece um ator de cinema. — Dessa vez ela corou e olhou para a porta. —

Quando será que teremos alguma notícia sobre o doutor Freeberg?

Cinco minutos depois, uma enfermeira apareceu na sala de espera e anunciou:

— O cirurgião está vindo para cá. Ela desapareceu.

Houve um silêncio imediato na sala; todos os olhos se concentraram na porta. Segundos depois, um médico alto, magro, de óculos, ainda usando a touca e a túnica verdes, surgiu à porta, flexionando os dedos.

Avançou alguns passos pela sala de espera.

— Sou o doutor Conerly, o cirurgião-chefe do hospital. Lamento tê-los feito esperar tanto, mas as notícias que trago pensam a espera. O doutor Freeberg está bem; não poderia estar melhor, levando-se em consideração o incidente.

Foi como se houvesse um suspiro de alívio coletivo. O doutor Conerly continuou:

— O doutor Freeberg acaba de deixar a sala de cirurgia. Ficará na unidade de tratamento intensivo por algum tempo, até termos certeza de que sua recuperação é completa. Sem entrar em detalhes clínicos, posso dizer que o ferimento não chegou a ameaçar sua vida. Foi muita sorte que a bala tenha se alojado sob a clavícula esquerda, sem atingir o coração ou o pulmão. Não houve danos a qualquer órgão vital. Removemos a bala na cirurgia. Não há danos permanentes, não há danos mais graves além do trauma. Ele ficará internado por alguns dias, apenas por precaução. Se tudo correr como esperamos, acredito que ele poderá voltar ao trabalho... só que num ritmo menor por algum tempo... dentro de dez dias. Agora todos vocês podem relaxar e ir para casa.

Os visitantes começavam a se levantar, quando o doutor Conerly indagou:

— A senhorita Miller e o senhor Brandon estão aqui? Gayle e Brandon avançaram em sua direção, e o médico explicou: — Gostaria de conversar com vocês por um momento, antes de irem embora.

O doutor Conerly esperou-os à porta.

— Tenho um recado do doutor Freeberg para vocês. Ele me pediu para avisá-los de que fez uma reserva para esta noite no Mario's Gardens, às oito e meia. Como ele não poderá ir, pediu que vocês dois convidassem os outros e servissem como anfitriões. Compreenderam?

— Compreendemos e faremos o que ele nos pediu — disse Gayle.

— Ah, sim... ele também me pediu para lhes dizer outra coisa: "Tenham um grande jantar Tom Jones". Boa sorte.

Depois que o médico se retirou, Brandon olhou para Gayle, aturdido.

— Que história é essa de um grande jantar Tom Jones?

Ela piscou-lhe, passou o braço pelo dele e disse: — Você vai descobrir.

Após supervisionar a retirada dos últimos móveis, o reverendo Josh Scrafield parou à porta e

ficou observando os carregadores porem tudo no caminhão que os levaria para o depósito, onde ficariam à espera das ordens que enviaria de Saint Louis.

Esquadrinhando a rua em vão, para ver se Darlene Young retornava, Scrafield tornou a entrar em seus alojamentos vazios e começou a recolher alguns de seus pertences pessoais de pequeno volume.

Passados dez minutos, ele ouviu a porta da frente ser aberta e dirigiu-se apressado para a sala, a fim de ter certeza de que era mesmo Darlene que voltara. Ela carregava um pequeno saco de papel pardo. Entregou-o a Scrafield, franzindo o cenho.

— Aqui está o que queria — disse ela. — Da Hanover Hardware Store. O senhor Hanover não estava, mas deixou com Charles, um dos seus empregados. Charles me deu algo mais, além desse saco.

— Do que está falando?

Darlene aproximou-se mais de Scrafield.

— Ele me forneceu algumas informações que eu ignorava. Disse que dois guardas são seus fregueses, e lhe contaram que você foi preso ontem à noite por tentar estuprar uma das suplentes sexuais de Freeberg, Gay le Miller.

— Mas que absurdo é esse? — explodiu Scrafield. — Estupro? Isso é demais! Eu gostaria de matá-la por me fazer propostas indecorosas. Uma prostituta ordinária. Ela tentou me culpar, e fui preso por engano. Não está me vendo aqui? Isso significa que a prisão foi mesmo um erro.

— Então por que está partindo para Saint Louis esta noite?

— Recebi uma oferta melhor do que a situação que tenho aqui.

Não se preocupe. Você até vai ter um aumento. Já arrumou tudo para ir comigo?

Darlene deu de ombros.

— Um emprego é um emprego.

— E não se esqueça disso.

Scrafield tirou do saco um pequeno vidro, que continha um líquido amarelado. Começou a abrir a tampa.

— E melhor tomar cuidado com o que está fazendo — alertou Darlene. — Isso é ácido sulfúrico. Se cair na pele, de acordo com a afirmação do empregado da loja de ferragens, pode deixar a pessoa desfigurada pelo resto da vida. — Ela hesitou. — Para que precisa de ácido sulfúrico?

— É o melhor limpador de ralos que existe. E quero que a nossa nova casa fique bem limpa. E agora já chega de conversa. Vamos embora. Você dirige. — Scrafield fez uma pausa. — Gostaria que você fizesse uma rápida parada, antes de sairmos da cidade.

Conhece um restaurante chamado Mario's Gardens?

— Todo mundo conhece.

— Pois então pare lá por um minuto e me espere. Tenho de falar com alguém que está lá, antes de deixar a cidade.

— Como quiser.

— É assim que eu quero — resmungou Scrafield, encaminhando-se para a porta da frente.

Eles embarcaram no Buick de Scrafield. Darlene sentou-se ao volante e esperou que o pregador se acomodasse ao seu lado. Só depois partiu.

A mesa redonda que eles ocupavam no Mario's Gardens ficava perto da pista de dança.

Como anfitriões, Brandon e Gayle dominavam o grupo. Num lado sentavam Nan e Demski, no outro, Hunter e Suzy; a sétima cadeira, que era destinada ao doutor Freeberg, fora removida.

Eles terminaram os drinques e as saladas italianas. Um ajudante tirou os pratos, e dois garçons se aproximaram e serviram os pratos principais, todos à base de massa.

Observando Gayle enrolar o espaguete em torno do garfo, Brandon comentou:

— Você ainda não me explicou uma coisa.

— O quê?

— O significado de um jantar Tom Jones.

— Muito bem, vou fazê-lo agora. Lembra daquele filme antigo, Tom Jones? Tinha uma excelente cena onde o herói e a heroína, que comiam juntos, tiravam comida do parceiro e se fitavam. Era a cena mais sensual de todo o filme. Por algum motivo, as suplentes sexuais, desde o início do tratamento, adotaram essa cena como uma espécie de ritual de formatura.

— Por quê? — indagou Brandon.

— Porque há uma ligação muito grande entre comida e sexualidade. O que estamos fazendo aqui esta noite é apenas para simbolizar um verdadeiro jantar Tom Jones. O autêntico Tom Jones, quando programado, ocorre na última sessão entre suplente e paciente. Ambos pegam a comida com os dedos, e não falam.

Dão de comer um ao outro. Podem tomar algum vinho. Não é uma sessão sexual, mas é muito saudável. Uma maneira de desfrutar intimidade e de se despedir. Pode haver alguma conversa, é claro.

A suplente e o paciente reconstituem seu relacionamento íntimo, o que correu bem, o que foi ruim, o que foi engraçado, o que foi triste, o que podem fazer para que as coisas sejam melhores em seu futuro. Recordam o medo e o nervosismo do início, os pontos altos dos dias que ficaram para trás. Enquanto conversam, sabem que talvez nunca mais se vejam, mas o que experimentam juntos nunca lhes será tirado, enquanto viverem. Conversam a respeito da conclusão do relacionamento e como é a preparação para novos relacionamentos, sempre mantendo uma visão agradável da maravilha e da riqueza da vida. Proporcionam prazer um ao outro pela troca de comida e de lembranças. Em termos simbólicos, era isso que o doutor Freeberg queria que desfrutássemos esta noite, juntos. Portanto, vamos aproveitar ao máximo nosso jantar Tom Jones.

Gayle levou o garfo cheio de espaguete à boca de Brandon, que mastigou e deglutiui. Depois, ele espetou um pouco de fettuccine e serviu Gayle.

Mastigando, ela correu os olhos pela mesa.

— Todos vocês devem fazer o mesmo. Chet, alimente Suzy e deixe que ela o alimente. Nan e Adam, façam a mesma coisa. Vão descobrir como é divertido.

Todos se empenharam no ritual e minutos depois começaram a conversar, recordando os melhores e os piores momentos da terapia, todos concordando que naquela noite sentiam-se felizes e exultantes.

Pouco depois o conjunto de cinco músicos começou a tocar.

Gayle e Brandon perceberam que Suzy e Hunter já estavam na pista de dança, enlaçados. Nan e Demski estavam se levantando, de mãos dadas, com expressão sonhadora, para irem dançar também.

Por algum tempo, Gayle e Brandon continuaram sentados, com os dedos entrelaçados,

observando em silêncio os dois casais, que dançavam na sala um pouco escura.

— Quer dançar também? — perguntou Brandon.

Gayle meneou a cabeça negativamente.

— Quero apenas ficar com você e sair daqui o mais depressa possível.

— É o que eu também quero — respondeu Brandon.

Darlene e Scrafield pararam diante das treliças cobertas por trepadeiras do Mario's Gardens.

— Chegamos — disse Darlene. — E agora?

— Você fica me esperando aqui, estacionada em fila dupla, com o motor ligado. Voltarei num minuto.

Ao entrar no restaurante, Scrafield abordou o maître de cabelos cheios de gomalina, que se encontrava no saguão.

— Estou à procura de uma pessoa que veio jantar aqui esta noite — disse Scrafield. — Senhorita Gayle Miller. Ela ocupa a mesa do doutor Freeberg.

— Pois não... — O maître começou a se afastar, depois parou por um instante. — A quem devo anunciar?

— Diga que é o senhor Lewis. Ela sabe quem sou. Avise que tenho algo para lhe dar.

Observando o maître se afastar, Scrafield sorriu para si mesmo.

Estava se tornando eficiente em sua capacidade de usar os nomes e vozes de outras pessoas. Quando fizera o plano, telefonara para a secretária do doutor Freeberg, e dissera que era Otto Ferguson e que queria saber onde poderia encontrar Gayle Miller. A secretária informara que o doutor Freeberg reservara uma mesa no Mario's Gardens para aquela noite, e que Gayle Miller estaria presente.

Fora muito fácil. E ali estava ele, usando o nome de Hoyt Lewis como isca.

Scrafield apalhou o vidro com ácido sulfúrico que trazia no bolso. Depois que desse a Gayle o que pretendia, o que ela merecia, a mulher ficaria parecendo o Fantasma da Ópera, ou ainda pior. Nenhum homem jamais seria atraído de novo por aquela prostituta.

Nesse instante ele viu o maître voltar e, atrás dele — um último olhar para aquele rosto bonito, os quadris rebolantes —, viu Gayle Miller.

O maître apontou para Scrafield e virou-se para cuidar de suas reservas. Aturdida, Gayle aproximou-se do reverendo.

— O maître disse que era o senhor Lewis. O que veio fazer aqui.

Scrafield deu um passo à frente.

— Eu queria lhe deixar uma coisa para que nunca mais me esquecesse.

— Como assim?

Scrafield enfiou a mão no bolso para tirar o vidro de ácido sulfúrico, e abriu a tampa enquanto o levantava.

Com o vidro aberto na mão, ele ergueu o braço direito, e apontou para o rosto de Gayle, aprontando-se para lançar o ácido.

Quando seu braço começava a se inclinar para derramar o ácido em Gayle, outro braço surgiu de súbito por trás, golpeando-o. O braço de Scrafield dobrou-se e o vidro aberto se virou para o seu próprio rosto.

O ácido sulfúrico despejou-se pelo rosto aturdido de Scrafield, por sua boca entreaberta. Teve um efeito terrível de um lança-chamas. Scrafield pôs-se a arranhar a testa, as faces, a boca,

gritando, desesperado.

Ao mesmo tempo, Gayle gritou por Paul.

Enquanto o maître se ajoelhava diante de Scrafield, que se contorcia e gemia no chão, Gayle olhava para o rosto de Darlene Young.

— Sou a senhorita Young, assistente do reverendo Scrafield —

disse Darlene, calmamente, observando Brandon chegar para tomar Gayle nos braços. — Tive a impressão de que ele veio até aqui para se vingar, senhorita Miller. E agora é ele quem está desfigurado.

— É melhor sair daqui antes de a polícia chegar — alertou-a Brandon.

Darlene sacudiu a cabeça.

— Não. Quero contar à polícia o que aconteceu. — Ela sorriu, amargurada. — Lamento ter estragado o jantar de vocês. — Houve uma pausa. — Mas talvez, ao final das contas, eu não o tenha estragado.

Três horas e três conhaques depois Brandon estava levando Gayle para casa, guiando com cautela.

Ao virarem a esquina e se aproximarem da casa, ele olhou para Gayle, aconchegando-se contra seu corpo. Passando o braço ao redor dela, Brandon perguntou: — Como se sente?

— Recuperada, Paul. Nunca estive melhor.

— Poderia ter sido horrível.

— Mas não foi. Mal me lembro do que aconteceu. Só recordo de uma coisa. Você esqueceu de me oferecer uma sobremesa.

— Não esqueci, não. Pensei apenas que deveria ser uma sobremesa Tom Jones. Algo para partilharmos juntos, em sua casa. Aprova?

Ela apertou a mão de Brandon, que estava por cima da sua.

— O que estamos esperando?

Gayle estava enfiando a chave na fechadura quando Brandon começou a tirar seu suéter preto e abaixar o zíper da saia comprida.

Abraçaram-se na sala de estar, que se achava mergulhada na semi-escuridão; depois se separaram, sempre em silêncio, e começaram a despir um ao outro.

O braço de Brandon enlaçou os ombros dela; o braço de Gayle enlaçou a cintura dele; os dois avançaram descalços para o quarto, iluminado apenas por um abajur.

Foram para a cama. Brandon levantou-a nos braços e estendeu-a de costas, gentilmente, depois ajeitou-se a seu lado; os corpos se roçaram.

Ele passou os dedos pela testa e pela boca de Gayle, enquanto ela fez sua mão deslizar por sua barriga.

— Paul...

— O que é?

— Eu... eu espero que você não se importe... mas como o doutor Freeberg não está olhando... será que podemos abreviar as carícias?

— Quer que eu quebre as regras?

— Nada de regras esta noite, por favor. Nada de pacientes.

Apenas você e eu, um para o outro. No nosso ritmo. E apaixonados. Por isso, vamos...

Ela abriu bem as pernas, e Brandon ficou por cima dela.

— Estou pronta, Paul. Completamente pronta. E você...

— Também estou.

— Vai ser maravilhoso — balbuciou Gayle.

Ele penetrou-a devagar, bem devagar, cada vez mais fundo. A vagina estava úmida e macia, engolfando-o, como um abraço ansioso. Brandon começou a se movimentar, para cima e para baixo, ainda devagar.

— Ahn... — gemeu Gayle. — Eu adoro isso.

— Eu amo você.

Eles continuaram, firmemente, por algum tempo, até que as mãos de Gayle agarraram suas costelas, forçando-o a se mover ainda mais devagar.

— Paul...

— O que é?

— Você fala quando faz amor?

— Às vezes. Talvez. Não sei.

— Eu falo, Paul. Falo bastante.

— Isso é ótimo.

— Porque quase não falo com os pacientes. Não devemos.

— Sei disso.

— Mas agora que estamos a sós, quero dar vazão a todas as minhas sensações. Talvez também...

— O que é, querida?

— ... porque estou gostando tanto de ficar assim com você, que isso me impede de me sentir embaraçada. Além disso...

— Além disso o quê?

— Eu... espero que você não se incomode se eu fizer barulho.

Gosto de me soltar.

— Pode se soltar. Eu também farei isso.

— Ahn... bom... bom... Mais depressa, Paul, mais depressa, não tão devagar, mais depressa.

Ele acelerou os movimentos, para baixo, para cima, cada vez mais depressa.

— Paul...

Ele mal podia ouvi-la; a cabeça de Gayle se deslocava muito rápido no travesseiro, de um lado para o outro, a pelve se movimentava.

— O que é? — balbuciou ele.

— Sabe que a mulher leva uns quinze minutos a mais que o homem para gozar?

— Ouvi falar.

— Não é o meu caso, Paul.

— Não?

— Não. Eu fiquei pronta muito mais depressa... talvez tão depressa quanto você... você se importa?

— Não posso esperar.

Por mais alguns minutos eles ficaram perdidos um no outro, numa fusão total; desaparecera toda e qualquer noção de tempo.

— Oh, Paul...

— O que é, querida?

— Estou quase gozando. Tudo o que preciso é...

— É o que?

— Que você esfregue meu clitóris com um pouco mais de força... Não, não assim, eu não estava pensando em sua mão.

Quero que seu corpo esfregue em meu clitóris ao entrar e sair...

— Assim?

Ele segurou-a pelas nádegas e levantou-a. Comprimindo-se um contra o outro, eles se acariciaram.

— Assim... assim... está bom... assim...

— Maravilhoso... — murmurou Brandon.

E eles continuaram, comprimidos, as respirações ofegantes.

— Paul...

— Querida?

—... aqueles livros, os romances, em que os heróis e heroínas vão para a cama, quase no fim ela se põe a gritar: "Mais, mais, mais... não pare... com mais força, por favor". Você conhece?

— O quê... o que há com eles?

— Não são falsos, não é fantasia, é verdade, os livros são realistas. Eu sei.

— Sabe o quê?

— É tudo verdade... e vou provar... — Silêncio, rompido apenas pelas respirações ofegantes, os corpos se contorcendo. E, depois, um clamor emergiu do fundo dos pulmões de Gayle. — Não pare... mais, mais, mais... com mais força, por favor, com mais força...

Brandon estava ofuscado pelo suor, o peito arfava, os braços tremiam, tinha a sensação de enlouquecer dentro de Gayle. Ela o apertava com desespero, o coração martelava, a respiração era irregular, as unhas lhe arranhavam a carne, a pelve se comprimia para cima.

— Oh, Deus, Paul, estou gozando, estou gozando, estou... Ela gritou palavras incompreensíveis e depois, ofegante, balbuciou: —

Gozei...

Ele não podia ouvi-la. Estava entrando em erupção dentro dela, uma erupção prolongada.

— Gozei — repetiu Gayle, a distância.

— Eu também gozei, querida — murmurou Brandon. — Como nunca.

Lentamente, eles se separaram. Brandon rolou para o travesseiro; os cabelos desgrelhados dos dois ainda se misturavam. Depois de um longo intervalo para recuperar o equilíbrio, Gayle virou a cabeça para fitá-lo.

— Ei, por onde você andou durante toda a minha vida?

Os dois se abraçaram e após algum tempo estavam mergulhados num sono profundo.

Brandon acordou primeiro, pouco depois das nove horas da manhã, com a cabeça desanuviada, os músculos relaxados, descansado.

Virou a cabeça no travesseiro para verificar se Gayle ainda dormia. Ela estava com os olhos fechados; um dos seios estava à mostra, descoberto pelo lençol, em repouso.

Percebendo que estavam cobertos, Brandon presumiu que ela devia ter acordado durante a noite para ajustá-los melhor.

Contemplando o suave perfil de Gayle, ele foi inundado pela lembrança feliz da noite

anterior. Especulou se ela também, ao despertar, experimentaria a mesma sensação sensual decorrente do ato de amor.

Enquanto a observava, viu as pálpebras de Gayle adejarem.

Depois de um momento, ela abriu os olhos. Parecia saber onde estava, com quem estava, porque o procurou no mesmo instante.

Descobriu-o a contemplá-la com afeto, com tanto amor, que contraiu os lábios e estendeu-lhe os braços.

Brandon aceitou o braço, comprimiu a boca contra a dela. Seus beijos foram descendo pelo pescoço, alcançaram o seio, ele contornou o mamilo com a língua.

— Sei muito bem o que eu gostaria de fazer antes do desjejum, querida — sussurrou ele.

Gayle estendeu a mão sob as cobertas, entre suas pernas, segurando seu pênis.

— Acho que também sei o que gostaria, Paul...

Ele pegou a beira das cobertas e retirou-as. E nesse momento a paixão foi interrompida pelo ressoar de uma trovoadá distante. Ou um ruído que parecia tão alto quanto uma trovoadá.

Era o telefone na mesinha-de-cabeceira, que tocava com insistência.

— Não precisa atender — disse Brandon. — Desta vez não pode ser o doutor Freeberg.

— Mas só pode ser algo importante. Ninguém liga a esta hora se não for importante. Preciso atender, Paul.

Ela tirou o fone do gancho e trouxe para o ouvido. Escutou por um instante e disse:

— Isso mesmo, aqui é Gayle Miller.

Ela ouviu mais, e por sua expressão concentrada e sua metade da conversa, Brandon chegou à conclusão de que, no final das contas, era mesmo alguém importante, falando de um assunto importante.

— Oh, mas é maravilhoso! — exclamou Gayle.

Ela encostava o fone no ouvido com muita força, e sua expressão era de prazer inequívoco.

— E a melhor notícia do mundo que eu poderia ouvir — disse ela.

— É muita gentileza se darem o trabalho de me telefonar. Estou muito emocionada.

Aguardarei com ansiedade a correspondência e todos os detalhes. E pode apostar que estarei aí. Mil vezes obrigada, doutor Wilberforce.

Gayle desligou e virou-se na cama. Levantando os braços, soltou um grito de alegria; seu rosto se desmanchou num sorriso de felicidade.

— Ouça, Paul! Era o chefe da comissão de admissão do programa de pós-graduação em psicologia da Universidade da Califórnia. Vão me enviar uma carta comunicando que entre mais de quinhentos candidatos ao departamento de Psicologia, este ano, eu fui um dos sessenta alunos aceitos. E também recebi uma bolsa de estudos... de um ano, integral! Eles foram muito gentis em me telefonar e avisar, sem esperar pela carta. Não é fantástico?

Ela baixou os braços e enlaçou Brandon, apertando-o. Ele beijou-a.

— Meus parabéns, querida. É realmente fantástico.

— Terei agora de parar de trabalhar como suplente, por mais que deteste suspender essa atividade, para me dedicar totalmente aos estudos. Vai ver só... serei outra Freeberg, mais cedo ou mais tarde.

— Tenho certeza disso.

Brandon inclinou-se para tornar a abraçá-la, mas ela o manteve afastado, inclinando a

cabeça para um lado, observando-o atenta, muito séria.

— E você, Paul, deve ser também. Precisa se formar em psicologia. Poderíamos estudar juntos, ter nossa própria clínica.

Poderíamos trabalhar juntos e amar juntos. O que poderia ser melhor? Você deve fazer isso, Paul. Precisa tentar.

Brandon sorriu-lhe.

— Já fiz.

— Como?

— Depois que conheci você, Gayle, compreendi que teria de concluir o curso de psicologia... era isso o que eu queria. tratei de me candidatar, preenchi todos os formulários e rezei.

— E o que aconteceu?

— Minhas preces foram atendidas. Recebi o aviso preliminar de aceitação na semana passada.

— Seu filho da mãe! Não me disse nada! E eu me preocupando com seu futuro!

— Eu não podia lhe contar, Gayle. Precisava ter certeza de que você seria aceita. Porque se não fosse, eu teria de retirar meu pedido de matrícula e fazer qualquer outra coisa junto com você.

Graças a Deus, não preciso de uma bolsa de estudos. Guardei dinheiro bastante para sobreviver.

Ela segurou o rosto de Brandon entre as mãos.

— Parabéns para você também, Paul! — ela cobriu-lhe o rosto de beijos. — Agora estou realmente na nuvem nove.

Ele cobriu-lhe os seios com as mãos.

— Já pensou em tentar a nuvem dez?

— Estou começando a pensar seriamente na possibilidade, neste segundo.

A campainha da porta tocou.

— Quem será? — murmurou Gayle.

— Pode deixar que eu atendo.

Brandon levantou-se e saiu do quarto. Na sala, pegou as calças que estavam no chão e vestiu-as; depois foi até a porta da frente e abriu-a.

Um mensageiro estava ali, segurando um buquê de rosas amarelas.

Ele entregou o buquê a Brandon, que assinou o recibo.

Fechando a porta, com as rosas na mão, Brandon atravessou a sala e voltou ao quarto.

Gayle estava de joelhos na cama, curiosa.

— Flores... quem as terá mandado?

— Não sei — respondeu Brandon.

— Estou vendo um pequeno envelope preso numa das hastes.

Chegue mais perto.

Ele obedeceu, e Gayle pegou o envelope.

— Está endereçado à senhorita Miller e ao senhor Brandon.

Vamos descobrir quem mandou... — Ela rasgou o envelope e tirou um cartão. Leu-o em voz alta: — "Passamos a noite juntos e conseguimos. Foi divino. Queremos agradecer a vocês dois por tornarem isso possível. Não sabemos o que teremos pela frente, mas a noite passada... foi

maravilhosa!"

Gayle cerrou os olhos ao ler o que estava no final do cartão e engoliu em seco. Levantou a cabeça.

— Está assinado: "Nan e Adam".

Brandon largou o buquê de rosas.

— Gayle, diversão e jogos podem ser coisas ótimas para eles.

Mas não para mim. Quero me casar com você.

— Quando?

— Não me apresse, mocinha. Primeiro, um pouco de amor pré-conjugal, minha última incursão pelo pecado. Depois, ovos com bacon. E voltamos para a cama, até o jantar. Depois, um pouco de amor noturno. Estaremos prontos então para dormir. Quando acordarmos, poderemos nos casar. Ou você tem alguma outra idéia para hoje... e para o resto de sua vida?

— Apenas você, Paul. Para sempre.

Ele subiu na cama e aproximou-se de Gayle. Abraçou-a, a fim de iniciar o primeiro dia da Eternidade.

FIM